



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE-PB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

JACYKELLY RENATA FRANÇA DE OLIVEIRA

NAS TELAS DO TEMPO, AS MEMÓRIAS:

Narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento.

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

JACYKELLY RENATA FRANÇA DE OLIVEIRA

NAS TELAS DO TEMPO, AS MEMÓRIAS:

Narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como exigência para a obtenção do título de mestre em Serviço Social.

Área de concentração: Gênero Diversidade e Relações de Poder.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alômia Abrantes da Silva

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48n Oliveira, Jacykelly Renata França de.
Nas telas do tempo, as memórias: [manuscrito] : narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento / Jacykelly Renata França de Oliveira. - 2019.
192 p.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva , Departamento de Serviço Social - CCSA."
1. Gênero feminino. 2. Mulher - Corpo. 3. Envelhecimento.
4. Memória. I. Título

21. ed. CDD 305.4

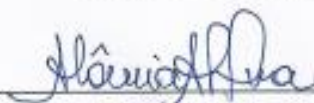
JACYKELLY RENATA FRANÇA DE OLIVEIRA

NAS TELAS DO TEMPO, AS MEMÓRIAS: Narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento.

Trabalho de dissertação concentrado na Linha de Pesquisa: Gênero Diversidade e Relações de Poder do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), para a obtenção do título de mestre em Serviço Social, no dia

Campina Grande, 04 de setembro 2019.

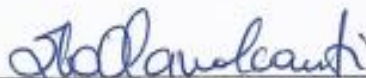
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Alômia Abrantes da Silva (Orientadora-Presidente da Banca)
PPGSS- UEPB



Prof.ª Dr.ª Thelma Maria Grisi Veloso (Examinadora Interna)
PPGSS/PPGP - UEPB



Prof.ª Dr.ª Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (Examinadora Externa)
PPGH - UFCG

Prof.ª Dr.ª Edna Maria Nóbrega Araújo (Examinador/a Externo/a Suplente)
UEPB – DH/CH

A todas as mulheres e homens que me atravessam com suas memórias e edificam lugares de aprendizados, de amor e respeito em minha vida.

À mainha Ademilde, e painho Jaci, que de formas completamente diferentes contribuíram para as minhas escolhas e sopram comigo os desejos futuros.

Ao meu filho, Victor Cauã Oliveira Barbosa, que me faz todos os dias, refletir sobre o tempo, a velhice, o corpo, o amor e a vida... na grande maioria das vezes é para você e por você todas as dedicatórias de tudo que faço, mesmo que não perceba, não sinta, te dedico!

AGRADECIMENTOS

A força que move as pessoas e o universo, à criação, e a energia para a vida e a possibilidade de sonhar e realizar.

À minha vó Laura, *In memoriam*, meu corpo velho ausente, voz silenciosa, por ter me apresentado pela primeira vez as reflexões valiosas sobre o amor, liberdade, transgressão, silenciamentos, sobre projetos deixados para trás, sobre ser mulher.

Aos meus irmãos, Rosália, Marcos e Jackellyne, pelo sentido de nos unirmos pelos laços de irmandade nessa existência.

Aos meus familiares consanguíneos e afetivos, especialmente as minhas tias e primos, os mais próximos e distantes são um verdadeiro “laboratório” para as minhas reflexões sobre as relações humanas.

À minha orientadora, Alômia Abrantes da Silva, por ter me despertado o desejo da escrevivência, contigo aprendi tantas coisas impossíveis de serem descritas, eu te olhei a primeira vez, e a tua calma e sabedoria encheram meus olhos de admiração e o meu coração de amor. De todos os turbilhões de sentidos que a tua presença causou em minha vida, eu sinto coragem e esperança, um gás para os tempos; inteligência, compromisso e leveza, fundamentais para a dimensão acadêmica; pessoalmente voltei a ser criança, como se tu foste aquela professora do fundamental, que a gente quer para o resto da vida, serás sem dúvidas, uma das minhas lembranças mais afetuosas.

Às mulheres interlocutoras da pesquisa, que se dispuseram e me inspiraram à uma entrega intensa, que me proporcionaram perceber outras sensibilidades sobre o envelhecimento. Gratidão por partilhar suas dores e amores.

Ao CRAS, espaço de grande aprendizado profissional, e as minhas colegas de trabalho, por ser presença nas reflexões do dia a dia.

Às mulheres que estão na minha vida desde a minha infância ou há pouco tempo, mas são fontes de aprendizado, com quem divido o meu amor, minhas aflições, mas principalmente, por ser minhas irmãs de afeto, de ancestralidade, de alma, elas que me inspiram transformações/revoluções. Gratidão, Izabela, Farah e Alessandra.

Às outras seis, junto as quais formo “as sete mulheres”, a quem carinhosamente chamo de Manu, Nilda, Sil, Flavinha, Netinha e Gi, sinônimo permanente de sororidade, luta e aprendizagem. Com quem aprendo todos os dias pelas risadas e trocas diversas.

À Nilda, por me encorajar com sua história e também me incentivar a fazer a seleção do mestrado. Por me atravessar com sua sensibilidade e me inspirar em tantos momentos, por me (re) parar com suas palavras sempre sábias e por me estimular a usufruir da liberdade de ser o que eu quiser. Muito obrigada, por trazer reflexões valiosas para a minha vida e a minha pesquisa, por compartilhar contigo a existência e poder caminhar ao lado de uma mulher tão forte.

Ao amor, nomeado, ou codinominado, que me ensinou o potencial para amar, perdoar, que é importante para me lembrar que a vida deve ser edificada por nós mesmos com lealdade e dignidade. Para aquele amor que me proporcionou momentos inesquecíveis, que me ajudou a perceber as minhas velhas e atuais contradições. “Lia e Deia” de Gil traduz a pergunta de agora, “como fazer para dizer, que são trovoadas, fortes ventos para o meu coração”? E como falar da importância desse amor na minha escrita, na minha vida? Na dúvida, seguirei dizendo que eu te amo, me perdoa e sou muito grata!

À Cibelle pelo carinho e revisão do trabalho, à Márcia, amiga que o PPGSS me deu, gratidão pela sua honestidade, amizade e sua contribuição no abstract, à Ceíça, que fez por mim mais do que uma colega de trabalho, você foi amiga e irmã, sem você grande parte do trabalho não se constituiria, sou muito grata pela amizade e apoio. À Diogo, pela amizade, carinho e partilha. A Lourdinha, minha Dinha, pela amorosidade com que me presenteia todos os dias.

À Thelma Grisi, pela disponibilidade, provocações e observações críticas para esta pesquisa. Foi de grande valia o cuidado metodológico e a reflexão sobre as subjetividades.

À Silêde Cavalcanti, que sem dúvida teve uma contribuição imprescindível neste trabalho, que me proporcionou ampliar as lentes da pesquisa. Gratidão por ser referência e inspiração para mim!

Ao PPGSS - UEPB e aos professores do programa, que passaram pela turma 2017, Moema Serpa, Sheyla Suely, especialmente os da linha de Gênero, diversidade e relações de poder: Alômia, Patrícia, Thelma, Edil, Josilene (Josinha). A Idalina Santiago (Naca), meu muito obrigada pelo aprendizado, como foi maravilhoso te encontrar dentro desse espaço, você será sempre uma grande referência para mim. Gratidão! Vida longa, a este programa e a linha de Gênero, diversidade e relações de poder, muita “balbúrdia” e férteis debates!

Aos colegas da turma de mestrado do ano de 2017, especialmente os da linha de Gênero, Diversidade e Relações de Poder: Ana Teresa (Teca/Lequete), meu coração no Crato ou em qualquer lugar que ela for... ela é amor e com ela tudo é realmente lindo! À Elinadja (Dinha), com quem aprendo a renovar os sentimentos de garra, coragem e luta. À Nataly, pela

leveza, pelos gestos de carinho e pela ludicidade. À Dassaelly, pela presteza, pela humanidade. A vocês agradeço o compartilhamento de saberes e experiências!

A você, Gutierrez Lôbo, que trilhou esse caminho comigo, mesmo antes da entrada nesta turma, com quem compartilhei sonhos, amores e também dores... mas foi exatamente assim que a gente aprendeu e partilhou, mais ainda, compreendemos o respeito e a amizade. Você diz que meu coração se fez morada, e eu digo que nos encontramos e nos reconhecemos, fomos respostas para as contradições das relações, do mundo doído e adoecido, e de outros caminhos possíveis para o amor. Muito obrigada por tudo!

A todos os homens e mulheres que direta e indiretamente atravessam o meu processo de pesquisa e inspiraram a minha escrita. Aos que sofrem toda essa violência estrutural e desejam dias melhores para o nosso país. Aos que acreditam na farsa do golpe e na prisão arbitrária do ex presidente Lula. Aos que junto comigo também estão “doente de Brasil”. Aqueles com quem divido as minhas angústias e medos, para aqueles que dividem comigo o meu atrevimento a resistir e a ousar todos os dias a ser livre, muito obrigada! Sigamos em afetos e resistência! Lula Livre, até que solto esteja!

RESUMO

Como as mulheres que participa (ram) do grupo “Experiência e Vida”, do CRAS, no município de Boa Vista – PB, elaboram significados sobre os seus corpos, considerando os lugares subjetivados pela memória geracional e pelas questões de gênero, é a questão central desta dissertação. Para tanto, discute as memórias das infâncias e representações corpóreas que emergiram das narrativas, abordando as significações dos corpos nas juventudes, as subjetivações e identidades a partir das representações do envelhecimento. \Analisa os sentidos e significados dados a partir da narrativa de nove mulheres, baseando-se em suas histórias de vida, que foram obtidas através de entrevistas e observação participante. Para tal análise, o gênero e o corpo são tomados em uma perspectiva pós-estruturalista, considerando-os como construtos históricos e culturais, como territórios demarcados pelo poder e sobre os quais agem os dispositivos de controle. O corpo é pensado na relação “corpo, capital e envelhecimento”, como proposto por Goldemberg e ainda com as inspirações trazidas por Le Breton. A velhice é compreendida como construto heterogêneo e histórico, como aborda Debert. Outro conceito fundamental é o de memória, tomado na perspectiva de Albuquerque Jr., como “invenção”, como sendo múltipla, mutante, sujeita a vários deslocamentos. Ainda utiliza o conceito de experiência, conforme Larrosa, responsável por guiar a escrita, além de outros autores e teóricos. A discussão dessa investigação passa pelas memórias de infância até o estágio atual da existência das interlocutoras da pesquisa, tratando das memórias sobre os corpos, abordando as questões de gênero e envelhecimento. Da análise realizada, destaca-se as significações que envolvem o trabalho na infância, os brinquedos e brincadeiras, e uma não nomeação dos corpos na infância, na juventude os eventos corporais como a menstruação, são lembrados como uma “marca” dessa fase. No estágio atual demonstraram preocupações com o processo de envelhecimento, com as doenças, a morte, mas trouxeram significações de “liberdade”, o que significou uma velhice menos incômoda e uma não reprodução passiva às referências corporais de gênero e de envelhecimento impostas, houve processos de burlas, recusas.

Palavras-chave: gênero; memória; corpo; envelhecimento.

ABSTRACT

How women from the CRAS “Experience and Life” group in Boa Vista county, Paraíba, elaborate meanings about their bodies, considering the subjected places by generational memory and gender issues is the main question of this thesis. Thus, it discusses the childhood memories and body representations that emerged from the narratives, approaching the meanings of bodies in youth, subjectivations and identities from aging representations. It analyzes the senses and meanings given from the narrative of nine women, based on their life stories, which were obtained through interviews and participant observation. For such analysis, gender and the body are taken from a poststructuralist perspective, considering these terms as historical and cultural constructs, as territories demarcated by power and by the action of control devices. The body is thought through the relation “body, capital and aging”, as proposed by Goldemberg plus the inspirations brought by Le Breton. Old age is understood as Debert approaches, as a heterogeneous and historical construct. Memory is another fundamental concept, taken from Albuquerque Jr.'s perspective as 'invention', as being multiple, mutant, subject to many displacements. This analysis also uses the concept of experience, according to Larrosa responsible for guiding the present paper, besides other authors and theorists. This investigation discussion goes from the research interlocutors' childhood memories to the current stage of their existence. Dealing with memories about bodies, addressing gender and aging issues. From the analysis performed, we highlight the meanings that involve labor in childhood, toys and games, and a non-naming of bodies in childhood. In youth, body events such as menstruation are remembered as a "mark" of this phase. At the present stage, the participants expressed concerns about the aging process, diseases, and death, but they brought “freedom” significances, which meant a less uncomfortable old age and a non-passive reproduction to the imposed gender and aging body references. There were also processes of tricks, and refusals.

Keywords: Gender. Memory. Body and Aging.

LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
ECC	Encontro de Casais com Cristo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
HO	História Oral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PPGSS	Programa de Pós-graduação em Serviço Social
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SEMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – “EU VIVO A VIDA CANTANDO, HI LILI, HI LILI, HI LO” – AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA.....	31
1.1 – As memórias de trabalho nas Infâncias: brincadeiras à contrapelo?.....	32
1.2 - “Eu me queixo de não saber ler já por isso” – fatos sobre a escolarização interrompida.....	49
1.3 - Brincadeiras e brinquedos: memórias de um corpo em movimento entre cadeira de pedras, bonecas de sabugo e carrinhos de osso.....	58
1.4 – “A questão não está no tamanho, no formato ou na idade” - Memórias dos corpos infantis.....	65
CAPÍTULO II – “A PESSOA QUANDO VIRA MOÇA É UMA COISA TÃO ESQUISITA” – AS MEMÓRIAS DA JUVENTUDE.....	78
2.1 - “A juventude eu achava boa demais! Ah! Era bom demais... eu faria tudo de novo!”: Representações sobre corpos e juventudes.....	79
2.2 - A menstruação: uma representação da corporeidade que marca a juventude.....	94
2.3 – “A gente tinha um quarteto...a gente andava naquele passeio de cima pra baixo, pegada de mão”: amizades, paqueras e astúcias da juventude.....	102
2.4 – Casamento, afetividades e gênero: memórias da juventude.....	105
2.5 – “Foi boa, porque eu me sustentei por mim mesma...trabalhando!” - As memórias do trabalho na juventude.....	117
CAPÍTULO III – “NÃO GOSTO DE SER TRATADA COMO VELHA, PORQUE TENHO NOME” - AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO.....	121
3.1. “A minha juventude é depois desse CRAS... eu nunca tive liberdade de ter uma vida assim”: Representações sobre liberdade e o CRAS.....	123
3.2 - “Eu não queria ser velha, mas sei que é o que a gente tem, quem não quiser morre logo” - as identidades da velhice e do envelhecimento.....	130
3.3 - “Eu não queria que eu envelhecesse tão rápido, em termos de físico, em algum momento paralisasse lá mesmo!” – sentidos sobre o corpo.....	144
3.4 - “Fiquei que nem uma criança” – considerações sobre a doença e a morte.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS.....	173
APÊNDICES.....	180
APÊNDICE A – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO CEP/UEPB.....	180
ANEXOS.....	181
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE.....	181
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS).....	183

ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ	185
ANEXO D - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	186

INTRODUÇÃO

Ao me aproximar dos contadores de histórias me encantei por essa arte, e me deparei com protagonistas da vida real! Eu queria poder aliar a contação de histórias à minha profissão, mas como poderia fazer isso? Era algo que não se materializava concretamente, e também tinha um grande receio de misturar a prática de contação ao meu exercício profissional, como assistente social, me causava estranhamento quando eu pensava na compreensão do significado social da profissão, e lembrava sempre do que era vedado a partir do meu código de ética profissional e resoluções diversas, que tem por base e direcionamento a compreensão da realidade a partir do método crítico dialético. Naquele momento eram coisas que me pareciam muito incongruentes, mas, de qualquer forma, eu colocaria meu projeto para frente, de fazer o curso de contação de histórias.

E assim se seguiram, no total foram dois cursos e participação em algumas oficinas. E foi maravilhoso poder conhecer melhor meu corpo a partir da narração oral e cênica, poder imitar vozes diversas, escutar a sonoridade da minha voz, e as várias expressões dos meus braços, pernas, do meu tronco, poder liberar os movimentos de um corpo domesticado, governado, recalçado por tanto tempo pela pedagogização de um corpo de menina, este, que deveria seguir fielmente as normas de uma educação pautada na diferenciação dos gêneros e normas prescritas para cada um deles.

Inesperadamente, no ano de 2011, surgiu a oportunidade para integrar a equipe do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, no município de Boa Vista - PB, onde eu já trabalhava como assistente social da Secretaria Municipal de Ação Social – SEMAS. No CRAS, novo espaço de trabalho, uma das atribuições das atividades técnicas foi dividida pela organização em grupos; eu, imediatamente disse que queria ficar com o grupo de crianças, porque vi ali a oportunidade de pôr em prática a contação de histórias. O grupo de idosas¹ que já existia desde antes da implantação do programa, continuou as atividades, mas era uma outra técnica – a psicóloga, que ficava responsável por sua coordenação. Eu neguei o grupo de idosas, porque afirmava não ter muita habilidade para trabalhar com esse público. Eu neguei o envelhecimento, e

¹ O termo “idosas” faz referência ao nome do grupo. No entanto, no decorrer do trabalho, assim como Cavalcanti (2013), adotarei as noções de velho e idoso simultaneamente, por tratar de períodos históricos distintos em que os termos estão articulados no registro discursivo, como também, porque essas designações “anunciam posições de sujeito, seja separando o corpo velho para segregar, seja produzindo saberes sobre esse corpo, que migra para condição de sujeito idoso.” (CAVALCANTI, 2013, p. 34).

negaria por muitas vezes durante a minha trajetória! Esse distanciamento era como uma fuga, que deslocava a atuação com esse público, enquanto assistente social, ao mesmo tempo, demonstrava o receio que carregava ao me embrenhar por novos espaços e relações de saberes e poderes.

Não demorou muito tempo, e em atividade no programa fui capturada pelas mulheres do grupo “Experiência e Vida”, o primeiro grupo de idosas do CRAS, composto completamente por mulheres². A contação de histórias com as crianças teve que passar por um reordenamento e transferido para outro espaço denominado Serviço de Fortalecimento de Vínculos – SCFV, e eu fiquei apenas com atividades pontuais com as crianças, foi quando o grupo de mulheres “Experiência e Vida” tomou conta definitivamente das minhas atividades profissionais naquele espaço.

Nesse espaço, onde já me dedicava quase que exclusivamente as atividades com o grupo, no início usei muito pouco a narração oral e cênica como abordagem com elas, eu achava que não tinha muitas coisas a contar, mas depois que desinibi, percebi o quanto as histórias eram uma forma importante de troca de experiências e afetos. Deixei de lado a técnica e me pus a escutá-las, elas brincavam, contavam piadas, traziam memórias de fatos ocorridos, tratavam de coisas do dia a dia, de família, de religião, doenças, da sexualidade, e as questões corporais, era um assunto recorrente. E eu passei a não só gostar das histórias que traziam, como elas me inquietavam a pensar naquela profusão de narrativas. Nesse momento, os lugares se inverteram e de contadora de histórias me tornei ouvinte das várias histórias que essas mulheres traziam.

Foi observando aqueles corpos em suas atividades de dança, educação física e até nas nossas oficinas, palestras, na escuta de suas histórias e as conversas que surgiam nesses encontros que se juntaram às minhas inquietações pessoais; foi quando decidi que precisava investigar o que todas aquelas narrativas produziam e o porquê “elas coçavam as minhas ideias”. De início a sensação era exatamente a experimentada por Dionéia, personagem do conto de Rubem Alves (2002) quando afirma que, “curiosidade é uma coceira nas ideias”, foi por essa curiosidade inicial que em seguida, fizeram tremer a minha experiência, como descrito por Larrosa (2017) que decidi fazer meu próprio canto de experiência, transformando toda a inquietação numa proposta de pesquisa.

² Na composição do grupo os homens também foram chamados a participar, mas apenas um apareceu, deseioso de participar das atividades ali propostas. Era o esposo de uma das integrantes, ainda compareceu a algumas reuniões e desistiu logo em seguida. A entrada no grupo tem fluxo contínuo, no entanto, os homens não procuram.

Como tudo está realmente interligado, o meu canto de experiência se faz ressonante a partir da melodia que me aproxima dessas mulheres, não só, mas, principalmente, pela nossa condição de gênero. Entrementes, mesmo que eu negasse pensar na velhice, uma hora pensar sobre o envelhecimento me cobraria uma atenção, seja pela convivência com essas mulheres, seja pela lembrança da minha vó, ou por observar o andar cansado do meu pai e os cabelos completamente brancos em sua cabeça, ou até por perceber as mudanças que também estariam acontecendo com o meu corpo. Ou ainda, por pensar que não há mais tempo para algumas coisas, e até de acelerar projetos por medo de não conseguir concretizá-los, eu voltei para a universidade para fazer a minha especialização depois de cinco anos após ter concluído a minha graduação, e para o mestrado, sete anos após a especialização. De volta a esse espaço, nada foi mais perturbador e reflexivo do que o marcador social da idade, eu era a aluna mais velha da turma.

Cheguei a esse espaço com muita vontade de aprender, de rever muitos conceitos que discuti já na graduação, à época, realizei meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sobre a sexualidade de pessoas com deficiência mental. As questões de gênero e sexualidade sempre me provocavam curiosidades diversas. Diante de todas as inquietações postas, decidi pensar na tessitura desse estudo, para delimitar o que é hoje, o **objetivo** dessa dissertação: analisar como as mulheres que participa (ram) do grupo “Experiência e Vida”, elaboram significados sobre os seus corpos, considerando os lugares que foram sendo subjetivados pela memória geracional e pelas questões de gênero. Nesse sentido, recorri também às minhas memórias e sensibilidades que se entrelaçaram as histórias e memórias dessas mulheres, procurando na mesma proporção me distanciar para refletir essas experiências, mas também pude experimentar uma escrita que até aqui não tinha testado. Me lancei ao desafio, e aqui está uma escrita de uma mulher que se intercruza, dialoga com outras, para se constituir pelo enredo narrativo que tem como recorte a infância até a experiência atual de estar envelhecendo, essas histórias e memórias envolvem amizades e afetos, sofrimentos, dúvidas, angústias, alegrias, amor e liberdade, e não se esgotam em produzir significados...

A metodologia da escrita será relacionada ao que chamo de “telas”, que irá representar de forma metafórica as narrativas produzidas pelas nossas conversas, nossos

encontros. Essas narrativas também podem representar fronteiras, aqui no texto a correspondência entre o que foi enquadrado pela fala das interlocutoras da pesquisa, mas também o que não foi dito, ou o que foi imaginado. As telas representam o encontro das nossas falas, a escuta, mas também a liberdade do pensamento e da imaginação, sempre que eu as escutava, meu pensamento imaginava a emolduração de telas, estas que remetiam as narrativas se deram como forma de compor suas lembranças. A tela não é uma limitação, mas um adereço, uma tática de estética que pode criar de forma imaginária uma fronteira entre aquilo que parece ser e o que as representações podem apontar como real. As telas também enquadram, o que me remete as lembranças que se encaixilham, se adapta aquele formato específico, embora possam ter profundas perspectivas. Elas podem ou não ornar, quando não, estão ali em formato, um espaço de passagem, de fronteiras em que podemos a partir da nossa imaginação ver um lado e outro, ou dar vários sentidos e significados aquilo que nos apresenta. Aqui no texto as telas vão assumindo, a partir das narrativas as suas emoldurações em telas-escritas, telas-narrativas, telas-beleza, tela-infância, tela-memória, tela-brincadeira, dentre outras. Fazendo essa analogia, me propus a pensar sobre a experiência das nove mulheres, interlocutoras dessa pesquisa. E quem são elas? Como se deu o meu processo de escolha por nove mulheres?

Inicialmente pontuo o que elas têm em comum, que é morar no mesmo município, seja na zona urbana ou rural, em Boa Vista, na Paraíba, cidade onde atuo como assistente social do CRAS há mais de dez anos, a outra característica é que todas elas ou estão inseridas, ou já participaram do grupo de mulheres idosas denominado “Experiência e Vida”. Então partiu dali – do grupo, o meu critério de escolha; por entender que as relações se imbricam e perpassam as experiências pelo espaço institucional do CRAS, dialogo com esse espaço, no entanto, o meu foco, é nas mulheres, suas vivências e narrativas particulares.

Para a escolha delas resolvi optar pelo que vou denominar de marcadores, estes como categorias da diferença de forma relacional, e não isoladas ou independentes, mas articuladas. Então optei pelo marcador etário a mais nova do grupo - **Celina**³, e a mais velha - **Alzira**, com intuito de perceber a dimensão geracional compartilhada, as questões simbólicas e identitárias, que perpassam pela idade. Pelo marcador de cor e raça, onde optei por uma negra - **Nina**, e uma branca - **Juana**, por constatar que o corpo

³ Todos os nomes serão fictícios, de forma a garantir o sigilo e a integridade das interlocutoras da pesquisa

é um conjunto de símbolos e marcas, e que além de ter inscritos elementos sociais, culturais, políticos, eles são racializados, têm uma significação social a partir de sua cor, portanto, a questão da raça é historicamente um dos principais dispositivos que ancora desigualdades e exclusões entre os indivíduos. Selecionei uma pelo critério de fora da instituição por não fazer mais parte do grupo – **Lida**, para entender os deslocamentos, significações que foram dadas ao processo de envelhecimento para além da instituição e relações partilhadas em grupo. Uma outra, foi escolhida pelo critério de escolarização, por ter nível de escolaridade superior – **Simone**, sendo um outro marcador importante para compreender as relações que se estabelecem, que redes se formam a partir de acesso e condições distintas de escolarização. Outro critério se deu pela condição de classe – **Olga**, que pertence a uma classe social mais abastada, por entender que as diferenças socioeconômicas fornecem parâmetros importantes que estabelecem relações de desigualdades entre os indivíduos. Teve também uma escolha que prepondera o marcador de gênero e violência, que foi **Eva** – por ser acompanhada pela equipe técnica do CRAS já há algum tempo, por denúncias de negligência e exploração financeira por parte dos familiares. E uma que considero um critério mais subjetivo, que foi: **Patrícia** – escolhida por considerá-la uma das mulheres mais extrovertidas do grupo.

Ressalto que alguns desses marcadores se interseccionam, fazendo-as partilhar de marcadores comuns a umas e outras, aqui eles não foram tomados por oposições binárias, ou como formas limitadoras de categorização, mas para abrir um leque de discussões com o máximo de categorizações possíveis de serem abordadas nesta investigação. Para isso, me valho da perspectiva construcionista de análise interseccional onde percebe a identidade apreendida a partir da narração e não pela nomeação. Que segundo Prins (2006):

[...] nós somos ambos atores e coautores da nossa própria história de vida, nossas ações (individuais e coletivas) podem ser percebidas como narrativas executadas. [...] Por um lado, nossas histórias individuais e de outras pessoas são apenas parte de nossa própria criação: entramos em um palco já definido e nossas vidas, na maior parte, seguem o curso de roteiros narrativos já disponíveis. Por outro lado, nossas histórias são multifacetadas e contraditórias; os roteiros de gênero, raça, etnia e classe desempenham um papel constitutivo, mas nunca da mesma maneira, nunca como meros fatores determinantes. (PRINS, 2006, p. 281).

Desse modo, essa abordagem não se limita aos efeitos dos sistemas e estruturas de opressão sobre a constituição da identidade social dos indivíduos, antes coloca em evidência as elaborações individuais que podem ser indetificadas pela narração de

histórias multifacetadas que possibilitarão identificar os efeitos dos diferentes eixos de desigualdade. No presente estudo, descrevo como elas são atravessadas por esses marcadores e por muitos outros; na discussão dos capítulos detalho os que me foram possíveis perceber.

A investigação foi realizada semelhante a um olhar etnográfico, já que nossos encontros acontecem a cada três dias da semana, e com maior intensidade há oito anos. No entanto, num exercício de não misturar a minha prática profissional ao processo da pesquisa, optei por conversar com elas fora daquele espaço, ainda assim, houve duas entrevistas, que chamo de “teste”, que aconteceram dentro do espaço institucional, mas retornei as mesmas para uma outra entrevista no contexto do espaço doméstico. Portanto, meu interesse, foi desde sempre, em suas narrativas, histórias e memórias, e a observação de gestos, expressões, brincadeiras, e participação de conversas se deram muitas vezes dentro do espaço institucional, estas “conversas informais”, trariam significações importantes no desenvolvimento da minha escrita e um olhar que atravessava as fronteiras, de dentro, e para além daquele espaço. A minha identidade profissional, pessoal e de pesquisadora interagem a todo instante, o que me levou a um exercício cuidadoso de não confundir o que cada uma delas demandava, e, assim, poder realizar a pesquisa a contento.

No entanto, em alguns momentos, nos ensaios e passagens do texto, o meu lugar de fala fica mais evidente, não como forma de falar de si para si, como num exercício narcísico que reforça estereótipos e me coloca num lugar de privilégios sobre o outro. O meu lugar de fala aqui, assume a proposta Foucaultiana que passa por uma escrita de si, como exercício para aprender a arte de viver. Essa escrita foi para mim como uma espécie de habitar, de (re) significar, de lembrar, de ter coragem para escrever, pois quando “escrevemos, deixamos marcas”. E, se é verdade que também “quando escrevemos, afirmamos nossa existência, forjamos um lugar para existir” (Silveira; Ferreira 2013), para mim foi possível através dessa escrita, criar morada para os afetos, quando as minhas memórias se entrelaçaram as dessas mulheres, construir novas pontes para a (re) existência.

Dessa forma, as entrevistas em suas residências foram realizadas no período de agosto a setembro do ano de 2018, e toda a pesquisa envolveu um processo muito mais longo de observação e interações. As entrevistas se encerraram, mas os nossos encontros não cessaram em produzir significados, então utilizei tudo que me chamava atenção utilizando um gravador, para não perder o fito, singularidade e sutileza do

momento em que aconteciam, gravava quando chegava em casa os acontecimentos de cada dia.

Os vínculos já tinham sido estabelecidos muito antes da realização da pesquisa, o que facilitou a aceitação delas em participar do estudo, a confiança depositada em mim como pesquisadora e leitora atenta da violação de suas memórias, foi um grande diferencial, que me proporcionaram uma maior abertura e acessibilidade ao espaço íntimo de suas residências e das suas lembranças. Outro exercício foi feito por mim no processo de escuta e escrita, foi quando as minhas memórias também foram implicadas a partir das histórias contadas por essas mulheres, estas, se cruzaram em vários momentos o que vai está presente no decorrer do texto. Tem um recorte biográfico no qual costuro elementos de fatos e acontecimentos particulares das várias fases das nossas experiências. Neste ponto, algumas reflexões me foram muito pertinentes, dentre elas, Durval Muniz Albuquerque Jr (2007), coloca algumas questões para se pensar nessa produção do texto escrito e na relação entre entrevistador e entrevistado na narrativa de sua história de vida:

Ele narrou sua história de vida. Mas será que o meu roteiro não interferiu na sua fala? Não a fabricou de certa maneira? Será que ele não preparou uma versão de sua vida adequada àquela que ele acha ser a minha expectativa? Se a fala foi produzida num momento de interação comigo, eu não estarei implicado nesta fala? E por que no texto que vou produzir devo fingir que não? Por que o historiador nunca aparece como personagem da fala de seus entrevistados? (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 233).

Partindo dessas reflexões de que as significações aqui produzidas partem de uma construção histórica e discursiva que entrelaçaram as narrativas das interlocutoras às minhas, e de que a minha interpelação fabrica também as suas falas, e que estas, foram sendo produzidas nessa interação, eu não teria como escapar para a margem desse texto, reafirmo uma escrita que também parte do meu lugar de sujeito.

Com esse fim a metodologia da *História Oral* assumida nesse estudo tem foco no sujeito, mas também no contexto que o envolve “visa aprofundá-los, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que essas tiveram na vida de cada um.” (Portelli, 1997, p. 15). Assim, Portelli (2005) não se preocupa tanto com a clareza, as distinções, pois estas são o território da confusão, da ambiguidade, do múltiplo, da desordem. Seguindo esse raciocínio Amado e Ferreira (2006, p. 8) dizem que “a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica”. É, portanto:

[...] espaço de influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais [...]. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (LOZANO, 2006, p. 16).

Esse interior e mais profundo da experiência não posto como “prova de verdade”, mas como “possibilidades” de compreensão, pois as narrativas partem da linguagem para produção de sentidos, a linguagem não é, portanto, uma instância neutra que diz as coisas como elas realmente são, como se ali estivesse a verdade irrefutável, única. A linguagem é dinâmica, vai produzindo sentidos também no momento que vai sendo dita. As narrativas são um invento da memória, ainda conforme Albuquerque Jr (2007), o uso do termo invenção parte da perspectiva que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo dessa, das narrativas, do sujeito e da produção histórica.

Nesta mesma perspectiva Antônio Torres Montenegro, numa entrevista realizada por Cavalcanti e Soares (2016) reafirma que qualquer documento, exige que se reflita sobre sua produção, afinal toda fonte é uma construção, representação acerca do vivido, do acontecido. Não é reflexo do real, ou reflexo do passado, mas sua representação. Para tanto,

Não há percepção pura, portanto, é impossível a apreensão e a compreensão da realidade exterior em si. Toda percepção está relacionada aos conhecimentos e as experiências que temos acumulado e elaborado/reelaborado ao longo da vida. Logo, reconhecemos e lemos o mundo por meio da percepção, mas esta recebe da memória os elementos, as informações, os saberes aprendidos. Por meio destes é possível a efetividade da percepção e, portanto, nossa inserção na realidade social. Logo, não há percepção sem o aporte da memória. (CAVALCANTI; SOARES, 2016, p. 439).

A memória é, pois, múltipla, sujeita a vários deslocamentos e são tomadas para significar as coisas. Tomada por “memória voluntária”, não como acesso direto ao passado, mas uma recomposição deste, um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é. (DELEUZE, 1987). Ou ainda, a lembrança que é evocada pela memória “não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 57).

Ao me interessar pela dimensão das experiências dessas mulheres, me valho da memória como um processo de alteridade intensa, entre a pesquisadora, que sou eu, e as mulheres descritas - interlocutoras da pesquisa. “O trabalho com História Oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação [...] E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas, ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral”. (ALBERTI, 2015, p. 167).

De mãos dadas a essa perspectiva é que o conceito de *Memória*, é um dos centrais dessa pesquisa, entendendo-a como constructo cultural e metodológico, ainda dou as mãos a Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007) o qual me ajudou a pensar que “As memórias nascem de uma relação consigo mesmo, a história nasce de uma relação com o outro, com alteridade. As memórias, portanto, constroem identidades, a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente”. (2007, p.207), me convidando a um olhar longe das essencializações, e me provocando vários questionamentos e formulações necessárias para pensar sobre as significações elaboradas.

O desenvolvimento da pesquisa baseou-se então na história oral de vida⁴, obtida através de entrevistas. Seguiu-se de análise de discurso na significação das memórias dessas mulheres, especialmente no tocante às questões de corpo e de gênero. A análise de discurso aqui assume a perspectiva Foucautiana, no qual supõe (...) que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Pelas técnicas utilizadas optei pela observação participante, concomitantemente, foram aplicadas entrevistas onde as narrativas orais e memoriais de histórias de vida, assumem o lugar do problema da pesquisa. Considerei conforme, Tourtier- Bonazzi (2006, p. 234), que no momento da entrevista:

⁴ Tomo as histórias orais de vida aqui como a possibilidade de compartilhar a trajetória das pessoas, compreendendo a dinâmica das relações que estabeleceram ao longo da vida. Bourdieu (2006) traz que essa trajetória não se dá através de uma história linear, mas compreende-se a descontinuidade das narrativas, que muitas vezes se formam por elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório.

[...] o entrevistador deve, antes de mais nada, saber guardar silêncio, aprender a ouvir. [...] Deve adaptar-se à psicologia da testemunha, respeitá-la, estar disposto a tomar pacientemente a conversa, suscitar a recordação através de um questionamento discreto [...] não insistir quando evita uma recordação dolorosa, não se precipitar em perguntar de novo porque as recordações precisam às vezes de um tempo para vir à tona.

Partindo disso, descrevo cada uma das nove interlocutoras que participaram desse estudo:

Celina

Celina tem 53 anos, cor negra é solteira, nunca casou, não tem filhos, e reside com sua mãe. Dona de casa, já trabalhou como “babá” informalmente, também foi responsável por cuidar dos sobrinhos e atualmente é a principal cuidadora da mãe e a principal mantenedora da organização do espaço doméstico. Celina, estudou até a antiga quarta série primária, hoje quarto ano fundamental, repetindo esse ano por duas vezes resolveu retomar os estudos na vida adulta, fazendo o EJA- Educação de Jovens e Adultos, mas não concluiu. Freqüentadora assídua do grupo de mulheres, dificilmente falta aos encontros, é sempre presença certa. Nasceu na comunidade rural da Tapera em Cabaceiras – PB, comunidade esta que fica vizinho à comunidade da Aldeia na zona rural do município de Boa Vista - PB, onde morou até a vida adulta. Mudou-se para a zona urbana, mas teve a maior parte de sua vida numa ambiência em contexto rural. Realizei com ela duas entrevistas, a primeira conversa, que foi numa sala do CRAS, chamo de “teste”, aquele momento serviu também para me “testar” enquanto pesquisadora. No segundo momento, a outra entrevista, foi realizada na casa dela, no dia 05/09/2018.

Alzira

Alzira tem 93 anos, cor negra, é viúva há dez anos, ficou solteira desde os cinquenta e cinco anos de idade, estudou até a antiga segunda série, hoje segundo ano fundamental. Aposentada, trabalhou desde a infância com os pais, onde fazia sequilho⁵

⁵ Sequilhos, são biscoitos secos, feito geralmente com algum tipo de farináceo, farinha de trigo, mandioca ou milho.

até a vida adulta e vendia por encomendas. Mora atualmente com um sobrinho que só está em casa no período da noite, pois trabalha o dia todo. Durante o dia, tem o auxílio de uma sobrinha, que cuida das atividades domésticas e cozinha para ela, já que ela tem bastante dificuldade de locomoção, andando com ajuda de uma bengala. Alzira nunca teve filhos, mesmo sendo esse um dos maiores sonhos de sua vida. Nascida na localidade denominada de Boi Velho, município de Campina Grande – PB, que dista 50 km do município de Boa Vista, vindo morar no município pelas mudanças em busca de trabalho que seus pais realizaram para sustentar a família numerosa de quatorze filhos. Nossa entrevista foi realizada no dia 22/08/2018, várias fugas do pensamento ela teve, porque o Alzheimer avança a cada dia, tivemos uma conversa bem longa, com várias interrupções, e, para além das voltas do pensamento, a entrevista era embargada quando ela falava de pessoas doentes ou que já tinha morrido.

Nina

Nina tem 70 anos, cor negra, é casada desde os vinte anos de idade. Dona de casa e aposentada, mora com seu marido, filhas e neta, com quem divide as atividades domésticas. Foi apenas alfabetizada pelo que chama de “cartilha do abc”. Nasceu no município de Lagoa Nova – RN, mas mudou-se por diversas vezes com os pais em busca de trabalho em fazendas, foi assim que moraram em São Vicente do Seridó – PB e conheceu o seu esposo, a rotina de mudanças em busca de trabalho também se repetiria com o marido e foi assim que chegaram até Boa Vista. Realizei com ela a entrevista no dia 29/08/2018⁶.

⁶ Percebi um retraimento e vergonha em alguns momentos da nossa fala, há sempre muito comedimento em suas palavras e ações, como se tivesse medo de falar, de se expressar. Penso que os marcadores sociais de classe, raça, são grandes definidores no seu comportamento, na entrevista ela fala que não gosta muito de uma das componentes do grupo, e há um preconceito em relação a ela “eu lembro que não sou daqui de Boa Vista” (sic), como se quisesse dizer que sentiu um preconceito de origem o que mascara a estigmatização racial, que também se imbrica à discriminação de classe social. Ao chegar para trabalhar naquele município, ouvi sempre muitas falas preconceituosas e discriminatórias, uma me chamava muita atenção, quando diziam: “fulano é” aí diziam o sobrenome, para indicar prestígio, demarcar a posição de classe social e pertencimento às famílias tradicionais da cidade. Há um grande demarcador na cidade, que persiste até hoje, não muito tempo atrás, existia um bairro negro na cidade denominado “Abissínia”, que marcava a fronteira entre a região habitada por negros, e a outra, todo o resto da zona urbana da cidade onde residiam os brancos. Os negros não podiam frequentar os mesmos locais, e geograficamente teriam que ficar num “gueto” reservado para essa população. Casas não podiam ser alugadas ou construídas para além daquele espaço geográfico, um local paralelo dentro da própria cidade. Até a década de 1960 essa segregação espacial existiu e continua viva por diversos outros dispositivos.

Juana

Juana tem 86 anos, cor branca de olhos azuis, é solteira, nunca casou e não teve filhos. Tem o ensino fundamental incompleto. Nasceu ali mesmo, na cidade de Boa Vista, num parto realizado dentro da sua própria casa por uma parteira, é a filha mais velha de cinco filhos. No momento da entrevista dia 19/09/2018, morava com uma irmã também solteira, numa casa um pouco afastada do centro da cidade, que mantém aspectos de ambiência rural. Deixou o grupo de mulheres já a algum tempo, que, só agora, no momento da nossa conversa, revelou que saiu do grupo porque não se identificava mais, não gostava mais dessa “reunião” com conversas e atividades que não lhe interessavam. Ainda no desenvolvimento dessa pesquisa, Juana foi para um abrigo. Sua renda, a aposentadoria, que também fazia parte da divisão das despesas da casa, ficaria a partir de agora nas mãos da instituição onde ela se encontra. No dia da entrevista, ela rememorou fatos da infância e juventude de forma detalhada, mas tratou de sua limitação quando informou que só estava lembrando porque eram coisas passadas, ela também está com Alzheimer.

Lida

Lida tem 71 anos, cor branca, é casada desde o ano de 1979. Dona de casa e aposentada, é ela que assume todas as atividades domésticas, sendo, portanto, a principal responsável pela manutenção dessas atividades, o ciclo se quebra ou quando os filhos vão visitá-la nos fins de semana, ou quando contrata uma menina para ajudá-la. Tem dois filhos casados; estudou até o terceiro ano, hoje ensino médio, com formação de técnica em contabilidade, no tempo em que estudou essa formação técnica e profissionalizante era um requisito essencial para quem chegasse a essa etapa ou nível educacional, no entanto, ela nunca exerceu. Nasceu na cidade de Gurjão- PB e reside atualmente na cidade de Boa Vista-PB, o motivo de ter fixado residência na cidade de Boa Vista, se deu pelo casamento, pois a família do esposo – pais e irmãos- já residiam no município, a mudança não ocorreu de forma imediata, pois assim que casou se mudou para o Rio de Janeiro, residindo naquela cidade por dois anos, depois, muda-se para a cidade de Alagoa Nova, localizada no Brejo Paraibano, onde morou por doze anos, e a vinte e quatro anos reside na moradia atual, localizada na zona rural deste

município. Sua aposentadoria faz parte da composição da renda familiar, composta pela aposentadoria do esposo e do salário que ele ganha como marceneiro. Recentemente deixou de participar do grupo “Experiência e Vida” do CRAS, pela dificuldade de acesso ao serviço, onde, nos últimos tempos pela indisponibilidade de carro para o traslado das integrantes do grupo, fizeram com que ela deixasse de participar assiduamente. A entrevista com ela foi realizada no dia 22/08/2018.

Simone

Simone tem 63 anos, cor branca, é casada com seu primeiro namorado. Tem um filho, com que divide geograficamente o mesmo espaço de moradia, ela mora na parte de cima, e seu filho, esposa e netos na casa embaixo. Aposentada, é artesã até hoje, atividade esta que começou aos doze anos de idade. Se graduou em Pedagogia, e também foi professora por vinte e nove anos, época em que conciliava o artesanato com a sala de aula. Só nasceu na cidade de Campina Grande – PB, e mora na cidade de Boa Vista desde após o nascimento. Filha única de seus pais, teve um irmão mais velho de uma união anterior de seu pai. Quando tinha quatro anos, seus pais adotaram uma sobrinha materna, com cinco anos de idade. Simone foi a única que no dia da entrevista 22/08/2018, pediu para que eu descrevesse com detalhes do que se tratava a pesquisa, o que me levou a explicá-la detalhadamente, antes de ligar o gravador, do que se tratava cada tema que iria abordar. Começamos a gravação e a TV ligada num volume absurdamente alto, em nenhum momento ela fez qualquer movimento para baixar, além disso, ela respondia de forma muito pontual cada coisa que eu a perguntava⁷.

Olga

Olga tem 74 anos, é branca, casada, não tem filhos e reside com o esposo. Nasceu na cidade de Pocinhos – PB, cidade vizinha ao município de Boa Vista. A família do pai já residia no município e como ele era comerciante, quando os negócios não deram certo, se instalou na cidade com o intuito de reiniciar a vida por ali. Ela é

⁷ A presença do esposo na sala no começo da entrevista, talvez tenha dado essa sutileza do controle de sua narrativa, como também o fato de não baixar o volume da TV para que a nossa conversa ficasse quase inaudível para ele que transitava dentro da casa. O que me fez lembrar os dispositivos de poder operando de forma discreta, o poder dos homens exercidos sobre as mulheres, suas falas, seus corpos, a presença do marido, de certa forma, representava um exercício sutil de controle.

aposentada, não sendo, pois, a única fonte de renda da família, seu esposo tem um comércio local, um supermercado. Ela é de uma família de mais quatro irmãos. Só estudou o antigo primário, de classe social média/alta na cidade, a entrevista dela foi realizada no dia: 05/09/2018⁸.

Eva

Eva tem 85 anos, cor branca, é casada, agricultora aposentada. Atualmente mora com seu esposo, e neto. Nasceu na cidade de Patos – PB, no sertão do estado, numa distância em média de 170 km do município de Boa Vista. Ela conheceu a cidade através de sua irmã que casou e mudou-se para Boa Vista. Quando a irmã ficou viúva, ela se muda para morar com ela, foi aí que conheceu o seu esposo. Tem o ensino fundamental incompleto. Dona de casa e principal responsável pelas atividades domésticas. Sua aposentadoria e a de seu esposo também são as únicas fontes de renda para a manutenção das despesas da casa, ninguém mais trabalha. É uma das integrantes mais antigas do grupo de mulheres, mas tem faltado bastante, na maioria das vezes pelas atribuições domésticas. Eva é acompanhada pela equipe técnica do CRAS, além de sua participação no grupo de mulheres. A entrevista foi realizada no dia 29/08/2018⁹.

Patrícia

Patrícia tem 65 anos, cor negra, viúva, pensionista. Mora com sua filha mais nova, a neta e o genro, na zona rural do município de Boa Vista – PB, cidade onde nasceu. A localidade onde reside dista apenas 2 km do centro da cidade, não sendo, portanto, difícil o acesso e deslocamento para a zona urbana, o que faz com que Patrícia participe assiduamente das atividades do grupo do CRAS. Além disso, ela participa de outras atividades sociais e religiosas no município. De uma família de mais três irmãos, concluiu o que chamou de “primeiro grau”, hoje chamado de ensino fundamental completo. Tivemos duas conversas com foco nesse estudo, na primeira que foi no

⁸ No dia da entrevista, Olga estava sozinha em casa e me confidenciou coisas muito íntimas e lancinantes, tive que parar a nossa conversa por diversas vezes e não aprofundei muito em algumas temáticas por considerar muito delicadas já que ela trazia para a narrativa essas angústias. Quando fui saindo da casa dela, agradei pela nossa conversa, desliguei o gravador e ela concordou comigo que tinha sido muito bom conversarmos fora do espaço institucional do CRAS, já que isso nunca tinha acontecido comigo e com ela, então fui processando as dores partilhadas dessa conversa com o passar do tempo...

⁹ No momento da entrevista seu esposo e uma de suas filhas permaneceram no local.

CRAS me pareceu mais contida nas palavras, na segunda conversa, já na casa dela no dia: 19/09/2018 sentamos na sala e a filha mais nova e a neta passou a entrevista toda ali junto conosco¹⁰.

Percursos conceituais, intentos e estrutura dos capítulos.

Dados do IBGE (2016) mostram que o Brasil tem mudado o perfil etário da população, isso vem se dando pelo aumento da expectativa de vida do brasileiro e a redução da taxa de fecundidade (número de filhos por pessoa). A pesquisa mostra que, em 40 anos, a população idosa vai triplicar no País e passará de 19,6 milhões (10% da população brasileira), em 2010, para 66,5 milhões de pessoas, em 2050 (29,3%). As estimativas são de que a "virada" no perfil da população acontecerá em 2030, quando o número absoluto e o porcentual de brasileiros com 60 anos ou mais de idade vão ultrapassar o de crianças de 0 a 14 anos. Daqui a 12 anos, os idosos chegarão a 41,5 milhões (18% da população) e as crianças serão 39,2 milhões, ou 17,6%, segundo estimativas do IBGE. (Fonte: Estadão).

Observa-se assim que, embora boa parte da população não almeje que o corpo envelheça, ou que as marcas do tempo se tornem cada dia mais invisíveis, os dados apresentam um significativo aumento deste segmento etário. O que acontece é um grande paradoxo, pois à medida que cresce nos últimos anos a faixa de pessoas idosas, ocorre uma busca incessante do retardamento do que no corpo a idade reflete; vai-se de cremes cosméticos, consumo de atividades diversas, às intervenções cirúrgicas, numa busca incessante por uma juventude ampliada, prometida, divulgada, idealizada.

A cultura de valorização da juventude e a explosão demográfica são elementos importantes, mas não isolados, para entender a dimensão da emergência dos debates em torno do envelhecimento. Nesse campo de estudos e intervenções, onde se situa essa investigação, Debert (2012) vai informar que é a partir dos anos 1930, do século

¹⁰ A filha fazia gestos para a mãe em algumas temáticas para que ela reforçasse sua desinibição, era como se esta quisesse reforçar aspectos da identidade dela que em alguns momentos passava despercebido por ela mesma, ou talvez, pela preocupação com o antigo quadro de depressão que a mãe desencadeou após o falecimento de sua mãe. Fiquei a me perguntar sobre essa exigência no desenvolvimento de papéis sociais positivos, de uma afirmação externa, desencadeando outros processos internos como a cobrança em mostrar que se está sempre alegre, que é uma pessoa desinibida, extrovertida, quando na verdade mascara uma autopercepção distorcida, fazendo com que os indivíduos não vivenciem profundamente momentos de luto, dores e angústias. Suponho que aí esteja a utilização de remédio controlado para anestesiar as questões que lhe causam dor. Representações desse tipo, devem comprometer as suas identidades e as significações que dão para os acontecimentos.

passado, que a reflexão sobre o tema passa a ocupar um espaço maior, dada a emergência progressiva da velhice como problema social. No Brasil, a gerontologia, como campo de estudos e pesquisas que também legitimaram a geriatria, como campo médico voltado para a velhice, assim como o interesse da academia, no interior das universidades, mais especificamente, a partir dos anos 1970, transformaram a velhice em um tema de pesquisa e de estudos acadêmicos que não se deram sem disputas.

O discurso gerontológico denunciava uma “conspiração do silêncio” em torno da velhice, e foram responsáveis por criar a imagem do velho brasileiro como vítima do sofrimento, estes, empenhados estavam em transformar a velhice em questão política, como também propor práticas para um envelhecimento bem-sucedido. Porém, outras mudanças substanciais nas imagens da velhice, se deram a partir de outros discursos, como exemplo o discurso que apontava que a velhice é um período privilegiado para a realização pessoal dos indivíduos, as revistas por exemplo, mostravam um novo mercado de consumo baseado na promessa da eterna juventude, além de uma série de regras de comportamento e de consumo, indicando como as pessoas que não se sentem velhas devem proceder. As novas imagens do envelhecimento, são expressões de um novo contexto marcado por mudanças culturais que redefinem a intimidade, a velhice e a construção em torno das identidades. Portanto, a velhice é um drama de todos em qualquer idade. (DEBERT, 2012).

Tomo nesse estudo por *Velhice* uma construção histórica e heterogênea que produzem significações no sujeito. Problematizo o *Corpo* como sendo o lócus preferencial de sua inscrição, corroborando com Breton (2006) quando informa-nos que a nossa existência é antes de tudo corporal e o homem faz do mundo a extensão de sua experiência pela corporeidade. Pensando nessa experiência pelos eventos da corporeidade Sibilia (2012), informa-nos que os corpos humanos foram sendo destituídos de suas potências simbólicas para constituir e converter o processo de envelhecimento num estado corporal vergonhoso. Me valho da contribuição de Goldemberg (2015) que me fez refletir sobre o corpo “capital” que na sociedade brasileira é um capital distintivo, acrescenta:

Na cultura brasileira contemporânea, determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que o percebem como um importante veículo de ascensão social. Nesse sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. O corpo-capital é um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma, que caracteriza como

superior aquele ou aquela que o possui. [...] O “corpo” surge como um símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais. [...] um corpo distintivo, que sintetiza três ideias: a de símbolo de esforço que cada um faz para controlar, aprisionar e domesticar seu corpo para atingir a boa forma; a de grife que distingue como superior aquele ou aquela que o possui; e a de prêmio para os que conseguiram alcançar, com muito trabalho, sacrifício, tempo e dinheiro, as formas físicas consideradas mais civilizadas. (GOLDEMBERG, 2015, p.17-26).

O corpo capital, que se estabelece como o padrão atravessam os sujeitos de variadas formas, nesta pesquisa, os corpos velhos, são corpos dissidentes, à margem. Portanto, para refletir as significações que foram sendo dadas por essas mulheres, me proponho a alcançar as análises com a pesquisa intitulada: Nas telas do tempo, as memórias: narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento. Esta, conduzida pelo pensamento pós-estruturalista que se apoia em Foucault (2008) e suas considerações em torno do *poder* e seus dispositivos de controle sobre os corpos. Para pensar tais questões, abraço o *Gênero* como categoria analítica que costura as identidades dos sujeitos, estas concebidas como múltiplas e plurais.

Nesse intento, me apoio em Judith Butler (2003) que historicizou o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, pensando o gênero como *performatividade*¹¹. Gênero não é algo que somos é algo que fazemos; um ato, ou uma sequência de atos, um fazer em vez de um ser. “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem que designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (2003, p. 25) Para Butler, gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (PISCITELLI, 2002).

Além disso, o conceito de *Experiência*, através dos sentidos propostos por Jorge Larrosa (2017), como tudo aquilo que nos acontece, que nos passa e que nos toca de forma singular. Ainda sobre o conceito de experiência, proposto pelo autor, acrescenta:

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir ou identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e

¹¹ Para Butler (2003), *Performatividade* é a repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos, tais como nós os vemos atualmente. Demonstrando que não existe uma natureza masculina ou feminina para além dos atos, gestos e signos que reproduzimos. Portanto, não é o sexo que nos faz homem ou mulher.

o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde. (LARROSA, 2017, p. 10).

Esse conceito foi responsável por costurar as narrativas e os sentidos produzidos por essas mulheres, e será o ponto de costura que irá entrelaçar a minha narrativa às das interlocutoras no decorrer dos capítulos. Também abraço o conceito de *representações* de Roger Chartier (1991) que me permitiram pensar como essas mulheres constroem, produzem, significam o mundo social e o contexto em que estão inseridas, me foi um conceito muito caro, porque as significações que elas produziram sobre a velhice também perpassaram pelas representações sociais do envelhecimento.

Como dito nos parágrafos introdutórios o presente trabalho teve como objetivo analisar como essas mulheres elaboraram significados sobre os seus corpos, considerando os lugares que foram sendo subjetivados pela memória geracional e pelas questões de gênero. Como objetivos específicos da investigação discuto as memórias das infâncias e representações corpóreas que emergiram das narrativas, abordo as significações dos corpos nas juventudes e a discussão em torno das subjetivações e identidades a partir das representações do envelhecimento. Nesse intento a dissertação se estrutura em três capítulos.

O primeiro, intitulado: **“Eu vivo a vida cantando, hi Lili, hi Lili, hi lo – as memórias de infância”** onde discuto as memórias de infância dessas mulheres, que perpassaram significativamente pelos sentidos que envolveram o trabalho, quando elas narram a inserção desde muito pequenas na dimensão laboral. Essas memórias envolveram ainda, as representações de seus corpos através das brincadeiras e brinquedos, onde descrevem uma infância de brinquedos produzidos artesanalmente, proporcionando muitos momentos de alegria em suas experiências. Ainda representaram a partir do próprio corpo, que não foi nomeado enquanto corpo físico, mas as suas narrativas me possibilitaram perceber que em todas as suas ações, este corpo infante, fez parte desse universo de sentidos. Ainda neste capítulo, trouxeram as memórias que envolvem a educação, a escolarização.

O segundo capítulo, intitulado: **“A pessoa quando vira moça é uma coisa tão esquisita” – as memórias da juventude**, abordo as significações dos corpos na juventude que passaram pela memória das afetividades ligadas as amizades, namoro e casamento, este último representado por suas falas como destino “natural” para as mulheres. O corpo e o evento da menstruação, como uma marca da juventude, um ritual de sentidos, interpretações e tabus. E o trabalho, também aparece em suas narrativas juvenis, essas mulheres trabalharam na infância e continuaram trabalhando na juventude.

O terceiro capítulo cujo título é, **“Não gosto de ser tratada como velha, porque tenho nome – as representações sobre o envelhecimento”**, propõe-se a discutir as subjetivações e identidades produzidas pelo processo de envelhecimento que passaram pelas representações da velhice/envelhecimento, do corpo, e a morte.

No tocante as significações dadas aos corpos e aos envelhecimentos, compreendê-los é um desafio, mas são indiscutivelmente fundamentais, é nesse sentido que acredito que as reflexões que se seguem neste trabalho são úteis e relevantes para todas(os) que em minha profissão lidam com estas questões.

CAPÍTULO I – “EU VIVO A VIDA CANTANDO, HI LILI, HI LILI, HI LO¹²” – AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

“Nada daquilo que está citando continuamente à infância é verdade, só o é aquilo que, reencontrando-a, conta-a.”
(HANDKE apud LARROSA, 2017, p. 152).

As telas não encerram ou determinam o que é visto, pensado e sentido pelos sujeitos concretos, elas são tessituras que conferem inteligibilidade e visibilidade para o momento de nossa existência. Há sempre algo as ultrapassando, reiterando novas e velhas possibilidades, isso acontece também no exato momento em que a reiteração é feita. É um movimento contínuo, fluído, que escapa a qualquer tentativa de enquadramento, mas que igualmente podem ser fronteiriças. Problematizando tudo que ouvi e senti, me arrisco a emoldurar o que posso compreender, me lanço ao desafio de rabiscar e trazer nesse momento do texto a inquietação que me moveu na trajetória desta pesquisa.

Refletindo a epígrafe que abre a seção deste capítulo, quando Larrosa (2017) se refere a construção e verdades sobre a infância, e esta só passa a sê-la a partir do momento do encontro, a partir do momento que o pensamento e a narrativa vão se movendo para este lugar, contando-a, ela passa a ter existência, dessa forma posso dizer que olhei atentamente para as mãos que foram pintando esse quadro da infância recordada, fui partícipe do momento da emolduração das histórias e sensibilidades narradas e tão cheias de afetos que certamente transformaram o meu olhar de pesquisadora.

Sensibilidades aqui entendida como multiplicidade de afetos, significados e sentidos que envolvem tanto o pesquisador, como interlocutores e que não se dissociam no momento da pesquisa, uma vez que, “as sensibilidades são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada. (...) é a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta

¹² O título faz parte da música *Hi, Lili, Hi, Lili, Hi Lo* de Roger Williams, cantada e interpretada por vários cantores. É uma música que as mulheres que fazem parte dessa pesquisa cantam no Coral, resgatadas por elas para fazer parte de seu repertório. Não é apenas uma música alegre, que traz lembranças alegres da infância, são experiências musicais que deixaram marcas, saudades, dores, afetos.

tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.” (PESAVENTO, 2003).

Trago neste momento as memórias da infância das mulheres do grupo “Experiência e Vida”, do município de Boa Vista, Paraíba, e como estas elaboraram as representações memoriais de seus corpos, estas se deram pela discussão da memória que envolve o trabalho, as brincadeiras e os brinquedos, o corpo e a educação.

A tela construída e emoldurada pelas narrativas dessas mulheres, traz o contraste que parte da velhice para a experiência dessas infâncias, em como a memória refletiu esses lugares.

Os subtemas dos capítulos não pretendem reforçar estereótipos, como exemplos, as memórias de brinquedos e brincadeiras na infância; corpo, sexualidade, casamento na juventude; adoecer e morrer na velhice. A construção dos capítulos e subtemas partem de um maior detalhamento temático das narrativas das mulheres interlocutoras da investigação aqui proposta, em que ora reforçam estereótipos, ora desconstroem.

Estar em campo, e conviver com essas mulheres por mais de sete anos, me leva quase a uma experiência etnográfica, mas a pesquisa me deslocou e foi capaz de evocar em mim novas possibilidades de olhá-las como um espelho refletido que pude (re) ver a mim mesma, me deslocando também para a minha infância, minha juventude e (re) conhecer o meu processo de envelhecimento.

1.1 – As memórias de trabalho nas Infâncias: brincadeiras à contrapelo?

Na infância, eu queria ser protegida da realidade¹³. Partindo da minha experiência, sem incorrer em generalizações, ser uma criança pobre, foi inquietante, um misto de acontecimentos em que você não sabe muito bem como se direcionar. Meu cotidiano me perturbava, minha rotina foi constantemente alterada e eu fui crescendo como se algo muito importante me faltasse, eu não sabia se era o tempo, a esperança, a inocência, ou até mesmo minha liberdade, essas foram representações da infância para mim.

¹³ No presente estudo me lanço ao desafio a pensar o trabalho a partir das experiências e significados diversos, mas aqui me refiro à realidade ligada ao trabalho como sendo difícil para uma criança pobre, que precisava trabalhar antes de adquirir maturidade para o trabalho laborativo. O trabalho como sendo prerrogativa dos adultos e que poderia ter sido postergado se as condições materiais e objetivas fossem diferentes. No entanto, isso não me impede de me colocar como sujeito, que a partir disso, pôde fazer reflexões diversas sobre a realidade, recriando-a a partir da linguagem.

De fato, acredito que não são as condições de classe que vão indicar que a criança será mais livre, ou mais feliz, ou até mesmo ter mais esperança. As infâncias podem ser felizes mesmo sem o acesso as condições materiais e o consumo, apenas trago a minha experiência porque as dores trazidas pelas interlocutoras desta pesquisa em alguns momentos se assemelharam as minhas, e dispararam a partir da minha memória de infância o que ela representa (ou) e significa (ou) para mim.

Eu lembro-me de adiar a dimensão do trabalho um pouco para frente, na adolescência, lembro-me de uma rotina de emprego e desemprego do meu pai, isso era constante. Nestas voltas entre estar empregado e desempregado, as mudanças eram muitas, e o barulho que isso tudo provocava em minha vida era ensurdecedor. Quantas vezes acordei no meio da noite para escrever cartinhas, como forma de externar o que doía, lembro que ao final sempre acabava com um pedido, “gostaria de ter minha casa, e nada mais eu vou pedir na vida”, era apenas isso que me bastava. As mudanças me incomodavam, era como se me movesse o tempo todo, sem rumo para o desconhecido, isso me assustava!

Num período de longo desemprego, eu planejava como poderia ajudar os meus pais a sair daquela condição, peguei alguns veda botijão¹⁴, produzidos artesanalmente pelo meu pai, e saí em direção a cidade de Esperança para vendê-los. Eu era criança ainda, não tinha “lábria de vendedora”, e o que apurei, só deu para pagar a passagem de volta para casa. Desisti de ajudar desta forma e comecei a escrever compulsivamente para todos os programas, juntar todas as embalagens promocionais para participar de sorteios diversos, mas meu maior objetivo, era que meus pais tivessem uma casa. Não deu certo! E eu ficava demasiadamente frustrada com tudo isso.

Por mais que haja inúmeros relatos de histórias de infância, há sempre algumas que não foram contadas, a minha foi possível, pelo privilégio que tive, quando adulta, de trazê-la para o espaço terapêutico, mas existem outras tantas, milhares de histórias que foram silenciadas, ou não escutadas. No intuito de que algumas memórias de infâncias sejam significadas vou partir da experiência de estar envelhecendo para relatar as representações das infâncias das mulheres, interlocutoras dessa pesquisa.

Aqui nesta seção, o passado é narrado a partir de memórias de mulheres que trabalharam quando crianças e que sofreram para aprender a trabalhar. Elas se entrelaçam à minha história, para me fazer refletir como a atividade na infância se

¹⁴ O veda botijão, são anéis de vedação para botijão emborrachados, produzidos artesanalmente para não permitir que o gás de cozinha escape, é colocado entre o botijão de gás e a válvula.

misturaram, produzindo significados e subjetivações à criança que trabalhou. Na certeza de que sempre haverá novas histórias para serem contadas, trato aqui de infâncias plurais, interseccionadas, dentre outras coisas, pelo trabalho, pela condição de classe, cor/raça, gênero.

Falar de infâncias plurais é entender que o próprio conceito de infância e experiências infantis oscila conforme as condições históricas. Não é um conceito dado, pronto, acabado, é sempre um por vir. Compreender o espaço, tempo histórico em que se vive, e as vozes, as teorias que circulam na sociedade, é capturar o que se diz sobre a infância, os significados, as imagens, que determinada cultura tem sobre esta; é também entender como estes conceitos foram estabelecidos, negociados, desestabilizados e reconstruídos.

O intuito aqui não é cartografar as infâncias, almeja-se modestamente interpretar os sentidos que foram dados historicamente e que possivelmente atravessaram a infância dessas mulheres.

Pensar na infância como construção social, é compreendê-la como representações no tempo: “do tempo de ser criança e das formas sociais que o tempo adquire, especialmente quando institucionalizado” Como nos coloca Freitas (2016, p. 10) ainda acrescentando que, “[...] são representações as idades e as fases e que estão em permanente estado de reconfiguração na constituição relacional das gerações”.

A história social da infância no Brasil, não é uma história linear que se passa de um momento “sem proteção” para outro “com proteção”, como temos hoje nas prerrogativas legais, mas trata-se de pontuar a diferença para cada criança, mais ainda, que a impregnação das desigualdades sociais as dividem existencialmente e se tornam aspectos relevantes para entender o seu cotidiano e os significados de suas infâncias. (Ibidem).

Marcadores como: classe, cor, gênero, localidade, dentre outros, são relevantes para a compreensão dessa infância, pois pode-se perceber um aspecto fundamental: os lugares onde a divisão se ancora. Captar as leis, as teorias formuladas, as políticas direcionadas a esse público, também dizem muito sobre o que a sociedade, em que esta criança está inserida pensa sobre ela. Uma leitura breve sobre o Estado Brasileiro, com exceção de alguns momentos da história, nos diz que este vai paulatinamente se retirando das responsabilidades para com a questões sociais, não sendo diferente com a questão social da criança no Brasil.

Às crianças pobres no Brasil estão associadas a ideia de instabilidade social, como pode-se observar a representação durante décadas pelo Código de Menores¹⁵. Outras imagens se associam, práticas discursivas e institucionais também são responsáveis por cristalizar ideias sobre a infância e o que é ser criança. As instituições no país ora intervinham de forma a higienizar essa criança, ora disciplinar, exemplo disso o papel da escola, que se mostrou uma instituição organicamente disciplinar. (FREITAS, 2016).

A perspectiva higienista, herança do século XIX, onde a higiene passa a ser uma questão social e também moral, transfere para a esfera privada suas intervenções e “cuidados”. Acreditava-se que os pobres, prostitutas, eram indivíduos que desequilibravam o ambiente, patologias sociais, que foram acompanhadas pela campanha higienista que objetivava modernizar a família brasileira, intervir no espaço público urbano, e moralizar à esfera mais íntima e privada. Os médicos higienistas também se insurgiram contra a educação informal e era a moral burguesa que ditava um novo ideal de intimidade doméstica, que tinha nas configurações da família nuclear sua base.

Foucault (2012), descreve em seu livro, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, que a escola foi uma das instituições que funcionaram como dispositivo de investimentos minuciosos e detalhados para a disciplina dos indivíduos e seus corpos, uma nova “microfísica” do poder se instaura, criando uma verdadeira atmosfera de “disciplina”, no processo de escolarização dos sujeitos. Detalha informando-nos:

Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. [...] têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para

¹⁵ O Código de Menores, Lei Nº.6.697/79 tinha como base doutrinária a punição para as crianças e adolescentes, da mesma forma que os adultos, e, a prevenção no formato da ordem social, onde o Estado era responsável por providenciar a assistência as crianças e adolescentes de forma a “reeducá-los” ou “recuperá-los”, para que estes não ameaçassem a ordem pública. A criança pobre era potencialmente perigosa e cabia ao Estado inculcar-lhe a obediência, para isso também funcionava o Código, para disciplinar e reprimir.

que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. [...] encontramos-los nos colégios muito cedo; mais tarde nas escolas primárias. (FOUCAULT, 2012, p. 133-134, grifo do autor).

Além das escolas transformar as crianças disciplinadas, Lajolo (2016) complementa apontando-nos a ideia de infância estritamente ligada à *ausência de fala* – e esta seria sempre definida de fora, talvez por isso algumas áreas do conhecimento que se ocuparam da infância e tiveram tanta influência no que pensamos sobre o que seja esta fase. A psicologia, a biologia, a psicanálise, a pedagogia, por exemplo, nos informaram diversas coisas, primeiramente que a criança seria um adulto em miniatura, depois como um ser essencialmente diferente do adulto, em seguida fazendo-nos acreditar que a criança é uma *tabula rasa*¹⁶, onde podemos inscrever nestas quaisquer coisas. Ou ainda, que a carga genética determina quem serão quando adultas, que as crianças do sexo feminino nascem com uma carência fundante do pênis, entre outras coisas que foram construídas e fizeram parte de nosso repertório de crenças. Mesmo sendo contraditórias, as diferentes áreas perduraram, talvez porque construíram para a infância de que falavam, uma representação adequada pelo conhecimento que foi formulado, ou também porque alimentava a comunidade onde se produziram e pela qual circulavam os saberes em causa. O Brasil de grande base cristã, onde a religião católica legitima (ou) os discursos, (re) produziu também a ideia de *anjos*, como representação das crianças. A literatura aponta várias questões, além da miséria, pobreza e abandono também denuncia a articulação destas com o trabalho infantil.

As palavras flutuantes se transformam numa tela que traz materialidade a partir de suas significações, o trabalho na infância emoldura as telas das mulheres entrevistadas. Eu, enquanto espectadora, olho para a tela com olhar de estrangeira, ora

¹⁶ “Tábula rasa” é a tradução para a expressão em latim *tabula rasa*, e tem o sentido de “folha de papel em branco”. Como metáfora, o conceito de tábula rasa foi utilizado por Aristóteles, para indicar uma condição em que a consciência é desprovida de qualquer conhecimento inato — tal como uma folha em branco, a ser preenchida. Na modernidade, o conceito foi aplicado ao intelecto, através da tese epistemológica que fundamenta o empirismo. Este argumento da tábula rasa foi usado pelo filósofo inglês John Locke, para ele, todas as pessoas nascem sem conhecimento algum, e todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido através da experiência.

com certo estranhamento, ora com mais familiaridade, mas sempre com olhar atento e curioso, tentei guardar o máximo de interpretação de forma autônoma, pensando nas infâncias diversas, nas representações, significados produzidos por essas crinaças que trabalharam.

Na concepção marxista, a dimensão do trabalho numa sociedade de classes organizada com fins no lucro, onde impera as leis da produção capitalista, a apropriação privada dos bens produzidos coletivamente, o trabalho para geração da mais valia, distingue claramente os indivíduos entre uma classe detentora dos meios de produção, com privilégios para sua descendência, e a outra classe, para a manutenção do *status quo* da anterior, onde os privilégios, se os queira alcançá-los que seja via trabalho. Será que o trabalho é mesmo um privilégio, ou uma invenção discursiva, cultural, histórica, em seguida, identificadora de realização pessoal e/ou coletiva?

Essa invenção é tão forte que as nossas falas começam a reforçar a importância do trabalho “para sair da condição de pobreza”, “para nos dignificar”, ou como disse uma das interlocutoras desta pesquisa “para a gente aprender a viver”. A condição de experimentar a vida, ou aprendendo a se manter vivo, é nesta concepção, através do trabalho, mesmo que alguns paradigmas vão se perdendo ao longo dos tempos, como em relação às mudanças nas formas e inserção no campo de trabalho.

A tela aqui traz memórias de uma época em que o trabalho era e ainda o é, a condição para a subsistência dos pobres, nas décadas que vão de 1930 a 1960, quando se passa a infância das nove participantes desse estudo. As memórias emanam uma temporalidade específica, que foge ao tempo cronológico, pois é um tempo significado pelas narrativas. Desse modo vou tentando reunir alguns fios que obtive nos meandros das memórias, dos relatos colhidos, conversas envaidecidas, recheadas de saudosismos, de alegrias, de esperança, de silenciamentos, de tristezas, de amor, acomodadas, e as vezes recusadas; narrar suas memórias, é uma atitude analítica, metodológica e também pedagógica que se entrelaça a outra criança, a minha criança, numa relação de alteridade. O trabalho para essas mulheres, era uma das principais, senão a principal, forma de relação. Para algumas famílias pobres, o brincar e as brincadeiras na infância, quando eram possíveis, estavam ligadas ao trabalho, a adultização das crianças através das atividades laborais.

Eva, oitenta e cinco anos, relata uma vida de muito trabalho, desde os sete anos de idade, uma infância de trabalho intenso no roçado, cerca de nove horas por dia:

Eu não tinha tempo pra brincar, porque começava de seis e meia da manhã e largava de cinco horas da tarde, do roçado, limpando mato, quando não tava apanhando feijão, era apanhando algodão, essa era a brincadeira da gente. (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A rotina começava as seis horas da manhã, quando a mãe acordava ela e seus irmãos, para tomar café e ir para o roçado. A receita preparada pela mãe era geralmente café com fubá de milho ou rapadura. As dez e meia, era hora de voltar, já que a casa ficava distante, almoçavam, colhiam arroz para a janta, e retornavam para o roçado. Ao entardecer voltavam para casa exaustos, para começar uma nova jornada no outro dia. Eva, fala de uma liberdade que não conhecia, o trabalho não tinha só ocupado um grande período na sua infância, como também a sua juventude até a vida adulta.

Relatos como o de Eva trazem histórias de pequenos trabalhadores, que ratificam o que Rizzini (2013), em seu texto *Pequenos trabalhadores do Brasil*, aponta: que as crianças pobres sempre trabalharam, e que o Brasil tem uma longa história de exploração da mão de obra infantil. A maioria delas, recorda suas inserções desde tenra idade no trabalho informal, no roçado, nas fazendas, no canavial, ou até dentro de suas próprias casas.

Rizzini (2013) ainda problematiza o porquê de as crianças trabalharem, e aí, alguns motivos são elencados, um deles encabeça a lista, que é a pobreza e a miséria, que faz com que as crianças ingressem precocemente no trabalho, sendo absorvidos pela exploração de sua mão de obra. Há ainda fatores como: demanda de trabalhadores ágeis, corpo obediente e pouco exigentes, mãos pequenas e eficientes, são considerados. Quando as famílias têm pequenas propriedades - para a sua manutenção, todos trabalham, inclusive as crianças, mas na maioria destes casos, a criança consegue conciliar os estudos com o trabalho; quando já adolescentes, alguns fatores individuais – ter seu próprio dinheiro, ser mais “livre”, ajudar no orçamento familiar – no entanto, a taxa de atividades de adolescentes reduz significativamente, quando suas famílias têm renda mensal maior que dois salários mínimos por pessoa.

A renda pode ser condição para retardar ou antecipar o ingresso da mão de obra infantil, e quanto mais pobres, mais se agudiza, intensifica a exploração, pois as crianças se submetem a trabalhos dos mais diversos para a manutenção de sua família, e consequentemente, a sua subsistência.

Na pesquisa que realizei, entretanto, o trabalho destas crianças não aparece nas falas com o significado primeiro de exploração de sua mão de obra, mesmo quando

relatam a exaustão, as dificuldades enfrentadas, ainda assim, o trabalho fazia parte do contexto de suas vidas. Aparece comumente a compreensão dada como “natural” de que na cultura campesina a dinâmica familiar é a de que todos trabalhem, é regra de sobrevivência para estas famílias. O trabalho não era (é) visto como algo negativo, tinha e ainda tem, conotação de aprendizagem, dignifica, é colaborativo, faz parte da subsistência das famílias em contextos rurais.

Os autores Moreira, Targino e Alberto (2003) vão colocar que o trabalho precoce compreende uma realidade bastante heterogênea, cuja motivação varia, desde a aprendizagem de uma profissão à obtenção de um ganho para contribuir com a renda ou alimentos para a subsistência da família. Em sociedades capitalistas subdesenvolvidas, como a nossa, estas atividades se distribuem onde a prática cotidiana é delimitada pela forma de organização no espaço, conseqüentemente pelas diferentes formas de subordinação do espaço às necessidades de acumulação do capital.

Ainda segundo esses autores, alguns aspectos são fundamentais nesta compreensão: o trabalho precoce funciona como uma estratégia de sobrevivência na medida em que os pais não conseguem garantir a manutenção da família, os baixos níveis de remuneração obrigam toda a família a trabalhar. A inserção no trabalho precoce também tem caráter discriminatório, pois ele não é comum a todas as classes sociais, quando muito, é parte inerente dos estratos da população de renda mais baixa, retirando também o acesso dos filhos dos mais pobres à educação formal. E ainda é importante considerar que o trabalho precoce serve como instrumento disciplinador, pois adentra a mão de obra desde a mais tenra idade, reforçando a ideia que a ocupação do tempo com o trabalho, previne o envolvimento com atividades infratoras, o trabalho é visto como formador e preventivo da marginalidade (MOREIRA; TARGINO; ALBERTO, 2003).

A incorporação precoce no trabalho é quantitativamente significativa entre as interlocutoras da pesquisa, oito das nove mulheres, trabalharam na infância, de uma forma ou de outra. Seja no espaço doméstico, ou em atividades como: artesanato, no canavial ou na roça, que atravessam o espaço da casa, umas com maior incidência de um trabalho intenso, outras em proporções menores, mas todas trabalharam, e continuaram trabalhando pelas diversas fases da sua vida.

Outro relato é bem relevante para se pensar no trabalho intenso na infância. Nina, setenta anos, mulher negra, pobre, que já em seu nascimento relata a dificuldade que sua família passava “aqui e acolá” em busca de trabalho, ela relata que em

decorrência disso, parte de sua história sequer é conhecida por ela, pois não chegou a conhecer a família de seu pai, e da mãe, só conheceu a avó e duas tias; Conta que o avô, que não chegou a conhecer, “era ambulante, cigano” e que essa trajetória dele também foi seguida pelos seus pais, em busca de trabalho, as mudanças, portanto, se davam em decorrência da empregabilidade, as famílias pobres seguiam em frente, se mudavam para outros lugares em busca de trabalho: “Pai trabalhava em fazenda, antigamente, os ricos, as fazendas num era como hoje não, era difícil, as fazendas! E trabalhador também, e quem soubesse trabalhar em fazenda”.

Realidade como a expressa pela narrativa de Nina, de mulher, negra, pobre e trabalhadora dos canaviais, também se encontra no texto, *De Colona a Boia-Fria*, de Maria Aparecida Moraes Silva (2004), quando trata da transição do regime de colonato nas últimas décadas do século XIX para o processo de modernização da agricultura na virada dos anos 50 para os anos 60, fazendo surgir no cenário do mercado de trabalho no campo, o volante, ou popularmente conhecido por boia-fria, impulsionados pela criação do plano governamental Proálcool, em 1975, que demandava muitas plantações de cana de açúcar para a transformação em álcool combustível. Nesse período houve um crescimento em torno de 30% da mão de obra feminina, no entanto, isso não significou equiparação salarial com os homens, além disso, as mulheres tinham dupla jornada de trabalho, pois estas, não deixaram de arcar com o trabalho doméstico. As mulheres negras sofriam tripla discriminação social: a que marca a condição feminina, a de trabalhadora e a de raça/etnia; vários relatos são apresentados que torna evidente o sentimento de desvalorização em relação as mulheres negras¹⁷.

As condições de trabalho volante apresentados por Nina, demonstram a dificuldade que permanece até os dias atuais – a busca por trabalho, na contemporaneidade, ainda é um dos grandes problemas a ser enfrentado. Dados recentes mostram que o desemprego girou em torno de 12,2 % em janeiro de 2018, e atingiu 12,7 milhões de pessoas no país¹⁸. É interessante colocar que por conta da continuada

¹⁷ O racismo em nosso país é estruturante nas relações sociais, e marcado por heranças multiculturais e étnicas que possui artimanhas e articulações que perpetuam desigualdades sociais, econômicas e culturais. (CASTRO, 2016). Desconsiderar os processos de racialização, portanto, é reducionista e não aponta a complexidade e emaranhado de discriminações que se imbricam nas relações. No caso de Nina, percebê-los, me instrumentaliza a tentar compreender as representações que ela faz de si e do seu corpo, não à toa que reforça as características já citadas: de silenciamento, comedimento por parte dela.

¹⁸ Pesquisa Pnad Contínua – IBGE, jan. 2018.

política de flexibilização, precarização, uberização¹⁹ das relações de trabalho, o trabalho informal vem crescendo em níveis recordes.

Além das inúmeras mudanças, em busca de trabalho, em contextos rurais, o trabalho fazia parte da vida das pessoas, de sua subsistência, “a generalização da atividade profissional das crianças e dos adolescentes fazia parte de uma estratégia forçada de sobrevivência do grupo familiar.” (Dourado; Dabat; Araújo, 2013, p. 416). Neste sentido, a luta pela sobrevivência era condição permanente nas famílias pobres, e, sem ter outra alternativa, era parte importante a participação das crianças e adolescentes para contribuir com a renda familiar, e conseqüentemente com a sua manutenção. Era também o trabalho para os pobres, o aprendizado apropriado para uma vida “correta”, honesta, como a fala de Nina vem a corroborar:

[...] a gente pequeninha, eu não sei nem da minha idade, que eu comecei a ser ninguém... O rapaz colocou oito anos, quando eu comecei a ir trabalhar, ele botou minha idade de oito anos... A gente era bem pequeninim. (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A narrativa de Nina fala de invisibilidade, pode representar que o trabalho apaga as condições de existência do indivíduo ou até que se trabalha muito e as condições materiais não passam da própria subsistência. A tela aqui não é estática, os relatos trazem movimento para a composição da identidade-tela da infância de Nina, de uma realidade onde o trabalho infantil substituiu, em alguns momentos, a brincadeira, ou onde essas brincadeiras se deram no local de trabalho, como exemplo, no canavial; o medo também compôs o seu universo infantil:

A gente se mandava, dentro de uma veredinha deste... Dessa largurinha, cortando as palha de cana... Você vê na hora que o povo falava de guaxinim, pia, menino como é, “Tem o guaxinim, a raposa, raposa doida pra pegar vocês.” Aí a gente andava assombrado dentro do partido de cana. (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

¹⁹ Segundo Virginia Fontes (2017) a empresa Uber, pedido de transporte por aplicativo, figura como exemplo, para formular a expressão das novas relações de trabalho que se estabelecem na contemporaneidade, pois mesmo os motoristas sendo proprietários dos meios diretos da produção (neste caso, o carro, a bicicleta, ou moto) sua atividade é subordinada diretamente ao capital, sem mediação de relação empregatícia. Colocando-se em curso um processo de subordinação direta – sem a mediação do emprego ou contrato – os trabalhadores se transformam em “empreendedores”, onde ele mesmo é a própria empresa. Ou seja, há um crescente e extrema concentração da propriedade capitalista – a dos recursos sociais de produção – contraposta a trabalhadores cada vez mais desprovidos de direitos. Esse processo vem sendo chamado por alguns autores como Uberização das relações de trabalho. (Grifos meus).

Talvez seja essa a razão que sua memória registrou: o medo associado a pouca idade, como também a falta de experiência com o trabalho braçal que era desenvolvido dentro dos canaviais. Nas usinas, o trabalho também envolvia as mulheres e as crianças, a narrativa de Nina pode expressar uma possível consciência da exploração do seu trabalho, mas também denota o aspecto positivo do trabalho para ser independente no futuro, para não roubar ou se envolver com coisas ilícitas, por isso a importância dada por ela ao trabalho desde pequena:

A gente era tão pequena que eu não lembro! a gente apanhava, pra saber, eu nunca neguei, pra aprender a trabaia, braçal... Eu nunca gostei. [...] Pra aprender a fazer direito! [...] mas eu gostei, eu digo “Mas minha mãe ensinou a gente viver!” pra não pegar no alheio, só era pra trabaia. Graças a Deus! Deus tenha ela em paz! (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

São muitas histórias de crianças que trabalharam/trabalham. O caso de Nina, se junta a outros tantos relatos nos canaviais, espaço de grande intensificação do trabalho. Na cultura canavieira, a utilização da mão de obra infantil foi uma realidade na região Nordeste. Estados como Pernambuco e Alagoas, regiões tradicionais da agroindústria sucroalcooleira, são exemplos de utilização da mão de obra de crianças e adolescentes. As motivações dos empregadores ao utilizarem crianças no corte de cana eram: facilidade de demissão, agilidade, baixo poder de contestação, se somaram as necessidades das famílias, além da falta absoluta de opção, pois os grandes proprietários detinham o monopólio das terras, realidade vivida até os dias atuais (DOURADO; DABAT; ARAÚJO, 2013).

Ainda de acordo com esses autores, o trabalho das crianças no canavial se dá em condições precárias e extremamente perigosas, como detalhado:

Observa-se que um dos trabalhos constantes dos jovens consiste na amarração de feixes de cana, tarefa complementar ao corte efetuado pelo pai ou responsável, quanto pela própria criança. Essa atividade permite a quantificação do trabalho realizado e, conseqüentemente, influi no total do pagamento. Com a mecanização do transporte da cana solta – cortada queimada – até o caminhão, os trabalhadores mais novos permaneceram no corte da cana e em tarefas de sementeira e adubação. Essas atividades aparentemente mais leves, são, no entanto, repletas de perigos, particularmente para organismos jovens, na medida em que comportam um contato direto com defensivos agrícolas (as sementes são embebidas de pesticidas) e outros agrotóxicos, sem mesmo os equipamentos de proteção elementares previstos pela legislação. Todos os canavieiros, grandes e pequenos, são familiarizados, inclusive por experiência própria, com os sintomas de envenenamento por estes produtos: os mais frequentes atingem

as vias respiratórias, a pele e os olhos. (DOURADO; DABAT; ARAÚJO, 2013, p. 410).

Interessante observar que o trabalho infantil nos canaviais é tão degenerativo, que no Brasil, juntamente com o trabalho em carvoarias, serviram de ponto de partida para a elaboração do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, no ano de 1996²⁰, se colocando, naquele momento como preocupação das políticas públicas. Mas o histórico nacional é de não dar a atenção devida ao trabalho infantil, camuflando uma questão tão grave que remonta a nossa colonização.

Assim como na trajetória de Nina, que ainda tem a visão de que o trabalho ajudou “a não pegar no alheio”, aqui a ideia de que o trabalho proporciona ao indivíduo condições materiais e de subsistência e ensinamentos para que não cometam desvios, furtos e roubos, o que pode significar a ideia tão propagada pela própria burguesia, de que o trabalho dignifica o homem. Rizzini (2013) coloca que, as famílias pobres não têm o distanciamento crítico suficiente para ver a atividade que as crianças desenvolvem é “trabalho”, veem como “bicos”, ajudas, que se incorporam a renda do grupo familiar. No campo o trabalho é regra, faz parte da cultura.

Outra característica é o trabalho com caráter disciplinador de crianças e adolescentes, a disciplina dada pelo trabalho, é comumente reforçada pela sociedade para as crianças pobres. O trabalho seria um mecanismo capaz de afastar as crianças da sedução das ruas, das drogas, etc, a “escola do trabalho” é percebida como a verdadeira “escola da vida”²¹ – a criança desde cedo vai aprendendo a ocupar o seu lugar onde lhe são reservadas as funções mais subalternas (RIZZINI, 2013).

Há casos ainda, em que a atividade doméstica de crianças e adolescentes não é considerada como trabalho, sob o caráter da disciplina, da dignidade, da “obrigação”, são na verdade, a opção para elas, em alguns casos. A “responsabilização” precoce se dá neste espaço muitas vezes de forma naturalizada, relativizando os agravos relacionados a saúde das crianças que trabalham.

Alguns autores apontam que as condições precárias de existência da população mais pobre - como falta de saneamento básico, alimentação deficiente – se associam ao desgaste do esforço do trabalho precoce, acentuando a ocorrência de doenças

²⁰ Informação retirada da Cartilha Peti, Perguntas e respostas: o Redesenho do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, 2014.

²¹ Grifos no original.

infeciosas (gastrointestinais e respiratórias), e gerando adultos com menor capacidade para o trabalho e maior participação na vida social, como cidadãos (IENO; NASCIMENTO; MEDEIROS, KULESZA, 2003).

A divisão de tarefas também se expressa na pesquisa pela divisão de atribuições de acordo com o gênero; é unânime entre as interlocutoras, de que as meninas trabalhavam dentro de casa com as mães, e os meninos, no roçado, com os pais, isso só quando a referência é o espaço doméstico. Exemplo disso se expressa na fala de Juana:

As tarefas eram qualquer uma que tinha necessidade, de varrer casa, de buscar uma lata d'água lá no barreiro e trazer pra casa, de cuidar do menino mais novo, de ajudar mamãe nas costuras, era ajudando a mamãe, mesmo! [...] Dos meninos era aquelas mais pesadas, vamos ver, precisa botar água, precisa botar lenha em casa... Entendeu? Precisa uma pessoa varrer, tá varrendo aí ia o menino juntar o lixo, botar numa carroça e botar fora! Entendeu? Dentro de casa, não! Faziam não, faziam não, fazia assim, botar lenha, botar água de fora, vinha do roçado ajudar papai e trazer assim, pra ajudar, sabe? (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Mas quando se estende a discussão para além desse espaço, percebe-se que algumas delas tinham uma dupla jornada, trabalhavam na roça, no canavial, mas também desenvolvia atividades dentro de casa, junto com a mãe. Pode-se notar também que as fronteiras de gênero são atravessadas; na zona rural, as filhas também desenvolviam atividades que eram consideradas de meninos, iam para o curral, tirar leite, tanger os bichos, “carregar água”, cuidar do roçado.

Considerar analiticamente os elementos trazidos por suas narrativas demonstram também uma educação de gênero transmitida e subjetivada no reforço a esses papéis; uma “essência feminina”, para o cuidado, endógeno ao espaço doméstico, já os meninos, fortes, acompanhariam os pais para o roçado, as fazendas. Na fala de Celina, há um reforço disso, ela era a filha caçula de três irmãos, encostado a ela seu irmão José²², apesar de, na dinâmica familiar, ele ser um dos filhos mais novos, as atividades no curral com o pai era ele que acompanhava, como relata a mesma: [José] “não ficava em casa, era ajudando papai, no curral, ia carregar...tirar leite mais papai. [...] Papai chamava, ele ia junto [...] Ele mandava José tanger os bichos, ele tangia”.

Duas delas descreveram que também desenvolviam atividades que eram destinadas aos meninos. Interessante observar é que havia um reforço aos papéis de gênero, embora as meninas pudessem transitar essas fronteiras, elas também faziam

²² Nome fictício.

coisas que eram destinadas aos meninos, quando houvesse necessidade. Nas falas, fica claro que, o contrário não acontecia, o papel construído para o masculino estava bem estabelecido, em nenhuma das falas foi relatado que quando houvesse a necessidade dos serviços domésticos como: varrer a casa, limpar os móveis, lavar os pratos, os meninos fizeram, mesmo que de forma velada ou não, eles estariam isentos de fazê-las, ora pelas irmãs, ou, na ausência delas, a mãe assumia o papel.

Um exemplo que ilustra a transposição dessas fronteiras de gênero é expressa pela fala de Lida, setenta e um anos, filha de agricultores, sua trajetória é marcada por essa ambiência em meio rural, residindo no campo até os dias atuais. A tela que é ao mesmo tempo, contorno, ruptura, fronteira entre o externo e interno, demarca, mas ao fazê-lo, evoca inúmeras conexões e novas relações; a tela-narrativa de Lida ao relatar a sua primeira memória da infância, me dá indícios desse atravessamento das fronteiras de gênero, quando ela sofreu uma queda que passou meses de cama, era exatamente no momento em que estava com seu pai, tirando terra da cacimba, atividades construídas como sendo “pesadas” para o sexo feminino; Além disso, relatou que “carregava água”, uma atividade comum na zona rural do nordeste brasileiro, cenas de mulheres com lata d’água na cabeça são comuns na nossa região:

Minha mãe sempre ia lavar roupa eu ia carregar água, ajudava ela em tudo por tudo na cozinha, fazia o cumê, quando ela saísse a gente tinha que fazer o cumê, era panela de barro, com fogão de lenha, aí eu pegava, a gente pegava cozinhava o cumê, olhava, tirava as brasas todinha pra não queimar o feijão, as comidas tudinho a gente fazia, todo tipo de comida a gente fazia, arrumava a casa, quando mãe chegasse, ia com a outra, a gente arrumava a casa e pronto... então, um dia foi...pai, meu pai foi tirar a terra da cacimba, eu tinha 10 anos, aí a jumenta me arrastou, só fiquei no cambão, quando ele ia subindo no rio, enrolou quatro cordas aqui no pescoço. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A atividade de carregar latas d’água é uma atividade comum no semiárido nordestino, devido aos grandes períodos de seca, principalmente pela não democratização da água, como aponta o estudo de Araújo (2018), em que narra a relação do corpo ligada à prática de carregar água na década de 1960, onde são narradas experiências da falta de água na cidade de Juazeirinho, no cariri paraibano.

As crises hídricas no semiárido nordestino evocam muitas memórias dos indivíduos que a partir da seca tiveram que sobreviver com pouca água. Histórias como: construção de cisternas no quintal das residências, lavar pratos em bacias, lavar as roupas em riachos e açudes, foram práticas culturais adotadas para a sobrevivência da

população. No entanto, e apesar da representação depreciativa da falta de água no nordeste brasileiro, geralmente evocada pela dor, fome, migração, lágrimas, a narrativa de Araújo (2018) apresenta uma outra marca: a da sensualidade. Conta que era comum ela ir até o açude da cidade, para pegar água, prática que simbolizava uma atividade essencialmente feminina; as latas d'água na cabeça, eram imagens comuns de mulheres que buscavam alternativas para a vivência no período das crises hídricas na região. Essa autora conta que fez da prática de carregar água, uma atividade que transgredia a educação moral da época, onde as meninas deveriam se resguardar para um futuro casamento e a sua honra confinada ao controle exercido dentro do espaço doméstico. Com isso, uma atividade de rotina – carregar água – era usada para burlar essas normas, quando ela fazia pequenos furos na lata que carregava e a água dentro da lata, ia aos poucos escorrendo no seu corpo, deixando as formas do seu corpo visíveis para os garotos que transitavam também por aquele espaço. Ainda segundo a autora:

Na educação de gênero, a mulher deveria carregar no corpo a honra da família. A honra era representada pela virgindade, a qual representava o valor da decência e do respeito, não só para ela, mas para o pai e toda a família. A sensualidade era considerada aquela que “atizava a honra”, ou seja, provocava a desonra. (ARAÚJO, 2018, p. 194, grifos da autora).

Na presente narrativa, deixar a água cair sobre o corpo representava as astúcias da sensualidade. A autora parte de uma escrita de si para informar-nos que carregar latas d'água não é necessariamente uma prática depreciativa, desestabilizando a norma que se impõe como prescrição para manter a ‘honra’ que se inscreve no corpo feminino.

Na situação apresentada por Lida, carregar água e acompanhar o pai para a limpeza da ‘cacimba’²³ também representou uma prática não rígida de distribuição de atividades em relação ao gênero, um rompimento de fronteiras, além do mais, os riscos eram compartilhados na dinâmica familiar vivida por Lida. A mulher que deveria ser protegida, segundo a perspectiva que essencializa os papéis de gênero, aqui, estremecia essa norma, quando narra que foi limpar e tirar a terra da “cacimba” junto com seu pai, para facilitar a passagem de água e foi arrastada pelo jumento, descreve a cena com detalhes:

²³ Cacimba é uma cova aberta em terreno úmido ou pantanoso, para recolher a água presente no solo que nela se acumula; buraco que se cava até atingir um lençol de água subterrâneo; poço, cisterna. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 04/03/2019.

[...] mas quando ele correu, que eu segurei, eu sinto que bateu no rio, na barreira, e voltou, enrolou no meu pescoço quatro voltas, meu pescoço era uma corda só, ferida, minhas costas, aqui na frente, toda ferida, uma ferida só, a minha boca botava de pinguinho em pinguinho, a conta gotas e colher de chá, eu fiquei toda ferida, na mesma hora foram buscar um rapaz, compraram uma injeção e deram em mim, tomei, mas eu fiquei estragada demais, muito, meu pai nem entrava no quarto chorando. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Os acidentes e agravos à saúde eram comuns acontecer no desenvolvimento das atividades realizadas pelas crianças, mas isso não significava o abandono destas elas continuavam trabalhando. A infância era governada pelos adultos, e era esse outro que definia tudo o que compete aos ensinamentos que deveriam ser repassados: os do trabalho, da convivência, da educação de gênero.

Tomando de empréstimo a compreensão foucaultiana sobre o governo da infância como um conjunto de ações pelas quais se conduzem as condutas de si mesmo e de outro(s), a educação que é conduzida pelos pais e trazida pelos relatos colhidos, funcionam como esse governo da criança, “[...] moldando-lhes a alma que é, ao mesmo tempo, efeito e instrumento de uma anatomopolítica dos e sobre os corpos infantis.” (Veiga-Neto, 2015, p. 55). Moldando estes corpos a uma (re)condução dessa educação que lhes foi dada e transmitida para as suas descendências. Isso fica explícito quando das significações que são elaboradas, e produzem sentidos na condução de homens e mulheres, já adultos.

Governar esta infância também passa por pensarmos nesta criança que trabalha, no poder que é exercido sobre ela, no poder disciplinar, que passa por uma educação das classes populares e reiterada pelos inúmeros discursos da “dignificação” pelo trabalho, reificando a condição de trabalhadores e invisibilizando a domesticidade destes corpos, as doenças laborativas, a ambiência em sua integralidade.

A experiência dessas mulheres é do trabalho como condição de existência, o trabalho teve vários significados em suas vidas, não só significados negativos, muito mais como sinônimo de aprendizado, de experiência, de serventia, de agência²⁴. Nesta experiência de estar envelhecendo, entre a criança e a velhice, nessa linha tênue que as separa, e ao mesmo tempo aproxima, me valho de um trecho da *Varanda de*

²⁴ O conceito de Agência em Certeau (1990) refuta a suposição de que as pessoas comuns são espectadores passivos, guiados pela força disciplinar das regras estabelecidas, ele vai colocar que existem sempre formas de apropriações e ressignificações, imprevisíveis, incontroláveis, modificadoras de pretensões previstas na ordem, no planejamento, na idealização das coisas. Aqui tomo o conceito definido por Certeau para exemplificar que as mulheres ressignificaram os aspectos negativos do trabalho, ressignificando-o e acomodando-o de forma positiva em suas vidas, que teve significados de aprendizado, de experiência, não tomaram o trabalho como exploração.

Frangipani, de Mia Couto, quando penso nas histórias trazidas por estas mulheres que trabalharam na infância:

Sou um menino que envelheceu logo à nascença. Dizem que, por isso, me é proibido contar minha própria história. Quando terminar o relato, eu estarei morto. Ou quem sabe, não? Será mesmo verdadeira esta condenação? Meu tio materno, Taúlo Guiraze, me disse: - as demais pessoas contam a história de suas vidas de maneira muito ligeira. Uma criança-velha não. Enquanto os outros envelhecem as palavras, no meu caso quem envelhece sou eu próprio. E me aconselhou: - Meu filho, eu lhe conheço uma saída. Caso se um dia você decidisse ser contadeiro...Ele ouvira falar de uma criança-velha nascida em outro tempo, outro lugar. Essa criança se divertia contando a sua história, vendo como os outros se angustiavam na ansiedade de o ver morrer. Findas as muitas histórias, porém, ele permanecia vivo. (COUTO, 1996, p. 12-13).

Nessas memórias violadas e histórias contadas, de uma infância que trabalhou, me vem imediatamente a necessidade de querer inferir se o trabalho para essas mulheres substituiu as brincadeiras, se foi tirado delas o direito de brincar. Talvez eu precise me colocar também para pensar o conselho do Taúlo Guiraze, do conto acima, pois o trabalho na infância pode significar tantas coisas, tantas possibilidades, talvez realmente eu tenha que descrever esses relatos que também muito me construíram como mulher, e me deslocaram para a minha infância e também para as minhas memórias de trabalho infantil.

Para essas mulheres, talvez seja uma troca de afetos, ou qualquer outra coisa... só sei que o conselho de Taúlo Guiraze faz todo sentido aqui. Essas mulheres estariam narrando as memórias de trabalho na infância, não de forma negativa, depreciativa, mesmo que algumas vezes, lembranças de dor também fazem parte das narrativas, mas é importante considerar que outras significações foram possíveis, elas também se divertiam, se o é assim, permanecem vivas, vibrantes.

Lembro-me quando saí da casa de Juana, depois de desligar o gravador, ela me disse algo que jamais vou esquecer. Na despedida, no acesso que daria para a saída pela porteira, ela olhou para mim e disse que tinha sido maravilhosa aquela tarde, porque diferente dos nossos outros encontros, eu a ouvi, e tinha interesse em ouvi-la, terminou dizendo que ouvir é um ato de amor, que se sentia muito agradecida por aquilo, meus olhos encheram de lágrimas, me despedi e segui, para emoldurar em algum tempo depois essa tela-escrita, que permanece vibrante cada vez que um espectador resolve olhá-la, escutá-la, lê-la, assim como eu.

1.2 - “Eu me queixo de não saber ler já por isso²⁵” – fatos sobre a escolarização interrompida

As telas que representam o momento da escolarização estão de alguma forma enquadradas na nossa memória. Ir para a escola, estar ou não em sala de aula tem significados diferentes para os indivíduos, a escola também produz sentidos diferenciados em determinados tempos históricos e em distintos repertórios culturais. Uma outra representação que atravessa os corpos dessas mulheres se apresentou na pesquisa pela ausência das práticas de leitura e/ou educação escolar interrompida; então parto da discussão desse aspecto relacional dos processos de escolarização para pensar as subjetivações que foram sendo produzidas por elas.

Considerar o aspecto relacional é buscar compreender o quanto esse espaço se pautou num modelo de homogeneização tanto das práticas escolares, como dos indivíduos lá inseridos. Essa naturalização pode ser vista, por exemplo, quando ir para a escola, é colocada como etapa obrigatória da trajetória do indivíduo, ou, quando o tempo, espaço, e aprendizagens são tomadas de forma única, linear. De acordo com Guacira Lopes Louro (1997), essa naturalidade fortemente construída nos tem impedido de ver, por exemplo, o quanto as divisões de gênero e de sexualidade, atravessam essas práticas. A escola ocidental moderna, como espaço privilegiado para essas clivagens, naturalizou e dividiu também, os adultos, as crianças e os jovens, os ricos e os pobres, os “normais” e os “anormais, desviantes, dissidentes”, meninos e meninas:

Ao longo da história, as diferentes comunidades (e no interior delas, os diferentes grupos sociais) construíram modos também diversos de conceber e lidar com o tempo e o espaço: valorizaram de diferentes formas o tempo do trabalho e o tempo do ócio; o espaço da casa ou o da rua; delimitaram os lugares permitidos e os proibidos (e determinaram os sujeitos que podiam ou não transitar por eles) decidiram qual o tempo que importava (o da vida ou o depois dela); apontaram as formas adequadas para cada pessoa ocupar (ou gastar) o tempo... Através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas; tornam-se quase “naturais” (ainda que sejam “fatos culturais”). A escola é parte importante desse processo. (LOURO, 1997, p. 59-60).

Pode-se dizer que a escola é um espaço que se tornou referência como o local para o aprendizado, o tempo demarcado para isso, os indivíduos que estão nesse espaço obedecem a regras que vão estar lhe direcionando para o que “é importante aprender”, e

²⁵ Trecho da fala de Nina.

com este foco, o saber escolar passa a ser o saber privilegiado em detrimento dos outros aprendizados. Mas isso também tem uma ocorrência histórica, não aconteceu de forma aleatória, coincide também quando a infância é inventada, e a criança, diferente do adulto, deve ser protegida, resguardada e necessita ser orientada. Foi com o advento da Modernidade que a infância e a escola tiveram um encontro perfeito.

A noção de infância foi se afirmando em meados do século XVIII, da Modernidade, pelo o qual, o conhecimento científico passou a prescrevê-la, normatizá-la, fortalecida por várias instituições, inclusive a escola, prescrevendo a filosofia de que a criança precisava e deveria ser escolarizada, baseada em princípios científicos e disciplinares. Essa infância foi calculada pelos dispositivos e tecnologias que emergiram na Modernidade de modo a conformar e montar o comportamento das crianças estrategicamente por uma parafernália disciplinar, valendo-se de táticas e mecanismos pelas quais as regras se instalaram, exemplo disso foram: o uso de uniformes, a prática de subjetivação de rotinas, a transmissão de conteúdo como forma de aprendizado, o ensino de matérias, a distribuição do tempo e do espaço, a operacionalização da racionalidade moderna à subjetividade infantil (RESENDE, 2015).

Em sentido amplo esse poder disciplinar realizado pelas instituições na Modernidade, vem a ser o modelo ideal de controle e dominação dos indivíduos. A escola, enquanto instituição passa a governar a infância, e assim a criança desde a mais tenra idade é colocada num processo planejado, calculado de assujeitamento; nessa perspectiva ela é modulada, treinada a reproduzir a vigilância aos outros com quem convive para que se torne dócil, obediente. Esse assujeitamento terá escopo ampliado, pois governando a infância, governa-se a sociedade de forma geral. A instituição escolar exerce esse poder sobre os indivíduos, pois é nele que se aplica as suas intervenções, a partir, dentre outras coisas, de regras, disciplinas, inclusive sua arquitetura, e no nível ampliado da população em que o poder exercerá essa governamentalidade. Abraço a ideia de governamentalidade proposta por Foucault (2008), quando coloca:

Por esta palavra “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de

governo e, por outro lado, o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008, p. 143-144).

A escola como aparelho específico de governo transforma a criança em aluno, a educação escolar a partir das disciplinas “[...] marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização.” (Foucault, 2012, p. 184). Fazendo com que, nesse sistema de disciplina, a criança se torne mais individualizada que o adulto. Ainda com Foucault (2012) concordo com a premissa de que o indivíduo é a menor unidade fictícia de uma representação “ideológica” da sociedade, mas é também uma realidade fabricada por essa disciplina, e que, esse poder não só “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, mas também produz realidade e rituais de verdade, no entanto, o indivíduo e o que podemos conhecer dele se originam nessa produção; por mais que a escola empreenda todo um investimento de disciplinamento sobre a criança, exercendo práticas sobre a infância, esta ainda escapa, suas significações podem ser diversas, assim como as suas formas de inserção neste espaço, seus atravessamentos, suas interrupções e desistências, isso sempre escapará a toda e qualquer instituição que se propõe homogeneizar os indivíduos, hierarquizar as relações e naturalizar as vivências.

Como as significações da infância e o acesso à escola vem sendo tomados, desde a Modernidade, de uma forma naturalizada, cabe-nos perguntar onde estão essas outras infâncias constituídas que vão escapando do modelo disciplinar da escola? Será que a escola foi mesmo uma prioridade na vida de todas as crianças? E se passaram pela escola, quais eram os significados para elas? Os atrativos que faziam essas crianças permanecerem neste espaço? E de que outras formas, essas outras crianças foram governadas?

Diante de tantas questões e sem querer esgotar as respostas, que não é a pretensão deste ponto, mas o de apresentar as infâncias constituídas a partir da presente pesquisa, cabe informar que das nove mulheres pesquisadas, oito delas, tiveram a escolarização interrompida, por motivos diferentes ou até semelhantes, como no caso de Nina e Eva, que não deram continuidade aos estudos e abandonaram a escola para trabalhar, o que nos faz supor que o trabalho exerceu esse poder disciplinar em substituição à escola.

Eva relata que andava cerca três quilômetros para chegar à escola, que a necessidade de trabalhar e as dificuldades para permanecer neste espaço foram responsáveis para que ela abandonasse a escola. Nina coloca que além das mudanças em

busca de trabalho, o que dificultava estar matriculada numa escola, onde pudesse dar continuidade aos seus estudos, fala da dificuldade de acesso à escola, as condições socioeconômicas é um dos fatores que levam à evasão escolar, uma realidade para muitas famílias pobres e que vivem na zona rural de nosso país:

Eu me queixo de não saber ler já por isso. Do povo viver saindo de um canto pra outro e... E num era fácil escola não...Na minha época pra estudar mesmo, completo, fardado, era filho de rico! Filho de rico (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Esse recorte aponta-nos outra coisa bastante relevante, a referência escolar era para as camadas mais abastadas, ela estava circunscrita ao universo que marginalizava e disciplinava as camadas populares e as experiências escolares na zona rural, o modelo homogeneizador dessa instituição hierarquizava desde cedo os indivíduos. No caso de Nina, a prioridade era o trabalho, porque a escola representava também um local de privilégios que estava disponível apenas para uma pequena minoria da sociedade, os mais ricos.

A escola é um local bem interessante para observamos determinadas situações. Escrevendo esse texto, me perguntei em que momento da minha fase de escolarização, senti essa forma naturalizada, homogeneizada e hierarquizada da escola, e posso dizer que em vários momentos, foram tantos, que a escrita não daria conta, mas posso afirmar que apesar de todo um controle, disciplina - em muitas situações você está ali sozinha com suas inquietações - é um espaço importante de socialização, mas também um lugar de muita solidão e tristeza. Em *Vigiar e Punir*, Foucault ainda nos descreve o objetivo dessa escola disciplinar, como também seu estabelecimento na história:

Pouco a pouco – mas principalmente depois de 1762 o espaço escolar se desdobra; a classe se torna homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E, nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo a sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição dos valores ou dos méritos. Movimento

perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia de tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT, 2012, p. 141-142).

Essa máquina de ensinar e o poder disciplinar exercido sobre as crianças é expresso nas diversas atividades: “A gente marchava, na escola a gente marchava, num sabe, cantando o hino... A gente marchava como daqui no mercadinho, era mais longe, era bom demais!”. A fala de Alzira expressa esse poder disciplinar sendo exercido através da marcha, da obrigatoriedade em cantar o hino nacional. Ela, nascida no ano de 1925, numa família pobre com mais treze irmãos, também relata uma trajetória de muitas mudanças desde o seu nascimento, eram tantas, que bem pequenininha a carregavam dentro de caçuás²⁶. Alzira, também retrata uma escolarização interrompida pelas condições socioeconômicas.

Apesar desse modelo escolar ter sido amplamente difundido e até hoje validado, o formato das escolas na zona rural, fugia um pouco das arquiteturas de controle descritas por Foucault, pois a maioria das escolas eram em residências, geralmente as aulas se davam nas casas das professoras, e fugiam um pouco da arquitetura panóptica descrita por Foucault, o que não quer dizer que ali também não havia um certo tipo de controle e exercício de poder, exemplos disso podem ser descritos pelos tamboretos que ficavam enfileirados, e, caroços de milho eram colocados num canto para as crianças ficarem de castigo ajoelhadas sobre o milho.

No entanto, as escolas nas casas mantêm um laço de afetividade muito grande entre professores e alunos, seja porque a escola é uma extensão da casa, ou por pertencer a mesma comunidade, ou comunidades próximas, desestabilizando um pouco a hierarquia cerrada, distante, nessa relação professor/aluno.

Ainda assim, as dificuldades enfrentadas eram de outra ordem, giravam em torno de alguns aspectos que tem muita relevância para se pensar a aprendizagem e os formatos que se deram de escolarização e as outras formas de governo dessa infância. A

²⁶ Os caçuás eram cestos grandes feito de bambu, cipó ou vime usados no transporte de alimentos ou animais pequenos, colocados no lombo de animal de carga. Na cultura nordestina o jumento é geralmente o animal que faz esse tipo de transporte, e são usados como a principal forma de deslocamento em áreas rurais e, também como aliado nas atividades domésticas e econômicas das famílias.

tela narrativa de Alzira, no presente, se misturam, passado e presente se imbricam para criar a realidade, atravessada pelo processo de acometimento do Alzheimer²⁷, como ela tem muita dificuldade de lembrar fatos recentes, a amorosidade e o humor não faltam na tela-narrativa, construindo em mim uma outra forma de escuta. Nestas telas, por mais que quiséssemos não conseguíamos captar as subjetividades de quem as produziu, mas elas estão ali para que múltiplas interpretações possam ser (re)criadas.

O Alzheimer coloca o indivíduo na condição de reminescente, o passado é um antigo companheiro e de forma progressiva a memória vai se apagando, e antes que suas funções mentais se esvaíssem, por completo, eu também precisaria emoldurar sua tela. Os detalhes enriquecem sua tela-narrativa sobre seu processo de escolarização, que também foi suspenso, fala das dificuldades enfrentadas por ela e por outras crianças, demonstrando os tantos obstáculos de se manter na escola em contextos rurais:

[...] eu ia estudar, meu irmão... quando a gente chega lá na Praça no Meio do Mundo, vê umas casa branca lá no fim do mundo, minha fia, primeiro começamos estudando no sítio, a professora adoeceu, depois ela botou a escola na casa dela, na Farinha [localidade] A gente ia... Depois a professora passou-se pra casa de Abelardo Coutinho, é uma fazenda que tem na Praça do Meio do Mundo, fica desse lado, mas tem lá em diante, num sabe fia? Depois passemos pra Cabeça do boi [fazenda], essa que é longe, minha fia, perto do Corta dedo [fazenda], minha fia isso era tanta mocinha, tanto rapaizinho, vinha gente da rodoviária daqueles mundo, num sabe, tudo de pés, minha fia, quase tudin de chapéu de palha, as fitas encarnada, amarrada debaixo do queixo, pra num levar tanto sol, num sabe? (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Os sonhos também quebram as telas, rompe as fronteiras delas mesmas. Andar a pé para chegar até a escola foi comum para a vivência dessas mulheres, mas o sonho de poder seguir adiante com os estudos se muda juntamente com as escolas. Nesse período, as políticas públicas no Brasil ainda não se preocupavam com esse segmento da sociedade, é só após a Constituição Federal de 1988, que alguns indivíduos, antes invisibilizados, passam a existir nas prerrogativas legais, mesmo que de forma muito tímida; exemplo disso estão as mulheres, os indígenas, os ribeirinhos, e indivíduos em contextos rurais. Até a promulgação da Constituição, a escolarização existente nessas regiões era, como foi bem descrita por Nina, privilégio de poucos. Ler e escrever era a

²⁷ A Doença de Alzheimer (DA) é um distúrbio progressivo da memória e outras funções cognitivas, tornando-se foco de atenção e estudo tendo em vista o aumento de sua prevalência na população mundial. Esta patologia caracteriza-se pelo achado anátomo-patológico do acúmulo de placas senis e dos emaranhados neurofibrilares no tecido cerebral. [...] A DA é a principal manifestação das demências nos idosos. (MARTELLI, 2013, p.49).

meta prescrita para os pobres, mas nem todos tinham a escola como prioridade, e isso certamente foi produzindo significados diferenciados para cada uma delas e delineando trajetórias diversas.

Na época em que nasceram essas mulheres, o transporte escolar ainda não constava como obrigação do poder público, como já foi citado, foi realmente só a partir da Constituição Federal de 1988, que a educação foi elevada à categoria de pilar para o desenvolvimento da sociedade brasileira, constando em seus princípios, da promoção de ações que assegurem a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Como mostra no artigo 208 da CF, a obrigação do Estado no que tange ao oferecimento do ensino público, e atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988).

Em termos mais concretos, as políticas públicas voltadas à educação no país e empreendidas pelos governos após a Constituição de 1988, tiveram a partir de 2003 um redirecionamento para atender um número maior de indivíduos vulnerabilizados. No relatório da ONU, para a Educação, Ciência e a Cultura (2011), consta que, entre as quatro principais metas estabelecidas pela UNESCO, o Brasil teve um bom desempenho na alfabetização, no acesso ao ensino fundamental e na igualdade de gênero.

No entanto, no período temporal em que essas mulheres viveram, muitas pessoas que ainda vivem em contextos rurais relatam a dificuldade de transporte para chegar até a escola. Em alguns casos tinha a escola das ‘primeiras letras’, como era chamada a escola para alfabetizar e desenvolver as operações básicas; essa escola geralmente era na comunidade rural que o indivíduo morava, em comunidades vizinhas, ou em regiões que aglomerava várias comunidades rurais. Depois dessa fase, as escolas geralmente ficavam localizadas nas zonas urbanas, ou em municípios maiores, o que dificultava a permanência dos estudantes da zona rural nas escolas. A narrativa de Lida reitera os obstáculos enfrentados em seu processo de escolarização:

Eu estudei, de lá ia para aula, quando a gente estudava, ia mais, quase uma légua, a gente estudava, ia para aula, quando chegava lá, que voltava minha filha, a gente tudo com fome, um bocado de gado no caminho a gente subia no pé de umbuzeiro, quando os gados saísse, chegava em casa uma hora da tarde porque não tinha condições da gente passar. [...] eu e meus irmãos tudinho, um bocado de gente, foi...aí ia longe que só, o caminho ruim, que não tinha, de primeiro não tinha carro, nem ônibus não...agora tem, uma benção de Deus para o povo né? Não estuda quem não quer... (pausa) Aí depois eu...terminei o, não terminei nem o primeiro grau. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Outras questões fizeram essas mulheres interromperem sua trajetória escolar. No texto, *A construção escolar das diferenças*, Louro (1997) chama atenção para as identidades “escolarizadas”, que a escola disciplinar vai cumprindo, sendo uma de suas funções que é de “colocar cada qual no seu lugar”, gestos, movimentos, posturas, vão penetrando nos sujeitos, tornando parte de seus corpos, embora coloque que as divisões de classe, raça, etnia e gênero estão na construção desses lugares, os sujeitos não são reprodutores passivos, estes ativamente se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, negam ou assumem inteiramente. Dessa forma o discurso escolar vai imprimindo sua marca distintiva nos sujeitos, através de múltiplos e sutis mecanismos, escolarizam-se e diferenciam-se os corpos e as mentes.

Aqueles que não se adequaram às infâncias governadas pela escola, são representadas por diversos dispositivos, como diferentes, anormais, pois a educação escolar deveria corrigir e ajustar os indivíduos, caso não se enquadrassem a culpa não era da formação escolar, mas sim dos sujeitos considerados anormais, para a Psiquiatria eram comportamentos estranhos, esquisitos. Esse era um campo do saber que legitimava aqueles que desviassem a norma, a escola também era responsável por designar os desviantes, dentre estas, outras instituições também se encarregavam de governar as pessoas.

Duas dessas mulheres disseram não a escola, ou foram deixadas para trás pela instituição escolar: Celina e Olga. Celina, cinquenta e três anos, relata que sempre achou que tinha problema de aprendizagem, porque nunca conseguiu aprender e isso a desestimulou fazendo com que abandonasse a escola. Como já foi descrito na introdução, Celina retomou os estudos já adulta, fazendo o EJA, mas disse que não concluiu porque, segundo ela, a cabecinha dela “não dá pra essas coisas não” (sic), o que ela gosta mesmo é das atividades do grupo do CRAS, educação física, dança e ainda faz zumba num grupo ao ar livre da cidade.

Olga, hoje com setenta e quatro anos, usa um aparelho auditivo, ela relata que desde criança, mais precisamente desde os seis meses de idade, tinha “adoecimento no ouvido”, e esse foi o motivo de abandono da escola.

A tela-narrativa de Olga, foi bem pequena, mas foi cheia de comoção mútua, por não querer me estender em alguns assuntos, eu a interrompia para não trazer à tona situações tão desconfortáveis, porque, por diversas vezes, o choro, a dor que ainda sentia ao narrar algumas situações vinha à tona. Me perguntava, como acolher aquele

choro? De que forma a nossa conversa poderia ser menos dolorosa para ela? Mas nada pude fazer...com o tempo percebi que algumas feridas estão com um tampão provisório, a qualquer momento podem romper-se, e que não podemos fazer muita coisa, apenas seguir. E foi assim que Olga tratou suas feridas, seguindo...isso foi tudo que ela pôde fazer.

Na infância a dor de ouvido a acompanhou. Durante toda a sua vida, seis cirurgias foram feitas, e hoje, com ajuda do aparelho, ela pode usar um dos sentidos que mais tem sido deixado de lado pelas atuais gerações. Temos hoje o ouvido que filtra, ouvimos apenas o que nos interessa, mas ele também exclui, porque não nos importamos em dedicar ao outro aquele ouvido que ouve com atenção, que acolhe, que sente.

Na idade em que essas mulheres se encontram, muitas delas se queixam de não serem ouvidas, falam que as pessoas não têm mais interesse em suas histórias, eu tive que reaprender a ouvi-las de uma forma diferente do nosso contato de mais de sete anos. Eu estava sempre ali, as ouvia, mas nunca sentia suas histórias, na pressa dos dias, o que eu ouvia nunca ecoava, vibrava, os sons de suas histórias me (re)visitou enquanto mulher, criança, jovem, e enquanto um indivíduo que está envelhecendo e que deixou para trás muitas perguntas a serem feitas, quando pensei que a minha pesquisa estava me fazendo conhecer mais essas mulheres, contraditoriamente, eu estava conhecendo mais a mim mesma. A tela refletia nesse momento como um espelho.

Passando de uma tela para outra, olhando o exterior percebo uma propagação e crença na meritocracia²⁸ para alcançar o sucesso no trabalho e ascensão nos estudos na contemporaneidade; Nas narrativas que compõem as experiências descritas até aqui, apenas uma dessas mulheres conseguiu chegar à universidade.

Simone, sessenta e três anos, filha de caminhoneiro e de dona de casa, relata que foi criada como um “bibelôzinho” (sic), onde a sua única obrigação era de estudar, que na sua criação nunca lhe faltou nada. Concluiu o curso de Pedagogia, mas o artesanato sempre foi sua paixão, aos doze anos conheceu o centro de artesanato na cidade, onde lá era possível bordar, costurar, pintar, gostou tanto daquilo que via, que resolveu se dedicar, e, mesmo se dedicando aos estudos se tornou referência nos trabalhos de artesanato que faz até hoje.

²⁸ Meritocracia, essa palavra tão utilizada nos dias atuais, reatualiza um modelo de hierarquização e premiação baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo. É uma definição que fetichiza as desigualdades sociais, econômicas, educacionais, dentre outras, propagando a ideia de que “se todos querem, todos alcançam, basta se esforçar”.

Anos mais tarde, após a sua formação, voltou ao espaço escolar, agora na condição de professora, pôde realizar neste momento, o que, segundo ela, não viveu quando criança:

[...] na sala de aula eu vivi muito a minha infância que eu não tive, de me sentar no chão com meus alunos, de... de brincar de roda com eles, coisa que eu tinha vergonha ... de ir pro meio de uma roda... E na escola eu tive uma infância com meus alunos, que eu não tive, sabe? Assim, de cantar, de dançar com eles... de contar historinha. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A volta para a sala de aula proporcionou a Simone, uma educação intergeracional, trouxe para ela, a sensação criadora das obras em tela, a criação do universo e entrada nele a partir dos seus sentidos; ali, naquele momento, ela brincou, cantou, dançou, participou do universo das histórias infantis e (re) viveu a criança desejosa de sentar no chão, de brincar de roda, de deixar a timidez de lado e se encorajar para dar um novo sentido a tela-infantil.

A educação escolar fez sentido, ecoou para Simone muito tempo depois de voltar a esse espaço, talvez seja algo que a educação escolarizada ainda precise se aproximar, com esses outros saberes da experiência que agrega, que nos solidariza e que nos transforma, algo parecido com o sujeito da experiência proposta por Larrosa (2017), que é aquele:

[...] sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. 'Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo', pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2017, p.28).

1.3 - Brincadeiras e brinquedos: memórias de um corpo em movimento entre cadeira de pedras, bonecas de sabugo e carrinhos de osso.

Os brinquedos e as brincadeiras também foram representações trazidas pela tela-narrativa. O brincar, a brincadeira e os brinquedos, tem seus significados nas diversas culturas, mesmo que reduzidas pelos fatores socioculturais, através das brincadeiras as crianças ensaiam, significam a partir do lúdico, a sua existência, mas não é só isso, estas se inserem ativamente e significam a própria cultura:

Em alguns contextos ou momentos uma atividade pode ser considerada brincadeira, e deixar de sê-lo em outros, o que depende da relação que se estabelece com a situação, do significado que assume para quem brinca. Vygotsky (1998), [...] partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito; rompendo com a visão tradicional de que ela é atividade natural de satisfação de instintos infantis, o autor apresenta o brincar como uma atividade em que, tanto os significados social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos podem ali emergir. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p.171).

Altman (2013) em seu texto, *Brincando na História*, traça um panorama dos brinquedos e das brincadeiras no Brasil, a partir do nosso ‘descobrimento’, nos informando que a criança desde que nasce desperta para o mundo que a cerca. A partir da atividade do brincar, o seio materno, a mão e a face que o embalam, depois vai descobrindo as próprias mãos, pés, nariz e todos os sentidos lhe comunicam o mundo à sua volta. Por meio dos jogos, por exemplo, a criança estabelece vínculos, ganha, perde, acata e discute regras, aprende a apoiar o mais fraco, ou a não preterir-lo, consagra o vitorioso, mas também o que inspira ou lhe causa inveja, torna-se confiante, seguro, ou ao contrário, temerário. Se aborrece, participa, é eliminado, enfim, são situações vividas que se assemelham a vida adulta.

Na referida obra, Altman (2013) coloca que os indígenas, vivendo na natureza, atravessaram rios mais rasos, cruzaram as matas, domesticaram pássaros, no intercâmbio de culturas, as tradições vão sendo transmitidas, modificadas, perpetuadas ou extintas. Com o processo de miscigenação, os índios, e em seguida os negros, serviram para os meninos brancos de amigos, cavalo de montaria, de carro de cavalo em que um barbante serve de rédea e um galho de goiabeira, de chicote, eram chamados de “mané-gostosos”, “leva-pancadas” (grifos da autora), o que remete muito ao nosso processo de escravização. A partir do século XIX, com a vinda de muitos imigrantes para o Brasil, muitas brincadeiras, principalmente as cantigas de roda, as adivinhas, se incorporaram ao brincar das crianças brasileiras. Após esse século, com a instalação de

pequenas indústrias no país, o objeto-brinquedo-mercadoria passa a fazer parte do universo infantil.

Chegamos aos dias atuais onde esse objeto-brinquedo-mercadoria, já sinalizado pela autora desde o fim do século XIX, se aprofunda e torna as crianças parte da engrenagem do consumo, despertam-nas para o sentimento de posse, se desvinculando aos poucos da construção de brinquedos, de tornar os objetos outras coisas que não são, como parte da brincadeira, o mundo virtual passa a ser a própria realidade da criança, aos poucos as telas da TV, dos tablets, dos computadores, celulares, vão substituindo a interação das crianças com outros objetos, brinquedos.

Ainda segundo Altman (2013), a rua foi aos poucos usurpada pelos veículos, cada dia mais velozes e cada vez mais as crianças foram se fechando dentro de suas casas e condomínios. As mulheres que participaram da pesquisa, todas nascidas no século XX, vêm passando gradativamente pelas mudanças ocasionadas pela conjuntura histórica, econômica e social, aos poucos a geração destas mulheres foi se desvincilhando das brincadeiras que remetem ao século anterior, e o movimento dos corpos que tomavam as ruas, vai se fechando nos pátios das escolas e em suas residências.

Em contextos rurais, essas vivências se prologaram, o contato mais constante com a natureza, com os animais e a falta de recursos para o consumo de brinquedos mais elaborados e sofisticados, as fez ter um tempo maior de brincadeiras, mais em contato com a natureza, e brinquedos artesanais.

Na casa de Lida eram seis mulheres e dois homens. Ela relata que eram todos muito unidos, tanto na divisão de atividades, como nas brincadeiras, apenas o irmão mais velho, em algumas situações, discordava dela e dos outros irmãos, na maioria das vezes, queria os brinquedos, e ela e os irmãos não queriam entregá-lo. Mas foi uma infância de muitas brincadeiras, onde narra a dificuldade para a aquisição de brinquedos; mas isso não foi motivo para que as brincadeiras deixassem de acontecer, a criatividade em transformar materiais e objetos estimulava a capacidade de especificar, narrar, inventar os brinquedos. Eram materiais que faziam parte do contexto familiar, a tela aqui ultrapassava as barreiras, ela tinha a liberdade e a capacidade de misturar as tintas, de mexer não só com o interior, mas também com o exterior, era capaz de dar vida a coisas que aparentemente não serviam. Reciclar materiais fazia parte do repertório das brincadeiras. Lida narra as brincadeiras que mais gostava:

[...] era com boneca de pano, que a gente não tinha dinheiro pra comprar nada, osso de... osso de... aqueles ossinhos bem bonitinhos que dava pra fazer os carrinhos... (faz sons de vibração) (risos). (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Interessante observar que o contexto das famílias da maioria das interlocutoras, por serem mais numerosas, proporcionava a essas crianças a brincar com seus irmãos, em suas residências; na casa de Nina eram nove irmãos, e a socialização com outras crianças acontecia em situações específicas, como relata:

Mas mãe não deixava a gente brincar com menino dos outros não, só quando tinha assim, no mês de maio, num é? No mês de maio, quando o povo rezava as casas, as novena... Aí se ajuntava, tinha muita criança né? “Mãe, quando terminar a novena, a gente pode brincar?” as meninas pediam... As meninas, as colegas pediam “Dona Maria, deixa as meninas brincar mais a gente!” “Não, vão brincar! Pode ir brincar, até...” “até na hora quando a gente fosse pra casa”, aí pronto, aí a gente ia brincar, [...] ela nunca deixou, é eu achei bom a criação nesse tempo, agora que... Se for hoje em dia, como hoje, a pessoa... A gente leva nome de quê, de quê? Quando a gente não deixa as crianças brincar com outras crianças, como é que leva o nome? Do tempo dos matuto... (risos) São do tempo dos matuto... Do tempo dos matutos, num sabe? (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A oportunidade de brincar com outras crianças no período em que aconteciam as novenas era um momento único e interpretado por Nina como positivo, narra que, assim era uma ‘boa criação’, faz também um paralelo com os dias atuais para dizer que, hoje se a mãe dela fizesse isso, ela e seus irmãos seriam considerados ‘matutos’, tímidos, acanhados, expressão também usada para contrastar com os outros indivíduos que são mais desenrolados, perspicazes. Matuto também é usado como figura de linguagem para relacionar as pessoas que vivem no campo, que conserva os hábitos campestres, aqui, a tela-memória faz uma comparação com as crianças de hoje, que já interagem bastante com esse repertório da cultura do consumo. Ela também descreve suas brincadeiras favoritas:

[...] eu gostava de brincar de boneca, de balanço, brincar de roda e brincadeira de anel...[...] brincar de esconde-esconde, de Terezinha, que nunca acabou-se esse negócio, né? De Terezinha! (risos) Aí a gente brincava. (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

As brincadeiras de roda - Terezinha de Jesus - segundo Altman (2013) tem origem em danças e jogos executados por adultos e em histórias infantis. Mario de Andrade, citado pela mesma autora, descreve que a cantiga de roda brasileira permanece apoiada na cultura europeia, mais especificamente a portuguesa.

A brincadeira não deve ser compreendida apenas como a atividade de brincar, desperta interesse investigativo de alguns autores, o faz-de-conta também realizado pela criança, onde ela estabelece ativamente uma relação com o contexto cultural na qual está inserida, e, constrói outros sentidos na relação com os objetos, com suas ações e seus corpos.

Nas brincadeiras de roda, há uma relação muito intensa das crianças com seus corpos, elas mexem braços, pernas, se movimentam de um lado para o outro adquirindo a dimensão da espacialidade, são movimentos que exploram os territórios das brincadeiras, e que tem dimensões muito positivas, como por exemplo, o conhecimento do seu corpo, a interação com o espaço e também a apreensão dos outros corpos brincantes, a partir do toque, do beijo, do abraço. Esses comandos são dados pelas cantigas, como demonstra a letra da cantiga Terezinha de Jesus:

Terezinha de Jesus
 De uma queda, foi ao chão
 Acudiram três cavalheiros
 Todos os três, chapéu na mão
 O primeiro foi seu pai
 O segundo, seu irmão
 O terceiro foi aquele
 Que a Tereza deu a mão
 Terezinha levantou-se
 Levantou-se lá do chão
 E sorrindo disse ao noivo
 Eu te dou meu coração
 Da laranja, quero um gomo
 Do limão, quero um pedaço
 Da morena mais bonita
 Quero um beijo e um abraço

As cantigas de roda têm significados culturais e funcionam como comandos para as brincadeiras infantis, além disso fazem uma verdadeira aliança na construção dos lugares de gênero, pedagogizando os corpos, atitudes, sentimentos e comportamentos. Na cantiga Terezinha de Jesus, há uma projeção do universo infantil para o ideal de amor romântico, do casamento. Essa pedagogia dos gestos faz com que a menina a partir do comando de dar a mão, já estabeleça a relação com seu futuro pretendente, aquele que foi um dos três cavaleiros; dois deles representados pela figura masculina do pai e do irmão, mas é ao futuro noivo, o terceiro cavaleiro, que a menina dar a mão e sorrindo entrega seu coração; a relação será estabelecida pelo comando final do beijo e do abraço no seu pretendente. A cantiga representa um ideal de masculinidade e feminilidade, a começar pelo nome Terezinha “de Jesus”, como representação da

mulher imaculada, virgem e pura, e o homem que a acudira deveria ter o atributo de cordial, cavalheiro e protetor, gestos esperados de um homem educado e de reverência (ARAÚJO, 2016).

Além das brincadeiras de roda, as bonecas compuseram o repertório de brinquedos da infância de Nina e se estendeu até maiorzinha, como narra:

Até a gente grande a gente brincava, com aquelas boneca de sabugo! (risos) As meninas ainda falava lá, as meninas, até hoje ainda fala, quando saiu as bonecas que não podia comprar as boneca, né? Fazia de pano, fazia boneca de pano... Eu fazia umas bonecas tão linda de pano quando tava maiorzinha... De pano e de sabugo, fazia as bonequinhas de pano lindinhas, com os olhinhos pretos, as sobrancelhas só você vendo, a boca, o nariz, botava o cabelo, desfiava pano preto, num é? aí apregava bem direitinho, cortava franja e ficava bem linda as bonecas, mas agora se eu for fazer num sei mais não... Eu fazia vestido pra mim, bem feitinho, de moda e tudo, de moda, de babado, com os viés, tudo... Boa e bem feito! Eu mandava minha irmã cortar que eu não sabia! (risos) (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

O uso de materiais que faziam parte de sua ambiência também se faz presente na fala de Nina, quando fazia bonecas de sabugo. Para Benjamim (2002), quando a criança explora e reúne materiais heterogêneos, ela faz construções elaboradas da realidade além de desenvolver seu potencial criativo, os objetos são transformados para atender seus desejos. Assim, um pedaço de madeira pode se transformar num cavalo; com areia faz bolos, doces para sua festa imaginária; cadeiras se transformam em trem, onde ela imita o adulto. Além disso, ela costura a narrativa da boneca aos aspectos físicos e de embelezamento, coloca a moda na feitura dos vestidos, projetando nesse universo infantil, a partir das brincadeiras com as bonecas, as subjetivações em relação aos padrões de beleza e vestimentas.

Olga também adorava as brincadeiras com bonecas, embora não problematize a oferta de brinquedos, ela detalha que era o seu brinquedo favorito; estendia a sua rotina para as bonecas, no seu mundo imaginário, as bonecas dormiam no momento em que ela dormia também:

[...] brincava muito de boneca, de roda, né? Naquela época a gente brincava de se esconder. Aí... a gente não tinha, como chama, liberdade de infância, né? De boneca, eu gostava muito, era namorando ainda brincava de boneca, de manhã amanhecia arrumava as bonecas todinha [...] quando eu me levantava ia trocar de roupas das bonecas, que tinha se acordado...acordado elas, né? Aí pronto, só o que eu mais brincava...gostava era disso. (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

De uma família com mais três irmãos, dois meninos e uma menina, Olga fala de uma infância muito vigiada; diz que seus pais eram bastante ‘rigorosos’²⁹, o que denota a distância, na maioria das vezes, dos pais para com os filhos. Os pais, geralmente demarcavam o universo adulto, do infantil, como forma de manter as regras e respeito na figura das pessoas mais velhas. Estas demarcações estavam implícitas pelos gestos, olhares; aquelas crianças que burlavam um pouco essas fronteiras, os pais agiam de forma mais enérgica, com a fala, com castigos e quando fosse necessário, com ‘surra’.

Por ser comerciante, o pai de Olga mudava sempre de lugar, onde o negócio poderia ser melhor estabelecido, encontrando em Boa Vista, juntamente com sua família, o lugar ideal para a manutenção dos seus negócios. Sua experiência se deu mais em zona urbana, por ter melhores condições financeiras, era também o espaço urbano, o lugar mais caro para residir, em comparação ao espaço rural. Nessa ambiência urbana, Olga já experimentava as preocupações e condições dos novos tempos, as ruas já não eram ambientes preteridos pelos pais para as brincadeiras, que ficavam reservadas ao espaço doméstico.

Simone também brincava dentro de casa, com exceção das férias quando ia para a casa dos avós na zona rural:

[...] brincava assim, quando ia pra o sítio, para a casa dos meu avós que tinha o balanço, eu brincava muito... O que eu lembro mais da minha infância era o período que eu ia pra casa dos meus avós, sabe? Eu tenho mais essa lembrança. [...] nas férias, pra lá pra os meus avós. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Narra uma infância ‘privilegiada’, por ter sido muito desejada, esperada e muito amada; as condições materiais também lhe proporcionaram ser criada como “bibelôzinho”³⁰, cercada de amor e carinho pelos pais. Por algum tempo foi filha única, essa condição só veio mudar quando tinha quatro anos, e seus pais adotaram uma sobrinha; mas ela não brincava com Simone, não ficou claro em seu relato se havia uma certa distância entre a criança que era a filha biológica, e a outra que fora adotada. Ela trata dessa distância na infância e adolescência, sem deixar claro o porquê, descreve

²⁹ Sua infância foi de muito cerceamento e controle, o que não passou sem burlas, exemplo disso, foi que aos dezesseis anos engravidou de um rapaz, mesmo com as interdições familiares. Enfrentou uma adolescência difícil, que deixaram marcas dolorosas em sua experiência. (Detalhes dessa experiência se encontram no segundo capítulo que tratam das memórias da juventude)

³⁰ Palavra trazida no relato da mesma, o que representa o cuidado para não se machucar. Bibelô segundo dicionário online, pode significar: “pessoa frágil a suas emoções, fácil de se machucar”. Disponível em: <<https://dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 05/03/2019.

apenas que hoje, depois de adultas é que são mais amigas e parceiras. Detalha ainda suas brincadeiras:

[...] as brincadeiras que a gente brincava era de pular corda, de... de academia, barra-bandeira, de jogar pedra, assim, que eu não sei mais nem o nome, que a gente botava a pedra no chão e ia jogando pra cima as pedras. Chamava jogar pedra. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

As narrativas tratam de uma infância em contato maior com a natureza e materiais que foram transformados em brinquedos. Eram materiais diversos, geralmente o que tinha, ou o que sobrava, o que era jogado por não ter serventia, ossos, sabugo, pedras, eram matérias primas que se transformavam em brinquedos e alegravam essas infâncias.

Outra coisa que chama atenção na vivência destas mulheres, são as brincadeiras, que exploravam o corpo, traziam movimento e mexiam com os sentidos, o relato de Simone e Nina expressam isso, quando colocam que brincavam de pular corda, academia, barra bandeira, esconde-esconde.

A tela-brincadeira extrapola a fronteira, brinca com o exterior, faz do interior uma proposta criativa, inventiva, capaz de fazer o espectador se mexer, sair das telas dos tabletes, celulares e computadores.

1.4 – “A questão não está no tamanho, no formato ou na idade³¹” - Memórias dos corpos infantis.

Ao chegar à casa de Lida para a entrevista expliquei para ela do que iria se tratar a nossa conversa, e imediatamente quando ela ouviu a palavra “corpo”, logo me interrogou: “Mas não será preciso eu tirar a roupa não, né?” E sorri.

Enquanto conversávamos, e até chegar hoje na escrita, pensei bastante como começaria este tópico, ao me interrogar, Lida não o fez à toa, talvez, naquele momento, ela estivesse falando de um corpo que desejaria livre, ou que o sentia tão livre que até poderia tirar a roupa, de se apresentar sem as vestes, ou ainda, poderia estar falando de um corpo que precisa ser escondido (não é preciso tirar a roupa), qual o sentido dado

³¹ Poema de Clarissa Pinkola Estés, referenciado ao final desta seção.

por ela? Entendi como uma brincadeira, um trocadilho com um corpo que vejo muito livre, cheio de alegria, que brinca, que sorri com o que parece norma (estar vestida)³².

Penso que os nossos corpos, os corpos das mulheres, passaram pela trajetória de uma vida inteira, recebendo golpes, flechadas, interferências das mais diversas, seja pela linguagem ou atitudes mais incisivas, geralmente advindas de uma cultura machista de controle dos corpos femininos. Sempre nos demonstraram que ora faltava, ora sobrava algo aos nossos corpos, não nos permitindo usufruir do prazer de termos os corpos que temos.

Ao perguntar sobre seus corpos, como elas se percebiam quando eram crianças, como percebiam seus corpos na infância, quatro delas deram respostas que acabam convergindo para a não lembrança de seus corpos infantis. Duas não citam o corpo da infância descrevendo o corpo da juventude, e as outras duas falam de um corpo imperceptível, não lembram: “Mulher, sinceramente eu acho que eu nem observava isso...” (risos) “Eu acho que não! Me lembro não...”, na fala de Simone, em seguida, diz que era magra e que nunca teve problema com o corpo, talvez ela tenha feito uma rápida relação com o que é colocado como o “horror” do nosso século, a gordura!

Entre ser gorda ou magra, seja na altura, tamanho ou forma, o certo é que desde pequenas vamos sendo ensinadas a olhar para nossas formas físicas com estranhamento. Eu fico pensando nisso como um ritual de sociabilidade, as crianças, as outras, elas vão aprendendo a se conhecer e a nos conhecer a partir de várias coisas, e as características físicas são levantadas como forma particular de conhecer, mas também de selecionar, hierarquizar.

Conhecemos o outro, os particularizamos a partir de algumas características que levantamos, selecionamos aqueles que se parecem conosco, os diferentes, é como se fosse uma herança cultural que vamos reproduzindo sem muita reflexão num primeiro momento, vamos hierarquizando os mais fortes, aptos, os mais belos e interessantes dos

³² Mas também lembro que Lida sempre tratava de questões da sexualidade com muita naturalidade nos nossos encontros, inclusive outra situação se deu no dia da nossa entrevista, depois que eu pedi desculpas por tomar o tempo dela à tarde, solicitei que ela compensasse as horas da entrevista dormindo cedo à noite, mas ela disse que não dormia cedo à noite, sempre por volta de meia noite ou uma hora da manhã, eu fiz uma interjeição com a testa, admirando o fato dela dormir tão tarde e disse que eu por volta das nove horas da noite já queria está na cama, o que ela imediatamente exclama: Nove horas? E que horas você namora? Demonstrando uma maior liberdade no tocante a sexualidade. Sobre isso, Rubem Alves (2001), diz que: “érótico é o nome que se dá ao corpo, quando ele sente as coisas em função do prazer que elas lhe causam.” (ALVES, 2001, p. 64). Seja o ato de dançar, cantar, conversar, comer, namorar, entre outras práticas, o importante é que essas mulheres encontram forma de subjetivações várias no seu cotidiano, muitas vezes lhe fazendo superar as dificuldades culturais, materiais, sociais. Elas se encontram em um grupo de vivência e mais que compartilhar experiências, desfrutam de apoio em uma rede de relacionamentos com narrativas de vidas muitas vezes análogas.

que estão no oposto disso, o nosso olhar através de vários dispositivos é levado a construir padrões, e desde crianças vamos construindo esse universo binário: o feio/o bonito, o gordo/o magro, o alto/o baixo, o branco/o negro, e vamos categorizando a partir desses polos opostos, não existe o entre, ‘ou isto ou aquilo’.

Não à toa que a forma física é uma percepção bastante lembrada na pesquisa, o corpo magro, gordinho/fofinho e gordo, com letra maiúscula, e dado ênfase em algumas falas, trata desse aspecto que nos apresentaram desde a infância: ou você falta ou você sobra, ou é magra demais ou gorda em excesso, simultaneamente. Apresento alguns recortes dos relatos que abordam a memória do corpo na infância a partir dos pontos citados:

Era magra...toda vida fui magra (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A minha lembrança é que eu era bem gordinha, era, bem gordinha, eu era fofinha, e meu cabelo era bem cacheadozinho, como hoje, né? Mudou quase nada! Cacheado, as meninas faziam cacho pra gente ir pra escola, aqueles cachim, bem bonitin! Aqueles de bendegó, né? (risos). (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Ser gorda quando criança, sempre foi sinônimo de um certo traço de beleza e pureza associada a infância, para os adultos. No universo infantil, há um limite do permissível aos olhos das outras crianças, aqueles que ultrapassam esses limites são destacados. Na infância são conhecidos e realçados: a criança “gordinha”³³, a magra, a negra, dentre outros, eles se tornam as suas características físicas, sua identidade é sempre ressaltada a partir daquele atributo que lhe foi conferido, e assim as brincadeiras vão se tornando mais ou menos prazerosas a partir da importância que é dada aquilo que vai se tornar a marca distintiva dos indivíduos.

Celina, em um desses relatos, aborda seu corpo de forma distintiva dos corpos colocados como ideais. Em várias oportunidades que tivemos para conversar, ela trata das projeções que os outros lançaram sobre o seu corpo, do *bullying*³⁴ sofrido e da não aceitação do seu corpo desde a infância. Na primeira entrevista, ela chora e aponta para

³³ Geralmente se concebe a forma no diminutivo para indicar a criança que continua infantilizada e sua pureza ainda resguardada pela representação física da gordura nessa fase, diferente das outras etapas, quando a gordura assume outras significações.

³⁴ Bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, sendo executada dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (NETO, 2005, p. 165).

o corpo dizendo que sempre foi daquele jeito: gorda, e aumenta a entonação da voz para ressaltar o seu desgosto associado à sua forma física.

Há um conflito muito grande, na fala dela, entre gostar de comer e sentir culpa por isso, as projeções que fizeram sobre o corpo de Celina, sempre a deixaram refém da sua não aceitação, apesar de que o corpo infantil de Celina, naquele momento, ainda não era motivo de incômodo,

[...] nesse tempo não, menina num liga pra essas coisas né, só quando a pessoa é mais velho. (pausa) [...] quando tinha de 20 ano, pra lá né? ...a pessoa olha o corpo da pessoa diferente e eu olhava o corpo das outra moça do tope da gente, os corpo bonito, saradinho e o meu, só o meu mau feito, eu acho o meu, eu olho as vezes, que a gordura da gente é todinha aqui né (alisa a barriga), encaixa tudo nesse cantinho aqui, aí fica esses “tribungo” véi, ave, aí isso me dá um desgosto, tem hora que eu não ligo não, mas quando eu vou me ajeitar me arrumar pr’eu ir pos canto, daí eu vejo no espelho, eu cá comigo: ohh meu Deus! ohh que desgosto, d’eu ser assim, com esses “tribungo” assim! [...] as vezes eu tenho raiva quando o povo diz assim, mas acho que é mais pra me aperrear, aí diz: aff, como sois gorda! (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

No texto de Del Priore (2004), *Corpo a Corpo com as mulheres – as transformações do corpo feminino no Brasil*, a autora revisita algumas transformações físicas da mulher brasileira no decorrer da história, e nos informa que a magreza ativa vem se tornando a resposta à gordura passiva valorizada da Belle Époque. Ser magro, virou sinônimo de beleza, pessoas esforçadas e responsáveis pelos seus próprios corpos, tem o controle sobre eles, não se deixam cair nas armadilhas de estar engordando.

Nas diferentes épocas e espaços históricos, várias características físicas são relacionadas a um padrão ideal de beleza, paradoxalmente é quando as mulheres reivindicam a autonomia dos seus corpos é que são capturadas pelos novos padrões estéticos que se impõe.

Já em finais do século XIX, na Europa, as mulheres começam a pedalar e jogar tênis, e apesar das controvérsias a elegância da mulher se associa à busca pela saúde. A entrada da mulher nos exercícios físicos, antes atividades musculares desempenhadas apenas pelos homens, vai aos poucos inserindo a concepção dos corpos femininos esbeltos, leves e delicados, e é aí que se inicia a caçada aos quilinhos a mais. O movimento estava lançado, instaurava-se a mulher moderna, livre dos espartilhos e da gordura decorativa, aos poucos, o padrão estético emagrece, endurece o corpo feminino. O discurso higienista muito presente nos anos 20 e 30, estimula a aparência sã, mulheres menos cobertas e mais fortificadas, assim como a recente indústria

cinematográfica, vem também a reforçar a ideia de exposição dos corpos, a medicina passa a destacar a importância das atividades físicas e a vida saudável, para a manutenção da saúde, uma vida higiênica, disciplinada e moderada era recomendada. Se até o início deste século, as mulheres mais “cheinhas” enfeitavam os álbuns de família, sua imagem estava associada ao prazer e prosperidade burguesa, que lhes permitiam comer tudo do bom e do melhor, já em seu final uma mudança vai ocorrendo, e é no século XX, que a obesidade passa a ser critério determinante de feiura. (PRIORE, 2004).

A fala de Celina, por várias vezes, demonstra o quanto que ela se sentia distante desse padrão colocado como ideal, e o quanto isso lhe incomoda até hoje:

[...] é porque eu tenho desgosto assim do meu corpo porque, eu vejo as outras, toda vez eu vejo as outras tão...as roupinhas bem feitinha e...e eu sou bem...bem gorda, aí tem hora que eu me sinto assim, como se fosse meia...qualquer coisinha eu me canso, não falo. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2016).

Aqui ela associa diretamente o cansaço físico, a indisposição, a ‘falta de saúde’ à sua forma física, e aí percebe-se onde os discursos hegemônicos nos atravessam, fazendo-nos acreditar que ser gorda é sinônimo de não ser saudável. Apesar disso, as memórias da infância recordada, lhe trazem lembranças de que era uma criança bonita, na memória da infância ela desestabiliza um pouco a sua concepção de beleza, ‘gordinha, mas bonita’, ainda usando como contrassenso a expressão que evoca a beleza de um lado “bonita”, porém “gordinha”. Não sei ao certo se num exercício mental de comparação com o que ela vê hoje, ou se por pensar a infância como bela, “tudo é bonito quando se é mais novo”, são frases que a gente sempre escuta através do senso comum, em conversas informais na família, com amigos.

Num primeiro momento de não percepção do corpo, em seguida o amor ao corpo da criança que foi, e em seguida, se coloca em comparação ao corpo dos outros, como descreve Celina, na nossa segunda conversa:

Quando eu era pequena eu me considerava (bonita), mas já agora, não me considero mais. [...] A gente foi olhar as fotos que a gente tinha quando era pequena, né? A gente quando vai se modificando e olhar pra agora, é muita diferença. Toda vida eu fui desse jeito, eu não gostava assim quando eu era mais... Assim, quando eu era mais pequena, eu gostava, achava bonitinha porque criança quando vai crescendo, vai ficando cheinha né? Champudinha, é ali que acha bonitinho, mas quando vai ficando já uma moça, adulta, já vai olhando, olha como era mais... Não era tão gorda quanto sou agora, aí a pessoa já acha feio... [...] Olha como eu era um pouco mais jovem e olha agora, eu queria que eu fosse como eu era pequena, mas isso é impossível né?

Quando eu era... Criança não liga não, pra essas coisas, mas quando vai ficando mais mocinha... Eu achava! [...] Me incomodava. Não gostava de ser daquele jeito, já gordinha. Mamãe dizia até assim, quando meu irmão era vivo ela dizia assim “Tu é muito gulosa, tu comia, tu deixava teu irmão com fome!” Ele toda vida foi magro e eu toda vida fui, desde pequenininha, eu era gordinha, mamãe dizia que eu era muito gulosa, deixava meu irmão com fome. Eu digo “Ai, meu Deus, que humilhação, até de pequena o povo já era fazendo bullying comigo.” (risos) ninguém merece. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

No dia da nossa primeira conversa, que foi numa sala do CRAS, os relatos foram bem dolorosos, paramos por diversas vezes a gravação, a dor e o choro sempre aflorava quando tocava nas questões que envolviam seu corpo. Um verdadeiro descontentamento e desgosto com a gordura, sendo para mim a marca mais latente em sua fala. No segundo momento, na outra entrevista, na casa dela, ela toca nos mesmos pontos, embora de forma mais leve, e as vezes descontraída, já que sua mãe estava ao lado no momento da entrevista, reforçava algumas coisas de forma mais jocosa e em tom de brincadeira, o que a fazia rir em alguns momentos, e em outros repreendia a fala da mãe, mas o que ficou bem perceptível é o seu profundo incômodo com o corpo. Essa insatisfação com o corpo a leva a comer compulsivamente, como se buscasse nessa prática um prazer que preenchesse uma lacuna em sua existência, pois, como mostra Rubem Alves em seu livro “Variações sobre o prazer” (2001), para quem a culinária é a quarta variação sobre prazer, e, fazendo analogia à cozinheira, me ajuda a pensar sobre esse prazer trazido pela alimentação, onde “[...] a comida não é um meio; ela é um fim. [...] O sabor é um meio para se viver. O sabor é o fim para que se vive.” (ALVES, 2011, p. 154). Desse modo, Celina, como outras mulheres buscam sentir prazer nas pequenas coisas do cotidiano, e o ato de comer lhe proporciona um prazer; todavia, um conflito se instaura em sua cabeça quando não se apercebe num corpo esteticamente padronizado, os conflitos se agudizam quando se apercebe nas muitas facetas de uma sociedade gordofóbica³⁵.

Os corpos das crianças sempre foram motivo de preocupação. Rago (2015) aponta na obra de Foucault este governo da infância, pelo controle dos comportamentos, dos gestos e dos corpos, desde a constituição da sociedade disciplinar até a sociedade de controle. A prática de masturbação foi o “mal terrível” desta primeira, e a criança mal-educada, rebelde, o motivo de intervenção desta segunda, todas deveriam ser

³⁵ Gordofobia ou estigma de peso, tem sido amplamente definido como viés ou comportamentos discriminatórios direcionados a indivíduos por causa de seu peso. Alguns estudos indicam que indivíduos com sobrepeso ou obesos experenciam níveis mais altos de estigma em relação a indivíduos mais magros, já que a gordura virou o “pavor” da sociedade contemporânea.

devidamente governadas, e para isso se construiu vários discursos e formas de controle dos corpos infantis.

Neste momento o meu pensamento se move na direção a uma revisitação simbólica do meu corpo infantil e percebo o quanto o controle sobre ele foi feito de forma sutil, coisas que só percebi na vida adulta. No entanto, tenho que considerar as transgressões do meu corpo brincante, lúdico, que foram realizadas pela minha curiosidade. Eu amei muito o meu corpo infantil, tem uma foto muito expressiva que me vem à memória, eu estava pelada e com cara de quem tinha aprontando alguma coisa, fitando quem estava próximo como se quisesse dizer “eu não tenho culpa de nada”.

Meus olhos bem pretos e esbugalhados era um traço marcante aos olhos dos adultos, e minhas bochechas sobressalentes ornavam a minha face. Minha mãe falava que de tão gulosa, no dia do meu batizado comi uma bola colorida da árvore de natal dizendo que era uma maçã, resultado: fui ao meu batizado com a boca toda cortada, e a bochecha que já se destacava, naquele dia teve um destaque a mais do inchaço dos vidros que cortaram minha boca.

Nasci na década de 1980, nesse período o contato midiático ainda era muito tímido, a tecnologia ainda estava discretamente adentrando o nosso universo infantil, a TV já era parte da nossa cultura e, como meus pais sempre necessitavam trabalhar, a TV era uma aliada às cuidadoras da época, então lembro-me de que o *Show da Xuxa* era um programa da televisão que fazia parte do meu cotidiano, meu corpo se conectava a essa tecnologia das imagens e cores proporcionada pela projeção daquela tecnologia que parecia fascinante. O meu corpo aderiu, aos poucos, a domesticação e pacificação da conexão com a TV.

Mas nessa época, o controle era dado por nós, podíamos em determinado momento ligar e desligar sem que aquilo pudesse fazer de nós escravos ou viciados por estar ali, ainda podíamos dominar esse mundo através do controle remoto da TV. Lembro que intercalava esse corpo domesticado pela TV e pela escola, com o corpo brincante, apesar da rua ser um espaço pouco apropriado por mim, eu aprendi a andar de bicicleta no quintal da minha casa, pouco tempo depois de ter aprendido, aquele espaço se tornou pequeno, porque eu queria correr, mas era barrada pelos muros do quintal da minha casa. A apropriação das ruas acontecia sob vigilância e tinha uma demarcação de limites a percorrer.

Essa movência cartográfica limitada, infantilizava ainda mais o meu corpo, pois, meus pais, principalmente a minha mãe, achava que eu era uma criança que precisava ser protegida, conseqüentemente meu corpo fazia parte dessas formas de controle-proteção, a vigilância a qualquer movimento não me deixava descobrir as partes e suas formas em sua inteireza, era um corpo em que a ludicidade e a brincadeira eram as principais representações, logo em seguida, e não muito tempo depois, sinto que o meu corpo foi progressivamente matando a minha infância, para se responsabilizar e adentrar nas queixas e implicações da vida adulta, mesmo ainda sendo uma criança.

Eu era a filha mais velha do casamento do meu pai e da minha mãe³⁶ e as subjetivações produzidas me colocavam no lugar da responsabilidade, mas era um corpo em conflito, pois os corpos infantis têm sede de brincar, de se expressar e num sentido mais amplo, de viver. Mesmo que o sentido não apareça dessa forma quando somos crianças, mas buscamos significados através de nossos corpos e também é a partir deles que nos movimentamos para nos sentirmos pertencidos a algum lugar, o meu lugar de adulto chegou precocemente para mim.

O certo é que as demarcações etárias não precisavam e nem deviam ser pensadas de tal forma, mas a cultura é preponderante para nos fazer pensar como adulto, como criança e como velho, de forma demarcada, homogênea. Como se todas as experiências seguissem um curso natural e processual, e o corpo é um território de demarcação que deve ser o espelho dessas marcas etárias. Sobre isso, Ramos (2008) aponta que,

A cultura moderna evolucionista não pensou os momentos de transição de forma processual, sempre tratando as demarcações etárias como eventos biológicos e instantâneos e universalizantes [...] as demarcações etárias foram invenções burguesas dos sujeitos e suas atribuições sociais na vida pública e privada. (RAMOS, 2008, p. 66).

O sociólogo Le Breton em seus estudos sociológicos sobre o corpo historiciza os processos de simbolização dos corpos modernos pelos corpos adultos científicos, enfatizando o controle político da corporeidade nas sociedades modernas ocidentais.

Como fruto da relação do homem com o mundo, o corpo aparece como fundamento da existência, o significado e as interpretações da relação dos indivíduos com o mundo que o cerca, incluindo desde as “atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, [...] técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor,

³⁶ O casamento com minha mãe foi o terceiro casamento na trajetória do meu pai. Das relações anteriores, tenho dois irmãos, e dessa relação com a minha mãe, uma irmã mais nova.

com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa a existência é corporal.” (BRETON, 2006, p. 7). Pois este corpo insere o indivíduo no espaço social e cultural, produzindo sentidos ininterruptamente.

A contextualização histórica se torna importante para entendermos de que forma a sociedade vai construindo essas significações, e quais os interesses de poder e saber que vão se estabelecendo. A perspectiva essencialista, toma como ponto central a ideia de um sexo feminino e outro masculino, separando, portanto, os indivíduos pela sua estrutura orgânica, binarizando os corpos e comportamentos, e universalizando as experiências, de um lado, as mulheres, de outro, os homens.

Há mais de vinte anos, Mirian Goldenberg- antropóloga e pesquisadora da construção do gênero e do corpo na cultura brasileira, mais especificamente, no Rio de Janeiro- vem realizando estudos nesse sentido, e ficou surpresa que desde o início destas pesquisas, como a categoria “corpo” vem sendo recorrente, e tem adquirido cada vez mais importância na cultura brasileira contemporânea. A pesquisa intitulada *O corpo como capital na cultura brasileira* (1998) é resultado de questionamentos permanentes sobre o significado de ser mulher no Brasil. A pesquisa se desdobra em outras obras, como: *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira* (2007), *Coroas: Corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira* (2015), *Corpo, envelhecimento e felicidade* (2014), dentre outras.

Em suas pesquisas, a autora discute que o corpo na cultura brasileira vem aparecendo como aspecto essencial, um corpo distintivo, um verdadeiro capital. Este, com tudo o que simboliza, promove socialmente a conformidade e a reprodução de um estilo de vida e normas de conduta, tudo isso, recompensado pela gratificação e status de pertencer a um grupo de valor superior (GOLDENBERG, 2015).

Nesse grupo de valor superior se descartam, por exemplo, os corpos negros, velhos, gordos, pouco ativos e atuantes, aqueles que não tem uma aparência nomeada como “sarada” e contornos bem definidos, criando uma verdadeira categorização distintiva. Numa sociedade onde tudo é passível de especulação financeira, midiática, o corpo vai se capitalizando e descapitalizando a partir da conquista desses distintivos.

A geração 1960/70 colocou em questionamento todo um conjunto naturalizado de valores no tocante à sexualidade, ao corpo, à família, ao casamento, à reprodução, à liberdade. O que essa mesma geração não contava é que outras capturas estavam sendo realizadas e que muito em breve, estaríamos vivenciando uma verdadeira esquizofrenia conflitiva em relação aos nossos corpos, nesses conflitos, nada vai estar acontecendo de

forma linear e homogênea, a vivência dos corpos desestabiliza qualquer ideia de se expressarem da mesma forma, de terem as mesmas significações.

Juana, com oitenta e seis anos, escapa as telas, num exercício de narrar suas memórias, já acometida pelo Alzheimer, traz lembranças do seu passado. Narra uma infância pobre, mas que apesar das dificuldades financeiras, diz ter tido uma infância muito boa, com os colegas, com os primos, com os vizinhos. Ela traz algumas instituições, como a família, a religião, que a ajudaram na sua formação e direcionamento de seu comportamento: “educada, e desde pequena sabia o que era certo e errado”, segundo a fala da mesma. Aqui ela compara a sua infância “no seu tempo”, com “o tempo atual”, pontuando as diferenças, coisa que é muito recorrente nas falas delas, é que as crianças de hoje em dia são desobedientes porque os pais e as demais instituições são mais flexíveis. Na sua tela-infância traz a religião católica, os pais e a igreja como ‘bons educadores’, as rezas aprendidas naquele período são sinônimo de orgulho até hoje:

[...] tinha a igreja que era mais exigente também, as mães ensinavam a rezar, que agora aconteceu um negócio que eu tive que rezar uma coisa, num sabe, na igreja. Aí eu rezei, como é, “Meu Jesus crucificado, filho da Virgem Maria, ajudai-me nesta noite e amanhã por todo dia!” Quer dizer, se amanhã eu não pudesse rezar, já tava rezado, num é? E amanhã por todo dia! Quando era pequena... Mamãe ensinava! Mamãe se sentava, colocava tudo ao redor, ensinava todo mundo a rezar, do mais velho ao mais novo, do menino a menina, tudo rezava junto! e a reza terminava assim, pera... “Aí, amanhã por todo o dia”... Peraí, “Que nem meu corpo seja preso, nem minha alma ofendida, nem meu sangue derramado nas mãos dos meus inimigos, na hora de minha morte Jesus estava comigo... Esteja comigo!” Essa oração, o padre ouviu, ficou doidinho por ela, disse “Isso é oração de palavras fortes! É uma vida ditada de palavras fortes!”, ele disse e pediu a cópia. Eu gravei pra ele, tá vendo... No meu tempo, se a gente quisesse dizer uma coisa se mostrando que era sabida, sabe qual era que os mais velhos diziam pra gente? “Já vem querer ensinar padre Nosso a Vigário”. Olha, e um padre hoje, a gente ensina oração a ele! E... Aí por causa disso, de vez em quando eu dou uma oração antiga a ele! Num dou tudo assim não, de vez em quando eu lembro de uma e dou! eu digo “Reze aí, com o seu povo aí do mato! Que o senhor trabalha aí pelo mato!” uma vez era um rapaz muito interessado a saber viver com Deus, outra vez era uma mulher fazendo uma oração, uma dona de casa, fazendo uma oração, entregando sua casa a Nossa Senhora, que tomasse conta, que livrasse disso e daquilo, de doenças, de doenças contagiosas, do câncer [...] A oração é uma mulher rezando isso! Uma dona da casa, que a gente sabe o que ela disse proteja a minha casa, eu consagro a minha casa na mão de Nossa Senhora... E uma oração muito bonita, pedindo pela família toda, pedindo os perigos, dizendo os perigos e dizendo como a família devia viver em graças, que vivesse em união, que vivesse com fé em Deus, essas coisas todas que a família tivesse essas qualidades de fé. E a proteção de Deus, em proteção de guardá-los! Entendeu? (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Essa ligação com a religiosidade estabelecia uma relação de muita obediência e também significava para ela a entrada no universo adulto, sempre muito religiosa, tinha o hábito de confidenciar sua vida ao padre, teve vários trabalhos ligados aos grupos da igreja católica, no entanto, também teve problemas nesse espaço por ter uma personalidade muito forte, onde segundo ela, era a “inveja”, o motivo de seus desentendimentos com algumas pessoas, traços de uma egolatria³⁷ superdimensionada, uma autopercepção elevada, além disso, também é cleptomaníaca, todos esses comportamentos já se apresentaram desde esse período da infância, mas tiveram também outros significados. Voltando ao seu universo infantil, ou adultizado, pois era como ela se enxergava na maioria das vezes, uma adulta no corpo de uma criança, mesmo que, em alguns momentos, brincasse com crianças da mesma faixa etária era o universo adulto que a encantava³⁸, diz que gostava:

De ser gente grande! De ser gente grande... De aprender modos de gente grande e viver como grande! Eu não gostei de boneca, eu não gostei disso, eu queria ser gente grande! Brincava de ser gente... Adulta! Querendo ser adulta, conversar como adulta! Vestia a roupa como, queria minhas roupinhas como as de mamãe, queria os assuntos dos mais velhos, meu avô gostava muito de conversar, sabe com quem? Com os formados [...] A sabedoria que ele tinha, aquela mente clara, aquela mente alta, entendeu? [...] Brincava! Brincava! (com os irmãos) De casinhas, de casinhas! as casinhas eram geralmente debaixo de uma árvore, a gente dividia qual era a sala, fazia pedra, cadeira de pedras! (Eu era) a dona da casa! Era! Eu nunca gostei de ser mandada não! Entendeu? Os outros tá me ensinando? eu queria ensinar! Por isso que eu gostava muito de aprender, ouvir meu avô, ouvir a conversa deles, que era pra aquela conversa eu saber conversar. (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

A percepção do seu corpo, não era de um corpo infante, a projeção desde a infância era de um corpo adulto e o processo de adultização se evidenciava quando ela se projetava para as roupas, o adulto, na figura da mãe, quando queria as roupas iguais. Nas brincadeiras com os irmãos, Juana representava o papel sempre da dona da casa, não gostava de ser comandada pelos outros, e em suas palavras gostava de ensinar. Interessante ressaltar que, apesar de exercer o papel destinado para as mulheres, da dona da casa, na experiência infante de Juana esse papel pode ter representado o lugar de autonomia, de agenciamento, pois ela reivindicava o comando das coisas, levava para o

³⁷ Um tipo de distúrbio na qual a pessoa tem um amor exagerado por si mesmo, cultua e superdimensiona suas qualidades, denominado também de megalomania.

³⁸ Ela afirmou em nossa conversa que por ser a filha mais velha, “cuidou” de todos os irmãos, o que possivelmente também a deslocava para o universo adulto, de responsabilidade e exemplo sobre os demais.

universo infantil, da fantasia, um exercício de independência, de autogoverno, de soberania sobre os demais. Também através das brincadeiras a alteridade era percebida a partir dos gestos, gostos e corpos dos adultos:

[...] eu percebia o meu corpo como eu percebia o corpo dos mais velhos que me “arrudiava”. Os tios, os primos, como eram que eles se tratavam, como é que tomavam um banho, como era que cuidava do cabelo, como era a conversa dela como mulher, mulher...Aqueles segredinhos de moça com moça, da casada com a casada, como era que tratava os filhos, eu gostava muito disso, entendeu? (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Aqui a educação dos sentidos em pleno funcionamento, a escuta e a observação através do olhar, pedagogizava o fazer e a sua autopercepção. As memórias infantis de Juana diferente de outras interlocutoras da pesquisa, de corpos quase não percebidos na infância, ela pontua a história de um corpo onde a busca pelo seu sentido e seu sentimento de pertença se deu a partir do universo dos adultos. Aqui, esse universo era admirado, buscado, construído, aprender a rezar, olhar a forma como os adultos conversavam, suas posturas, como apresentavam seus corpos, suas vestimentas, tudo isso parecia ter um significado muito prazeroso para Juana, pois ela narra essas memórias de forma muito afetuosa.

De outra forma, isso poderia significar um processo precoce de desinfantilização, ou uma transformação biológica e até simbólica de estar “matando” a criança que existiu ali, por alguma necessidade concreta ou até subjetiva, mas prefiro pensar que esse processo de individuação acontece de maneira diversa e muitíssimo particular e são essas particularidades que vão nos movendo na vida, vão significando tantas coisas para nós.

De modo bem particular, Olga também fala de um corpo infante bonito, dizia ser bem-feita por ter a cintura fina e as pernas grossas, “era meio gordinha, mas todo mundo me achava bonita” (sic). Os nossos corpos são essa verdadeira marca da contradição, são expressões vivas das marcas inscritas desde a nossa infância, o olhar de algumas crianças, parece estar mais próximo da fidelidade aos tamanhos, formas, cores, mas ainda assim, isso não representa o mais importante para elas. O que nos ensinam as crianças sobre os nossos corpos é que eles sejam, se movimentem, estejam de alguma forma onde gostaríamos de estar, e com eles a gente vai se apropriando dos espaços, mesmo que subjetivamente pelas fantasias que representamos, e isso é muito bom, isso pode significar uma aproximação amorosa com nosso corpo. Já que historicamente é

retirado de nós, mulheres, o reconhecimento do poder a partir de nossos corpos, tomo um trecho do livro *Mulheres que correm com os Lobos*, da psicóloga junguiana Clarissa Pinkola Estés, quando nos alerta de que o nosso corpo,

É como um planeta. Ele é uma terra por si só. Como qualquer paisagem, ele é vulnerável ao excesso de construções, a ser retalhado em lotes, a se ver isolado, esgotado e alijado do seu poder. (...) No corpo, não existe nada que “devesse ser” de algum jeito. A questão não está no tamanho, no formato ou na idade, nem mesmo no fato de ter tudo aos pares, pois algumas pessoas não têm. A questão está em saber se esse corpo sente, se ele tem um vínculo adequado com o prazer, com o coração, com a alma. Ele tem alegria, felicidade? Ele consegue ao seu modo se movimentar, dançar, gingar, balançar, investir? É só isso que importa. (...) Há um verso em *for colored girls who have considered suicidal when the rainbow is enough*, de Ntozake Shange. Na peça, a mulher de roxo fala depois de lutar para lidar com todos os aspectos físicos e psíquicos de si mesma que a cultura ignora ou deprecia. Ela se resume com estas palavras sábias e pacíficas:

É isso o que tenho...

Poemas

Coxas grossas

Peito pequeno

&

Tanto amor

É esse o poder do nosso corpo, o nosso poder.

(ESTÉS, 2014, p. 244-245).

Se nos dias atuais, amar o próprio corpo é um ato revolucionário, subversivo, à (re)invenção corporal a partir da infância, narrar as memórias de nossos corpos infantis podem ser igualmente afetivas, pode representar também esse tanto amor, a experiência que nos movimenta, que de alguma forma faz sentido, faz vibrar.

CAPÍTULO II – “A PESSOA QUANDO VIRA MOÇA É UMA COISA TÃO ESQUISITA³⁹” – AS MEMÓRIAS DA JUVENTUDE.

“Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo... temos todo o tempo do mundo.” (Música: Somos Tão Jovens, Legião Urbana).

O que ultrapassa as telas não descrevem exatamente o momento, os sentimentos, de sua emolduração. Nesse movimento fluído, e de um tempo para cá, cada vez que me pego a emoldurar o que vi, ouvi e senti, me escapam enquadramentos diferentes. Descrevo nessa passagem, certamente a tela que não é mais aquela, o momento já é outro, e eu também não sou mais a mesma. Se retomasse as memórias da juventude das mulheres que me ajudaram a construir esses quadros, certamente outras tintas se misturariam na feitura desta tela, elas certamente não são mais as mesmas, e conseqüentemente a minha tela-narrativa, não seria mais a mesma.

Portanto, em não sendo mais a mesma, vou tecendo a tela-escrita das memórias da juventude das mulheres do grupo “Experiência e Vida”, compreendendo a plasticidade, contingenciamento, fluidez que faz parte desse processo. Nessa tessitura, a minha juventude também foi vasculhada, recordada, como amostra disso, a escolha pela letra da música: *Somos tão jovens*, do Legião Urbana, na epígrafe, que abre a seção do capítulo, trazem lembranças da minha juventude, e o sentimento que reflete (ia) parte das pessoas nesta fase, a de que, “temos todo o tempo do mundo”, mas a juventude também pode significar redemoinhos relacionais e etários, referências instáveis e inseguras, ou uma não referência, incertezas em relação à coisas diversas.

Algumas vezes atenta, outras nem tanto, assim como fazemos quando contemplamos algo, a nossa imaginação viaja junto, outras vezes ficamos ali, parados, inertes, fitando a tela. Resgato neste capítulo as memórias da juventude das mulheres do grupo “Experiência e Vida”, do Município de Boa Vista, Paraíba, e como estas elaboraram as representações de seus corpos, estas se deram pela discussão da memória que envolve as afetividades ligadas às amizades, namoros e casamento, da memória que envolve o corpo, à menstruação, e o trabalho.

³⁹ Trecho da fala de Celina.

2.1 - “A juventude eu achava boa demais! Ah! Era bom demais... eu faria tudo de novo!⁴⁰”: Representações sobre corpos e juventudes.

É quase indissociável a relação entre juventude e adolescência nos estudos teóricos. O conceito de adolescência forjado no século XX, tem bases nas teorias evolucionistas do desenvolvimento do séc. XVIII. No campo da Sociologia os estudos sobre adolescência e juventude mudam de concepções e olhares em relação aos corpos jovens na sociedade moderna e hipermoderna ocidental. A partir da década de 50, novos paradigmas são construídos partindo de influências diversas, nesta década, por exemplo, os estudos da Sociologia estrutural funcionalista, que associavam o jovem a um lugar de delinquência juvenil prevalecem na compreensão de juventude. Na década de 60, a escola culturalista, teve grande influência do movimento tropicalista no Brasil, subculturas e movimento hippie, imprimindo suas marcas na produção acadêmica sobre a juventude. A década de 70 foi marcada por pesquisas sociológicas relacionadas aos corpos jovens, que foram na contramão do olhar desviante sobre esse lugar etário. Influenciados pelos estudiosos marxistas da Escola de Frankfurt, na década de 80 prevaleceram pesquisas que mantinham uma relação entre juventude e sociedade de consumo, cultura de massa, moda e mídia. Na década de 1990 e transição para o século XXI, as leituras dos corpos jovens se conectam bastante as questões sociais contemporâneas: gravidez na adolescência, AIDS, drogas, violência urbana, prolongamento da juventude, bulimia, anorexia e depressão (RAMOS, 2008).

A adolescência como campo social e simbólico será sempre bastante heterogêneo. A juventude aqui compreendida no texto, trata de experiências plurais de ser jovem, juventudes vividas no século XX e são rememoradas no século XXI. A sociedade contemporânea destaca a juventude como melhor fase da vida, essa valorização não se dá à toa, se não analisarmos os aspectos sociais, culturais e simbólicos que cercam a experiência humana da juventude, nas mais variadas culturas, perderemos o fito de compreensão dessa predileção. A adolescência é por essas mulheres percebida através da mudança corporal, pela menarca, pela sensação de estranhamento, que toca em eventos objetivos e subjetivos vivenciados por elas. A fala de Celina exemplifica:

⁴⁰ Trecho da fala de Olga.

[...] mamãe disse, mocinha é quando a pessoa passa da faixa da criança pra adolescente, você já é uma mocinha... Aí eu disse: ié? eu me achei esquisita, sei lá, estranha, aquele negócio, o peito mei duro, os peito pequeno, mais durinho, assim sentindo, como um negócio assim, apertando o peito, que tinha hora que eu sentia que parecia uma borracha esticando o peito... Sei lá, uma coisa esquisita... Aí eu disse, nam, a pessoa quando vira moça é uma coisa tão esquisita, meu Deus! tudo é de aparecer, só as pobre das mulher que é desse jeito, mas nesse tempo eu não dizia isso não, tô dizendo isso agora, né? porque nesse tempo “muçorica” e criança não tem experiência de nada, né? (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Como e quando se percebe a transição de criança para a adolescência tem sentidos diversos, a fala de Celina toca em dois eventos importantes que serão tratados neste ponto: ser mulher, e ser jovem. Algumas delas trazem em suas falas as marcas da experiência de como se sentem/sentiram mulheres/jovens. Aqui, a narrativa de Celina trata das representações que são produzidas para o feminino, da “responsabilidade” que é ser mulher, a pedagogia de gênero que produzia a diferença entre os sexos, mas também os eventos corporais que são experimentados pelas mulheres de forma violenta, sem orientação.

Coloco também no presente, por compreender que a juventude também é relacional, que a idade cronológica, em nada expressa condições marcadas de juventude e velhice, antes, são condições sinalizadas por aspectos culturais. Larrosa (2017) nos ajuda a compreender informando-nos que se a experiência nos serviu e nos serve para nos situarmos num determinado lugar: o que não somos, o que não queremos, muito serviu também, para afirmar nossa vontade de viver. “A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la.” (LARROSA, 2017, p. 74).

Se esta é forma singular de vivê-la, elaboramos os seus sentidos a partir das experiências que nos acontece, cada tela narrada por essas mulheres remexe as minhas memórias que se cruzam e formam uma tela que se abre e vasculha muitas vezes o que não foi dito, e o que nunca foi pensado de uma forma como se pensa no momento da relação com a escrita.

Eu não posso especificar precisamente quando ou como se deu a minha percepção sobre a minha juventude, assim como as lembranças destas mulheres, eventos são lembrados a partir do presente e que nos remete a mocidade. Isso nos mostra que as demarcações das fases de nossas vidas são atravessadas por elementos que compõem a nossa percepção, a percepção dos outros, as definições das leis, das propagandas, a cultura que estamos imersos, etc. O tempo tem aspectos subjetivos que não permitem uma cronologia estática; o avanço da tecnologia vem propiciando um prolongamento da

juventude, fazendo com que repensemos a fixidez do tempo cronológico, então, e ainda pensando com Larrosa, a experiência da juventude é o que pensamos sobre ela, envoltas, conforme Breton (2006), à “mediação da corporeidade”, o mesmo autor segue informando-nos que:

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças a soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão dos outros. Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. [...] esse processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem que, entretanto, encontra em certos períodos da existência, principalmente na infância e na adolescência, os momentos fortes. (BRETON, 2006, p.8).

Nessa perspectiva a fase da adolescência/juventude é composta por referencialidades diversas que compõem a sua relação com o mundo. É inegável que quando perguntada sobre quando me percebi jovem, ou como localizo a transição da minha infância para a adolescência, rememoro alguns eventos familiares e sociais que representam meu repertório simbólico de existência que também se evidencia pela presença de estar no mundo a partir da minha corporeidade. Retorno a década de 1990, como etapa cronológica que temporaliza alguns eventos que me marcam profundamente, assistir *Barrados no baile*⁴¹, gravar em fita K7, as músicas que faziam parte do meu gosto musical, colecionar papeis de carta e marcar com as amigas para trocar, era uma das minhas melhores formas de sociabilidade, naquele período. Tinha também um grande apreço pela revista *Atrevida*, que comprava com o dinheiro que juntava dos lanches que deixava de fazer na escola; essa revista era uma espécie de tira dúvidas para as inúmeras questões pelas quais gostaria de perguntar, geralmente as indagações estavam relacionadas a sexualidade, apesar dessa etapa ter sido de muitas dúvidas e questionamentos eu lembro de ter sido uma época muito boa.

Assim como essa minha representação, duas das mulheres que narram suas memórias nesse estudo, descrevem a juventude como a melhor fase da vida: “Ow tempo bom da adolescência! Ótimo!” (Patrícia) e com a fala bem saudosista, Olga também relata, “Ahh! A juventude eu achava boa demais!”. Como estamos tratando de histórias

⁴¹ *Barrados no baile* foi um seriado da televisão, dos Estados Unidos, exibido na década 1990, pela Rede Globo, no Brasil. A série retratava a vida de um grupo de adolescentes que vivia na comunidade de Beverly Hills, Califórnia, e abordava temáticas como: drogas, gravidez na adolescência e suicídio.

de vida que são oralizadas pelas memórias do passado, aqui, especificamente, ao momento que demarcam como a juventude, a primeira faz uma comparação as demais fases, e a segunda, trata da fase que considera mais marcante em sua vida.

A fala de Celina ilustra que, muitas vezes, a transição para a juventude é percebida pelas transformações que acontecem no corpo, mas não deixa de ser uma fase confusa, que causa um certo estranhamento:

Não sei explicar como é, né? Essa etapa, né?! Eu acho que a pessoa vai (...) o jovem a pessoa vai já crescendo, né? E o corpo, como é que se diz, modificando, né? Não é mais como a gente era criança mais, né? Aí vai... A pessoa vai sentindo umas mudanças, umas coisas diferentes, sei nem explicar isso! Estranha. Já assim, não sei não, nem dizer bem como é! [...] Eu achava estranha! Não achava bom não! Não vou mentir, mas não achava não viu, de jeito nenhum... (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Na juventude, esse estranhamento ocorre pelas mudanças físicas, questionamentos sobre o corpo, a sexualidade, identidade, etc. As mulheres que foram educadas a não refletir sobre o corpo, a recalá-los, escondê-los, se vêem diante de mudanças que vêm a interrogá-las nesse período.

Pode-se dizer que as formas físicas ficam mais evidentes: a epiderme, o peso, a altura; a tela agora reflete como espelho, e se acanhadamente é percebido pelo indivíduo, o “outro” é o próprio espelho, informando-nos nossas características corpóreas, ressaltando-nos o que pôde ver em nossa tela. A prática de esportes também nos ajuda a perceber nosso corpo; aos quatorze anos meu corpo físico apareceu para mim, na prática do Voleibol, eu adorava o sucesso que os micros shorts faziam, ao ressaltar as minhas coxas, mas aos quinze anos, foi o “outro” que, ao dizer “que eu tinha as pernas mais bonitas da escola”, que costurou a minha percepção a essa informação, me dando a “certeza” do quanto gostava das minhas pernas. Um dado importante do estudo é que uma das mulheres, Simone, trata ainda de uma não percepção, questionada como se percebeu na transição de criança para adolescente, ela responde de forma bem objetiva: “Sinceramente, nem percebi!” (sic).

As partes físicas do corpo na infância servem para explorar os ambientes, correr de um lado para o outro, subir, descer, escalar, numa interação motora quase que imperceptível; alguns momentos alertam para o corpo de uma forma mais apreensiva, cuidadosa, como a queda de uma árvore, uma ferida, um machucado, por exemplo. Quando essas mulheres foram questionadas sobre o corpo da infância, dificilmente recordaram das suas formas físicas, altura ou outras dimensões, mas eventos em que

exploraram seus corpos em interação com o ambiente, são lembrados em suas falas. A criança, me parece, é corpo, as dimensões quase nunca se separam: eu e meu corpo, e tudo parece estar junto na experiência com o entorno. Então, não se pode dizer que o corpo da infância não foi percebido, apenas o sentido da corporeidade foi tomado por outras lentes de significação, o que não é o mesmo que dizer que não é corpo.

Segundo Breton (2006) o corpo é o traço mais visível do indivíduo, é a marca, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros, é a partir dele que também se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, de significações e valores e este está sob a luz dos holofotes, pois a crise de significação e de valores da Modernidade são transformadas pela sociedade atual. Os corpos da juventude emoldurados pelas narrativas das interlocutoras desse estudo encontram-se em ambivalências, pois ao trazer as memórias corporais do seu tempo, compara-se com o tempo de sua vivência atual, reforçando que “hoje o mundo é mais aberto”, “hoje em dia é tudo mais fácil”, “é muita diferença”, “se aquela época fosse como a de hoje”.

Os códigos da juventude subjetivados por essas mulheres descrevem discursos e práticas normatizadoras, que segundo elas, se diferenciam completamente dos códigos da atualidade, onde outras concepções de juventude operavam, elas representam isso através de falas que tratam de uma plasticidade, contingência, fluidez, da contemporaneidade, “hoje o mundo é mais aberto”, comparando as suas experiências de sociabilidade, quando os pais, ou geralmente os irmãos mais velhos acompanhavam-nas neste período, para vigiar a honra feminina.

Silva e Soares (2003), no texto *Juventude, escola e mídia*, descrevem a representação da juventude na atualidade, e demonstram as problemáticas que a cercam, abordam predominantemente, a cultura de mídia à qual os jovens estão imersos, cresceram nesse universo. Outras instituições são problematizadas pelas autoras, que também não vem acompanhando, ou não está em sintonia com essa geração, principalmente, porque desde os anos 1950, essa cultura jovem ocidental, vem se tornando cada vez mais planetária, expostos à muitos estímulos, convivem constantemente com a tecnologia,

[...] muda de um canal para outro na televisão. Vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à internet [...] sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão, o rádio, o telefone, música e Internet” (SILVA; SOARES, 2003, p. 87).

Eu diria que hoje, isso se complexifica, a partir do momento em que os indivíduos têm tudo isso à disposição, reduzido à um único aparelho, os smartphones. A interação com estes, tem mudado até a nossa configuração corporal, a corporeidade tem tido características cada vez mais simétrica com os celulares.

Embora seja “a geração mais bem informada de todos os tempos”, não estão conseguindo utilizar de maneira produtiva o volume de dados que recebe, principalmente em relação à sexualidade, que vão desde o uso da camisinha, formas de encontrar parceiros, o aprendizado pelo “ficar⁴²”, e as escolas, como espaço tradicional, não sabem como tratar sobre a temática da sexualidade, e optam pelo silenciamento e a negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis (SILVA; SOARES, 2003).

Outros espaços se fizeram importantes na transição do século XX para o XXI na discussão e na busca de informações em relação à sexualidade entre os jovens, esse avanço da tecnologia, dentre outras coisas, se consolidou como o espaço por excelência pela busca de informações e viralizou de maneira nunca antes vista os dados e referências sobre a sexualidade. No caso específico das mulheres que fazem parte desta pesquisa, que também foram atravessadas pelos novos códigos de significação, onde as representações das subjetividades engendradas na juventude também se entrecruzam com a percepção que parte de suas existências atuais para pensar uma juventude que também retratam como: prazer, beleza, descoberta da sexualidade e dos corpos.

Os corpos percebidos em suas formas físicas estão presentes em suas falas, Eva, reconhecia seu corpo na juventude atrelando aos cuidados com este, e ao seu embelezamento:

O meu corpo era muito bem feito, desenhado, muito bem desenhado, me arrumava muito bem, tratava muito bem de meu cabelo, meu cabelo era tratado, não era escorrido, eu tinha que... Naquele tempo, nós não chamava como o povo chama hoje, pranchinha, essas coisa, o meu cabelo era ondulado, pela, pela... Uma... Moça que cortava cabelo muito bem, então era ondulado na máquina, os cachinho, passava um mês, seis meses, ondulado, cacheadinho, num sabe? Repartidinho de lado, com uma presilha muito bonita. (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Quando perguntada sobre o que chamava a sua atenção, imediatamente diz: “Meus peitos, ai... Eu amava que era pequenininho, até que acabou-se...” (risos). (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

⁴² Hoje a terminologia mais difundida entre os adolescentes é o “pegar”, me parece que ficar já ficou bem ultrapassado. O que denota que o “pegar” é algo mais rápido do que o “ficar”, uma característica mais contemporânea, descrita por Bauman (2004) pela liquidez das relações afetivas.

O corpo da juventude é exaltado em detrimento do corpo atual, quando informa que “até que acabou-se” (sic). Nos momentos das conversas percebia na expressão facial de algumas dessas mulheres os olhos brilharem ao falar da juventude, e principalmente quando ressaltavam aspectos positivos relacionados as suas formas físicas, uma verdadeira idolatria ao corpo da juventude. Nina diz que gostava “da cintura e dos quadris”, Olga, resalta positivamente as pernas, Alzira diz gostar do seu corpo da juventude porque era magra, “eu era dessa finurinha, minha fia”, fazendo gestos com as mãos para me representar o corpo da juventude, comparando ao corpo de hoje, quando disse que se acha gorda. Outra comparação, também foi feita por Lida, quando fala dos seios, narrando que “não tem nada, acabou-se foi tudo!”, nos quinze anos diz que foi se formando um pouco, mas ainda assim “não tem ainda” (sic). Essas mulheres representaram a juventude como valor, já a atual geração se preocupa muito mais com a intervenção/fabricação de um outro corpo.

Sant’Anna (2018) no texto “*Sempre Bela*”, destaca essa valorização do corpo juvenil desde a década de 1940, onde a partir da banalização internacional do “valor juvenil” houve uma maior flexibilização da imagem do corpo, pois o estilo jovial era moda internacional. Topetes modelados com brilhantina, mascar chicletes, meninas usarem pó de arroz compacto, rosto angelical e ar provocante por uma sexualidade menos tímida, eram as novas tendências entre os jovens, a rebeldia e a meiguice se misturavam a juventude consagrando o novo ideal, era a voga dos teenagers, que em 1960 se afirmou com maior intensidade.

Ainda sobre a percepção desse corpo físico da juventude, Celina, com a qual conversei em temporalidades que distaram de mais de um ano, reforça a percepção de seu corpo físico da juventude remetendo aos aspectos negativos, que se evidenciam na representação de sua fala. As subjetividades produzidas em relação ao seu corpo, que foram de um corpo dissidente aos padrões impostos socialmente, o corpo “gordo”, produziu em nossas conversas, momentos de muita tristeza e dor, partilhados pelo choro e sensações de desconforto. Na primeira conversa que tivemos, tive que parar por diversas vezes para consolá-la, e mudar o rumo das perguntas, para que os constrangimentos não fizessem parte daquela tela. Impossível! A marca discursiva que predominou em sua tela-narrativa se deu pela dor e o incômodo com seu corpo:

Toda vida eu fui desse jeito, eu nunca fui magra, derde que eu me entendo de gente, eu de criança, que eu toda vida fui gorda, forte, e ainda continuo, né? Nesse... (faz gesto com as mãos mostrando o corpo), nessa... moça aqui (olha

pro corpo de novo e mostra), velha, mas ainda, GORDA... (entonação mais alta na voz) (pausa), aí tem hora que eu tenho um desgosto, eu olho para minhas irmãs que elas são, elas são mais gordas, mais gorda não, elas são gorda, mas pra minha vista, são magra. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2016).

[...] mas quando vai ficando já uma moça, adulta, já vai... Olhando. Olha como era... Não era tão gorda quanto sou agora, aí a pessoa já acha feio (...) Olha como eu era um pouco mais jovem e olha agora, eu queria que eu fosse como eu era pequena, mas isso é impossível né? (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

A dor produzida pela representação do corpo, são marcas que acompanham Celina em sua trajetória. Segundo Breton (2006) o corpo também é preso no espelho do social, suporte de ações e significações em que o investimento coletivo ora agrupa, ora distingue pelas diversas práticas e discursos. No que tange a aparência corporal dois constituintes se fazem; um, tem relação “com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural” do indivíduo, que são contingentes, amplamente dependentes dos efeitos de moda; o outro constituinte da aparência corporal, diz respeito ao aspecto físico do indivíduo, altura peso, qualidades estéticas, etc. São esses os traços dispersos da aparência, que se metamorfoseiam facilmente com o objetivo de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, à uma categoria moral ou social particular.

Como os outros nos percebem, tem grande relevância simbólica no que subjetivamos sobre os nossos corpos. O olhar do outro deixa-nos em estado de alerta, numa busca desenfreada para satisfazer as mínimas características sociais baseadas na sedução e padrões corporais normativos, atravessados pela cultura. A medida dada pelo olhar do outro, separa, padroniza, estigmatiza. Nas narrativas dessas mulheres, fica claro, como a percepção dos outros foram importantes, e muitas vezes, definidoras, de como elas se percebem(ram).

A fala de Celina ilustra como a percepção dos outros subjetivou negativamente como ela se percebe, desde pequena, a mãe, que é uma fala de muita referência para o indivíduo, independente de qual fase esteja, a fez subjetivar o seu corpo de forma negativa. Pude perceber uma relação maternal de muito controle, como se a mãe ainda a infantilizasse o tempo todo. É importante ressaltar que durante as entrevistas houve muitas interrupções o que me fizeram refletir em relação a autonomia comprometida de Celina nesse espaço, a mãe reiterou o quanto que ela era gulosa, o quanto que ela comia muito e sempre deixava o irmão mais novo com fome. Em sua fala, diz que sofreu “bullying” desde pequena, o olhar desse outro a acompanha até os dias atuais, quando,

na casa onde desenvolve atividade de babá, o dono lhe diz coisas do tipo: “ave! Tu sois gorda, ave! Como tu sois gorda!” (sic). A comparação com o outro também é um parâmetro de percepção individual, Celina coloca o corpo da irmã, como um “corpo mais bonitinho”, descrevendo ainda: “aí eu olhava para o meu, o meu parecia o quê? Uma batata. [...] eu mesma me criticava, sei lá, fazia bullying comigo mesmo, eu dizia: meu Deus! Porque que só eu, que sou desse jeito”. Continua:

[...] criticava eu mermo. “Ouxe, porque eu não sou como Maria⁴³, Maria com o corpo tão bonitinho e o meu não!” Ana também era gorda, mas não era tanto, mas eu, eu era, toda vida fui a mais gorda fui eu. [...] É, porque eu olho pra mim, oh! Essa barriga, tu pelo menos não tem essa pança como eu tenho. (mostra a barriga) Tem umas gordinha que até (...) A professora da zumba... Um corpinho tão bonito como o dela, e ela é muito, muito, ela tem quadril, mas eu acho o corpo dela muito bonito! E ela diz que é gorda, e eu digo “Mulher, se eu tivesse um corpo que nem o teu eu era uma Miss Universo!”. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Aqui, ela demarca que mesmo um corpo com formas maiores, com quadril, bumbum, coxas, são bonitos; feio é barriga grande. O reforço positivo também pode ser dado pelo outro, Nina relata:

[...] todo mundo também admirava, dizia assim “Essa menina é chu...” como é? “Era muito chamboqueira⁴⁴!” chamboqueira o que é que eles diziam? Bonita! (risos) Tu acha? É bonita, num sabe? (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Patrícia, que declarou certa vez, em um de nossos encontros, ter tido uma depressão já em sua fase adulta, sempre me surpreendeu com seu altruísmo e vontade de viver, nas apresentações que participa ela é aquela que, segundo as colegas da dança “gosta de aparecer”. Fotos e filmagens é impossível ela não estar à frente, não se contenta com um lugar ou papel secundário nas atividades que desenvolve em grupo. Na última entrevista que fiz com ela, percebi que o reforço positivo também é dado pela família, quando falamos sobre os corpos jovens considerados bonitos, ela para, pensa, “deixa eu ver quem era na minha época”, e a pausa do seu pensamento foi interrompida pela filha mais nova, que faz gestos para ela dizer que era ela, falando em voz baixa para não sair na gravação. E imediatamente, vendo o comando da filha, diz: “Com certeza era eu! (risos) era bem mais forte, as pernas eram grossinhas, era eu...” (sic).

⁴³ Nomes fictícios.

⁴⁴ A palavra “chamboqueira”, foi encontrada no dicionário informal, como um adjetivo, no feminino, quer dizer que é uma moça bonita, mas “chamboqueira”, significando uma beleza grosseira, tósca. Aqui respeito a forma de significação da interlocutora, que diz que lhe achavam bonita.

Voltando ao universo simbólico que a percepção do outro produziu no meu corpo, foi a partir daquele evento “dizer que tinha as pernas bonitas”, que aumentou a minha preocupação em relação as roupas que vestia, de roupas folgadas e camisetas grandes, eu passei a usar calças mais apertadas, blusas mais curtinhas, foi aí o meu encontro com as tendências, com a moda, a preocupação com dietas e com embelezamento. A sensualidade já teria descoberto alguns anos antes, mas agora, o reforço positivo, me faria enxergar o poder que o meu corpo exercia.

Os padrões de beleza e a moda também são eventos históricos, inseridos em contextos sociais e culturais que diz muito sobre a sociedade. Nestes, estão inscritos códigos dos mais diversos. O texto *Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império*, de Raspanti (2011), vai discutir como o vestuário e as diferentes maneiras de utilizá-lo se constroem como parte integrante na cultura nacional. Inicia a discussão demonstrando como a preocupação com o vestuário esteve presente desde o início de nossa colonização, estes, serviram também para demarcar a posição das classes sociais no país, como exemplo, a “nobreza” colonial fazia uso de tecidos finos e muitas joias, para marcar a distância com o restante da população. Os tecidos e a indumentária eram distintivos no período, para os escravos e os menos abastados, restavam o uso dos algodões mais grosseiros de produção nacional; nas senzalas, os escravos usavam geralmente uma camisa longa ou, no caso dos senhores mais afortunados, calções ou ceroulas para cobrir o corpo. Interessante ressaltar que a nudez das classes inferiores não chocava a população, mesmo sendo tão recatadas.

Mas, foi o século XX que trouxe uma mudança radical nas formas de vestir, e a indumentária se simplificou, de forma que ficaram mais leves e práticas, isso reflete também os novos padrões de comportamento da época, a mulher das classes mais altas, tiveram nesse período mais independência para sair às ruas, e as mulheres mais pobres, passaram a “trabalhar fora”, não só fazendo serviços domésticos (RASPANTI, 2011). A beleza ligada a indumentária, a forma de se vestir foi levantada pela fala de Patrícia: “Tinha as minhas amigas da minha época, que eu achava muito bonita [...] a gente achava elas bonita e bem vestidas. [...] era tudo chique!”. (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

E segue dizendo que não destaca características, mas as roupas que vestiam e como se arrumavam, tinha uma relevância muito grande para serem muito bonitas, também faz uma comparação com ela, quando ressalta que com pouca coisa, ela

“realçava”, o que quer dizer que, não precisava de muita coisa, muitas roupas, acessórios para ficar igualmente bela: “Somente porque era muito luxuosa, tinha tudo do bom e do melhor, e eu com pouca coisa, eu notava que eu realçava mais do que elas, mas eu achava muito chique. [...] era no traje! [...] como elas se arrumavam!” (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

A norma de beleza também muda de paradigma nas sociedades. O corpo, base de investimento da moda é perpassado por padrões impostos. No Brasil, na década de 1950, o ideal de beleza feminina era: cintura fina, quadris largos, ombros roliços, seios atraentes, pernas grossas e bem torneadas, esses atributos faziam parte do repertório do “corpo ideal”. Em seguida, os padrões vão mudando para a mulher-gata, longilínea e, a seguir, a musculosa. Na década de 60, as balanças Filizola, se fizeram presentes nas drogarias do país, e saber o próprio peso virou algo natural, um conhecimento integrado à identidade de cada um, uma necessidade. As academias de ginástica viraram moda desde a década de 1980, a partir daí a busca pela musculatura firme passou a predominar como ideal de beleza. As décadas seguintes vão assistindo gradativamente o arsenal de vitaminas, próteses, preenchimentos e cremes bastante diversificados, e o corpo “turbinado” passa a ser a referência (SANT’ANNA, 2018).

Penso que algumas dessas referências chegaram de forma difusa para as interlocutoras do estudo, o ideal de beleza entre essas mulheres, gira em torno em sua maioria, do corpo magro. Mas quando relacionam algumas especificidades corporais, a referência é de seios bonitos, geralmente maiores, e pernas e quadris também são sinônimos de beleza. A relação com o corpo do outro, a fala subjetivada a partir desse outro, como também os discursos atravessam os corpos dessas mulheres, fazendo com que elas produzam representações sobre beleza.

Segundo Del Priore (2004), essa ambivalência também se expressa pela própria história do corpo no nosso país, as noções de feminilidade e corporeidade, sempre estiveram inter-relacionadas em nossa cultura, os padrões também mudam. No século XIX, as morenas e gordas, eram sinônimos de beleza, mas ainda no final deste século, a obesidade provocava interjeições negativas. No início do século XX, um movimento empurrava as mulheres para uma mudança de paradigma em relação a beleza: os ginásios se multiplicavam, professores de ginástica, manuais de medicina que colocavam em destaque as vantagens físicas e morais dos exercícios, e aos poucos, a elegância feminina começou a rimar com saúde, o corpo esportivo passou a ter significado de atividade, em oposição a gordura, sinônimo de não atividade, corpo

preguiçoso, portanto corpo e beleza negligenciados. Lentamente, o padrão estético emagrece, endurece, deixando a gordura e em outro momento o corpo “ampulheta” para trás. O discurso higienista, que ecoou bastante nos anos 20 e 30, impulsionou também a vida das mulheres ao ar livre, menos cobertas e mais fortificadas. Instala-se a busca da aparência sã, as mulheres gordas no século XX tendem a desaparecer da vida pública, é a emergência da lipofobia, e a obesidade, começa a tornar-se um critério determinante de feiura.

A beleza e feiura captadas por essas mulheres apresentam atravessamentos da cultura hegemônica, que dita os padrões, mas igualmente, elas podem nos surpreender pela capacidade que produzem suas telas-beleza. Ao olhar para as telas elas produzem em nós sensações diversas, a de alegria certamente é a mais surpreendente, ela deve ter sido pintada através de sensibilidades tão peculiares, que são difíceis de ser capturadas pelos olhos apressados, somente aquele olhar da experiência que se deixa atravessar e vibrar com as coisas mais simples conseguem captar. A tela beleza foi emoldurada por Lida por algo que poucas pessoas conseguem captar, tão pouco representar com traços tão finos e tão rebuscados ao mesmo tempo. Lida ao tratar da beleza, não precisou ir muito longe, nos artistas da TV, nos ícones da moda, ela foi ali, bem pertinho, e retratou sua irmã. Retratou-a como a mais diferente, a mais bonita, o olhar dela não estava apressado:

[...] muito bonita, benzatedeus, não é por quê é minha irmã não, mas ela é diferente de tudim, mas as outras né feia não! [...] é o jeito dela, é o físico dela, já nasceu assim e ela é maravilhosa, ela é uma pessoa, tanto foi pros filhos, tanto foi pra gente, como para o marido [...] É muito simpática ela [...] O olhar dela, a bondade dela, tudo dela... o chegar dela, era é uma pessoa alegre, uma pessoa contente, uma pessoa maravilhosa. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Associar o ideal de beleza a características como: simpatia, bondade e alegria é enxergar a estética de uma forma dissidente, pois, segundo Del Priore (2004), a indústria cultural foi ensinando as mulheres que o caminho seguro para a felicidade consiste em cuidar da saúde-beleza, e a beleza é vendida como uma promessa para todas e dramaticamente a busca incessantemente se transforma em regra, um “ideal inatingível”, que culmina no fim do século XX, num narcisismo coletivo, consagrando a beleza como condição fundamental para as relações sociais, invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia, exercendo uma ditadura permanente, “humilhando e afetando os que não se dobram ao seu império.” (Del Priore, 2004, p.265), trocando a

dominação dos pais, maridos e patrões por outra, invisível, a dominação da mídia e da publicidade e a constatação é de que as mulheres na entrada do século XXI, continuam submissas!

Submissas e controladas assim se define a trajetória das mulheres, o controle, disciplinamento é exercido desde pequenas, quando a educação de gênero é justificada pela diferenciação e hierarquização dos sexos, no reforço aos papéis femininos e masculinos e a preservação da honra feminina: “a gente era muito assim... pra ser aquela moça direita, aquela moça, sabe?” (Simone).

A família, enquanto instituição, também fazia o controle rígido dos corpos das meninas, ficava a cargo da mãe, na maioria das vezes esse controle mais ostensivo, a cultura do silêncio girava em torno do pai, que na experiência delas era o provedor, alguns exemplos ilustram:

É, era o cuidado, logo meu pai era caminhoneiro, né? Aí logo fica aquela responsabilidade só numa pessoa... Porque o que acontecer já sabe, que logo é a mãe, num é? (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

[...]acho que são rígidos, sei lá, pulso firme, num alisava a cabeça da gente se fizesse coisa errada, nera? (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Outra interlocutora da pesquisa demonstra esse controle exercido sobre o seu corpo, Patrícia. A autoridade, controle, governo, realizado pela sua mãe, merece destaque, inclusive porque num determinado momento da nossa primeira conversa ela prende e trinca os dentes quando afirma que “a minha mãe era carrasca” (sic). A perda do pai na juventude, aos dezoito anos fez com que a mãe levasse daí por diante uma maternidade solo⁴⁵, e esse governo se deu de forma mais ostensiva. Quando ela terminou o antigo ginásio, que hoje seria o ensino médio, ela parou os estudos porque a mãe tinha “cuidado”; palavras como “protetora”, “cuidadosa”, se misturam ao vocabulário com outras expressões como “rígida”, “brava”, “carrasca” e “pegando no pé”; quando ia às festas, cita momentos em que a mãe a acompanhava para o clube da cidade, ficava sentada esperando com outras mães, elas terminarem de dançar. Com a morte do pai, depois de um tempo que morou fora, com a mãe, irmã e o cunhado, o controle do corpo era exercido pela figura masculina, do marido da irmã, que naquele

⁴⁵ Maternidade solo ou mãe solo, é uma nova denominação para dizer que a mãe cria, educa e é a única responsável pelo filho, ou não tem a presença do pai da criança na vida do filho. Este novo termo acaba com a ideia de que para ser mãe você precisa estar casada, ou a forma preconceituosa de elencar um estado civil para as mães que criam seus filhos sozinha, como era o termo: mãe solteira, culturalmente carregado de estigmas sociais.

momento, zelava pela honra feminina, das três mulheres que moravam com ele: a esposa, a sogra e a cunhada. Quando conheceu o seu esposo, nesta época, para pedi-la em namoro, foi feito o pedido ao cunhado, que consente o namoro. Em seguida, quando casa, Patrícia tem a transferência do controle dada a outra figura representada pelo masculino: o marido!

Em outro ponto retornarei as representações sobre os namoros e casamento dessas mulheres, por ora é interessante ressaltar que também um outro homem exerceu esse controle sobre o corpo de Patrícia na juventude, um namorado que teve no período, que morava fora da cidade e a presenteava com revistas, para que o tempo que ele estivesse fora, ela pudesse se entreter e não sair para as festas, ou qualquer outro lugar. Como boa namorada, ela deveria ficar em casa, esperando a sua volta. As revistas na percepção dela, eram presentes positivos, porque reproduz a ideia de que mulher bonita, não deve estar à solta por aí, em qualquer lugar, o controle exercido pelas revistas, eram uma forma de “passar o tempo” até a volta dele. Ela diz: “[...] era mais pra eu não sair de casa! (risos) porque eu era bonita, minha filha, era muito bonita com dezoito anos, dezenove, pense...”. (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

O controle também poderia se dar pelo irmão mais velho na juventude, como no caso de Eva:

Não tinha essa história... Tem uma festa ali, vamo embora, se arruma, vamo simhora! A gente ia, alguma. Não era todas! Alguma festa nós ia porque tinha um irmão da gente que gostava muito, aí pedia a ela, ela tinha muita confiança nele, “Deixe mamãe, as meninas irem olhar um pedacim!” aí ela deixava, aí mas pra gente ir sozinha, nunca fomos, nunca fomos! [...] É porque ele era homem e ele era muito cuidadoso com a gente... Ele tinha cuidado mesmo que um pai! [...]Ele era muito cuidadoso, papai num ia pra lugar nenhum, ele não gostava... Aí quando tinha assim, casava uma amiga, um amigo da gente, aí a gente ia essa festa porque era uma festa de casamento, direita, ele levava, se ele chegasse lá, visse qualquer coisa assim, que não agradasse, ele mandava a gente... Nós obedecia a ele “Senta!”, pronto... (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Na vivência de Eva, a vigilância e o controle pela figura masculina, era realizado pelo irmão, já que, segundo ela, o pai não gostava de ir à lugar algum. O irmão mais velho que ditava as normas, e o que não agradava a ele quando saía com as irmãs, ele colocava o limite, na dança ela descreve que se “quebra no meio”, movimento de jogar o corpo do outro para trás, demonstrando uma representação sensualizada e até contra a moral, reforçando que hoje se “faz e acontece”, expressões para dizer que o controle de hoje é mais flexível, segue a narrativa de Eva:

Assim, ele vendo bebedeira, aqueles homem bebo, dançando, às vezes... Sabe que hoje as coisas é outra né? Dança, se agarra no meio da sala, quebra no meio! Dá beijo, faz e acontece... Não! Lá não existia isso não! [...] nunca, nunca saímos sozinhas! Não ia não. Podia chorar, podia se amuar, se deitar emborcada, chorar... Não tinha negócio não! Se ela dissesse não, era não! Pronto, ali acabou! Nem ele num ia mais pedir... (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A pedagogização da honra feminina era realizada por um aparato de redes e instituições que prescreviam toda uma concepção de comportamentos. O não “pedagógico” direcionado aos filhos, educava para a diferença entre os gêneros, demarcando os privilégios dos homens em detrimento das mulheres, fazendo-as subjetivar uma educação moralizadora; a religião no papel exercido pela igreja, com discursos disciplinadores também fazia subjetivar valores buscados de forma consciente e até inconscientemente. A experiência de Juana, foi a de uma relação muito íntima com a religiosidade, e o discurso religioso sempre teve grande influência em sua vida, fazendo-a subjetivar valores morais e modelos de conduta e comportamento que ressaltava o papel feminino de manter-se “preservada”; as festas, eram vistas como eventos “para perda de tempo”, “estragavam” a mente e o corpo, portanto, o discurso reproduzido era de um “lugar” de recato e decência, ela coloca que:

[...] a primeira coisa é não estragar a mente! Estragar com coisa baixa, com coisa ruim, uma noite de samba sem precisão! Não tem precisão disso, eu passar a noite de samba agarrada, um quer me amassar [...] Eu perdendo... Minha energia sendo perdida! Isso aí eu me economizei muito! Entendeu? Eu ia pra igreja, aprendi a ir pra igreja, não queriam? Voltava pra trás... (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

É muito intrigante a forma como Juana se apropria dos discursos e como essa linguagem produziu amarras em sua trajetória, até a ideia de “ter que se divertir”, se constituiu como camisas de força em sua experiência. Vai além dizendo que “aprendeu” a ir para a igreja, e que as pessoas que não queriam, voltava para trás, como se dissesse que quem não quisesse seguir os “ensinamentos” ali repassados, voltasse para trás, mas que ela seguiu; tudo isso demonstra como a linguagem está imbricada por relações de poder que disciplinaram o agir, o sentir de Juana.

A cultura, a linguagem, que exerce influência tal no indivíduo que este exerce controle sobre si mesmo, os discursos diversos, a mídia com papel fundamental, cooptando as pautas identitárias, as redes sociais, como parte significativa da vida das

pessoas na contemporaneidade, que disseminam com uma velocidade inimaginável, influenciando as opiniões e ditando regras de tudo o que se pode imaginar, desde a política, no sentido macro, interferindo no sistema e partidos políticos, à percepção dos nossos corpos, como fenômeno mais micro, exercem o controle, a vigilância dos nossos corpos.

Importante demarcar que o desejo sexual se torna o grande problema para o controle dos corpos, sobretudo a partir do século XII, quando a alimentação deixa de ser o centro das preocupações em bem administrar o corpo, para dar lugar a sexualidade como problema que invoca a produção de saberes e de estratégias políticas de controle e tratamento do corpo. A alimentação deixava gradativamente de ser alvo da moralidade para abrir espaço ao tema das práticas sexuais. O cristianismo teve papel fundamental, embora não tenha criado o código de comportamento sexual baseado na monogamia, fidelidade e procriação, mas é o cristianismo que aceita e reforça esses códigos, pois aproxima o desejo sexual com a obrigação da verdade, o sexo tem que ser confessado! Por conseguinte, o conhecimento e o controle do corpo vão demandar, o conhecimento e o controle dos usos dos prazeres sexuais (SANT'ANNA, 2006).

As memórias do corpo na juventude traz experiências que emolduram a tela-escrita da construção de femininos, das interlocutoras da pesquisa, as técnicas de controle e vigilância foram realizadas de diversas formas, produzindo subjetividades, pelas quais, os discursos se abrigaram e perpetuaram durante a trajetória dessas mulheres; um evento da corporeidade, merece destaque, por ter sido relatado por algumas delas, a menstruação como evento, que por elas demarcaram a juventude, costuram as memórias de um corpo jovem.

2.2 - A menstruação: uma representação da corporeidade que marca a juventude.

Começo a costurar a tela narrativa quando recordo que aos vinte e oito de fevereiro de mil novecentos e noventa e quatro, quando tinha treze anos, a data se tornaria marcante por dois eventos, um por ser um mês cronologicamente atípico, que é o mês de fevereiro, e o outro, porque naquele dia veio meu primeiro fluxo menstrual. Antes de qualquer sensação física eu me sentia subjetivamente, muito estranha naquele dia. Os eventos da minha vida que eram marcados com todo detalhe na minha velha agenda-diário, teria mais um que seria marcado por códigos, coisa que, naquele

momento, passou-se sem nenhum questionamento, pois afinal deveria ser guardado “em segredo”.

Eu fui até a minha mãe e chorando contei o que estava acontecendo, algumas poucas orientações foram dadas; lembro-me apenas dela dizer para mim, que não era nada demais e que a partir daquele momento eu teria que usar de alguns artifícios para que não manchasse a roupa com sangue; foi aí que ela me falou sobre o tecido, pequenos pedaços deles, que eram usados para absorver o sangue e o absorvente que poderia igualmente reter o fluxo sanguíneo. Me orientou para que intercalasse o uso dos dois, nos dias que se seguiam o fluxo menstrual, pois, segundo ela, o absorvente abafava demais, e o uso dos pequenos tecidos faziam a vagina “respirar” mais um pouco.

Na minha vivência, o “segredo” da menstruação estava localizado por códigos na minha agenda, embora eu o tivesse revelado a minha mãe, mas deveria esconder dos demais, aquilo não era motivo de orgulho para mim, mas sim de vergonha. O silenciamento também fez parte da vida dessas mulheres, a menstruação era tabu na época que viveram, Patrícia, descreve isso em sua narrativa:

Naquele tempo a gente era tão boba... A gente não observava isso não! Hoje o mundo é mais aberto. A gente era muito boba... A gente era tão boba que quando menstruava tinha que esconder de mãe, pra mãe não saber! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Esconder fazia parte de uma estratégia de entendimento das coisas “que não se poderia falar”, porque os estranhamentos em relação a sexualidade era passado de geração em geração, em casa não era lugar de aprender, de discutir sobre “determinados assuntos”, se imaginava que decorrido o tempo, todo mundo aprenderia de forma natural, e que aos poucos as informações iriam chegando de fontes diversas, mas, os pais não poderiam tratar do assunto porque os códigos de moralização impostos pela cultura, não permitiam, era dar informações demais, isso poderia despertar para outros aspectos da sexualidade, e a conversa poderia chegar no que era tratado como tabu, o ato sexual em si, perpassado igualmente por códigos culturais muito rígidos.

Patrícia, encontrou na irmã um alento as dúvidas que pairavam em relação a menstruação, e só com ela partilhava os períodos dos seus ciclos: “Eu e minha irmã, só quem sabia era a gente quando tava, só eu e ela...” (sic). Outros relatos indicam o silenciamento que pairava sobre a menstruação, além da falta de informação sobre as

transformações do corpo, sexualidade, esses temas eram evitados com os filhos, Alzira descreve bem isso, apesar da mãe ser parteira, mas assuntos como menstruação, gravidez, etc, eram assuntos que não deviam ser discutidos na frente dos filhos:

Mas minha filha, olhe (...) A primeira menstruação, eu tava com dezesseis anos, era, com dezesseis, eu não sabia o que era isso né? minha mãe era parteira, foi parteira com vinte e quatro anos, mas essas coisas assim eu ia escutar. “Mas vocês tão escutando!”, eu queria ver a conversa (risos), eu disse: “Nada, mamãe”. era eu e outra irmã mais velha do que eu, né? Acontece que a gente ia pra cozinha, mas a gente naqueles tempo era tudo inocente... Era... você não alcançou, minha fia. Mamãe quando chegava, ia conversar com as outras amigas, a gente ia pra sala, fazia mesmo assim, quando ela murchava os olhos a gente já sabia, era pra gente sair, pra não assistir a conversa, hoje em dia, as mães: “Bote aqui, minha filha, tá vendo aqui? é seu irmãozinho. Né, minha fia?! (faz gesto com as mãos na barriga)⁴⁶ É minha fia, eu vejo as mães, né? Mas naqueles tempo, não tinha quem soubesse... Mamãe ia e fazia touquinha, botava pra ir brincar de boneca. E pronto, minha fia, foi o tempo que fomos crescendo, fomos compreendendo essas coisas... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

O tempo era o sinal dado para a ansiedade e muitas perguntas que pairavam nessa fase ficavam sem respostas, cabia a imaginação refleti-las, ou as astúcias que realizavam para escutar qualquer coisa que fosse. Voltando à minha maior confidente do período, a minha agenda, muito pouco eu poderia tirar as dúvidas, me servia mais como um alento para dividir as emoções e sentimentos que os momentos traziam. As agendas nos anos 90, eram uma espécie de Instagram da época, nela se compartilhava fotos, papéis de bombons, chocolates, entradas em festas, dentre outras coisas; com a diferença de não ser virtual, mas quanto mais grossa fosse, mais indicaria uma vida social “interessante”, indicava que aquele jovem tinha muitas experiências a partilhar.

Aos treze anos, minha agenda-diário ainda não era tão robusta, isso só viria a acontecer por volta dos quinze anos, quando muitos acontecimentos pessoais e sociais estariam ocorrendo, com uma frequência maior do que em anos anteriores; naquele ano, o motivo de maior orgulho ainda era a assinatura dos Trapalhões⁴⁷ que vieram fazer uma apresentação numa casa de show na minha cidade. Pelo descrito percebe-se que a minha transição de criança para adolescente, se deu de forma quase imperceptível, eu ainda gostava dos Trapalhões, grupo que ainda invocava à criança que existia em mim,

⁴⁶ O que se encontra entre parênteses nas citações demarcam a minha fala, o que vi, o que interpretei nas entrevistas. Ora se dá para melhor exemplificar as narrativas, ora aparece como descrição das reações que elas tiveram no exato momento em que estavam falando.

⁴⁷ Os Trapalhões era um grupo formado por quatro humoristas: Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, que mantinham um programa humorístico na Rede Globo de Televisão.

mas já era uma adolescente, e isso só foi me chamar a atenção quando menstruei pela primeira vez.

Assim como as tintas das telas, a distinção das fases se misturam, é no plano cultural que são demarcados os eventos do que é ser criança, jovem ou velho, e no concreto, isso fica, na maioria das vezes, muito confuso para gente. Retomando a memória da minha primeira menstruação, lembro-me que fiquei muito triste, ainda não estava claro para mim aquela tristeza, mas deve ser algo ligado aos rituais de passagem, um sentimento de estranheza interligado a outros que eu não conseguia nomear muito bem.

Sardenberg (1994) informa que:

Numa perspectiva transcultural, a menstruação aparece como objeto de interpretações e significados múltiplos, inseridos em ordens culturais das mais diversas, sendo motivo de crenças e costumes aparentemente tão exóticos e díspares quanto a criatividade humana tem se permitido imaginar e pôr em prática em torno de um simples “fato da natureza”. Mas isso apenas significa que não se trata de um simples fato biológico, mas de um fenômeno de dimensões sociais e culturais, “...cuja forma, consequência e significados são socialmente construídos em qualquer sociedade, da mesma forma que são a maternagem, a paternagem, ou o julgar, governar e conversar com os deuses”. (SARDENBERG, 1994, p. 320).

Hoje percebo que o evento biológico – a menstruação, também se imbrica em construções sociais e culturais, mas o que também fica claro, para mim, é que se perceber adolescente se deu essencialmente por uma demarcação física; foi no corpo que estava cravada a mudança, foi pelo corpo que ouvi um dia “que viraria mocinha⁴⁸”, pelo corpo que senti a estranheza daquele momento. Para muitas dessas mulheres, como foi descrito no capítulo anterior, o corpo da criança era quase imperceptível, não nomeado. Portanto, na transição para a juventude, geralmente essas mulheres perceberam seus corpos a partir da menarca, ou pela percepção da mudança corporal. Lida é exemplo disso, a mudança corporal apontada pelo outro, lhe chamava a atenção para a percepção de que não era mais criança, e os ciclos menstruais eram permeados de muitos tabus e eventos sigilosos, como relata:

⁴⁸ No Brasil, é comum ouvir-se a expressão ‘ficar moça’ para indicar a chegada da menarca. Diz-se ‘Fulana ficou moça’, ou seja, tal menina teve sua primeira menstruação, deixando assim de ser ‘menina’ para tornar-se ‘moça’. E ‘moça’, como se sabe, não tem entre nós uma conotação apenas de idade (jovem); significa, também, ‘pessoa do sexo feminino que já menstrua, mas que continua virgem’. Uma categoria de fêmea distinta da categoria ‘mulher’, isto é, uma pessoa do sexo feminino que menstrua e que não é mais virgem. (SARDENBERG, 1994, p. 339, grifos da autora).

Porque o povo dizia: você tá passando de menina pra moça, tá crescendo, tá criando corpinho, magra mas tá criando corpo, você tá desenvolvendo. (referindo-se a primeira menstruação) Escondido... sem ninguém saber... (pausa) não falei a ninguém...nesse tempo ninguém falava a ninguém... Era pouco, os primeiros dias, era pouco, depois foi que... deram fé, foi com... foi com 15 anos, foi já nos 15 anos já [...] (sobre falar com a mãe sobre o assunto) nunca conversou não, ela, conversava não. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Alguns aspectos estavam associados aos ciclos menstruais, questões como higiene, doença, foram dimensões levantadas pelas narrativas:

[...] se tu soubesse... Eu tive uma crise de quê? De ir pro buraco... Oxe, eu quase que morro, minha fia! (risos) Doente, sem saúde, a saúde muito sofrida, num é? Muita febre... Ela conversava com as meninas grandes, mais velhas, as meninas mais velhas não diziam nada pra mim, aí eu caí, eu caí e fiquei caída, de cama, acredita? (sobre a mãe) É porque hoje já é velha, num era? O certo... Eu fui muito velha, vôte! (falando em relação a idade da primeira menstruação). Uma febre tão grande, eu delirando, eu caída mermo... (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Assim, porque era aquela coisa, como eu fui criada assim... Como se fosse uma redoma, eu não podia saber de nada, eu não podia assim... Até assim, quando foi se transformar de menina pra moça eu não sabia o que era... Então era uma coisa assim... Foi uma transição sem ter orientação! Porque naquele tempo nem tinha da minha mãe, nem tinha da escola, então foi assim, uma transição que eu não...Eu me desesperei, eu pensava que era uma doença...pensei que era uma doença! (sobre a primeira menstruação). Pensei que fosse uma doença... (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

As expectativas que giravam em torno da menstruação vão de acontecer até uma determinada idade até à associação ao adoecimento. Encontra-se referência a menstruação ligada ao adoecimento associada à noção de “impuro” trata da impureza espiritual, aquele corpo que se encontra impossibilitado do encontro íntimo com a espiritualidade, portanto deve estar afastada dos demais. Seguindo o raciocínio da menstruação enquanto impureza, doença, a autora, Maria Clara Estanislau do Amaral, em seu estudo, *Percepção e Significado da menstruação para mulheres (2003)*, traz um dado da pesquisa em que algumas mulheres, principalmente aquelas que possuíam uma escolarização menor, relatavam que a menstruação teria ligação íntima com a doença, pois “se o sangue não fosse eliminado subiria para a cabeça”, e causaria o adoecimento mental. A mesma autora informa-nos ainda, que essas mulheres reproduziam conceitos médicos de mais de trezentos anos, estes atribuíam várias moléstias femininas aos problemas uterinos, especialmente os que se referem a menstruação.

Em Sardenberg (1994, p. 321) encontra-se a referência de que é:

[...] bastante comum ou mesmo quase universal a noção de que o sangue menstrual, assim como o que é derramado durante o parto, pertence a uma categoria de sangue distinta daquele que corre nas veias, e que desperta geralmente, um sentimento de aversão ou nojo, e, conseqüentemente, de vergonha para a mulher menstruada. E não são poucas as sociedades nas quais o mênstruo é tido como agente poluidor, dotado de impurezas e/ou possuidor de poderes mágicos, geralmente maléficos, uma atitude que também se estende à mulher menstruada.

Frequentemente, muitas crenças e tabus giram em torno da menstruação e essa visão de impureza, bastante difundida na nossa sociedade tem raízes históricas, culturais, religiosas, como demonstrado acima. Ainda com Sardenberg (1994), vai informar que tanto na tradição islâmica quanto na judaica, e através desta com grande influência na religião católica de origem judaica-cristã, a mulher menstruada é considerada impura e perigosa. O que é interessante observar é que todas essas mulheres, que nasceram no século XX, que foi proclamado como o século que consagra o homem com um novo direito, o direito à saúde (Moulin, 2018), elas ainda têm a menstruação como marca discursiva associada à doença, e crenças que vão reiterando, sem muitos questionamentos, legados que se imbricam através dos enunciados religiosos, médicos que são repassados de geração a geração.

A questão da higiene também perpassava inevitavelmente as questões ligadas aos ciclos menstruais, em alguns casos, quando havia o menor diálogo sobre o assunto, algumas prescrições eram dadas, muito mais no que tange aos aspectos ligados a interdições como: não lavar a cabeça, não andar descalça, não comer certos alimentos, dentre outros, Santa'anna (2011, p. 287) reforça que, no século XX alguns temores ainda ecoavam entre os brasileiros “o medo feminino de lavar os cabelos no período menstrual ou de amolecer a vontade e o corpo por meio dos banhos quentes”. Além das interdições, recomendações breves em relação à higiene eram aconselhadas, como exemplo o uso de pequenos tecidos limpos para absorver o fluxo, como mostra a fala de Celina:

[...] tu acredita que eu nem acreditei quando chegou a primeira vez, eu não tinha experiência não, e minha mãe sobre isso não me explicava, ...que uma vez quando minha menstruação...eu parece que botei um paninho su... sujo, que eu achei por lá sem dizer nada a mamãe. Aí eu disse: “Oxe! Porque eu tô assim, desse jeito?”... vi ali, aquela coisa melado, aquela coisa... aí eu vi, peguei o primeiro pano e botei. Eu não tava nem em casa, parece que eu tava brincando, aí quando chegou, aí eu vi, e botei. Aí eu fui dizer a minha mãe: “Mãe”, aí disse... aí ela foi me explicar. Aí eu disse: “eu até botei um pano sujo”, aí mamãe disse: “mas oxe menina! tira isso, num pode botar pano sujo

não”, aí pegou foi me dá um... porque nesse tempo não usava modess não, nera? só era pano. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Interessante observar que a utilização de pequenos tecidos, eram em seguida lavados, geralmente com água sanitária ou produto similar, e após secarem passava-se o ferro bem quente, no intento de “matar” algumas bactérias, demonstrando o atravessamento das fronteiras do “segredo” em torno da menstruação, pois a atividade do lavar, colocar para secar e passar, ficavam bastante visíveis, e naquele momento, o segredo em torno da menstruação das meninas, poderia ser descoberto por qualquer um que habitasse ou transitasse o ambiente. Apenas Lida mantinha a “cultura do segredo”, quando relata que jogava e enterrava os pequenos tecidos: “Eu escondia [...] pegava um paninho, naquele tempo não tinha... Eu jogava tudinho, pra ninguém não ver, enterrava.” (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

De hábitos de asseios a noções de higiene no Brasil, foram descritos no texto *Higiene e higienismo entre o Império e a República*, de Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2011), que descreve algumas particularidades relacionadas a higiene em nossa cultura que se vinculam a noção de proteção à saúde, conseqüentemente, o afastamento das mazelas e doenças. Na passagem para o Brasil republicano a crença de que, era também por meio da higiene que se alavancava o progresso econômico e social, visão já bastante difundida em países como Inglaterra e França, influenciaram a cultura brasileira. A perspectiva higienista foi bastante difundida, mas também não passou sem revoltas populares, pois a luta em favor da higiene não deixava de ser violenta com os pobres, sendo mais um meio de acelerar e justificar sua exclusão.

As interdições no período menstrual também ganham ênfase no texto da autora, quando coloca que várias sociedades atualizam que o princípio feminino por excelência estava no útero, órgão anatomicamente feminino, complementa:

No começo da era republicana, os ecos desses antigos pressupostos foram amplamente traduzidos pela propaganda brasileira, segundo uma linguagem pretensamente mercadológica. Por meio de narrativas dramáticas, o útero aparecia como um lugar suscetível ao acúmulo de todo tipo de líquido malsão, feridas “emprestadas”, sujeira de toda ordem. A propaganda também atualizava a antiga crença de que o parto e o advento mensal das regras limpavam e revitalizavam o corpo, afirmando a identidade feminina. (SANT’ANNA, 2011, p. 309-310, grifos da autora).

Uma outra forma de “tratar” a doença que era causada pelos ciclos menstruais foi receitada pelas pessoas do convívio de Celina, que disseram que as cólicas que ela e

a irmã tinham nesse período “quando vocês se casar, é que passa”. O casamento era prescrito como o elixir de cura para todos os males que eventualmente as mulheres pudessem ter, com conotações positivas e curativas, o casamento só poderia significar uma busca objetiva das mulheres, um destino para elas, em outro ponto tratarei do casamento como representação que envolve a memória da juventude dessas mulheres.

As noções, costumes, interdições, tabus que cercam o evento da menstruação em diferentes sociedades configuram-se como um sistema de símbolos, significados e práticas que se inter-relacionam, constituindo-se em **ordens prático-simbólicas da menstruação**, que podem variar consideravelmente de uma sociedade ou época para outra, mas que também têm elementos e aspectos que se mantêm constantes, estes são de fundamental importância para a construção social dos gêneros, como por exemplo, o fato da menstruação ser uma característica exclusiva e universal das fêmeas da espécie, configura-se como um fator demarcador das diferenças de gênero e se legitima a condição social da mulher. (SARDENBERG, 1994).

Ainda com Sardenberg,

Até mesmo quando não se manifesta, a menstruação se apresenta como um parâmetro universalmente reconhecido, tanto de demarcação das diferentes fases do ciclo vital das mulheres quanto da sua identificação e classificação social segundo a fase em que se encontram. De uma maneira ou de outra, ou em maior ou menor grau, todas as sociedades estudadas tomam a menarca e a menopausa como marcas para a identificação e classificação das mulheres e para a diferenciação de papéis, atividades e comportamentos correspondentes a tal classificação. Dessa maneira, emprestam ao fenômeno biológico da menstruação elementos sócio-simbólicos pertinentes às identidades e relações de gênero, seja entre homens e mulheres ou entre mulheres em diferentes fases da vida reprodutiva. (SARDENBERG, 1994, p. 337).

Decerto que o fenômeno da menstruação funciona como um marcador social que diferencia as mulheres dos homens, e das mulheres que menstruam, daquelas que não mais. Na literatura não se verifica nenhuma menção a rituais que marquem ou celebrem a chegada da menopausa, talvez seja por isso, que as mulheres que fizeram parte dessa pesquisa trataram da menstruação como evento da juventude, sendo, portanto, um selo que marca essa fase; porém não falaram objetivamente da menopausa, omitiram, esconderam. O que levanta vários questionamentos: A menopausa como demarcação do envelhecimento as fizeram omitir esse evento? Porque o evento da menopausa foi silenciado? A velhice é para essas mulheres um estado corporal vergonhoso?

Sardenberg (1994) complementa que a menstruação não demarca apenas a identidade que se atrela ao gênero feminino, mas o evento da menstruação é também um

fator de aproximação nas relações sociais entre mulheres, quando trocam queixas, males e incômodos relacionados a menstruação. Hoje, o evento da menstruação é mais público, mas no período em que vivenciaram as suas experiências, essas mulheres também teciam redes de afetos para entender, compreender, dividir inseguranças, traumas, desconfortos em torno da menstruação.

2.3 – “A gente tinha um quarteto...a gente andava naquele passeio de cima pra baixo, pegada de mão⁴⁹”: amizades, paqueras e astúcias da juventude.

Os afetos vivenciados por outras relações, como a amizade, foram expressos apenas por uma das interlocutoras, que descreve um período maravilhoso que compartilhou com as amigas. As demais interlocutoras falam de uma juventude de pouca convivência com amigos, em sua maioria, os irmãos consanguíneos eram os colegas que elas tinham. O período é relativamente bem pequeno, porque o casamento ainda era a condição *sine qua non* para as mulheres, então a juventude era o período do estabelecimento de uma relação conjugal.

Patrícia lembra com muito saudosismo do período em que pôde desfrutar dos afetos na companhia das amigas, o quarteto era formado por ela, uma irmã e mais duas amigas, que saíam sempre juntas, as mães acompanhavam as festas, e estabeleceram uma rede de afetos, cuidados e de certa forma, de “vigilância”. Mas o que é importante destacar é que uma forma ampliada de sociabilidade se estabeleceu. Descreve, Patrícia:

Ahhh! a minha juventude foi maravilhosa, a gente tinha um quarteto, a gente se arrumava, só existia a rua de baixo pra gente passear, era muito animada nos domingos... a gente andava naquele passeio de cima pra baixo, pegada de mão, nós tudinho, naquela época não existia isso... já era sapatão, nera? se fosse hoje. Quando era seis horas a gente se arrumava e ia passear, aí logo cedo voltava pra casa, era muito bom! Aí fizemos um carnaval na época, todo mundo trajado de carnaval, a gente toda produzida de um jeito só, aí um dia eu resolvi fazer uma saia pra mim, bem curtinha com um palmo, godê duplo, (faz gesto com as mãos, apontando o tamanho da saia) com uma bota, meus cabelos eram longos, fiz duas tranças e amarrei uma corrente aqui (faz gestos mostrando como ficou a trança) foi um show nesse carnaval... aí... pra sair de casa pra pai não ver, eu coloquei uma... uma capa bem comprida. [...] pra não ver o tamanho da saia que era curtinha. Eu no auge, né? com 18 anos, toda bonitona... [...] um dia ele chegou assim na mesa e disse: “Será que tem alguém que usa uma blusa dessa?”... Era toda de elastexzinho de alcinha [...] era minhaaaa (risos), com uma sainha bem curtinha, fomos simhora [...] aí eu disse: “nadaaaa... usa nada pai”. Aí saí também pra mãe não ver o tamanho da saia que minha mãe era... (prende os dentes) carrasca! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

⁴⁹ Trecho da fala de Patrícia.

Nesse trecho da fala de Patrícia, as astúcias da sexualidade, anunciada pelo tamanho da roupa, manifesta a sensualidade reprimida pelo controle e vigilância feita pelos pais e a burla realizada por ela para poder sair como desejava. Os códigos morais que perpassavam a família de Patrícia foram atravessados, seja pela linguagem, quando afirma que ninguém teria coragem de usar uma roupa daquele tamanho, como também pela vestimenta, quando coloca uma capa, para esconder o tamanho da roupa. Outra coisa importante para se destacar, nesse trecho da fala, é a de que ela problematiza o fato de que “naquela época, não existia isso”, se referindo a andar de mãos dadas com as colegas, faz uma relação com os dias atuais dizendo que “se fosse hoje, já era tudo sapatão”, o que implica uma grande perda para as novas gerações, que é quando o discurso moralizador e heteronormativo, atravessa as experiências fragilizando as redes de afetos entre as mulheres.

Outros momentos na vivência de Patrícia, no período, representaram um “furo” na norma, em outro trecho ela descreve o momento em que é questionada pela diretora da escola; sinalizando que outras brechas estão sendo buscadas pelos indivíduos, estes, não agem passivamente aos poderes e padrões estabelecidos. Vejamos:

[...] aí a minha saia de escola, na época, era toda pregueada, do colégio, daquelas toda pregueada... aí a minha ficava muito comprida, aí quando eu saía eu dobrava ela pra ficar bem curtinha... aí da aula... aí.. aí... teve um período era primeiro grau né? aí teve um período que teve um circo enorme, tinha uns doze irmãos... aí eu, minha colega e a outra namorando, aí eu namorei com um que fazia o malabarismo dos pratos, Frida⁵⁰ namorou com o palhaço e a outra namorou com outro palhaço... Marminino! aí a diretora quando chegou, aí disse: “Eu queria saber quem é que está com alguém do circo?” “Eu não estou!” (eleva o tom de voz)...só que eu tava, né? (risos) isso antes de começar a aula... (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Os laços afetivos tecidos pelas amizades na juventude reforçam momentos prazerosos, lembranças maravilhosas, e a memória de uma fase muito boa, apesar dos relatos de tempos difíceis, de uma educação mais rigorosa para as mulheres, que pedagogizava seus corpos, ações e discursos. Os laços se afirmavam em parcerias diversas, como expressa a fala de Patrícia, Eva e Juana, respectivamente:

[...] no carnaval a gente fez um blocozinho, tudin de calça branca, com umas blusa de maromba vermelha e branca. A gente brincou esse carnaval e foi um

⁵⁰ Nome fictício.

show, que a gente sempre era ligada! Aí um dia Frida foi e brigou com minha irmã, que era muito sabida, [...]inteligente, aí eu disse: “Frida, não briga com ela não que vai ter uma prova hoje, e não vai dar cola, quem vai passar cola pra gente?” (risos), ela disse: “Mesmo! Pra que eu fui brigar, meu Deus?”, aí pediu desculpa a ela, aí começou de novo, porque ela passava pra mim e eu passava pra Frida, aí Frida passava pra Angela... Na época de provas... (risos) Ow fase boa! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

[...] nós se juntava, uma turma de moça e rapaz, então, tinha um dos rapaz que tocava violão, e tinha um troço chamado berimbau, sabe o que é, num sabe? Aí a gente se juntava, tinha uma latada bem grande na casa dos meus pais, aí a gente juntava aqueles rapaz e moça, do sábado pra o domingo, nossa diversão era essa! Dançava que era num sítio, dançava, ali ninguém bebia, ninguém... Só fazia comer mesmo. Comer, a gente comia bem, galinha, bode, o que tivesse de comer a gente comia! Mas beber, não tinha bebida ali, porque meu pai não gostava, nem minha mãe! (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Ainda uma essa noite, de repente um telefone, fulana “Olha, Juana, tô com tanta vontade de ir aí porque a gente foi tão amiga! A gente foi tão amiga e o tempo passa depois a gente lembra, aí tem vontade de reviver aquele tempo!” (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Além das amizades, as representações sobre as afetividades também envolveram a memória das paqueras, namoros escondidos. Como essas mulheres tiveram poucas experiências de namoros, geralmente casaram com o primeiro namorado, ou no máximo, o segundo, os namoros escondidos eram as astúcias que realizavam para burlar a norma, como demonstrado nas falas:

“Eu não quero esse namoro” (fala da mãe) ...Tinha outra irmã mais velha, casou-se logo, num sabe. Assim, muito tempo. Eu fiquei, já mocinha e tal (...) A gente tudo nova, eles não iam lá em casa não, num sabe? Era assim, tudo fora, num sabe? (sobre os meninos). (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Os garoto do meu tempo era tudo bonitinho. [...] Eu paquerei com um, mas não foi coisa sério não, foi escondido de pai... (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A pedagogização dos corpos, atitudes, sentimentos, comportamentos tinham, através, e a partir destes, a eliminação da aliança com os códigos morais, o que significa que, mesmo a sociedade da época, considerada por elas, muito regulada, fechada, punitiva, ainda assim, era possível as dobras, quebras, furos, burlas. O que indica que nenhuma regra ou norma é passivamente reproduzida, generalista, como querem nos fazer acreditar, ao contrário, ela mesmo produz a dissidência, os contrapontos, as relativizações, fazendo surgir sujeitos que colocam no debate as diferenças, o pensamento fora das verdades colocadas como universais, únicas.

2.4 – Casamento, afetividades e gênero: memórias da juventude.

Me lanço a retratar essa moldura a partir do casamento como destino, obrigação para as mulheres. Compreendo que os afetos em nossa sociedade ocidental perpassam inevitavelmente pela busca de uma relação e/ou do casamento como destino “natural” das mulheres. Um enquadramento retilíneo nos é exigido, que na juventude deveriam seguir o percurso das amizades, do namoro que evolui para um noivado e só assim, guardadas todas as condições legais e morais, viria o casamento, ou não necessariamente nesta ordem, mas o objetivo precípua, era o casamento. Na contemporaneidade há uma desestabilização desses elementos, da “solidez” da Modernidade, já que há, na atualidade, um reforço muito grande ao individualismo, a troca de afetos por conexões, e a liquidez dos relacionamentos, como já apontado por Bauman (2004) sociólogo polonês.

Segundo a lógica do “amor romântico”, a mulher só será plenamente feliz, quando encontrar o homem que será seu companheiro, traduzido pelos contos, como o príncipe encantado, de tão perfeito que seria. Em seguida, realizariam outra função essencial, que é a de ser mãe. O amor romântico é antes de tudo heteronormativo, portanto, desde que começamos a compreender os afetos, nos foi dito que “a mulher nasceu para o homem, assim como o homem nasceu para a mulher”. A ideia de “felizes para sempre” se consolida a partir do último estágio da relação entre esse homem e essa mulher, que é o casamento. Segundo Sant’Anna:

Entre 1945 e 1955, um número volumoso de matérias sobre o amor tomou conta das revistas femininas. Em plena era de redução da família ao núcleo formado por pais e filhos, o amor se afirmou como conquista obrigatória, um sentimento essencial em nome do qual era preciso batalhar cotidianamente. Cabia sobretudo às mulheres garanti-lo. (SANT’ANNA, 2018, p. 111).

Romantizado como instituição indissolúvel, o casamento também se pauta num outro instrumento de controle: a monogamia. Esta, como prerrogativa indispensável as mulheres, “recatadas e do lar”, honradas, fieis, submissas aos seus companheiros e conseqüentemente, mantenedoras e edificadoras da família, que é o objetivo central do casamento. A instituição, casamento, colocada como vital, gera nas mulheres, desde muito jovens, ansiedades e instabilidades afetivas diversas, para aquelas que não

casaram, resta o lugar esquecido de suas trajetórias, o caritó⁵¹, é o território que lhes é reservado, lugar que lhe é conferido de uma não história, ou de uma história sem importância, ou ainda de que não há salvação fora do casamento.

Del Priore (2006) em seu livro, *História do Amor no Brasil*, informa-nos que é no século XX que as mulheres são convencidas de que não casar era uma forma de insucesso. Em suas primeiras décadas, a ameaça ao casamento era alvo de preocupações e críticas diversas, o divórcio, portanto, era a desgraça da sociedade. Ou seja, não havia caminho para a felicidade longe dos projetos da família e do casamento. É nesse século também que homens e mulheres se transformam em: papai e mamãe, pois a relação conjugal tinha como objetivo a procriação, nada de paixões ou sentimentos fora do controle, pois a descendência legítima era o único projeto saudável.

A preocupação com o casamento se deu tanto nas camadas mais abastadas como em famílias mais pobres, a confecção de enxovais, tinha início aos doze anos de idade das meninas, as mães as aconselhavam que tivessem um comportamento moderado e solícito para com os rapazes, “para poder casar”, ainda uma pedagogização em torno da vida matrimonial e ainda faziam subjetivar uma profunda angústia, caso a menina não viesse a contrair o casamento antes dos 25 anos de idade. Nas famílias abastadas, o pai costumava adiantar a herança da filha ao genro, e cabia ao futuro marido administrar os bens da esposa, isso mudou a partir de 1916, onde as mulheres casadas passaram minimamente a administrar seus bens. Diferente das famílias ricas, o casamento das meninas pobres não envolvia dotes, mas a união também tinha um valor, a conveniência social; absorvidos pela vida laboral, o casamento viria a imprimir-lhes um “certo status”, para isso, os homens deveriam ter ao menos uma roupa domingueira, um cavalo para começar a vida e uma modesta casa de palha; em contextos rurais, pedir a mão da moça antes de ter essas coisas seria receber um não na certa (FALEI, 2004).

Mas foi também pelas táticas sedutoras de persuasão que a família conjugal veio a se consolidar no início do século XX, salários dignos, escolarização universal e uma melhoria das condições de vida da classe operária, faziam parte dessas táticas. Eu não lembro bem quando e como se deu à minha maneira “natural” de pensar sobre o casamento com mais objetividade, mas lembro de ter pensado nisso até antes de chegar a juventude, porque me parece que a gente projeta antes, e é na juventude, que o

⁵¹ O significado da palavra caritó segundo o dicionário informal, é uma pequena prateleira no alto da parede. Diz-se que estão no caritó as mulheres solteiras que nunca casaram. Porém, “ficaram no caritó” é o mesmo que “ficar na prateleira”.

casamento tem que estar se materializando... Não lembro bem a idade, mas acho que provavelmente com oito, dez anos, eu ia na casa de uma tia, a quem carinhosamente chamava de Mainha Corro (O nome dela é Maria do Socorro), ela era costureira e assinava a revista *Manequim Noivas*, quando chegava as revistas imediatamente eu corria para casa dela, porque folhear aquelas revistas, era um dos meus melhores passatempos, ali eu perdia completamente a noção do tempo.

Comandos como: “Linda no Altar”, “Casamento perfeito”, “172 ideais incríveis para noivas”, “Seu casamento, seu estilo”, “O que você precisa saber para que seu casamento seja inesquecível”⁵², eram dados pelos títulos das revistas, eu ficava por ali, folheando cada página, encantada! Em cada edição da revista eu escolhia um ou mais modelos de vestido, informando para a minha tia, qual deles ela iria fazer. A confusão na minha cabeça estava instalada, eram tantos, e todos tão lindos aos meus olhos que eu não conseguia definir qual era o que mais queria, esperava o dia que chegasse o casamento para que eu pudesse resolver essa indeterminação.

O casamento não chegou nos moldes “tradicionais”, mas chegou de forma a enterrar os sonhos da experiência vivida, a tela borrada, com traços disformes, me fez, depois de um tempo (re) significar a instituição do casamento, talvez até antes disso, quando neguei esse formato a partir da gravidez não planejada. Nesse momento, foi muito mais pela ideia de um “amor romântico” que ainda não havia chegado, que me fez desacreditar que ainda não era dessa vez. Com o tempo passando e a união conjugal se dissolvendo, eu fui questionando muitas coisas em relação a perfectibilidade colocada para o casamento.

Segundo Navarro-Swain (2006):

Nas fendas do dispositivo da sexualidade, as mulheres são “diferentes”, isto é, sua construção em práticas e representações sociais sofre a interferência de um outro dispositivo: o **dispositivo amoroso** [...] que instituem a imagem da “verdadeira mulher”, e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa [...] O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem [...] O dispositivo amoroso, por outro lado, as conduz diretamente para uma heterossexualidade incontornável, sem equívocos, já que a procriação é sua recompensa. Mesmo se o prazer é raro ou ausente, é uma sexualidade sem questões, sem desvios, é assim, ponto [...] O dispositivo amoroso, assim, cria mulheres e, além disso, dobra seus corpos às injunções da beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor

⁵² Alguns títulos das revistas “*Manequim Noivas*”.

ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade. A sexualidade às vezes é até acessória. As tecnologias sociais do gênero investem os corpos-sexuados-em-mulher em práticas discursivas que propõe como axioma a “natureza” feminina, um pré-conceito ancorado no senso comum, propagado e instituído por um conjunto de discursos sociais. (NAVARRO-SWAIN, 2006, p. 10-11, grifos da autora).

O dispositivo amoroso se afirmou na minha experiência para construção da minha ideia de “ser mulher”, esse dispositivo foi reafirmado a partir de vários discursos e instituições, assujeitando o meu corpo em plenitude, fazendo-me subjetivar o ideal do amor romântico. Claro que isso não se deu de forma passiva, assim como aponta Navarro-Swain (2006) esse dispositivo opera com precisão, no entanto restam as brechas, o do desejo de liberdade, para além da sexualidade e do sexo, portanto essa ação sobre si utiliza técnicas de adaptação, de recusa, de assujeitamentos aos códigos, aos limites, às normas de gênero e de sexualidade.

Eu neguei o casamento tradicional civil e religioso, mas essa negação também se deu por acreditar nesse ideal de amor romântico, eu não queria viver com aquele homem para o resto da minha vida, porque eu acreditava que o amor “verdadeiro” é aquele ao qual temos um sentimento que perdurará para o resto de nossas vidas, eu não sentia isso, e, talvez na espera de que esse amor arrebatador aparecesse, eu neguei a união conjugal nos moldes convencionais. As brechas e recusas se deram durante todo o processo de união estável, e eu senti verdadeiramente esse desejo de liberdade, e sinto até hoje sempre que resolvo me relacionar com “status” de “relacionamento sério”. Eu tenho fugido dos selos, do status, mas o dispositivo amoroso me faz ser capturada por ansiedades diversas, quando escapo desse padrão, e volto a repeti-lo em ciclos, é confuso, é viver uma eterna ambiguidade, dificilmente sou compreendida, e na maioria das vezes guardo comigo essas inquietações.

Das nove interlocutoras da pesquisa, sete delas casaram, duas já estão viúvas, e as outras cinco permanecem casadas, o que demonstra que o casamento entre essas mulheres foi predominante. Apesar do casamento “arranjado” ter sido um formato de união numa outra temporalidade, a escolha pelos pretendentes ainda teria que passar pelo crivo dos pais, geralmente o rapaz em que as famílias se conheciam, era um bom pretendente, quando não, algumas características eram preteridas pelos pais, como por exemplo, a cor. A branquitude, valorizada socialmente como melhoramento da raça humana, era o padrão para o bom pretendente. Simone conta que os pais não queriam aceitar a relação dela, porque o atual marido, na época namorado, era negro, ainda assim

ela burlou a normatização familiar, quando resolveu levar o namoro, em seguida, o casamento a diante.

Apenas duas delas, não casaram, Juana e Celina. Na segunda conversa realizada com Celina, a mãe estava ao lado, e de vez em quando fazia algumas intervenções em sua fala, quando ela fala de sua experiência de ser mulher, a mãe interrompe dizendo: “Nunca se interessou em casar”, e em outro momento declara: “É demanteladona!”, de uma forma ou de outra, a mãe sempre tem uma fala de referência em nossas vidas, e em não havendo investimento simbólico nos filhos, os filhos podem também estar se direcionando para os lugares que foram sendo colocados para eles. A mãe de Celina deixou claro em sua fala, que o casamento é o destino para as mulheres, quando ela foi perguntada sobre o que é ser mulher, mas ela reforça que a filha não deu a devida importância, e, mais ainda, que há uma demarcação etária para o casamento, a juventude: “[...] a minha mãe fala, tu passou pelo tempo, não percebesse, não visse a tua mocidade, aí...” (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Se o casamento não acontecia, qual seria mesmo a experiência de ser mulher? Uma não experiência? Uma não história? Na fala da mãe de Celina talvez ela fosse uma mulher que “não estaria completa”, a própria negação de ser mulher, pois “mulher foi feita para casar”. Aqui o “dispositivo amoroso” constrói o feminino, operando através do discurso materno.

Juana, nascida numa família de tradição muito religiosa ligada à igreja católica, transferiu o casamento físico pelo metafísico, com a religião, e quando fala que hoje em dia gosta de assuntos que remetam a união, coloca assuntos como a vida, o casamento, a família:

Eu não casei, mas suporto muito bem as mães dizendo como criou o filho, como ensinou, como ensinou a religião, como ensinou a religião ao filho de vocês, hoje em dia o filho de vocês... Você sabe que tem muita coisa que vocês ensinaram entre ele e Deus, isso é uma responsabilidade muito grande, que tem muita coisa na minha vida que foi entre mamãe, Deus e a gente. Entendeu? Foi um relacionamento com Deus que ela passou pra gente! Eu digo isso... Como é a mais velha... A derradeira não gosta não, mas foi! Um relacionamento entre papai e Deus, entre mamãe e Deus. Ah! Não, isso não é de Deus, isso assim é de Deus! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

O fato de suportar os assuntos relacionados ao casamento, a criação de filhos, remetem a uma reflexão sobre: “eu não casei, mas entendo que o papel da mulher é esse”, ainda nesse trecho de sua narrativa, ela descreve que também um outro formato

de casamento e controle foi proporcionado a ela, o casamento com Deus, a partir da religião. A íntima relação dela com a religião, lhe proporcionou outras coisas, foi através da religião que ela conheceu vários lugares, segundo ela “trocando os conhecimentos de religião”, isso também a proporcionou um lugar de destaque, de altruísmo, uma megalomania só percebida muitos anos depois com o processo de envelhecimento e adoecimento:

Eu não era casada, eu não tinha família pra dar conta, eu vivia nisso! Aí eu trazia muita coisa pra o povo daqui aprender, o padre achava bonito e queria que eu ensinasse, deixava eu como a dona da igreja. Era uma guerra maior do mundo! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

E continua dizendo que as outras mulheres que também frequentavam a igreja tinham muita inveja dela:

Inveja, porque eu sabia ensinar e elas queriam ser a dona da igreja, aí pensava que eu ia tomar o poder delas na igreja! O meu poder é na igreja? Tinha lá poder em igreja, queria isso, uma coisa que eu ensinei o padre nosso ao vigário... (risos) E a igreja não tem contra mim. É por isso, a inveja porque eu sabia [...] E eu tinha dons... A gente não tem nada sem Deus dar o dom não, minha filha, você trabalha nessa faixa porque foi o dom que Deus lhe deu! Outra é... Outra é médica porque foi aquele dom que Deus lhe deu! Você tem que trabalhar nisso, porque senão você não se realiza como pessoa! Que Deus fez a gente pessoa, Deus diferenciou a gente de bicho, que nós não somos pessoas? Que um dia desses eu abri os olhos de uma mulher, eu ia passando “Ah, [...] se senta aqui, vamos conversar!” ela tava na calçada, conversa vai, conversa vem, aí ela me disse “Ow, não! Conversando, conversando, disse: “Eu que me importa, quando eu morrer eu me acabei, que os bichos me comam, que os cachorros me rasguem por aí!” eu disse “Minha filha, pelo amor de Deus, seja a última vez que você diz isso! A última vez que você pensa isso, porque isso não é pensamento pra o humano! Isso não é pensamento do batizado, você tem...” como é que eu disse a palavra? A palavra de... De Galardias, como é que diz, de eu ter o direito... A Palavra não me veio agora [...] Aí eu pensei, sabe porque ela tava na calçada e eu passei nessa hora... Deus queria mandar um recado pra ela, dizer pra ela, olha como Deus ama, você é filha de Deus, você é filha! Você tem como é a palavra?... A gente ser grande e ter o direito do grande, como é que se diz a palavra... você tem aquele direito, você tem também aquele poder daquela pessoa. (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Juana foi uma criança que pulou a etapa da mocidade e logo se adultizou, mas também fica claro em sua fala que o pudor requerido aos adultos, o silenciamento em relação a sexualidade, a confissão do sexo requerida pela religião, foram marcas que atravessaram a vivência dela, continua:

Pelo que tu percebe, já vai percebendo que eu queria mais ser adulta do que ser menina [...] Quando eu era jovem já queria ser adulta! Pensar como

adulto. Eu achava muito sem graça uma jovem já madura ao invés de tá madura, tá conversando besteira! Eu achava aquilo tão sem graça, entendeu? Com namorico sem vergonha, conversando besteira, dizendo que era com homem e mulher... Eu nunca gostei disso não, nunca gostei! Mulher se apalpando! Nunca gostei disso, vixiiii! (espreme os olhos) nunca topei nisso! [...] Por isso que eu te digo, já dá pra tu perceber que quando eu fiquei em idade mais madura, eu já tinha passado de ser jovem! [...] Já me sentia adulta! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Juana em sua fala retrata outra quebra moral, outras burlas foram feitas pelas amigas, à época, o namoro e a troca de afetos entre mulheres, quanto a isso eu ainda insisti para que falasse mais um pouco e perguntei se eram as suas amigas, e ela responde:

Era, às vezes era! [...] Eu via umas conversas... viviam brincando umas com as outras, com umas conversas baixa, que eu nunca me encaixava naquilo, também não brigava não, não ficava... Não ia reclamar, não ia nada, eu aguentava, também não queria entrar! Eu achava que não era eu que devia corrigir ninguém! Que elas já tinham idade pra saber [...] Eu achava que não era pra eu me meter, tá corrigindo ninguém, a não ser que fosse muito pesado, e se fosse contra religião! Contra Deus, contra... Assim, pra machucar Deus, aí eu reclamava, entendeu? (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

A religião atuou como dispositivo corretivo, “determinadas práticas” eram vigiadas por ela, atuou também como o controle de seu corpo, subjetivou a manutenção da pureza e honra feminina, ela justifica o fato de ter tido poucos namorados porque ela não queria namorar como todo mundo e daí logo dispensaria os pretendentes que aparecessem pois eles tinham o “direito” de namorar como eles quisessem, reforçando a essência masculina do “instinto sexual”.

A preocupação com a sexualidade, segundo Weeks (2001), tem estado entre as principais pautas ocidentais desde antes do surgimento do Cristianismo, esta intensa preocupação surgiu com o crescente sentimento de crise sobre a sexualidade, que se deu a partir da crise nas relações entre os sexos, desestabilizados pela mudança social e o impacto do feminismo, quando critica o patriarcado. Por sua vez, isso alimenta uma outra crise, a do sentido da sexualidade em nossa cultura, o lugar que damos ao sexo, questões sobre a identidade e o prazer, a obrigação e responsabilidade, e sobre a liberdade de escolha. Portanto, ainda segundo o autor, historicamente, herdamos uma tradição absolutista que supõe que as forças perturbadoras do sexo podem ser controladas por uma moralidade bem definida a partir das instituições sociais, como: o casamento, a heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia.

Na maioria das vezes o casamento, a edificação da vida conjugal e familiar, como também a monogamia, se davam para uma maior submissão feminina. Os homens ultrapassavam as fronteiras da moralidade, quando traíam suas esposas, embora o código que envolvia as burlas realizadas pelos homens, fosse o de silenciamento, eles estavam também protegidos pelos códigos morais que perduram até os dias atuais, onde os homens podem trair, tratando como sendo “natural” e aceitável socialmente.

Patrícia, hoje viúva, conheceu o marido em Fortaleza, quando morou um período com a mãe, a irmã e o cunhado; o escritório da empresa onde o cunhado trabalhava ficava na mesma rua onde eles moravam, e disse que dessa forma conheceu o seu falecido marido; ficava na calçada da casa e quando ele passava, os dois se paqueravam, começaram a namorar e em seis meses já estavam casados. O casamento para ela já foi perdendo o encanto desde o início, os problemas dele com o álcool se arrastaram do começo do casamento até o final de sua vida, quando veio a óbito em decorrência de complicações com o álcool. A perda da virgindade foi o primeiro fato que denota uma memória bem dolorosa, ela me contara que nunca tinha dividido isso com ninguém:

[...]eu não achei bom não (riso sem graça) quando a gente casou, ele tava...ele gostava... ele tava chutadão (gesto com as mãos como se fosse ingerindo bebida) aí foi pra casa de um de um amigo dele... achei horrível, a primeira vez. (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

É difícil pensar e olhar para esse traço da tela-narrativa de Patrícia, a dor dela me atravessou; foram quarenta e três anos de um segredo e talvez de muitos outros, que foi destravado pela nossa conversa. A saga de uma ilusão destruída pelo casamento e o uso abusivo do álcool. Continua: “[...] oito dia de casado ele tomou uma, chegou em casa morto... Eu arrastei sozinha pro banheiro... dei um banho, arrastei pra cama, deixei na cama e fui pra calçada conversar com as vizinhas... (silêncio)”. (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Foi pela “desculpa” do nascimento do primeiro filho, que ela retorna para casa da mãe; como ele trabalhava fora, a partir desse período, só se veriam nos finais de semana, e voltariam a morar juntos na cidade de Campina Grande, quando saiu uma transferência para ele, nesse período eles já tinham os três filhos, e novamente Patrícia retorna ao convívio diário com o marido. Mais atenuantes ao casamento ocorreram, além das complicações com o álcool, a traição seria mais um componente de um casamento que já estreou falido:

[...] eu descobri né... aí depois... fomos morar em Campina. Já tinha os três... (filhos) ele não tinha serviço... ele só ia assinar o ponto lá no DER... ficava a tarde todinha no DER... e essa bicha de Galante, ela era de Galante... muita gente dava notícia a mim que via ele no calçadão pegado de mão com ela... era... aí quando já tinha terminado e quando eu fui morar em Campina... aí ele foi no centro (espirro) comprar um chuveiro... aí ele disse: “A mulher é aquela” [...] já tinha terminado com ela... aí ele me mostrou... aí eu atravesssei a rua... ela tava no orelhão, aquele orelhão daquele prédio... perto da Praça da Bandeira... aí eu fiquei se fazendo que tava esperando... mas só pra observar ela... aí ela foi e ligou depois pra ele dizendo que tinha me visto (tosse)... (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

A tela-casamento de Patrícia, me chama a atenção, são telas borradas, as dores, as traições, que essa relação trouxe são inapagáveis de sua memória, ver quem era a mulher que o marido a traía, tem algo de um mergulho muito profundo para buscar “verdades”, explicações que pudessem lhe indicar o porquê de tudo aquilo. Uma coisa é fato, nossa sociedade entrelaça o casamento, as relações amorosas e afetivas à fidelidade, no entanto, a traição masculina é relativizada como uma exaltação para o exercício da masculinidade, ao contrário da traição feminina, e isso tem sim uma contingência e significado histórico e cultural.

Uma outra interlocutora da pesquisa, Olga, também é por mim percebida através dessa tela borrada. Vejo duas mulheres que choram, uma no silêncio que só consegue rompê-lo por aparelho auditivo, como um segredo, pela nova recomposição familiar, e a outra, um choro que talvez sorri para os espectadores da tela, como na obra *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, enigmática, que esconde camadas ocultas nas demãos de pintura. É para Olga e Patrícia, respectivamente, que me deterei com mais detalhe, neste momento da descrição da tela-narrativa.

Olga, detalha que a juventude foi umas das fases mais difíceis da sua vida, aos dezesseis anos, conheceu um rapaz por quem se apaixonou “como qualquer uma moça” (sic), mas infelizmente, o revés do que se colocava como destino para as mulheres aconteceu para ela, informando que a honra feminina foi violada, “o cara buliu comigo e não casou” (sic). As famílias não queriam o relacionamento, nem a dele, muito menos a dela, que a mãe se opôs completamente, e, principalmente, quando ela engravidou de gêmeos nesse mesmo período. A gravidez durou oito meses, relata:

[...] tive uma barriga gêmea, de oito meses, mas morreram. Tá bom, não queria não, quiseram levar pra botar na incubadora, aí eu disse: “Não, se for botar minha mãe disse que não aceitava!”... os filhos dentro de casa, eu não ia deixar, num ia deixar que meus filhos... Eu não fosse criar meus filhos, né?

Aí pronto, seja o que Deus quiser. Deus que leve. (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

As lágrimas rolavam pelo rosto, um pranto incontável tomou conta dela neste momento, a história secreta da dor feminina que acompanha muitas mulheres durante sua trajetória se revela na tela de Olga, a condenação social dada pela quebra de norma, da honra, e o namoro proibido resultou em subjetivações de dor, que até hoje não a deixa conter o choro, ela negou a chance- e seria a última, já que não pôde engravidar mais – de ter filhos, por opressão, medo, ou quem sabe por não ter a certeza se queria diante de tanta recusa e abandono, gerando nela muita confusão e dor, também inapagável de sua memória. Em alguns momentos achei que não daria conta de terminar a nossa conversa, mas o que mais me impulsionou a seguir foi a coragem que vi ao revelar coisas tão doloridas e delicadas de sua experiência, e de estar compreendendo que há sim muita coragem em admitir as fraquezas, em desvelar as dores, em tirar forças de onde nem sabe para se (re)inventar.

Contando os inúmeros preconceitos sofridos, fala que uma mulher que abortava uma criança “num ia em uma festa naquela época, não entrava na sociedade, entrava não, que não queriam não, o povo. De maneira nenhuma!” (sic). Sem o apoio da família, sem amigos, pois não se andava com moças que não eram consideradas de “família”, sem poder transitar pelos espaços de sociabilidade, pois a transgressão às normas morais foi por ela ultrapassada, foi uma juventude de muita dor e sofrimento. Percebo a tela que expressa muita comiseração, mágoa, desgosto, ela atravessa a temporalidade dos tempos vividos e chega a emoldurar ainda muita dor, que não se aplaca, que ainda tem tamanha intensidade que fere e rasga a pele e faz brotar muitas lágrimas, uma tela que respinga choro!

O rosto de Olga se desfez num borrão de lágrimas; Sim! Olga ainda chora, e a sua dor também expressa o sentimento de muitas mulheres, mesmo que não sentida de forma igual, as lágrimas de seu lamento expressam as muitas enxurradas de dores.

O amor que abandonou, que não fez companhia, que fugiu da paternidade, foi a face não romantizada que Olga conheceu. Do casamento colocado como destino, a experiência de Olga, demonstrou a entropia dos padrões. O abortamento no caso específico de Olga, não representou para ela um controle autônomo de sua fecundidade, ou a liberdade sobre seu corpo, ao contrário, representou a tutela realizada pela mãe, em que decidiu sobre seu corpo e seu desejo de ter filhos. De acordo com Fonseca (2004, p.442):

Bastava a moça acreditar na seriedade das intenções de seu pretendente para lhe entregar o dote de sua virgindade [...] A moral burguesa não era de todo estranha aos grupos populares. A prova se acha no desespero registrado por meninas defloradas que preferiam arriscar um aborto, cometer infanticídio ou até matar-se, antes de vir a público seu estado de mãe solteira. E era, sem dúvida, em parte, para evitar tal destino que pais pobres internavam suas filhas, quando achavam vaga, num asilo ou orfanato de religiosas.

Hoje, casada há quarenta e oito anos, com outro rapaz que conheceu dez anos depois desse evento, relata que já teve cinco abortos espontâneos, e uma gravidez nas trompas, que não segurou, segundo ela, porque à época as coisas eram bastante difíceis, e que não poderia ficar de repouso para manter a criança.

Um outro sentido dado ao casamento, foi descrito na fala de Simone, o casamento como sinônimo de libertação. A educação moral, higiênica, dada por seus pais, prescrevia para ela todo um cuidado que envolvia a manutenção da honra feminina, e todo um aparato de “proteção” era criado, conforme ressalta em sua fala:

Eu digo que meu casamento foi minha libertação [...] Eu não aprendi a dançar quando era jovem. Aí eu digo que o meu casamento foi minha libertação. Até com namorado, se era pra ir pra casa do meu namorado eu tinha que levar uma pessoa comigo, que eu não tinha liberdade de ir pra canto nenhum, tá entendendo? Era presa...Não condeno meus pais, tá entendendo? Não condeno [...] Foi a época. Mas que era isso, a gente era muito assim... Pra ser aquela moça direita, aquela moça, sabe? (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Com três meses da morte da mãe, aos vinte e três anos, e seis anos de namoro, ela se viu “obrigada” a casar, o motivo relatado por ela foi de que o pai passava dias fora viajando, em decorrência da profissão de caminhoneiro, o que fica subentendido que não poderia ficar sozinha em casa com o namorado, e que não teria ninguém para fazer uma vigilância mais ostensiva do seu corpo, da sua honra. Aqui, o controle da honra feminina que era realizado pela mãe, não poderia ser mais feito, e na ausência da mãe, o pai que poderia fazê-lo, não teria condições pois trabalhava como caminhoneiro e passava dias na estrada. A honra feminina foi mais uma vez preservada, agora selando a união pelo casamento, a honra de Simone passou do pai para o esposo, na figura do masculino.

Uma característica presente nos relatos é de que, a maioria delas casaram com o primeiro namorado, quando não, tiveram mais um namorado antes de casar. Alzira, casou aos cinquenta e cinco anos, e relata que tinha visto o ex-marido, que faleceu há

dez anos, em sonho. Já tinha sonhado com ele. A projeção ao casamento era também um planejamento para o futuro. Além da projeção futura do casamento, as narrativas reproduzem que ser mulher é “saber fazer tudo numa casa”, criar os filhos, como demonstra os relatos de Eva e Lida, respectivamente:

[...] ser mulher é tomar conta dos filhos, aconselhar e ter cuidado, na mesma hora a gente pensa que o cuidado não vale nada, mas sempre vale, né? E tomar conta de minha casa, direitinho, limpar, que tem mulher que não liga com isso, tanto faz como tanto fez, né? Mas eu não, eu tenho cuidado com tudo, olhe, pelo meu gosto de mulher, a minha casa não faltava nada, ou bom ou ruim, tinha que ter de tudo, de tudo! (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

[...] quando eu casei, já casei experiente com as coisas de fazer na minha casa. Responsabilidade, o que fazer pra o marido, de tudo. E ele nunca fez um café! [...] Nunca fez...Nunca fez um café! Não sabe fazer nada... Ele disse “Pra num dar ousadia a mulher, se eu fizer uma vez a mulher fica querendo todo dia!” aí nunca fez! Eu é que faço tudo! (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A submissão feminina perante o marido e a desigualdade na divisão de tarefas fica explícito nas falas, nenhuma delas, citou que o marido colabora (ou) nas atividades domésticas. Embora na relação com o marido existisse essa divisão rígida de papéis, na experiência de Lida, ela fez diferente na educação dos filhos; como não teve filhas, ela ensinou e implicou os seus dois filhos nas atividades domésticas, e diz que isso nunca os fez “menos homem”, mesmo que ainda visse o trabalho realizado por eles como uma ajuda, as fronteiras de gênero foram atravessadas na educação dos filhos, mesmo contrariando o posicionamento do pai, ela relata:

[...] ajuda demais, todos dois. Quando era pequeno, todos dois, ouxe, ajudava demais, lavava louça, varria casa, lavava banheiro... Tudo eu, colocava eles pra fazer, num é? E hoje num é tudo homem? Besteira! Bastaaaa meu menino agora que é homem. Bom filho, bom marido e bom pai. [...] Não tinha quem fizesse, lá não tinha quem ajudasse, ele me ajudava. Eles chegavam fazia a tarefa deles todinha... Todos dois faziam... As tarefas... Nunca mandei eles estudar não! Toda vida fez... Como é? Chegava em casa, não dava trabalho “Vá estudar, fazer os dever!” eu disse “Tem a hora de estudar, a hora de me ajudar e a hora de brincar!” nunca... Lá em casa tudo era assim, nunca me deram trabalho... (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

O privilégio masculino de não desenvolver atividades domésticas, reforçou nessas vivências, a demarcação dos papéis femininos e masculinos. Sobre a pedagogização dos corpos masculinos faz-nos refletir, nessa fala de Lida, o quanto ainda se acredita que as atividades domésticas são essencialmente atividades que devem

ser feitas pelas mulheres; Lida mesmo colocando os filhos para realizar as atividades consideradas “de mulheres”, ela reproduz o discurso de que determinadas atividades podem afeminizar os homens, mesmo que em seu contexto familiar, isso não tenha acontecido, como demonstra o trecho da fala, quando afirma interrogando, “e hoje num é tudo homem?”.

Ainda sobre privilégios, Eva fala que o marido, quando casaram, ia as festas sozinho, desde que quisesse, ela não o contrariava, ao contrário, arrumava e engomava a roupa para ele sair, a justificativa dada por ela, era a de que, teria que ficar em casa para cuidar dos filhos. Interessante observar é que, o marido estava do nosso lado na entrevista, e ele, num movimento de fazer valer a sua palavra, coloca que, “ela nunca gostou de festa”, hoje esse tipo de prática nos é lembrada pelos movimentos feministas da atualidade, como *Maninterrupting*⁵³, que se configura como uma prática de silenciamento e um abuso velado contra à mulher.

Como se percebe a moral burguesa, os discursos médicos, jurídicos, o projeto de civilização da modernidade, prescreveram a ordem social pautada na noção de família em que a honra fosse respeitada. Na experiência dessas mulheres, prevaleceu a idealização e representações sobre o casamento normatizado socialmente, isso não significa que todas as normas foram passivamente reproduzidas por elas, mas as que casaram ou não, de alguma forma, colocaram “em prática a pedagogia de mulher honrada, honesta e prendada.” (ARAÚJO, 2016, p. 85).

2.5 – “Foi boa, porque eu me sustentei por mim mesma...trabalhando!”⁵⁴ - As memórias do trabalho na juventude.

Os significados dados ao trabalho na juventude geralmente evocam memórias positivas, pois muitas vezes, associa-se o trabalho à responsabilidade requerida para esta fase. As cobranças e o chamamento para os projetos futuros, a exigência para assumir escolhas, fica bem mais explícito na adolescência, já não se é mais criança! O adolescente é constantemente lembrado de que algumas responsabilidades, devem ser assumidas, fazem-nos refletir que, já há um tempo decorrido, e que este precisa ser aproveitado da melhor forma, pois o tempo “passa rápido demais”. Aqui a dimensão da

⁵³ É um termo que mistura “man” (homem) com “interrupting” (interrompendo). É um hábito em que o homem interrompe a fala de uma mulher com frequência – muitas vezes a ponto de ela não concluir seu raciocínio.

⁵⁴ Trecho da fala de Eva.

temporalidade já se expressa de forma mais acelerada, não que algumas experiências de infância não o tenham sido, mas a adolescência, na maioria das vezes, é apresentada como a etapa das oportunidades, o sinal em alerta é de que, “não as deixem escapar”.

O trabalho na juventude é proclamado a evocar nos jovens autoconfiança, autonomia, independência, no entanto, sabe-se que outras implicações se dão na dimensão do trabalho, condições objetivas e subjetivas se entrelaçam. Tratamos aqui de mulheres, que em sua maioria viveram a maior parte de suas vidas em contexto rural que trabalharam na infância e continuaram trabalhando na juventude, como mostra a fala de Eva e Alzira, respectivamente:

[...] eu não tive a minha juventude! Foi boa, porque eu me sustentei por mim mesma...trabalhando! Trabalhei de sete anos, na agricultura, até quando me casei. Me casei com vinte e um ano, aí comecei a mesma coisa, trabalhando em fazenda, fazendo queijo, manteiga, essas coisas assim... Nunca tive uma juventude assim, liberta! (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A juventude... Juventude é, como se diz, quando a gente tá moça, num é fia? Fazendo sequilho minha filha... Fazia sequilho pra vender era? Pra vender, minha fia. [...] pra depois, minha fia, que eu caí na velhice, eu ainda fazia até com cinquenta e cinco anos, vamos supor, era...com cinquenta e cinco, até mais, eu fazia sequilho, eu tinha freguesia em Campina Grande, minha fia... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A representação da falta de liberdade associada ao trabalho é uma das memórias mais marcantes na fala de Eva. A dimensão do trabalho na vivência dela atravessa a temporalidade que começa na infância, passa pela juventude e prossegue na vida adulta, já casada, reitera: “comecei a mesma coisa, trabalhando...”. A fala de Alzira é a memória que envolve a feitura de sequilhos, onde descreve que até na velhice, continuou fazendo.

O sentido do trabalho para os jovens se entrelaça às percepções que fazem da vida, mexe inclusive com a autoestima. Em nossa sociedade, a condição de trabalhadores, se deu historicamente pela valorização e respeito às pessoas que desenvolviam alguma atividade, o contrário disso, há uma associação à ociosidade e preguiça, embora o mercado formal de trabalho em nosso país, não abra vagas para todos, e as taxas de desemprego sempre oscilantes, é no meio informal, onde se absorve muita mão de obra, pois é por essa via, onde os lucros se superfaturam, a precarização se expande, principalmente entre os jovens e as mulheres.

Estar apta para trabalhar é uma demarcação dada aos jovens, se já não é mais criança, pode assumir responsabilidades. A condição física supõe-se ser outra, mais forte, robusta, para o trabalho. A participação das mulheres no trabalho informal é massiva no país, entre as interlocutoras da pesquisa além do trabalho informal, o trabalho doméstico faz parte da identidade feminina. A memória de Nina descreve bem as responsabilidades que tinha em casa, extensivo ao espaço do roçado, já que vivia em contexto rural. Todas as atividades eram realizadas antes da ida ao trabalho no canavial:

As tarefas de responsabilidade, de minha responsabilidade... Cuidar, de dar comer, comida, botar pro bicho amarrado, botar água, botar água pra casa, tirar lenha, botar em casa, pra ir tabaiar... Sim, lavar roupa! [...] E tem aquelas horas seguintes, colocar água em casa pra no outro dia já não botar de manhã, já ir pra roça... Aí... Sim! [...] Como é? Botar o milho de molho à noite, num é? Antigamente, hoje não, por causa que hoje num tem isso mais... Colocar o milho de noite, pra no outro dia passar na máquina, pra fazer... Peneirar, moer, peneirar pra fazer o cuscuz, o cuscuz, um tal do xerém... Ai, como é bom! Era bom demais, mas hoje em dia não tem sabor mais não, a comida. Sim, café... Café torrado no caco que falava, né? Dizia no tacho... Aquelas panela de barro, tacho, café em grão torrado no tacho, tinha gente que usava açúcar, colocava açúcar, quando chegava no ponto! E tinha gente que colocava rapadura. Eu aprendi a torrar café já grande! Mas era um cheiro, um cheiro... O povo me ensinaram, aí quando não tinha quem fizesse pai botava eu pra torrar café! E quando dava o ponto era pra colocar... que ele num é vermelhin claro? O café em grão? Vermein, vermei claro, você torra ele fica assim! [...] Quando ele fica moreno você coloca o açúcar ou a rapadura, ele fica bem brilhante, brilhante mesmo, que fica assim... Você levanta a colher num é? A colher de pau... Como a gente quando tá fazendo doce, né? uma canjica, aí você faz assim, ele fervendo (Sons com a boca). Borbuiá, burbuiando aquela fumaça, fumaça assim, cinza, aí você faz assim com a colher, quando ele tá fazendo aquele fio, assim, pronto, já deu o ponto, pode tirar do fogo. Pode tirar do fogo e colocar uma, uma tábua assim, ou numa mesa antiga assim, numa mesa e botar ele, quando ele esfriar você bota no pilão. Tipo, pra secar, num é? Pra pisar... Pra pisar e ficar o pó! É! Aí fica um café delicioso, é um café gostoso. Eu não tomo café não, mas a garrafa ali tá cheia! (risos). (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

A memória da rotina de Nina, ainda a faz lembrar dos barulhos, do gosto, cheiro, que a experiência da juventude e o trabalho doméstico, lhe trouxe. Ela retrata a comida de forma mais saborosa, mais cheirosa, brilhante, memórias positivas e detalhes que lhe trazem boas recordações.

Arend (2018) problematiza a condição das populações femininas pobres e o trabalho, que desde bem jovens eram consideradas aptas, o esforço maior para que esse quadro mudasse um pouco, foi realizado a partir do esforço de estender o saber escolar às meninas pobres como parte dos “direitos sociais”, que descrevem o direito à educação e a proteção à infância, conquistados somente a partir da Constituição de 1988. Os reflexos da Carta Magna de 1988, se deram a partir de várias frentes, inclusive

o papel fundamental dos movimentos sociais e feministas, quando reivindicaram desde a década de setenta outras maneiras de ser mulher, para além das funções de esposa, mãe e dona de casa. Quanto as especificidades da proteção integral à criança e ao adolescente a CF impulsionou outra lei subsequente, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que detalha questões pertinentes para a sociedade repensar, a situação das crianças e dos adolescentes no Brasil, também no que tange ao trabalho.

Revisitando os encontros e desencontros dessas mulheres com as telas que retratam o trabalho na juventude, vi telas quebradas, mas também vi aquelas com uma imensa capacidade de sonhar, de conquistar pelo trabalho, não só a dignidade, mas também o reconhecimento, a edificação do lar e da família, quando continuam trabalhando depois de casadas. As que não casaram, apenas duas das interlocutoras, nunca deixaram de realizar atividades no espaço doméstico, isso refletiu que, as memórias da juventude dessas mulheres, estavam envoltas do trabalho, no universo simbólico de suas experiências.

CAPÍTULO III – “NÃO GOSTO DE SER TRATADA COMO VELHA, PORQUE TENHO NOME⁵⁵” - AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO.

A velhice é comumente apresentada como a fase da vida onde a idade cronológica é apresentada como referência de um tempo que avançou, ou uma última etapa, onde a eternidade já está próxima de encerrar a sua cota, dessa forma o tempo se entrelaça as experiências dos indivíduos produzindo mudanças em suas subjetividades e representações. Entrementes, as representações do envelhecer são múltiplas, fazendo surgir diversas velhices e diferentes representações a elas associadas. Estas foram problematizadas a partir das narrativas memoriais, de nove mulheres que fizeram parte da pesquisa quanto ao processo de envelhecimento, e que se delineiam neste capítulo pelo debate das identidades associadas à velhice e ao envelhecimento, os sentidos sobre o corpo e a morte.

Existem na linguagem dessas mulheres uma multiplicidade de leituras sobre a velhice e o envelhecimento, multiplicidades que se cruzam e que se distinguem; suas falas são um exercício cultural para tornar a velhice uma experiência de tornar o envelhecer de diversas formas, talvez essas “falas” sejam a maneira de “desanjar” a experiência no sentido dado por Larrosa (2017), que estavam confinadas a voltas e mais voltas sobre elas mesmas, desejosas de sair de si, de (re)significar a partir do que falaram, sendo ouvidas, liberando seus corpos e significantes, essa experiência que projetou as mulheres para as suas infâncias e juventudes, e que chegaram até aqui construindo identidades de si. Esse processo talvez seja algo indeterminado pelas palavras, algo que não se vê nas fronteiras, não estão emolduradas pelas tentativas das telas que se propôs na escrita, pode ser qualquer coisa que deve ter relação sinonímica com a liberdade.

Gostaria de começar a emolduração dessa tela-narrativa pedindo licença a todas as mulheres que fizeram parte da minha pesquisa, pedir licença as outras mulheres que vão ler esse texto, e os leitores que por interesse ou descuido chegaram até aqui. Tentei lembrar de todas as mulheres importantes que passaram por minha vida até aqui, e cada uma delas me traz uma memória muito particular, eu rememorei a voz de cada uma delas, relembrei os gestos e os silêncios em determinadas situações, e tudo isso me fez

⁵⁵ Trecho da fala de Simone.

pensar nesse momento sobre a ansiedade consciente e até inconsciente do envelhecimento.

Descrevendo essa tela, gostaria de dizer-lhes que assim como vocês, eu andei muito preocupada com o processo de envelhecimento, talvez ainda esteja! Por ironia, a tela que estou emoldurando, através dessa narrativa, me pregou uma grande peça. Digo-lhes que nunca quis pensar objetivamente na velhice, mas tudo o que eu fazia, estava de alguma forma relacionada ao que vou chamar de “ansiedade por estar envelhecendo”.

Confesso que as telas anteriores, quando descrevi que olhei, senti, ouvi atentamente a emolduração da infância e da juventude, com essa, em alguns momentos, aconteceu o processo inverso, eu não quis olhar muito, sentir muito... talvez seja por isso, que choro no momento de narrá-la, e talvez seja por isso que, contraditória ao meu desejo, minha vontade, foi o que me fez prestar um pouco mais de atenção, porque esse exercício, eu estava boicotando há algum tempo. Eu estou envelhecendo, desde o dia em que nasci, e não sei porque ninguém me disse isso de forma clara! Ou talvez tenham me dito, mas eu nunca escutei com atenção... Como a maioria das pessoas, eu passei muito tempo desavisada, e foi o meu corpo físico que foi me dando os primeiros sinais, ainda assim, eu desconsidere todos, porque é assim que a cultura vai nos ensinando, a qualquer sinal, disfarce, esconda, apague as marcas que vão aparecendo. Se alguma coisa incomoda, trate, não de forma realista, mas trate de esconder, porque o bom é ser bem resolvida, e a mulher bem resolvida é aquela ativa, forte, destemida, aspectos que veladamente ou não, estão associados a juventude. Nessa loucura, há uma linha tênue entre a aceitação e não aceitação, em algumas vezes elas se fundem numa só, e você não sabe como lidar em algumas situações.

Nesse momento da escrita, peço licença para falar de Juana, uma das interlocutoras da pesquisa, eu falei com ela ao telefone, ela está num abrigo de idosos agora, me disse que “estava bem e muito bem tratada”, vai passar em poucos dias por duas delicadas cirurgias. Com um tempo, findadas as entrevistas, o meu contato com as interlocutoras da pesquisa se deu em contexto profissional. Com Juana, vem sendo uma intensa jornada, bem recente, ela foi instalada num “lar de permanência”⁵⁶, ou abrigo para idosos, como é mais popularmente conhecido. O processo de adaptação vem sendo bem difícil, e tentando fugir desse espaço, pulou o muro, quebrou o pé e gerou

⁵⁶ Nome do espaço onde ela se encontra atualmente. Os lares de permanência funcionam como novas nomenclaturas para deixar o espaço mais parecido com o domicílio daqueles que passam a fazer parte dessas instituições, a começar pelo nome como atrativo de lar.

problema também no joelho. Na internação para a cirurgia do pé, descobre um problema extremamente delicado no coração, tendo que se submeter a uma primeira cirurgia, para colocação de um marca-passo, e a segunda, que virá logo depois, a do pé.

Tenho pensado bastante nesta situação em que ela se encontra, e me veio uma reflexão sobre o conceito de desterritorialização⁵⁷, ou ainda, sobre o “processo de despersonalização”⁵⁸ de Juana. O que ela tem vivenciado, tentando fugir desse lugar, nada mais é do que, a luta constante que passamos para sobreviver, ser livres, respeitados em nossa individualidade, uma luta constante, pela vida, para não envelhecermos, para que não terminemos sozinhos, a solidão não só ocorre na velhice, esse sentimento perpassa todas as épocas de nossas vidas. Como reagimos a solidão, como lidamos, e como significamos é bem particular. As formas como vamos experienciando cada situação tem uma relação com os aspectos mais centrais de nossas vidas.

Então, e de certa forma, o texto é para todos que reivindicam, lutam por sua realização pessoal e liberdade, ou ainda, para aqueles que pensam (ram) na finitude da vida.

3.1. “A minha juventude é depois desse CRAS... eu nunca tive liberdade de ter uma vida assim”: Representações sobre liberdade e o CRAS.

Os programas para a terceira idade, tem uma contextualização histórica e representam a constituição e instituição de espaços voltados para a reunião de pessoas geralmente acima de 60 anos, idade considerada pela lei como “pessoa idosa”. Esse fenômeno se deu a partir da visibilidade alcançada pela velhice nos últimos tempos. Debert (2012) denomina esses espaços de maneira genérica de “programas para a

⁵⁷ Guattari e Rolnik (1966, p. 323), compreendem territorialidade/desterritorialização/reterritorialização da seguinte forma: Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente «em casa». O território e sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir.

⁵⁸ Termo usado por Caradec, quando informa que os sujeitos ao serem instalados em instituições asilares restringiria as formas de expressão de sua personalidade, pois o passado, a memória do sujeito, muitas vezes, não é levada em conta pela instituição, o que tem efeitos devastadores para a identidade do sujeito. Para o autor: “os mecanismos dessa transição identitária se pautam na construção de uma familiaridade com o novo lugar de vida e na maneira como as pessoas administram sua identidade no novo contexto”. (CARADEC apud PEIXOTO, 2001, p. 343).

terceira idade”, que são formas de associativismo onde o critério preponderante se dá em torno da idade cronológica. Sobre o termo “Terceira Idade”, ela nos ajuda a compreender informando que:

“Terceira Idade” é uma expressão que, recentemente, popularizou-se com muita rapidez no vocabulário brasileiro. Mais do que referência a uma idade cronológica, é uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que ainda não adquiriu conotação depreciativa. A expressão originou-se na França – país onde os primeiros gerontólogos brasileiros foram formados (Stucchi, 1994) – com a implantação, nos anos 1970, das “Universités du Troisième Age”. Da mesma forma, a expressão “third age”, de acordo com Laslett (1987), foi incorporada ao vocabulário anglo-saxão com a criação das “Universities of the Third Age” em Cambridge, na Inglaterra, no verão de 1981, e é hoje de uso corrente entre os pesquisadores de língua inglesa interessados na velhice. (DEBERT, 2012, p.138).

Essas atividades e iniciativas, surgiram a partir dos anos 1960 em nosso país, exemplos como os programas do Sesc (Serviço Social do Comércio) ilustram que a partir desse momento as iniciativas se davam em torno de promover um envelhecimento bem-sucedido, mas foi nos 1980 que essas ações se proliferaram, graças a ampla divulgação desses programas na mídia local e nacional e o deslocamento das preocupações com os idosos no país.

A LBA (Legião Brasileira de Assistência) e as Universidades para a Terceira Idade também são exemplos de organizações que foram pioneiras desses programas, que pautavam sua justificativa e importância para o desenvolvimento tomando como referência os problemas sociais que o crescimento da população idosa acarretará ao país, já prevendo as primeiras décadas do século XXI. De forma geral as políticas públicas também vêm a funcionar como pagamento da dívida social que têm para com o idoso, desenvolvendo programas para promoção de uma velhice bem-sucedida, naquele momento representou uma questão de justiça social, além da criação de uma imagem positiva do envelhecimento, apoiada na gerontologia que redefine a experiência do envelhecimento, como um período da vida que deve ser vivido de maneira mais madura e profícua (DEBERT, 2012).

Nessa perspectiva os programas para a terceira idade ganham ênfase também através das políticas públicas no país, e é nesse contexto que são implantados em todo o território nacional, a partir da aprovação da Política Nacional de Assistência Social (2004), os Centros de Referência de Assistência Social, compondo a nova política governamental de expansão dos serviços de Assistência Social ligados à proteção

básica. A implantação se deu no período do primeiro mandato do Governo Lula (2005) e permanece até os dias atuais, os CRAS, são a porta de entrada da política de assistência social que são prioritariamente localizadas em áreas de maior vulnerabilidade social, dentro dos municípios brasileiros, com o objetivo de fortalecer os vínculos familiares e a convivência com a família e a comunidade.

O grupo “Experiência e Vida” é totalmente composto por mulheres, o que coincide com a participação majoritária do público feminino nesses programas, no Brasil a participação masculina raramente ultrapassa os 20%. Todos esses dados são importantes para refletir sobre as novas demandas impostas aos envelhecimentos, ou novas formas de gestão da velhice.

Um conceito fundamental para entender as novas formas de gestão da velhice se encontra em Guita Debert (2012) quando trata da “reprivatização” da velhice, quando o indivíduo se torna responsável pelo seu próprio envelhecimento, responsabilizando-o pela manutenção de uma vida ativa, consumo de determinados produtos e alimentação balanceada, entre outras ações que o implicam como protagonista do seu envelhecimento.

Além disso, de acordo ainda com a autora, assistimos uma socialização progressiva da gestão da velhice, tanto pelo aparelho do Estado como outras organizações privadas e não governamentais, campos de saberes específicos como a gerontologia, onde são criadas instituições e profissionais especialistas no envelhecimento. Essas ações se dão a partir de um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes difusas e contraditórias, e, como consequência disso, há uma verdadeira homogeneização das representações sobre a velhice, estabelecendo uma nova categoria cultural: os idosos. Esse movimento se deu a partir da segunda metade do século XIX, período este responsável por uma série de imagens negativas associadas à velhice, mas também teve como aspecto positivo o estabelecimento e legitimação de direitos sociais, como exemplo a universalização da aposentadoria. No Brasil, esse fenômeno acontece um pouco depois, e nas últimas décadas assistimos o aumento dos programas voltados para os idosos, como as “universidades para a terceira idade”, “grupos de convivência de idosos”, programas estes que abrem espaços de experiências coletivas, incentivando a autoexpressão e a exploração de identidades que antes eram exclusivos da juventude (DEBERT, 2012).

Os agentes privilegiados na reprivatização da velhice: gerontólogos, acrescento, assistentes sociais, psicólogos e outros *experts*, configuram-se em sujeitos ativos na

transformação da velhice em questão social que deve ter atenção tanto do poder público como privado, como a transformação do idoso em novo ator político, fenômenos agora atestados pelo sucesso dos programas voltados para a terceira idade e pela ascensão das tecnologias do rejuvenescimento, onde o espaço social, o tempo e o curso da vida, o corpo e a saúde ganham novas configurações, pois até bem recentemente, a velhice nas sociedades industrializadas era sinônimo de perda de *status* social dos indivíduos. Se a modernidade assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a vida adulta, atualmente há uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento. A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice, reconfigurações corporais, medicamentos e novas formas de lazer desestabilizam as imagens tradicionais associadas ao envelhecimento. É nesse contexto que é inventada a terceira idade, que vai revelar uma experiência até então inusitada da velhice (DEBERT, 2012).

Uma outra questão relevante é a da feminização do envelhecimento, que entram no rol das reprivatizações da velhice com ênfase e sobrecarga no cuidado e vigilância ainda maior ao envelhecimento das mulheres. As considerações a serem feitas sobre as questões de gênero e envelhecimento se pautam em diversas perspectivas, para alguns autores, as mulheres apresentam uma dupla vulnerabilidade, com o peso da discriminação, como mulher e idosa. Em praticamente todas as sociedades a mulher é somente valorizada pela sua função reprodutiva e pelo cuidado dos filhos, portanto, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Outros autores, descrevem de forma mais positiva o envelhecimento feminino, informando que a velhice feminina seria mais suave do que a masculina, pois elas não sofrem uma ruptura abrupta em relação ao trabalho, como acontece com os homens, os vínculos com os filhos são mais intensos e por isso, estes tendem a cuidar mais de suas mães quando idosas, outro fator é que na velhice o controle é mais afrouxado, já que nessa fase as mulheres já não detêm mais a função procriativa. (Ibidem).

Talvez por esse motivo ouve-se mais das mulheres o quanto elas se sentem mais livres na terceira idade, o controle de seus corpos e vidas podem ser agora liberados ou afrouxados. O que pode representar outras estéticas e experiências. Duas delas, Eva e Simone, as duas casadas, relataram muitas restrições durante suas trajetórias, como já foi descrito, controle esse, exercido pelos pais, pelos irmãos, agora são afrouxados pelos maridos na terceira idade, os relatos das mesmas dão conta disso, quando apontam a ida ao CRAS como liberdade. Segundo Debert (2012, p. 185):

Liberdade e independência são valores positivamente qualificados que dão à vida cotidiana uma nova dimensão de bem-estar. O bem-estar é construído através da oposição entre a liberdade atual e as outras etapas da vida, sobretudo a juventude, em que as mulheres eram vítimas da opressão dos pais e dos controles que a sociedade exercia sobre elas. [...] No mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para elas, um fato irreversível e redefine o que é envelhecer. Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida. É esse espaço que elas se apressam em ocupar.

Os espaços que elas vão ocupando para a conquista dessa liberdade, também perpassam pelos grupos da terceira idade, como o CRAS, como elas relatam:

A minha juventude foi depois desse CRAS, pra mim foi um... É minha juventude! [...] A minha liberdade é hoje. Eu nunca tive liberdade de ter uma vida assim...de nova... Porque você sabe, no meu tempo, não era o tempo de hoje. [...] Então, a minha juventude é como eu tô dizendo a você, é agora! Eu participo, tô muito satisfeita com minhas professoras, com as minhas diretoras, são muito boa, [...] o que eu tenho a dizer a você que sou satisfeita com tudo o que acontece lá! (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia: 29/08/2018).

[...] o CRAS pra mim foi minha libertação. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia: 22/08/2018).

O sentido também dado por Simone foi o de ter conseguido se desinibir de muitas coisas que não fazia até então, cita, por exemplo, a dança como sinônimo de transgressão, sempre teve vontade de participar, mas desde pequena, conta em seus relatos, que teve uma vida muito controlada, ela pôde experimentar as expressões do seu corpo, pela primeira vez, quando se debruçou a brincar com seus alunos, quando foi para a sala de aula, mas agora de forma mais intensa, pôde viver um momento de maior liberação de seus desejos e de seu corpo a partir da dança. Assim ela descreve esse momento:

[...] eu não dançava, eu sei que eu sou dura, que não tenho remelexo, mas eu não quero nem saber, eu danço pra mim! [...] as vezes Zefinha me chamava “Vamo no CRAS!”, aí eu ficava assim...tinha vontade, mas não ia, até que fui pra o CRAS, só que pra fazer atividade, pra dançar, Jamais, eu pensei! [...] Foi, aí que quando eu entrei tava ensaiando o São João, aí eu disse “Deus me livre, eu não sei dançar, tenho vergonha!” [...] Aí na época... Eu sou louca pela jovem guarda, eu sou apaixonada, aí o professor disse que ia fazer um baile da jovem guarda, aí eu peguei e disse: “Eu vou! Como, eu não sei, mas eu vou participar!” O meu maior inimigo foi eu mesmo! [...] Aí ele foi fazer o desfile, aí eu dizia “Eu vou!” aí uma pessoa dizia dentro de mim “Mas você não sabe dançar!” “Mas eu vou!” “Vai ter um mundo de gente olhando pra você!” aí eu digo “Mas eu vou!” foi uma luta, mas eu... Acho que eu

consegui! [...] Eu não tenho nem adjetivo pra classificar... Foi o máximo pra mim! (risos). Foi lindo aquele momento! Foi o máximo, o máximo! (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia: 22/08/2018).

A dança como representação dos dispositivos de envelhecimento saudável, teve sentidos diversos nas subjetivações dessas mulheres, e representou novas dimensões existenciais, experienciais e estéticas. Outra que tratou da dança, como a atividade que mais gosta de fazer foi Eva. Além dela, Celina descreve que conta os dias e as horas para as apresentações da dança:

[...] acho bom quando chega o dia de dizer assim “A gente hoje vamo se apresentar em tal canto!” EU AMO! A gente fica contando o dia e as horas pra chegar o dia pra gente ir! (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia: 05/09/2018).

Além do CRAS lhes remeter a significados de liberdade, alegria, é também um espaço de socialização, onde se dá a formação de redes de amizades, de afetos, de sociabilidades, de encontros, onde a fuga da rotina são elementos que constituem esse cenário, mas também é o espaço de retraimento, de experiências de estigmatização, como relatado por elas mesmas. É a dança, a atividade que majoritariamente as mulheres que fizeram parte dessa pesquisa gostam, sete delas descreveram isso em suas falas, mesmo Lida, que não está mais no grupo, disse que gosta de dançar, e que gostava muito da dança. O motivo dela não participar mais das atividades do grupo e seu afastamento se deram pela dificuldade de deslocamento, no início um carro era disponibilizado pela secretaria de assistência social para pegar as integrantes que moravam distante do serviço e na zona rural, com o tempo passando e a demanda aumentando, o carro agora só é disponibilizado para levá-las em casa no término das atividades, como Lida mora na zona rural, a dificuldade atrapalhou a sua ida ao grupo, mas ela continua visitando o serviço de forma transitória, quando pode ir.

Apenas duas, Juana, que não está mais no grupo, que disse que não gostava da “zuada” (sic) da dança, apesar de ter se apresentado em algumas situações. Alzira, que nas apresentações tem papel secundário, porque tem dificuldade de mobilidade, diz preferir a atividade física. De forma geral, os relatos são de que a dança é um momento do ápice, de potência, liberdade de expressão de seus corpos:

É bom demais! É a coisa melhor que fizeram na vida, foi esse CRAS pra gente! Pra sair da rotina de casa, né? A gente tem a rotina em casa e também a gente sai pra fazer os exercícios, as atividades da gente! Você encontra com

as pessoas com outras amigas e isso e aquilo outro acolá. (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia: 05/09/2018).

Eu gosto de tudo... De dançar, de fazer o movimento no corpo, dançar! (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia: 29/08/2018).

Na dança elas se sentem liberadas de suas reclamações com as questões corpóreas e de saúde, o corpo descrito por Goldemberg (2015), é o corpo capital com valor simbólico, seu distintivo aqui, na experiência dessas mulheres, está liberado dos padrões, não há uma preocupação precípua com o corpo envelhecido. Uma de suas apresentações é inclusive a dança do ventre, onde o figurino é mais ousado, onde seus corpos ficam mais desnudos, o que não as impediu de fazer várias apresentações. É claro que, as mais tímidas, ainda não se sentindo à vontade com essa liberdade proporcionada pela dança do ventre, decidiram por outra apresentação.

Além disso um outro aspecto é relevante, a maior participação de mulheres em grupos se deve também ao aumento do cuidado com a saúde dos idosos no país, pois a busca pelos cuidados e tratamentos com a saúde pelos homens ainda é baixa. Nos grupos de idosos em que as mulheres se destacam há uma experiência de celebração do envelhecimento, uma espécie de ir na contracorrente dos preconceitos e estigmas existentes, nesses espaços os idosos têm voz, que não é necessariamente uma voz política, mas uma voz que busca realização pessoal e autossatisfação (CARMAGNANIS, 2016).

Retomando um aspecto relevante em que descrevi, da experiência proposta por Larrosa (2017), o CRAS, também é espaço de homogeneização, primeiro porque define como critério para inserção no programa a idade, como se a idade estabelecesse uma identidade única para todos, percebe-se nesse estudo que muitos marcadores sociais estão operando na experiência dessas mulheres, e o programa não aponta uma proposta para se pensar nas particularidades de cada uma. Mas também uma limitação se destaca, e que é importante ressaltar para se refletir essa questão da homogeneização das mulheres do grupo, é que o programa se esbarra numa equipe mínima de profissionais, que também não dá conta da observância dessas particularidades. Foi a partir dessa pesquisa que a minha experiência como profissional e pesquisadora nesse espaço, aspectos como: ouvir, falar, sentir, emergiram de forma diferente.

3.2 - “Eu não queria ser velha, mas sei que é o que a gente tem, quem não quiser morre logo⁵⁹” - as identidades da velhice e do envelhecimento.

“A Idade de Ser Feliz.”

“Existe somente uma idade para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los. [...] Essa idade, tão fugaz na vida da gente, chama-se presente, e tem apenas a duração do instante que passa...”

(Geraldo Eustáquio de Souza).

A epígrafe de Geraldo Eustáquio de Souza, nos aponta um grande desafio e desestabiliza a ideia de que há uma idade de ser feliz, mas que possamos viver o presente em sua inteireza, porque ele é veloz, e se não prestamos atenção deixamos de ser felizes, pois o momento presente “tem apenas a duração do instante que passa”.

Em nossa sociedade ocidental que coloca a juventude como a “idade feliz”, poder ser alegre quando se estar envelhecendo é um grande desafio. Além disso, outras coisas estão imbricadas nesse processo: a invisibilização das pessoas mais velhas, os comportamentos esperados, os preconceitos e estigmas, a fixação de identidades e conseqüentemente, homogeneização da velhice. Portanto, compor as narrativas dessas mulheres é antes de tudo, reiterar o que a história, a sociologia e antropologia já vem nos informando há algum tempo, a de que, a vivência pessoal do processo de envelhecimento se dá de modo diferenciado, segundo as várias épocas históricas, as distintas culturas e segmentos populacionais, e dentre estas, muitas variáveis são possíveis de acontecer, segundo as relações de gênero, os pertencimentos de classes sociais, e entre os próprios grupos geracionais, são múltiplos os marcadores interseccionais⁶⁰ que envolvem o envelhecimento, portanto, o envelhecimento é categoria sociológica, cultural e histórica. Cavalcanti (2014), apoiando em Lins de Barros, traz uma concepção sobre velhice e envelhecimento, dizendo que essas

⁵⁹ Trecho da fala de Celina.

⁶⁰ Segundo Piscitelli, pensar as “categorias [interseccionalidade, categorias de articulação] é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo, para dar cabida às interações entre possíveis diferenças em contextos específicos.” (PISCITELLI, 2008, p. 266).

categorias são entendidas como noções classificatórias concomitantemente de atribuição social e da autoatribuição, estas não se referem necessariamente à idade cronológica, mas, de uma construção coletiva de um último período da existência do indivíduo.

Debert (2012) considera que, falar da periodização da vida do ponto de vista antropológico, é mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais que demarcam as fronteiras de idades dos indivíduos. Essa autora, baseada num artigo de 1984 de Meyer Fortes, no qual ele distingue “níveis de maturidade”, “idade geracional” e “idade cronológica”, demarcações que permitem pensar na plasticidade do curso da vida e na particularidade das idades, como elementos importantes nas formas de organização social, que segundo Debert, permitem repensar dois processos aparentemente antagônicos que caracterizam a experiência nas sociedades ocidentais contemporâneas: uma, a do apagamento das idades como um marcador importante das experiências vividas, e a outra, ao mesmo tempo, a transformação das idades em um dispositivo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo.

É na modernidade que se alarga a distância entre adultos e crianças, tanto pela construção da infância como uma fase de dependência, como também pela construção do adulto como um ser independente, com maturidade psicológica e com direitos e deveres de cidadania. O próprio processo de individualização, característica da Modernidade, teve na institucionalização do curso da vida uma de suas dimensões fundamentais, que não regulamentou apenas as etapas, mas também a constituição de perspectivas e projetos individuais e coletivos dos indivíduos. Tem também o conceito de geração, que é menos marcada pela idade, o curso da vida torna-se um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. (DEBERT, 2012).

Held (1986) citado pela mesma autora, informa-nos que uma das características marcantes das sociedades ocidentais contemporâneas pós-moderna é a de “desinstitucionalização” ou a “descronologização da vida”, ou ainda segundo Moody (1993), o “Curso da vida pós-moderno”, passam pelas mudanças que caracterizam a experiência contemporânea na qual se relativizam as normas apropriadas de cada estágio da vida, apontando a emergência de uma sociedade em que a idade passa a ser condição irrelevante. Mas a autora chama a atenção de que as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social, pois a idade ainda é um elemento fundamental na definição do *status* do indivíduo (DEBERT, 2012).

Pensando nas categorias de idade enquanto construções sociais, que tem implicações concretas na vida das pessoas, as mulheres que fazem parte dessa pesquisa trazem em suas telas-narrativas as representações que fazem do processo de envelhecimento, costurando as identidades associadas a velhice. Em sua maioria, descrevem o envelhecimento pelo corpo ou questões físicas que estão inter-relacionadas, como perda gradativa de mobilidade, doenças, falhas cognitivas e mentais, mas também o percebem pela idade, e concepção etapista da vida – infância, juventude e velhice- mas também pelo olhar do outro, preconceitos e estigmas associados a velhice as fazem descrever o envelhecimento. Contraditoriamente a essa percepção, algumas delas expressam em suas falas não se sentirem velhas, elas não reconhecem a identidade da velhice.

O que descrevem em suas narrativas através da linguagem, também fazem parte de um arcabouço linguístico cultural que as atravessam, se transformando em “verdades” no qual representam o envelhecer. Portanto, o envelhecer não é só natural, é cultural, e muitas vezes traumático, porque desqualificam o envelhecimento, pois a linguagem tem o poder de criar, ela cria a ideia, inclusive do “verdadeiro” de tanto repetir, a linguagem é, portanto, uma atividade situada e não aleatória, os indivíduos a legitimam, instituindo verdades, identidades:

[...] assim é que a cada vez que um conjunto de signos é emitido trata-se de enunciações únicas, mas pode ser o mesmo enunciado, pois ele pode ser repetido. Um ator decorando um texto, realiza a cada vez diferentes enunciações, mas o enunciado permanece o mesmo, ele pode ser repetido, atualizado. Como está sempre povoado por outros enunciados, como se inscreve num campo da experiência, sua identidade muda conforme um regime de instituições materiais que, de certa forma, definem a própria possibilidade de reinscrição ou reutilização. (ARAÚJO, 2001, p. 190).

O que foi enunciado, reiterado e atualizado em suas narrativas foi o preconceito em relação a velhice. A fala de Simone traz vários eventos que relatam os preconceitos, estigmas associados a velhice, descrevendo ser esse o principal e pior aspecto que se dá pelo olhar e atitudes de outras pessoas, a tela emoldurada traz lembranças de diversas situações em que sentiu de forma mais direta esses preconceitos:

[...] eu fui comprar um celular, eu ando com meu filho [...] aí o rapaz olhou assim e perguntou: “Pra quem é o celular?” Como se eu não pudesse possuir um telefone com tecnologia, entendeu? (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Mais três outras situações são descritas por ela, duas delas num mesmo evento, no Encontro de Casais com Cristo – ECC, onde foi tratada de forma discriminatória por duas vezes:

A gente somos do ECC, a gente foi trabalhar em São João do Cariri, aí quando eu cheguei lá, uma menina que eu já conhecia ela há muito tempo, [...] ela disse: “Eu abracei logo Simone, porque ela é a mais velha!”. Isso acabou comigo. Precisava? Porque ela me abraçou porque me conhecia a mais tempo. Aí a gente foi trabalhar na ordem de limpeza, quando a gente chegou lá, não tinha chegado ninguém, os coordenadores, a gente limpamos os banheiros, fizemos um bocado de coisa, num é? Aí no final quando o coordenador foi agradecer, aí foi aquele bafafá, que tava se sentindo culpado de ter botado a gente na limpeza, mas que tinha visto... Tinha visto a atuação da gente... Isso pra mim também não foi elogio! Acho que ele tava pensando que nós não éramos capazes! Se eu sou capaz de tomar conta da minha casa, de cozinhar pra todo mundo, porque que eu não sou capaz de trabalhar três dias? (Simone, 63 anos, entrevista realizada em 22/08/2018).

E ainda relata outra situação, dessa vez quando estava com as outras integrantes do grupo para desenvolver uma atividade, e uma das mulheres que participam do grupo, as identificam como “as velha caducada”:

Essa semana eu reclamei, a gente foi lá pra André, né? Pra fazer atividade física, aí uma colega disse: “Chegou as velha caducada!” aí eu digo: [...] Mulher, pra quê isso?” eu digo: “Eu me sinto mal com essa palavra!” ela disse “Oxe, mulher, tu num gosta não?” Eu digo: “Gosto não, não gosto de ser tratada como velha, porque eu tenho nome... Meu pai morreu com noventa e quatro anos, mas eu detestava quando eu chegava num canto que o povo perguntava ‘e o velho?’ Ele tinha nome, tinha identidade!” eu digo “Mulher, nós já somos discriminadas e você chamar a gente de velho, a gente, eu e você de velho... Cadê o respeito?”. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

As representações reiteram um envelhecimento abjeto, marginalizado, discriminado, que se dão em dois níveis na fala de Simone, reiterados pelos outros e por elas mesmas. A narrativa de Simone nos leva a alguns questionamentos: Será que não era ela mesma que estava sendo preconceituosa consigo mesma? O seu lugar de fala, parte de um preconceito para com a velhice? Ou até, ela mesma se sentia velha a tal ponto que, tudo era incômodo, tudo a reportava à identidade de velha? De acordo com Couto,

[...] embora o aumento da longevidade represente uma conquista para a população e para a ciência, ainda prevalece socialmente a ideia de que envelhecer é algo a ser evitado. Em um contexto no qual o culto da juventude é cada vez mais reforçado, a velhice é permeada por estereótipos e

preconceitos que a reduzem a uma fase de declínio e perdas. (COUTO, 2006, p. 321).

A velhice carrega uma série de estigmas, que se naturalizam socialmente e se reproduzem através dos discursos, no entanto, a tela-narrativa de Simone reivindica autonomia, uma experiência de estar envelhecendo sem preconceito. Ela continua dizendo: “essa pena na gente, como se a gente não fosse capaz”, esse tipo de sentimento que ainda persiste nos dias atuais, de tutelamento e comiseração e compaixão pelas pessoas que estão envelhecendo, são muitas vezes desprezados ou ignorados pelos idosos. Simone chama a atenção para o nome, identidade, quando se reporta a situação específica do pai, para informar que as pessoas perguntavam “pelo velho” e não pelo nome, indicando que chamar de velho é uma forma pejorativa, discriminatória. Mais na frente em sua narrativa ela diz que combate muito quando as pessoas chamam “velho/velha”, pois afirma enfaticamente que detesta essa palavra.

Simone ainda trata de uma situação específica que aconteceu no grupo de idosas do CRAS, quando houve a entrega de novas camisas para as componentes do grupo, o desenho da blusa, são dois idosos, um homem e uma mulher, a senhora de cocó/coque na cabeça e de óculos, e o senhor de bengala, na entrevista ela fala que não se identifica com aquelas imagens de idosos que estão na blusa, fazendo ecoar que aquele desenho não a representa:

Porque é o seguinte... Uma vez eu vi um comentário, talvez foi na Ana Maria Braga, (nome da apresentadora de programa de TV) que antigamente as pessoas com mais de sessenta anos usava aqueles cocozinho de óculos, mas hoje mudou [...] aquele Mario Quintela (acho que seja Mário Sérgio Cortella) um dia desses, ele é da minha idade, tem sessenta e três anos e é uma pessoa muito culta, [...] ele disse que chega no aeroporto que tem um idoso com uma bengala, ele disse: “Não me representa, eu tenho sessenta e três anos e não ando de bengala, então não me representa!” [...] aquelas camisas eu detestei... E até fui repreendida porque eu sou muito sincera [...] Não gostei! (aumenta o tom de voz, enfatizando que não gostou) [...] Não gostei... Não gostei... Não me representou! [...] aquele desenho não me representa! Não me representa! [...] Pode até alguém me condenar, mas eu tenho opinião formada! [...] Minha opinião é minha opinião! (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

A fala de Simone demonstra que as representações que ela tem sobre sua experiência pessoal, se diferem das representações do idoso de bengala de cabelos brancos e de coques no cabelo, assim como na imagem da camisa do grupo. Mesmo

sendo confeccionada por um programa de terceira idade⁶¹, o processo de elaboração da arte para a camisa se deu pela gestão, no caso o prefeito da cidade, junto à gráfica que faz as estamparias de camisas e fardas extensivo a todos os programas e secretarias municipais, percebe-se dessa forma uma maneira de homogeneizar o envelhecimento, como a maioria dos programas para esse público, e, apesar dos programas elencarem algumas preocupações, mas o que se percebe, de forma geral, é de que não há uma preocupação com as múltiplas identidades dos participantes.

No texto, *Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo*, de Letícia Casotti e Roberta Campos (2014), tratam sobre os preconceitos e estereótipos da idade, informando-nos de que ser jovem se tornou um ideal cultural que a cada dia vai ultrapassando as fronteiras biológicas ou psicológicas, ser jovem passa a ser uma aspiração, globalizando toda uma cultura da juventude; como exemplo cita a busca por diferenciação e autenticidade, que até então eram características dos mais jovens e que agora se estende para as idades avançadas, complementa dizendo que:

[...] os mais velhos que queriam sossego e quietude, retratados pela imagem um tanto estereotipada de colocar o pijama quando chegasse a aposentadoria, ganham outras associações mais próximas da juventude: muito lazer, roupas da moda, soluções estéticas para parecerem mais jovens, médicos e remédios em profusão para retardar os efeitos da velhice, cursos e universidade para a terceira idade. Enfim, muitos itens de consumo também pressionam esse grupo etário a se diferenciar e o distanciam de imagens típicas da velhice comumente encontradas nos livros, no cinema e nos programas de TV. Quem eram eles? Velhinhos de óculos, bengala e andando com dificuldade, velhinhas tricotando, tomando chá, sentadas em cadeiras de balanço, falando baixinho, com vestidos discretos, óculos caídos no nariz e cabelos grisalhos presos em coque. (CASOTTI, CAMPOS, 2014, p. 114).

O tema do preconceito foi levantado também pela narrativa de Juana:

Eu não ando segurada em ninguém, eu não me escoro em ninguém! Eu volto daqui pra rua, espigada que só. E volto as vezes, pego uma trouxa e trago na cabeça...agora pendurar nos braços não! Pra me botar pra baixo eu não quero, não me sinto bem, boto na cabeça e vou embora! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Aqui ela também se refere a velhice estereotipada, do velho que precisa de ajuda para se locomover e mais uma vez a temática do preconceito apareceu, quando induz

⁶¹ “Terceira idade” é uma expressão que recentemente se disseminou no vocabulário brasileiro. Mais do que uma referência a uma idade cronológica, é a maneira eleita para tratamento das pessoas de idade mais avançada que ainda não adquiriu conotação pejorativa. A expressão originou-se na França, país no qual os primeiros gerontólogos brasileiros foram formados com a implementação, na década de 1970, das Universités Du Troisième Age. (ALMEIDA; LOURENÇO, 2009, p. 234).

em sua fala que para colocar ela “para baixo”, não quer, não se sente bem, deixando subentendido as discriminações que eventualmente pode ocorrer. O que se percebe é que as representações que se fazem sobre elas, demonstraram na minha pesquisa, que pouco ou nada tem a ver de como elas se autorepresentam. Caradec (2016) vai dizer que enquanto puderem resistir e for possível as pessoas que envelhecem preferem definir-se a distância da identidade de velhos, que na nossa sociedade é tão estigmatizada e desvalorizada. Ainda segundo Caradec (2014), o que está em questão não é o fato das pessoas querer “continuar jovens”, mas no fato de que não querem “se tornar velhas” e dar a seguinte dica: de que manter distância a esse “ser velho” não interfere na aceitação do envelhecimento, desde que as pessoas tomem cuidados consigo mesmo e encarem positivamente os sinais de seu envelhecimento. Seguindo essa mesma linha de pensamento Debert (2012) diz que as imagens negativas e atitudes discriminatórias acabam produzindo uma confirmação, portanto, tarefa fundamental é desconstruí-las.

Mas desconstruí-las em contextos onde a velhice é sinônimo de horror, de “nojo”, como descreve Eva em sua fala, quando perguntada sobre o que considera envelhecimento, descrevendo uma situação em que uma pessoa disse para ela que tinha nojo de velho, é bem mais difícil:

[...] eu vi uma mulher essa semana, uma mulher já de idade, dizendo que tinha nojo de velho! Aí eu perguntei pra ela: “Sua mãe morreu com quantos anos?” [...] “Com setenta e cinco anos!” “A senhora tinha nojo dela?” aí ela disse: “Eu não, que eu nunca lutei com ela!” eu disse: “Ah! Tá certo! Pois eu não tenho...” eu disse a ela “Pode ser um esmolé... Eu não tenho nojo, não tenho nojo, se ele tiver sujo e precisar de um banho, eu dou!” eu disse a ela assim, aí ela ficou olhando assim pra mim, porque ela viu que eu não gostei né?” (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Destaca-se também uma naturalização da idade, quando ela descreve o diálogo que travou com “uma mulher já de idade”, como se problematizasse para ela mesma, como pode uma mulher já velha ter nojo de outro velho? A linguagem deixa escapar e recria uma “verdade” reproduzida sobre a velhice, a naturalização da idade de ser velho. O nojo aqui também é discriminatório, quando perguntada se sentia envelhecendo, demonstra mais uma naturalização retomando a idade como marca discursiva.

Eva ainda disse que se sentia envelhecendo e descreve as limitações físicas como um dado de percepção: “olhe, a pessoa na minha idade não pode vassourar uma casa [...] não pode pegar uma lata cheia de água, tem que pegar de pouco...” (sic). E coloca uma das coisas mais difíceis no seu dia a dia que é ter paciência, já que, como ela

mesma coloca, sempre foi muito ativa, pois nunca esperou que ninguém fizesse nada, ela ia lá e fazia, então agora não seria diferente: “Eu sou uma pessoa assim, muito desimpaciente, eu não tenho paciência de esperar que ninguém faça nada, eu quero fazer! Eu quero fazer!” (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Interessante observar é que Eva teve uma trajetória de muito trabalho⁶², e hoje aos 85 anos, não se conforma com a possibilidade de depender das pessoas para o desenvolvimento das atividades domésticas. O que se percebe é que Eva, em seu contexto familiar, reforçou o papel feminino para os cuidados dos filhos, e a responsabilização por essas atividades, reiterando em um momento de sua fala que o papel da mulher é “tomar conta da casa, dos filhos”. A convivência intergeracional - já que a mesma mora em casa com filhos e netos- cristaliza seu lugar na rede de interação familiar da “matriarca”, além da manutenção da dinâmica de alimentação na hora certa, casa limpa, etc, ela ainda é uma das principais rendas para a sustentação financeira da casa, através de sua aposentadoria. Além disso, uma outra coisa é importante ser ressaltada, pois o desenvolvimento autônomo das atividades que ela realiza, burla com as ideias e percepções que fazem da velhice atrelada as limitações e dependência.

Campos (2010), em seu estudo que trata da influência entre gerações no consumo de cosméticos, une informações sobre três gerações de mulheres (mães, filhas e netas), informa-nos que, no grupo das mais velhas encontrou uma experiência limitada de consumo de produtos e serviços de beleza, no entanto, essas mesmas mulheres tinham intensa participação com o cuidado da casa e dos netos. Segue em sua descrição dizendo que essa geração de mulheres, com a chegada da terceira idade, não conseguem desfrutar de uma pausa ou desaceleração de seu ritmo de trabalho, porque estão comprometidas com o sustento e responsabilidades sobre sua família, tudo isso é confirmado através de observação na dinâmica familiar de Eva.

Além de Eva, que traz à tona em sua fala, a questão da autonomia no desenvolvimento das atividades domésticas e o incômodo suscitado pelas limitações percebidas, essas limitações físicas também são reiteradas pela tela narrativa de Juana, quando diz que, “[...] envelhecer é isso, se sentir que o corpo não presta mais! O corpo não tá dando mais... entendeu? Não vou daqui pra rua porque não posso ir só, porque sou velha!” (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

⁶² Descrito através do primeiro e segundo capítulo, a experiência de Eva, permite perceber que ela não rompe com a naturalização dos lugares de gênero. Ela trabalhou durante sua infância, sua juventude, casou acreditando que o papel da mulher é ser a dona de casa, provedora da manutenção do lar, filhos e família.

Mas quando perguntada sobre o que é envelhecimento é enfática dizendo que “é mental!”. Patrícia corrobora com a representação de envelhecimento de Juana dizendo que “envelhecimento é a mente”. Embora Patrícia diga que o envelhecimento é a mente imediatamente informa que é uma “velha de espírito jovem”, “[...] eu sou uma velha de espírito jovem, meu espírito é jovem...eu sinto que meu espírito não é pra idade que eu tenho, velha de espírito jovem! [...] Eu me acho com espírito de jovem, eu sinto isso!” (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

A contradição das falas em localizar a velhice entre o corpo e a mente, mais uma vez demonstra o aspecto relacional do envelhecimento, desestabiliza as visões essencializadoras que buscam atestar a partir de determinadas características o que é ser velho/a.

De fato, deve ser muito contraditório para elas, não se enquadrar no perfil, identidade da velhice, por inúmeros motivos, alguns até já descritos: preconceitos, estigmas, representações da velhice que pouco ou nada tem a ver com o que de fato elas se percebem. O lugar de fala de Patrícia, é o lugar de quem reivindica todos os dias o reconhecimento desse “espírito jovem”, dessa jovialidade que ela esbanja, a luta de todos os dias para não ir para a rua e de repente esquecer o que iria comprar, ressalta: “ai, eu não quero chegar nesse termo não, Deus me livre!” (sic). A luta é árdua, cansativa e diária, mas ela está ali, requerendo esse lugar, mas poucas pessoas se abrem para olhar a tela que ela emoldura, porque os enquadramentos são sempre fixos, uma identidade é colada em nós e me parece que é sempre dali que temos que pinta-la, então será sempre uma tela sem graça, em que nossos olhos já cristalizaram imagens, é uma tela em que o novo, o surpreendente, o diferente - no sentido do diverso - não estará acontecendo. Patrícia teve várias rupturas na experiência para o envelhecimento, passou por várias transformações de si que rompem a cada dia a ideia da velhice como algo “natural”, as experiências que teve na juventude, onde burlou a educação restritiva dos pais, a viuvez quando ainda era bem jovem, a negação de uma essencialização e cristalização da idade, tudo isso, deve ter corroborado para que ela reinvidique o que sente, “um espírito jovem” (sic).

A visão etapista, ou a velhice como “destino”, é descrita pela fala de Celina e Olga, a primeira diz: “não gosto dessa fase, da pessoa ser velha, mas eu sei que é o que tem pra gente, né?”, demonstrando que a velhice é inevitável, há portanto uma naturalização, identificação da velhice. A segunda trata de forma etapista: “Que a gente nasceu né? Foi criança, jovem e agora tem que ser o que é pra ser, né? Não tem que

ficar na mesma coisa, envelheceu...eu não sinto raiva porque sou velha não” (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

A fala de Celina também dar conta dessa naturalização da velhice:

Não gosto dessa fase, da pessoa ser velha, mas eu sei que é o que tem que ser pra gente, né? E a pessoa tem que se acostumar, se adaptar, né? E siga o barco pra frente! Eu não queria ser velha, mas sei que é o que a gente tem, certo... Quem não quiser morre logo! (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

A velhice é natural, é destino, é inevitável, “é o que a gente tem”, e quem não quiser ser velho “morre logo”, como pontua Celina, que recomenda uma adaptação à velhice. Elas, de uma maneira ou de outra, nesse ponto, tratam de uma “cronologização da vida”⁶³ e do processo de envelhecimento como destino. Distantes das cirurgias plásticas e produtos cosméticos, que não as atravessaram até o momento de suas vivências, elas colocam a velhice como estágio natural da vida, apesar de não gostarem e não declararem como sendo “velhas”, ainda assim, demonstram uma certa passividade em relação ao processo de envelhecimento, uma naturalização desse processo.

Uma outra visão passiva do envelhecimento se deu na narrativa de Alzira, hoje com noventa e três anos, diz que o envelhecimento está na idade, admitindo e repetindo por diversas vezes que se sente velha. Ela é a pessoa mais velha do grupo e nas atividades em grupo é sempre amparada pelas demais, professores e equipe. Algumas atividades não são realizadas por ela, ficando numa cadeirinha no canto, ali a espacialidade demarca a “diferença” das outras e de seus olhares, como se fosse uma reiteração “da pessoa que já está velha”, portanto, com limitações para desenvolver determinadas atividades.

A fala de Alzira demonstra uma aceitação da velhice, por diversos motivos que se imbricam, como as questões de fé e religiosidade, quando diz que “até quando nosso Senhor quiser eu aqui, moradeira dele”, quando aceita a cronologização da vida pautada nas descrições etapistas e de idade, colocando: “porque eu fui caindo na idade, né fia?”, ou até quando descreve a doença como motivo de velhice, relatando quando esteve doente, e dessa última vez, em que sentiu a morte de perto, quando foi para o hospital levada por uma ambulância, sentindo verdadeiramente a degenerescência física e mental.

⁶³ Conceito descrito por Debert (2012).

Alzira é a única que percebe a velhice relacionada à idade, demonstrando em alguns momentos de sua fala a compreensão de perdas de alguns papéis sociais, e uma concordância no aspecto “natural” do envelhecimento:

Me sinto, minha filha! [...] Porque já tô na idade... (risos) Porque eu sou velha eu vou dizer “Não, velho fica pra lá!” não, eu gosto da minha velhice, minha fia, até quando nosso senhor quiser eu estarei aqui como moradeira dele, né minha fia?! [...] sendo velha não vou dizer que sou nova, tem gente que é velho, mas não quer ser velho. [...] É assim mesmo, fia, o que é que há de fazer? Há de ser nova sem ser? (risos) me sinto velha minha fia... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Esse trecho da fala de Alzira traz um alento, alívio, porque o grande problema é lutarmos a todo custo com os limites que não são inevitáveis, caso vivamos muito. O problema talvez não seja extrair a “juventude” da velhice, mas significar esta, a todo custo numa “vida ativa” e dentro dessa lógica capitalista, sem dúvida é algo que engendra muito sofrimento aos indivíduos.

Debert (2012) nos ajuda a refletir sobre alguns aspectos dessa cronologização da vida, dizendo que:

Na explicitação das razões que levaram à cronologização da vida, pesos distintos podem ser atribuídos a dimensões diversas. A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice, pode ser pensada como resposta às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho. Inversamente, a ênfase pode ser dada ao Estado Moderno que – no processo de transformação de questões que diziam respeito à esfera privada e familiar em problemas de ordem pública – seria, por excelência, a instituição que orienta o curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de etapas de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria. A institucionalização do curso da vida, própria da modernidade, não significou apenas a regulamentação das sequências, mas também a constituição de perspectivas e projetos, por meio dos quais os indivíduos orientam-se e planejam suas ações, individual e coletivamente. (DEBERT, 2012, p. 51-52).

Em relação à idade, um fato curioso apareceu na fala de Patrícia, ela é a mais nova do grupo, com cinquenta e três anos, entrou no grupo desde a fundação, porque acompanhava a sua mãe e aproveitava e participava das atividades, com bem pouco tempo, a mãe desiste de participar do grupo e como ela não tinha a idade que “a enquadrava” pelas definições do programa, ela solicitou que pudesse continuar, pois se identificava com o grupo. Celina desestabiliza a ideia de que é a idade, ou os grupos de

terceira idade onde estão as “pessoas velhas”. Ela não se sente velha, como descreve em sua fala, mas se sente pertencente a aquele grupo, sua identidade atrelada a ele.

[...] chamaram mamãe, mamãe foi... Aí passou, não sei se foi quinze dias, ou menos, aí depois mamãe disse “Não, não tô aguentando não, eu não tenho saúde, Eu vou sair.” Aí eu disse “Ah, mamãe! Eu Tô achando tão bom, não queria sair não!” aí mamãe disse “Pronto, se você quiser ficar e aceitarem você, você fica!”. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Outra coisa intrigante na fala de Celina, é que no início da entrevista, quando pergunto a sua idade, ela se atrapalha um pouco dizendo ter cinquenta e oito anos, quando corrige imediatamente, dizendo: “Oxe! Mentira! Eu errei...Deus me livre, é cinquenta e três” (sic). No entanto, a interjeição do “Deus me livre” ter essa idade, não a impedem de participar de um grupo de mulheres idosas, o que me permite compreender que outros lugares a subjetivaram nesse espaço, a fizeram “assumir” a identidade daquele grupo. Talvez, por ser o único momento em que Celina se sinta livre da vigilância da mãe e se apresente de forma participativa nestas atividades. Quiçá o grupo para esta integrante compreende o que Foucault entende por “modos de subjetivação”, ou seja, “os processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade, ao contrário dos ‘modos de sujeição’, que supõem obediência e submissão aos códigos normativos” (FOUCAULT apud RAGO, 2013, p. 43). Assim, ela vai emoldurando sua vida e arte de existência através das redes de relações e experiências vivida diariamente.

Ela também descreve as fronteiras: velha/velhinha, como mostra um trecho de sua narrativa:

E eu gosto muito, morro de dizer, dos velho. Tenho a maior besteira, quando vejo um velhinho... Eu tenho muita vontade de eu chegar perto dele e dar um abraço carinhoso, nas velhinhas eu me sinto bem... (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Quando perguntada sobre como se sente sendo a pessoa mais nova do grupo, diz que se sente muito feliz, e fala de uma preparação para a velhice, algo que não foi tratado em nenhuma outra narrativa dessa pesquisa. Nenhuma delas se preparou para a velhice, negam, e quando aceitam colocam de uma forma que é como o “tem que ser”. Celina trata também de um processo de adaptação que já deu início agora para ela:

Eu me sinto muito feliz, gosto muito, me sinto muito bem ali dentro, no meio das idosas, eu digo “Eu já tô me preparando pra quando chegar minha faixa etária eu já tô... Já, no nível! [...] Já tô... já me equipando pra quando chegar o

tempo certo, eu já tô dentro, já tô acostumada, nem estranho mais! [...] eu tô feliz de tá naquele grupo, que eu gosto muito do grupo, apesar de eu não ter a idade, né, certa ainda pra eu tá ali, eu tô como eu já disse várias vezes lá, que eu tô de enxada que eu ainda não tenho idade né? Mas tô me aproximando da idade certa, eu já tô me adaptando... (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Celina coloca nesse fragmento de sua fala, o que chama de “idade certa”, aqui, ela representa uma idade cristalizada para a velhice, a idade certa, seria a idade de ser velha. Por isso muitos conflitos podem surgir quando o indivíduo chega nessa idade – a da velhice, e ele não se sente velho/a.

Apesar disso, a vivência das mulheres aqui relatadas é de uma amplitude diversificada de experiências de envelhecimento e significações da velhice, o que marca algumas diferenças de concepções e representações. Alda Britto da Mota *apud* Rougemont (2016) nessa mesma linha, vai dizer que as idades são elementos essenciais na organização e na cultura da sociedade, participando ativamente na sua dinâmica, passando por um processo de construção e desconstrução que vai alterando os seus significados, portanto, a velhice como categoria de classificação, é composta de vários critérios que se modificam de acordo com o lugar e o momento, sendo apropriada pelos indivíduos de formas distintas. Alzira demonstra que a idade é um marcador importante na sua experiência de estar envelhecendo, e que, ela – a idade - tem implicação concreta no seu dia a dia, outra coisa é a relação de dependência que tem em relação as pessoas, sendo mais um outro elemento forte para essa sua autopercepção.

Assim como as reiteraões feitas pelo Outro, a comparação com outras pessoas é outro elemento fundamental para a negação da velhice, no texto, *Da terceira idade à idade avançada*, Vicent Caradec (2016) contribui para a discussão dizendo que uma característica importante da idade avançada está relacionada à manutenção do próprio valor social do indivíduo, gerando neste, duas grandes tensões: uma, é entre o “ser” e “ter sido”, é quando na idade avançada os tensionamentos gerados pela perda gradativa de determinadas responsabilidades e compromissos, faz com que esse indivíduo mantenha uma relação identitária positiva em relação a si mesmo, de autovalorização e autoestima. Outra grande tensão diz respeito ao distanciamento que os indivíduos mantêm da identidade “dos velhos”, pois enquanto for possível estes preferem se definir a distância dessa identidade estigmatizada e desvalorizada socialmente.

É sobre a primeira tensão relatada, que Lida se coloca, quando reforça em sua narrativa que ainda “faz tudo”, descrevendo, que limpa debaixo da cama, tira colchão e

faz limpeza geral na casa de oito em oito dias, comparando-se a uma mulher bem mais jovem e relatando a situação em que a bola caiu embaixo da cama e ela não conseguiu se abaixar para retirar, e coube a ela essa tarefa:

Sente a gente de nova pra passar pra agora, a gente sente (...) eu ainda, graças a Deus, ainda faço tudo, eu vou pra debaixo de uma cama tiro toda poeira, de oito em oito dias, aí eu vou pra debaixo da cama, tiro toda poeira, tiro colchão, eu faço limpeza total nas sexta-feira, quando eu não faço na sexta, eu faço no sábado, mas eu faço tudooooo...pronto, uma vez eu cheguei na... na casa de uma mulher, que caiu uma bola debaixo da cama dela, agora...faz poucos tempo, aí em Boa Vista, aí a bichinha não podia tirar, a mulher bem nova, mais nova que eu, e tu faz isso ainda? Aí eu: baaaasta! eu faço é tudo, vou pra debaixo de cama, debaixo de móve, debaixo de mesa, onde for, tiro toda sujeira debaixo da minha cama, aonde tiver... (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

As comparações também podem ser realizadas quando elas estão na mesma faixa de idade, isso geralmente acontece quando elas desenvolvem as atividades em grupo, exemplo como: se uma desenvolve as atividades de forma mais ágil que outra, deixa essa mais “confortável” do que aquela que foi mais lenta. Elas reforçam isso, a partir de atitudes e discursos, se autopromovem, se colocam em evidência, como num movimento de provar que não estão velhas. Sobre isso Caradec, complementa:

Cabe frisar, com efeito que o julgamento que as pessoas velhas têm a seu próprio respeito também se forja na comparação com pessoas da mesma idade, e que, desse ponto de vista, a estratégia do “contraste descendente” – a comparação com alguém que consideram menos bem – é de longe o mais frequente dos tipos de comparação utilizados pelas pessoas idosas. (CARADEC, 2016, p. 30).

Um outro aspecto foi levantado, que é o envelhecimento ligado à “perda de energia”, descrita pela fala de Nina, que representa uma possível vitalidade diminuída. Sobre isso, Caradec (2014) traz algumas preocupações que passam pelas transformações corporais, que são pelo registro do corpo orgânico, da aparência e da energia, que também pode estar acontecendo em outras etapas da vida. O corpo orgânico diz respeito a uma decomposição das conexões com o mundo, que se dão a partir de fatores como problemas de saúde e de deficiências físicas e que tendem a se tornar mais frequentes com a idade, exemplos disso, podem ser melhor observadas quando os idosos enfrentam dificuldades para subir nos ônibus, dificuldades que podem levá-los a abrir mão de atividades externas. A energia, tem ligação com diminuição da vitalidade, expressa geralmente num sentimento de cansaço, falta de ânimo, perda de vontade, levando-os à

desistência de certas atividades. A aparência, consiste numa “desistência” dos seus corpos, por sentirem vergonha, ou temerem a avaliação negativa do olhar do Outro, quando dirigem de forma negativa olhares aos seus corpos envelhecidos, enrugados, senescentes.

Nesse contexto de constante e inacabado processo de subjetivação o envelhecimento é marginalizado, estigmatizado, os indivíduos abjetos e a velhice é recusada, doída, temida e ruim, como demonstram suas narrativas. A velhice é esquartejada, os discursos a produzem, constroem identidades, e as falas dessas mulheres são um exercício cultural para tornar a velhice uma experiência, que pode representar potência, busca de autonomia, liberdade, alegrias, mas que vem sendo, nos dias atuais, reiterada pelos sentimentos de amargura, angústia, de aflição e ansiedade.

3.3 - “Eu não queria que eu envelhecesse tão rápido, em termos de físico, em algum momento paralisasse lá mesmo!”⁶⁴ – sentidos sobre o corpo

*“Pensei entrar na velhice
por inteiro
como um barco ou um cavalo
Mas me surpreendo
jovem, velha e madura ao mesmo
tempo.” (Colasanti, 1994).*

Nos ensinaram a odiar nossos corpos antes de descobrirmos o que há de mais bonito neles. Nossa educação familiar, discursos da mídia e tantos outros discursos presentes em nossa cultura, atravessaram nossos corpos antes de percebermos seu cheiro, sua cor, sua forma, seu tamanho, sua textura. Essa foi uma lição que nos atravessou até mesmo quando resistimos em sermos boas alunas, a resistência a esse aprendizado não foi capaz de barrar os ensinamentos que foram repassados sobre nossos corpos. Hoje, não vejo outra forma de desfazer um ensinamento tão duro senão refletir, rejeitar, desafiar o que nos atravessou, nem que seja para “salvar” os corpos das futuras gerações.

Parafraseando Colasanti eu queria poder entrar de corpo inteiro, sem a cobrança velada de um espelho em que eu olho imediatamente para os melasmas do meu rosto,

⁶⁴ Trecho da fala de Patrícia.

ou para o meu “bigode chinês”⁶⁵, ou ainda poder liberar meus cabelos brancos da sina das tinturas. Queria poder me desafiar a ir à praia de biquíni, e poder liberar a postura, só para não sentir a contração que faço na barriga para ela parecer menor, ai! Como queria poder usar um short curto e poder sentir novamente a sensação que tive quando aquele colega me disse que tinha as pernas mais bonitas da escola. Eu queria realmente poder não me preocupar com nada mais que atravessasse meu corpo e nada mais que me fizesse repensar que eu poderia amenizar, alterar, retocar, que eu pudesse amá-lo exatamente como ele é e as transformações que ele vai passando.

Agora eu me surpreendo, assim como Colasanti jovem, velha e madura ao mesmo tempo... Jovem, porque ainda não me sinto velha, velha, porque os sinais, signos⁶⁶ linguísticos/culturais me informam e as pessoas não me deixam esquecer por um segundo...e madura, porque eu já venho há algum tempo tentando amar tudo o que tenho e como sou! Talvez ao ler meu texto, eu consiga adiar a tinta do cabelo, a ida ao dermatologista, coisa que venho adiando desde o dia que percebi o primeiro melasma no meu rosto, mas o que eu queria mesmo é que todas as mulheres tivessem orgulho do corpo que tem, que não mais o rejeitasse, detestasse, que elas amassem os seus corpos e os corpos de outras mulheres. Se isso fosse um mantra, que cada mulher amasse ao menos o corpo de uma outra mulher, talvez nesse momento eu teria mais uma comigo, desfazendo o ensinamento que nos atinge até hoje, o ensinamento que nos agride, nos violenta, nos fazem detestar os nossos corpos.

Por todas as coisas acima descritas, foi como percebi que minha idade foi avançando, foi a mesma pergunta que fiz as mulheres que fazem parte dessa pesquisa. Porque algo muito curioso acontece, se a maioria delas não se sente velha, negam a velhice, fazem planos a curto, médio e longo prazo, mesmo com o avançar da idade, desafiam as suas limitações, se arrumam, dançam, sorriem, então realmente ser “velho” não é a idade, não são as rugas, os cabelos brancos, a velhice não é um fato social como nos ajuda a compreender Debert (2012), no sentido de que as mulheres nem sempre se colocariam como velhas em todas as situações e contextos. Velhice e envelhecimento são categorias construídas socialmente, e essas categorias são na maioria das vezes construídas pelos/nos corpos.

⁶⁵ Bigode chinês: é o nome popular para as linhas de expressão que se localizam do final do nariz até a lateral dos lábios.

⁶⁶ “A língua é um sistema de signos, e todo signo se estrutura pela união entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito)”. Portanto, compreende-se ao tratar de significação, “que a realidade é estabelecida pelo sentido que é atribuído ao mundo por meio da linguagem”. (BAQUIÃO, 2011, p. 52-61).

Em suas narrativas três pontos foram relevantes para pensar o corpo e as questões que se imbricam, os cuidados com seus corpos, como perceberam que a idade foi avançando e como percebem seus corpos hoje.

O cuidado com o corpo distancia as experiências das mulheres dessa pesquisa das mulheres na contemporaneidade, que buscam no cuidado com o corpo atenuar, amenizar, esconder, disfarçar as marcas corporais, signos da terceira idade. Três delas: Simone, Patrícia e Celina declaram respectivamente como sendo: relapsa, relaxada e que não tem cuidado com o corpo:

Eu sou relapsa, visse? Infelizmente eu sou relapsa... Não era pra ser não, mas sou (risos). (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Sou relaxada, tenho vários cremes aí, uso no dia que eu lembro! Assim, após o banho... boto no dia que lembro! Tem os das mãos também... E não coloco... Errado! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Eu não vou dizer que tenho cuidado, gostaria de ter, mas eu não tenho!... Eu tenho que procurar força de vontade, pra ver se eu perco uns quilos, porque eu tô me sentindo muito gorda, muito pesada, e eu queria perder uns quilos. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

A gordura é ressaltada pela fala de Celina como sinal de relaxamento/descuido com o corpo, no oposto as pessoas que se dispõem a “cuidar” do corpo, os mantêm magros, malhados, tonificados. A gordura assume o lugar do corpo abjeto, estranho, fora do padrão, ele é um corpo que está marcado pela diferença, estigmatização.

Quando Louro (2010, p.15) afirma que “inscrevemos nos corpos as marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação”. Vê-se que sua implicação - discursiva e linguística - está sujeita a relações de poder. Portanto, a identidade, bem como a diferença, é uma relação social. (SILVA, 2000). Essa classificação dos sujeitos a partir dos seus corpos estabelece binarismos, divisões e atribuição de rótulos que pretendem cristalizar as identidades, daqueles que representam a norma e a contrapelo os que ficam fora dela, de forma que, elas não são nunca neutras e nem tampouco inocentes, mantêm estreitas vinculações com as relações de poder.

Como nos define Silva (2000, p. 100):

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação.

É a partir dos sistemas de representação que os sentidos são atribuídos, e como tal, “[...] a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.” (Ibidem). O conjunto desses sistemas de significações que são produzidos pelas representações que a identidade e a diferença se materializam, produzindo lugares subjetivados.

Esses lugares subjetivados, na trajetória dos indivíduos, se constituem por serem móveis, heterogêneos, e não acontecem ao acaso, estão imbricados visceralmente por relações de poder, portanto, processos de produção de identidades constante, que se descentram, se movem, se desestabilizam, num movimento contínuo e ininterrupto:

Falar da subjetividade como processo de produção implica em falar do plano onde este processo de produção, este processo de construção do si, ocorre. Como consequência, precisamos considerar o caráter político, as relações de poder que compõem este plano, as relações de forças implicadas no processo de produção. (TEDESCO, 2006, p. 358).

No presente estudo, as representações sobre o corpo assumem a marca de corpos estranhos, com os quais não se afirmam reciprocidade e cumplicidade (CAVALCANTI, 2013). A gordura se intersecta com os signos atribuídos ao envelhecimento e tornam os corpos dessas mulheres ainda mais marginalizados.

Ainda sobre os cuidados com os corpos, protetores e hidratantes foram lembrados apenas nas falas de Simone e Patrícia, mas confessam que só as vezes fazem uso, o que demonstram que os investimentos cosméticos e midiáticos não fazem tanto eco na experiência dessas mulheres: “Às vezes passo um protetor, passo um hidratante, mas sou meio relapsa, não sou de tá procurando médico”. (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

O discurso médico, muito poderoso em nossa sociedade, considerado como “verdade”, legitimado na nossa trajetória histórica, são burlados por essas mulheres, como também demonstra nesse trecho da fala de Simone, elas pouco procuram as instituições médicas e de saúde. De qualquer forma a alimentação é lembrada por ela, quando diz que ultimamente tem se preocupado mais com a alimentação.

Um cuidado que se demonstrou curioso, foi o de Juana, quando coloca que cuida do seu corpo de forma que não o expõe, aqui o recato produziu em seu corpo uma subjetivação de cuidado, o hospedeiro da “moral” se alojou em seu corpo pelos diversos discursos que a atravessou.

Eva diz que tem cuidado com quedas, ela e Lida também lembram das vestimentas como cuidado do corpo:

Eu tenho cuidado, [...] de sofrer uma queda, de sofrer uma queda e ficar com deficiência que jamais eu não aceitaria! É a única coisa que eu tenho muito cuidado, de cair e ficar deficiente, né? Porque já pensou, a pessoa deficiente sofre muito, né? [...] Eu sempre gosto de ter minha roupa de sair, minha sandalhinha boa, melhorzinha um pouco, né? (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Tem que ter cuidado para poder a gente sair, sair diferente, bem arrumadazinha, olhava os corpo, como era que tava, vestir o sutiã, botava uma blusinha (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Narram de forma simples, a relação que tem com o corpo, a “roupa de sair”, na fala de Eva, é aquela roupa que foge dos aspectos da que usa no dia a dia, com o status da diferença, da novidade, de pouco uso, de ser mais “especial”, ou na significação dela, apenas para determinadas ocasiões, que é um pouco “melhorzinha” (sic), sendo para ela um cuidado a mais. A fala de Lida também corrobora com a narrativa de Eva, pois o fato de sair diferente, “mais arrumadazinha” (sic), se dá por uma representação de uma relação mais cuidadosa com o corpo e a aparência.

Outras coisas foram levantadas pelas narrativas, nessa relação dessas mulheres com seus corpos, Patrícia, como fio condutor da conversa, trata das atividades desenvolvidas no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), a atividade física e a dança. Lida fala em outro momento da conversa que não deixa de praticar algumas atividades, mesmo não estando mais no CRAS:

Pois tu tá pensando que eu não faço física em casa, todo dia, toda qualidade de exercício, faço, todo dia eu faço, todo dia, quando eu não caminho, faço aqui, assim e baixo as pernas, pego nos pés sem me baixar (gestos corporais para mostrar os movimentos que faz no corpo)... (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

No entanto, quatro delas: Juana, Alzira, Eva e Nina lembraram do banho e da higiene como principal cuidado que elas têm em relação ao corpo:

Tomo banho todo dia... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

[...] eu gosto muito de me banhar, todas as noites eu me banho antes de dormir, antes de dormir eu me enxugo, boto minha roupinha, que de uma hora pra outra a pessoa adoce e tá limpinho né? Vai dar trabalho a ninguém, né?” (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018)

Assim, os cuidados? [...] Tomar banho, se lavar muito bem lavado, né? Muito bem lavado, direitin, né? E fazer, o que tem de fazer mermo, né?” (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

O banho é ressaltado como um aspecto importante do cuidado. Os discursos propagados pelo senso comum tratam de velhices “sujas”, é comum escutarmos que “velhos não gostam de tomar banho”. Portanto, tomar banho se torna um aspecto essencial de cuidado, uma não aproximação da identidade de velho/a sujo/a. O trecho da fala de Eva coloca a relação entre a higiene e o adoecimento, ou seja, no momento em que não puderem ter autonomia para tomar banho, ao menos estaria limpa antes de qualquer limitação e dependência de cuidados.

Ainda no Brasil Império encontra-se a primeira associação do banho como fonte de juventude. Uma das primeiras publicidades de desinfetante corporal nos jornais brasileiros chamava-se “Socorro da Mocidade”. A partir daí higiene e rejuvenescimento iniciam uma carreira promissora (Sant’Anna, 2011). Na experiência dessas mulheres o banho é uma referência de cuidado e beleza, como se observa, a preocupação com a higienização do corpo, vêm desde a adolescência, conforme descrito no segundo capítulo. É importante ressaltar que a região do semiárido brasileiro por conviver com muitas crises hídricas, essa relação com a água, asseios, banhos de rios, trata visceralmente de suas identidades, suas representações e costumes.

Em meio rural, como viveram a maioria delas boa parte de suas vidas, o ritual do banho também tinha conotações de proteger os indivíduos contra ações negativas, o que chamavam comumente de “mau olhado”⁶⁷, o banho também era importante para afastar as doenças. Como a maior parte dos produtos destinados ao asseio da população brasileira no período colonial, resultavam de fabricações locais transmitidas pela tradição oral, elas variavam de acordo com as regiões do país, porém o banho sempre foi algo muito presente em nossa cultura, mesmo com a diversidade, alguns pontos de permanência nos hábitos de asseio perduram pelos tempos, exemplo disso é que:

[...] em grande parte do Brasil e durante toda a época imperial, as diferenças entre o banho inteiro e as lavagens parciais do corpo ocuparam lugar de destaque nas recomendações de médicos, curandeiros e benzedeiros. O temor dos miasmas maléficos era recorrente, assim como a expectativa de limpar os ares para livrar o corpo das doenças. O consumo de água para a higiene era

⁶⁷ O mau olhado é geralmente associado à inveja, é geralmente descrita como o direcionamento do olhar do Outro para o indivíduo. Esse mau olhado pode se dar pela inveja pelas posses, beleza, ou qualquer outra coisa que desperte no indivíduo o interesse em almejar aquilo que o outro tem, possui, dispõe.

muito menor que o do final do século XX, mas o hábito de “limpar a seco” ou com pano úmido gozava de grande importância em todos os estratos sociais. [...] outros hábitos imperavam: em diversas localidades, os banhos de rio eram comuns, algumas abluções, uma regra, e a goma para diversas roupas, um dever natural. Se higiene tendia a ser uma palavra menos usual que asseio, este incluía rigores e temores cujas razões foram gradualmente apagadas pelo advento de progressos técnicos e científicos posteriores à República. A mudança de vocabulário resultou, portanto, de transformações sociais mais profundas. [...] Por meio da higiene, podia-se regenerar uma raça, fortalecer uma nação. Certamente, as regras de limpeza foram essenciais, desde os primórdios das civilizações. Mas era nova a crença de que, por meio da higiene, seria possível alavancar o progresso econômico e social. [...] No Brasil, a moda higiênica começou a penetrar nas escolas e contribuiu para a promoção da Educação Física. A laicização progressiva do corpo, vinculada à visão triunfalista da ciência, tendeu a inscrever o exercício físico na origem da vida humana. No seio do higienismo, a inspiração de cunho eugênico tendia a associar a limpeza da raça brasileira aos valores da ginástica e do culto à vida ao ar livre. Moda e ciência, apesar das diferenças, tendiam a se encontrar no mesmo afã por silhuetas higienizadas. Isso significava saúde, asseio e também o culto do *sportman*, avesso à palidez e às olheiras, às cinturas femininas apertadas por espartilhos e abafadas por espessos tecidos. (SANT’ANNA, 2011, p. 284-304).

O que se percebe é que o asseio, como prática individual de cuidado, se transforma e passa a configurar a própria higienização da sociedade, com crenças que se alojam nos indivíduos e são repassadas por gerações e agora se associam a moda, a beleza, para produzir uma verdadeira limpeza na raça e o culto aos corpos perfeitos. Nesse processo de reflexão sobre os discursos imbricados em relações de poder, me pergunto: De que forma estes discursos atravessaram essas mulheres? Como elas associam esses ideais de beleza à sua realidade concreta?

Perguntas estas que me fazem refletir quando tratam das percepções associadas aos seus corpos, quando perguntadas como elas percebem o seu corpo hoje, e o que acham que mudou, elas apontam respostas diversas, Nina e Patrícia associam as mudanças e percepções sobre o corpo à idade:

O que eu percebo hoje em dia, é que dá vontade de arrancar minha barriga! [...] Porque eu sou muito feia de cintura... (risos) Sou muito feia de cintura, mas agora, por hora, tá bom, num é? [...] O que eu acho que mudou, mudou muitas coisas, num é? Fiquei mais magra, coxas mais finas, minhas pernas, porque eu era pernuda! (risos) Tá mais fina em tudo, né? Só pode... Que a gente tem que mudar que a gente tá mudando tudo, a idade, tudo... (risos) (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Pela idade que eu tenho, ainda me sinto enxutinha... (risos) [...] Eu queria que eu não envelhecesse tão rápido, assim, em termos de...do físico, sim! [...] Em algum momento paralisasse lá mesmo! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Aqui os incômodos com o corpo se dão pela “desculpa” da idade, o corpo da juventude é exaltado, mas também é pela idade que também se faz comparações, como no caso de Patrícia, que diz que mesmo com a idade que tem, ainda é “enxutinha”, aqui demarca a fronteira, mais uma vez, entre ser “velha” e “velhinha”, a velha, como sinônimo de estar enxuta, ou não tão velha; e a velhinha, como a decadência do corpo físico por completo. Portanto, o desejo de que o corpo paralisasse ali. Patrícia em sua narrativa ainda descreve que se pudesse já teria colocado botox, o que me faz crer que o discurso de retardamento da velhice chegou em sua experiência, porém não se concretiza pelo não acesso aos recursos financeiros para concretizá-los.

Ainda sobre as percepções sobre o corpo, Olga diz ser saudável, no entanto aponta o aparecimento de doenças, quando fala da perna e esporão de galo como associações ao envelhecimento, dizendo:

Bom... Eu acho bem, tá bom demais, né? [...] Saudável, graças a Deus... Só tem problema que a gente tem de idosa, né? Tem dor na perna, eu tenho problema de esporão de galo, essas coisas assim. Mas o resto vou levando... (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

O tom da fala sobre “só tem problema que a gente tem de idosa, né?” e ainda: “mas o resto vou levando”, demonstram uma conformação com as mudanças corporais, o que não quer dizer uma aceitação, ou que essas mudanças são aceitas de forma tranquila. A fala de Eva, reitera isso, uma conformação das mudanças ocorridas justificada pelo casamento, pelo nascimento dos filhos, em sua narrativa reforça uma decadência física, quando fala de seu corpo hoje:

Ah! é muito acabado... não é nem parecido com aquele. Eu tenho um retrato, em Coremas, tá em Coremas esse retrato... Eu tenho um retrato comigo de dezesseis anos que a gente olhando não diz que é eu... Mudou tudo, tudo! O sistema de viver, a pele, o jeito do cabelo, tudo, tudo, tudo, tudo! Só tem uma coisa que não mudou em mim, foi a minha personalidade, graças a Deus, e minha roupa! Mas as outras coisas mudou tudo, né? Porque a gente depois que se casa, que tem filho, tem que mudar! (Eva, 85 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Aqui reforça o discurso de que a maternidade e o casamento mudam completamente a vida da mulher. O controle sobre o corpo, sobre o vestuário, postura e decisões, ainda é uma marca do machismo sobre a vida e os corpos das mulheres.

Em relação a percepção sobre as partes físicas do corpo, Nina e Lida tratam de magreza, coxas e pernas finas, a fala de Lida é bem representativa:

Hoje... (pausa) (risos) tô magra e feia... (risos) Magra, não tenho mais... mas só quem olha agora é meu marido... (risos) e tá bom demais! (risos) de todo jeito, não tem problema nenhum... (risos) Hoje tá... desses oito anos para cá, melhorou muito, era mais... eu pesei até 52 kg... Até 22 anos, eu tinha 52 anos, até quando eu cheguei aqui, peguei 52 anos... aí ia, voltava, vai e volta, aí agora eu nem sei nem quantos pesos eu tenho... hoje eu não peso... (pausa) (Aqui ela faz uma confusão do peso com a idade... mas ela se refere ao peso q era 52kg) [...] Porque eu tive uma promessa, todas as vezes que eu... tenho que dar um pão aos pobres, se der 50 kg, eu tenho que dar 50 pão aos pobres, aí eu já combinei com as meninas, pra pesar umas três vezes por ano só [...] Foi uma graça que eu recebi, eu não me lembro qual, que eu fiz isso... (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Já Simone usa de figura de linguagem para dizer que é gorda, mas que não se sente muito gorda: “eu sei que eu sou gorda, mas eu me olho assim, olhando assim e eu sinto que não sou tão gorda como eu penso!” (sic), contradizendo a afirmação inicial:

Sinceramente, eu sei que eu sou gorda, mas eu me olho assim, olhando assim e eu sinto que não sou tão gorda como eu penso! [...] E não tenho complexo de nada, sou super feliz... (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Já Celina, o pavor a gordura é uma marca discursiva que emoldura a sua tela:

Eu percebo, eu me olho e não me reconheço, eu digo “Ai meu Deus, como eu queria ser pelo menos... De tão gorda como eu sou agora!” queria que eu fosse mais... Magra. Era, perdesse uns quilos pra ver se eu ficava melhor, porque a pessoa quando é gorda [...] Se vai trotar, qualquer coisinha se cansa. Aí pronto, eu queria ter aquela força de vontade. (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Aqui percebo o quanto o discurso do corpo “padrão” as fizeram acreditar que seus corpos não se “encaixam”, apesar do discurso de Simone ser de altruísmo, informando que não tem complexo de nada e que é super feliz, as armadilhas da linguagem lhe traem quando diverge em ser gorda ou não ser, e que isso não lhe faz ter complexos, interrogo o porque foi lembrado em sua fala a gordura? Para Goldenberg (2015), o corpo ganha uma importância na cultura brasileira tão essencial, que passa a ter um valor fundamental, surgindo como um símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais, tornando-se um “corpo distintivo”.

Esse corpo distintivo para a autora se apresenta como “um verdadeiro capital físico, simbólico, econômico e social.” (Goldenberg, 2007, p.13). Para Sibilia (2014, p. 88) na cotação desse corpo capital, “sabe-se que um corpo velho hoje vale menos do que um corpo jovem”. O corpo velho, não só vale menos, como é invisibilizado,

reprimido, uma vez que “o único corpo que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido na atual configuração moral é aquele trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez)”. (GOLDENBERG apud SIBILIA, 2014, p. 101).

Diferente da pergunta se elas se sentem envelhecendo, elas trataram sobre como perceberam a idade avançando, as representações foram as mais diversas, perceberam a partir do aparecimento de doenças, como mostra a narrativa de Lida:

Bemmmm... até agora eu ainda não deixei de fazer nada, mas os menino meu, não quer... não quer que eu cozinhe no fogão de lenha, de jeito nenhum, eles não deixam, por causa da fumaça, logo o médico disse a mim, que eu não usasse por causa da fumaça, o cardiologista. Porque ele perguntou pra mim se eu fumava, eu disse: não, o que uso lá em casa é fogão de lenha, aí ele disse: pois pode deixar. Se eu fumar, pode deixar a fumaça, aí fui fazer uns exames, aí com muitos dias, eu tava bem melhor... Não tinha nada no pulmão não, simplesmente era a poeira que fazia mal pra mim. (Lida, 71 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Na fala de Lida a idade avançando foi percebida pelas limitações geradas pelo modo de vida que refletiram na sua saúde, “não deixar de fazer nada que se fazia antes” se configura para essas mulheres como representação de que a velhice é um fenômeno em que elas não querem experimentar. No entanto, elas apresentam novas preocupações, que antes não se colocavam, como as limitações no desenvolvimento das atividades domésticas, por exemplo. Isso é bem pior para elas do que a própria morte, as limitações lhes causam muito estranhamento e horror, pois manter-se ativa é importante como sinal de que não estão velhas, não são descartáveis, demonstra que podem viver sozinhas, com autonomia, sem depender dos cuidados de familiares e amigos.

Sobre a velhice saudável, a narrativa construída pela ciência e revistas se dá através da oposição de três tempos, conforme Debert (2012): O passado – onde a velhice era um momento de isolamento, retração, abandono, solidão. O presente – em que os padrões da velhice são radicalmente transformados numa experiência com muitas atividades que lhes proporcionam prazer e também jovialidade, disposição. Portanto, esse bem-estar proporcionado pelas atividades são pautas de reportagens que são produzidas, pela mídia, pelos gerontólogos e especialistas, que reiteram a todo instante que o avanço da idade não traz nenhum tipo de problemas para quem mantém atitudes positivas perante a vida. E o futuro – que se apresenta como a “crise anunciada”, pois projeções como o crescimento demográfico e os custos que a população idosa trará para o Estado e a sociedade em geral se contrasta com o otimismo

dos especialistas que são chamados a tratar do futuro dos mais velhos a partir dos avanços da ciência e tecnologia.

Sobre essa narrativa construída pela mídia e os especialistas em geral, perpassam pela vivência dessas mulheres toda essa preocupação do presente em ter uma vida ativa, em se responsabilizar por isso, como exemplo as preocupações com as limitações que a saúde lhe cobra, Eva, diz que sentiu a idade avançando depois que sofreu um choque por causas externas. Alzira traz à tona a idade. Juana diz não gostar mais de agrupamentos, de estar em grupos, ambas falam de uma caricaturização associada à velhice. Juana, reitera a velhice passiva, a solidão, o isolamento, ela, que morava só com outra irmã também idosa, trata de solidão de uma outra forma:

Uma tem que se dar com a outra... num tem? Uma tem que se dar com a outra, senão...Triste de uma que se inventar, num é? Porque fica só! A que inventar de não se unir, de não se unir, fica só! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Aqui ela emoldura a sua tela, que por ironia viria a acontecer, ela hoje encontra-se em sua solidão, distante dos parentes e amigos num abrigo. No momento da escrita, me veio bastante reflexões sobre as questões ligadas à solidão, conforme foi descrito na abertura dessa tela-capítulo, ela narra:

Minha filha... Mudou tanta coisa, a maneira de agir, a maneira de se portar, de se comportar, entendeu? Entendeu? (...) Quando a gente é nova a gente se agrupa, quando a gente tá velha a gente não pode tá se agrupando com gente da idade da gente não! [...] porque os problemas deles já são diferentes das da gente! É no tempo de criança, de criança é tudo um problema só! E de adulto cada um tem o seu diferente, e às vezes aquela conversa não cabe a gente... Entendeu? (...) Você vai entender isso depois! (Juana, 86 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Juana se encontra num asilo, ela significa esse espaço ainda de forma muito negativa, se isola, resiste as regras institucionais. A velhice em asilos compreende pelo menos, duas peculiaridades: Uma delas, bem negativa, é a de que o asilo é a realidade do desprezo e da solidão a que os velhos estão relegados em nossa sociedade. A outra, positiva, diz respeito ao que se propaga sobre as vantagens de envelhecer, coisas como: a experiência acumulada, sabedoria, a liberação da ansiedade, pressa e angústia dos mais jovens, características que dão caráter peculiar às pessoas mais velhas e que podem tornar mais animadora a vivência num asilo. Portanto, a experiência cotidiana em abrigos dá a verdadeira dimensão de que lá dentro essas duas peculiaridades descritas

são generalizações que não condiz com a realidade de muitos abrigos existentes, pois a vivência em asilos não se dá sem conflitos e particularidades (DEBERT, 2012).

O que fica explícito pela reação de Juana a esse local, talvez pela impossibilidade de resgate do papel que ela desempenhava na sua casa, na igreja e socialmente, que sua experiência asilar tem sido triste e decepcionante, onde ela tem lutado para escapar desse lugar, em busca de sua autonomia, ela ainda se sente completamente desterritorializada. O que é importante também refletir, pois na velhice, as mulheres que ficaram solteiras, principalmente, tem como projeto concebido por antecipação da família e da sociedade, mesmo que de forma simbólica, a colocação em abrigos.

Outro aspecto percebido apenas por duas das interlocutoras, foram os signos associados à velhice, as formas como elas perceberam a idade avançando, foi através das rugas e cabelos brancos, como mostram as suas falas:

Assim, quando a gente vai se maquiar, tá... meu Deus! Tá chegando as pregas, ai minha nossa senhora! Eu tô envelhecendo mesmo! (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Ow, mulher, num é quando aparece logo os cabelos brancos? Num é? Que a pele da gente vai mudando num é? Criando as ruga, ficando, como se diz, criando as rugas, ficando essas mancha... Num tem aquele médico que vai pra gente, que eu num sei como é o nome dele... Ele disse que isso da gente é câncer de pele, mas num é! Minha filha disse “Num é, mãe, é que quando a gente vai ficando velha, claro que nossa pele tem de mudar, num é nada disso que ele diz!” [...] Tem que cuidar pra num aparecer essas manchas! (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Há um reforço social para que os signos do envelhecimento sejam escondidos, retocados, disfarçados. Os signos são as marcas sociais, culturais da identidade da velhice. No trecho final da fala de Nina, ela deixa claro, a preocupação em “ter que cuidar para não aparecer”, o que reforça a perspectiva de ingerência constante nos corpos, a adequação aos corpos prescritos, padrões.

Neves (2016) traz que os cabelos brancos como signos associados ao envelhecimento são escondidos pela prática bastante difundida no Brasil, de pintar os cabelos. Em 2009, 59% das brasileiras coloriram seus cabelos, pois estes signos surgem como uma fatalidade: remetem à noção de decadência física e debilidade e ainda mais, os cabelos brancos levam à hipótese de que o cabelo branco é uma espécie de estigma, um atributo que torna o indivíduo diferente dos outros, transformando-o em uma pessoa menos desejável, inferior, em desvantagem social.

No entanto, isso não foi unânime entre essas mulheres, três delas, não percebeu, não lembrou, não prestaram atenção a idade avançando, Simone, Olga e Celina, descrevem isso em suas falas:

Sinceramente, nem percebi! (risos) (Simone, 63 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Me lembro não... Você sabe que eu nem me lembro? (risos) (Olga, 74 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Tu pensa que eu nem me lembro, mulher? Isso aí eu tô voando, visse? Eu num tô sabendo não! (Celina, 53 anos, entrevista realizada no dia 05/09/2018).

Nos trechos das falas acima demonstram outras relações que essas mulheres estabeleceram com os corpos, Celina, ainda não considerada pela legislação como idosa, mesmo atrelando a sua identidade ao grupo de idosas, diz não saber, não se lembrar de como a idade foi avançando, o que, dentro do grupo pode lhe dar uma certa representação de ser a “jovem” do grupo. Já Simone e Olga colocam que não perceberam ou que não lembram da idade avançando o que representa uma conspiração do silêncio, apagamento, em torno do processo de envelhecimento. Se envelhecer tem suas agruras, melhor é não se lembrar, não perceber, porque do contrário, a velhice se azeduma, fica triste, é sentida pela vibração da experiência negativa, talvez essa seja uma forma encontrada por essas mulheres de continuar envelhecendo de forma menos amargurada e mais livre. Liberdade essa que só foi encontrada exatamente nesse período em que se encontram.

3.4 - “Fiquei que nem uma criança⁶⁸” – considerações sobre a doença e a morte.

“A morte não é para amadores. A morte não pede para você guardar os óculos antes de bater em sua cara. [...] A morte é implacável e não espera que você prepare um discurso de adeus – os outros terão que se virar com as palavras ditas e as lembranças esparsas. A morte dói duas vezes: para quem parte e para quem fica. A morte desidrata a alma. [...] A morte vai tirando quem você mais gosta de repente e deve se

⁶⁸ Trecho da fala de Alzira.

virar com o luto. A morte é a solidão da memória.”
(Carpinejar, 2019).⁶⁹

A gente pensa na finitude da vida por várias vezes no decorrer de nossa trajetória: quando morre alguém próximo, nas mortes trágicas de pessoas jovens, quando estamos doentes, mas também, quando pensamos no envelhecimento. A tela da morte foi colocada, no final do texto como um questionamento, para problematizar se há uma coerência de etapas da vida, será mesmo a morte um fim? Aqui também não há uma coerência narrativa, a discussão da morte como último ponto, também questiona a sua invenção, suas representações nas diversas culturas, mas também por intencionar discuti-la da forma que é pensada nos dias atuais, como o final de tudo, em nossas experiências ocidentais, cada vez mais materialista, para nós, a morte destrói a vida, mas desestabilizo-a para que se possa refletir sobre ela - a vida.

Carpinejar, na epígrafe, coloca que, a morte é a solidão da memória, mas a memória pode ser imortalizada, pois não se acaba com a morte do corpo físico, se é isso, podemos dizer que essa pesquisa cumpre um papel fundamental, que é quando as interlocutoras vasculham as suas memórias, retiram-nas do silenciamento, esquecimento e da solidão. Como é sabido, há muitas formas de morrer, talvez a pior delas seja aquela que emoldura a morte em vida, a falta de vontade de viver, o boicote as pequenas e grandes alegrias. Sendo assim, quantas pessoas mortas encontramos por aí!

Gilberto Gil em seu novo álbum, que tem como título “OK, OK, OK” (2018), canta várias composições que retratam esse pensar na velhice e finitude, álbum este que nasce num momento em que as sucessivas internações por problemas de saúde o fizeram refletir sobre a velhice, a vida. Uma das músicas: Jachinto, que é uma homenagem a Jachinto Honório, que Gil utiliza para comentar o “peso” da idade, já que no período da composição da letra, Jachinto estaria fazendo cem anos, e na descrição da letra consta que, “cem anos não é para qualquer um viver”, relacionando a função reduzida dos órgãos na velhice às pessoas que chegam aos cem anos, “sem quebras, sem danos”, diz a letra:

Jacinto

⁶⁹ Texto: Ela nunca fará 25 anos, publicado no Jornal Zero Hora, Gaúcha ZH, em 28/05/2019. Acesso em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/carpinejar/noticia/2019/05/ninguem-pode-alcancar-o-sofrimento-da-namorada-de-gabriel-diniz-cjw7xdmcr00dc01qtmxph5q09.html>>.

Já sinto aqui na barriga
 Mais preguiçosa a bexiga
 Mais ociosos os rins
 Jacintho
 Já sinto aqui no meu peito
 Alguns sinais de defeito
 Coração, pulmões e afins
 Velhice
 Cálculos, calos, calvície
 Hora de chamar o vice
 Para assumir o poder
 Seu caso
 Vaso com mais de cem anos
 Vaso sem quebras, sem danos
 Meus parabéns pra você
 Jacintho
 Já sinto certa inveja de você
 Cem anos não é para qualquer um viver.
 (Música: Jachinto, Gilberto Gil, Álbum: OK, OK, OK – 2018).

Na primeira e segunda estrofe, Gil detalha a redução das funções dos órgãos, a partir de sinônimos como, preguiçosa, ociosos e defeitos. Pensar na velhice e no processo de envelhecimento enquanto perda gradativa de mobilidade, redução de força e energia, doença, Alzheimer, como já colocado em ponto anterior, foi representado nas falas das interlocutoras da pesquisa, isso tudo se costura à terceira estrofe da música, para dizer que a velhice não é mais a fase do poder, pois este pertence, certamente, ao outro, ao vice, acrescentaria que na nossa sociedade, ao jovem.

Ainda seguindo a linha da música, a vida que causa inveja é aquela sem quebras, sem danos, mas esta, “não é para qualquer um viver”, pois essas seriam as pessoas privilegiadas a viver plenamente até os cem anos, mas será que existe realmente pessoas que viveram sem danos, infortúnios, perdas, quebras? A resposta seria, obviamente que não! Mas os parabéns seriam para aquela pessoa que chegou aos cem anos e tenha criado como propõe Goldemberg (2016) uma nova estética da velhice. Essa nova estética em nada tem a ver com as imposições ao retardamento da velhice pelas cirurgias plásticas, ou ao não reconhecimento de que envelhecemos, tem muito mais da potência do indivíduo, autonomia e emancipação diante da velhice.

A velhice e a morte tem estreita relação na atualidade, exemplo disso é quando Alzira, ao falar de pessoas que morreram ou quando retrata sua experiência de quase morte, sempre emoldurava essa tela com voz de choro, quando falou do esposo que faleceu:

Ele morreu em... Faz de nove pra dez anos, minha filha, tá nos documentos, sabe filha? Faz... (Suspiro) [...] (Voz de choro) Até hoje eu sinto, minha filha... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Quando falou de uma “amiga do peito”, no diálogo que tivemos:

- Ow, minha fia (voz de choro). Uma vez, minha fia, eu fui pro Clube de Mães, nesse tempo tinha o Clube de Mãe, fui mais ela, Socorro parece que a bichinha tinha morrido, porque era minha amiga do peito, (voz de choro) tu conhecesse Socorro? [...] Pra todo canto que eu ia a bichinha ia mais eu, pra todo canto que ela ia eu ia mais ela, nosso senhor levou, né? aí um dia eu ia assistir no Clube de Mães uma reunião, ela sabia que eu ia, aí ela veio me apanhar aqui, nesse tempo eu andava. Eu sei que nós fomo, num é?
- Porque tu fica sempre muito tristonha quando fala das pessoas que...
- Porque eu gostava, minha fia, gosto de coração, minha fia.
- Tu fica muito abalada quando perde uma pessoa que você gosta, num é?
- É, minha fia, demais, minha fia. (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Ou até de sua experiência quando sentiu a morte mais de perto:

Eu tava sentada mesmo aqui, minha fia. Aí me deu vontade de levantar, a bengalinha na mão direita, e a mão esquerda aqui em cima, quando me levantei, marchei até aí, aí fiquei em pé, chamando por Inês⁷⁰ [...] porque quando eu chamo ela, eu me apresento, num sabe?! Mas a porta tava no ferrolho, minha filha, e no cadeado, não podia abrir a porta! Olhe, fiquei que nem uma criança, minha fia. Aí a bichinha atinou que era aqui eu chamando, ela veio, aí eu ainda conheci o povo, eu disse “Inês, abre a porta, Inês e entra!” ela disse “Cadê a chave?” eu disse “Eu não sei...” fiquei que nem uma inocente, minha fia, uma criancinha, eu não sei... “E agora, Alzira?” a bichinha correu, avisou a vizinhança. (voz de choro) Os filhos de Jesus chegaram, quebraram o cadeado, quebraram chave, quebraram o ferrolho, o cadeado lá da porta da cozinha, entraram, e eu por morta, minha fia. Aí, eu ainda pegada aí, como eu disse, pegada na bengala, e eu pedindo a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Aparecida que num deixasse eu cair, minha fia. Porque se a bengalinha caísse eu caía também com a cara no chão, pra eu não quebrar meu rosto, minha fia. Nossa Senhora escuta os filhos dela, minha fia! Aí [...] quebraram o cadeado, quebraram tudo, minha fia, e eu não dou notícia! Quando [...] entrou que quebrou o cadeado, chegou aqui, eu ainda escutei ele dizer “Madrinha, entremo, quebre o cadeado, madrinha!” eu num sabia o que era isso, eu fiquei, num sabe que nem uma criança, minha fia?! (voz de choro) [...] Eu fiquei que nem uma criança. Aí me levaram pra o posto, uma danada de uma enfermeira [...] aplicou aqui... Procurando a veia, minha fia, que esse braço passou quase um mês roxo, minha fia... Aí me levaram pra Campina, o pessoal ficaram chorando, Inês disse: “Êh!” Todo mundo pensava que eu tava morta, minha fia [...] eu não sabia de nada, ainda escutei os meninos dizer assim: “Levar ela pro posto!” Aí aquele da cabecinha pelada, que ele é enfermeiro. [...] ele disse “Ela num vai pra o posto não, ela vai pra Campina!” Aí veio a ambulância pequena [...] Eu não podia me sentar, por morta neh, fia? Aí veio o carro grande, disse o povo, neh?! me botaram dentro da rede, que eu nem sabia se tinha essa rede, minha fia. Aí me botaram, levaram pra o posto, me deram soro, meu sobrinho que mora comigo tava no trabalho [...] aí me levaram pra o posto, não sei quem avisou a ele minha fia, que ele só chega aqui tarde, as vezes ele chega cedo,

⁷⁰ Nome alterado para garantir o sigilo sobre as interlocutoras da pesquisa.

às vezes chega tarde, num sabe? Avisaram, ligaram pra ele, não sei quem foi que ligou, se foram chamar ele, eu não sei não, fia. Eu sei que quando eu tornei, eu olhei pra cara dele, era meu sobrinho, num sabe? Eu ainda disse assim “Quase que...” eu ia dizendo assim “Quase que você achava eu morta!” mas faltou a fala... (Alzira, 93 anos, entrevista realizada no dia 22/08/2018).

Nesse trecho da fala de Alzira ela fala de uma experiência em que relata ter tido contato mais próximo com a morte, vai do momento em que consegue lembrar o que acontecia até o instante em que o que soube foi pelo relato de outras pessoas. A súplica, o clamor, a fé foi o que fizeram-na crer de que estava amparada, independente do que acontecesse. Mas o relato também fala de que “ficar como criança” ou “estar por morta”, podem ser tão desesperadores, tanto quanto a morte.

A tela morte também foi emoldurada por três interlocutoras da pesquisa. Patrícia trata do evento da morte em duas passagens, que lhe causam ainda muita tristeza, quando fala da morte de seu pai e o da sua mãe, quando descreve que após a morte dela, ficou doente e até hoje lida com a depressão, contrariando a sua enorme vontade de viver, quando na atualidade demonstra a busca insistente em ser feliz, em participar dos eventos sociais da cidade, ela coloca:

[...] eu sou uma pessoa que gosta muito de fazer amizade...você já riu pra mim você já é minha amiga... sou muito sensível, não sei se é porque eu tenho essa depressão... que eu peguei essa depressão... que é horrível... que foi depois da morte de mãe, aí eu tô tomando remédio, eu tomo remédio, que, olha, eu dependia muito dela, e ela dependia muito de mim, que era eu que dava banho nela... era lúcida, eu dava banho nela, cortava as unhas, cortava o cabelo dela... eu que fazia tudo isso a gente tinha um laço muito... muito ligada... depois da morte dela pra mim o mundo... passou, passou muito tempo eu chorando muito, né... (Patrícia, 65 anos, entrevista realizada no dia 19/09/2018).

Embora uma delas tenha tratado do tema da morte de forma mais distante, quando fala de uma colega do grupo que faleceu, a fala rogava a Deus, que a colocasse em um bom lugar, mas o tema não deixa de ser lembrado por elas: “Deus bote ela em bom lugar, gostava tanto de mim, admirava meu corpo, eu dançando, que eu dançava demais” (Nina, 70 anos, entrevista realizada no dia 29/08/2018).

Aqui o lugar é representado como o local de luz, de paz, que na sociedade Ocidental cristã, é a representação do Céu. Mas nem sempre foi assim, essa divisão entre o local com significado antagônico de bom – o Céu, e ruim- o Inferno, se insere também numa contextualização histórica. No texto, *Imagens e significados da morte no Ocidente*, José Carlos Rodrigues (2014) informa-nos que é com o advento do capitalismo, que as concepções sobre a morte e o fim da vida terão mudanças de

concepções, a noção de Inferno, a partir do século XIV, passou a ter grande relevância, com isso passou a ocorrer mais nos sermões, nas pinturas e esculturas das igrejas, nas preocupações mais íntimas, nos jogos de poder. Como essa nova ordem societária estimula o individualismo, a ameaça do Inferno veio também a funcionar como controladora dos excessos daqueles que se avultavam na autonomia de si.

Um dado importante e que considero ter que retomá-lo para analisar essa representação da tela envelhecimento associada à morte, é que, na fala de Alzira colocada acima, o sentimento de tristeza que a acomete quando fala da morte de pessoas queridas lhe remetem ao fim da sua vida, os detalhes que ela coloca na situação de quase morte que vivenciou, demonstram o medo que tem diante da morte e o choro talvez revele o quanto que ela acha que a sua morte está bem perto. Talvez por coincidência ou não, a tela morte é muito presente na fala dela, que com voz de choro a retrata, talvez outras associações se façam, ela é a pessoa mais velha do grupo, hoje com noventa e três anos e “ameaçada” pelo Alzheimer, popularmente descrito pelas pessoas como “Mal de Alzheimer”, percebe-se aí uma relação direta com o mal, uma coisa muita ruim, assim como concebemos a morte nos dias atuais.

O medo também faz parte das novas imagens e temores que as sociedades ocidentais têm em relação à morte, pois esta tinha como representação simbólica, por exemplo, na Idade Média europeia, a crença de que morrer fosse dormir, e os mortos aguardavam o Grande Despertar (RODRIGUES, 2016). Portanto, já era um ritual aguardado e aprendido, não à toa, que os cemitérios tinham lugar de destaque na vida pública das cidades, nas igrejas. Isso demonstra que o lugar de morte era também o espaço social da vida, era onde se vivia, se transitava, porque o cemitério estava localizado no centro da vida social. O medo, vem a subjetivar nos indivíduos uma representação bastante dramática em relação ao evento da morte. Ainda segundo Rodrigues (2016, p. 375):

Um elemento novo se apresenta nas coisas da morte: o medo de não ser eleito, o pavor de ser discriminado, a angústia de ser julgado e de que o demônio se aproprie do livro da vida. Com essas novas imagens que expressam novas ideias sobre o destino humano, compreende-se que, no plano das sensibilidades, a antiga tranquilidade comece a ceder. Começa a aparecer o sentimento de medo diante da morte. Começa a vir à tona durante a vida um especial sentimento de angústia frente a perspectiva de morrer, em face desse horizonte que agora é ameaçador. Por isso a morte se transforma em evento singular, que precisa ser preparado. Torna-se impositivo passar a vida pensando na morte, orando pela salvação, precavendo-se contra as tentações. A morte se transforma em objeto de pensamento contínuo porque se a teme. E essa é a maneira pela qual começa a envenenar a vida.

E se a morte envenena a vida, pode-se até falar numa “morte em vida”, passamos a vida inteira pensando na morte, e ela pode se expressar de várias formas, e cada dia mais, a morte se aproxima da infância, essa fase, que até então, representava vida, nos dias atuais, tem buscado a morte, a se aproximar cada dia mais e com intensidade da morte, vejamos os casos de depressão e tentativas de suicídio nas crianças e adolescentes, elas se desafiam, o que era temido se aproximou. Os desafios das brincadeiras e jogos, como práticas de sociabilidade desse período da vida, nos dias atuais, tem uma relação muito estreita com a morte. A minha geração, e talvez menos ainda, a geração dessas mulheres, conheceram o medo da morte mais à frente.

A gente se aproxima da morte de diversas formas e maneiras, um “não” pode desencadear um desequilíbrio, e a depender do indivíduo, um desarranjo tão intenso que a morte é “a única saída”, uma desilusão amorosa, uma doença, perder um ente querido, a fome, o desemprego, estar envelhecendo... enfim! Tudo isso pode ser o “caos” que se instala na vida dos indivíduos, uma coisa só, ou uma associação delas.

Na adolescência, eu desejei a morte, e também e de certa forma, me aproximei dela, quando tomei um coquetel de comprimidos, naquele momento, tudo estava muito confuso, triste e sem saída, e na minha cabeça não existia outra solução, que não fosse a de buscá-la. Eu tinha medo, sim eu tinha medo da morte, mas eu a desejava, parece confuso, mas me reporto a essa situação, para retratar, como muitos podem estar vivendo, essa ambiguidade da morte. A vida tem se tornado cada dia mais difícil, e dentre tantos grupos vulneráveis, trato principalmente, daqueles que estão envelhecendo, que é o foco dessa escrita. As vezes a gente não se dá conta de estar envelhecendo - e isso não deveria ser uma obrigatoriedade, deveríamos ser livres a tal ponto que isso não fizesse a menor diferença – mas, tem horas que percebemos o quanto queríamos morrer, ou quanto estamos morrendo aos poucos, mesmo em vida, simplesmente porque estamos nos angustiando com o envelhecimento.

Mas diferente das deusas parcas⁷¹ da mitologia greco-romana, hoje, com a entrega do poder ao indivíduo, e a pressão de se manter o controle sobre suas vidas, e como tal, a morte também, esta, que era compartilhada, esperada, não trazia tantas ansiedades ao indivíduo em outros tempos, contemporaneamente, cada dia mais reclusa

⁷¹ As parcas, na mitologia romana (moiras na mitologia grega), eram filhas da noite (ou de Zeus e Témis). Divindades que controlam o destino dos mortais e determinam o curso da vida humana, decidindo questões como vida e morte, de maneira que nem Zeus poderia contestar suas decisões. (RODRIGUES, 2012).

as questões individuais, tudo que nos envolve parece que remete a morte, exemplo mais cabal disso, é a ansiedade gerada para atenuar o processo de envelhecimento, quando utilizamos os recursos para isso, estamos mexendo com o ciclo da vida, de repente é uma pele sem rugas, um cabelinho branco que não está mais ali, no entanto, o contraditório é que fazer isso em busca de “estar viva”, ou se “sentir viva”, ou incluída, ou não relegada ao esquecimento, como queiram, pode contraditoriamente, nos fazer buscar igualmente a morte, porque a busca nunca vem sendo pela vida, a busca desenfreada vem sendo pelos padrões, e se os padrões não matam todos os dias, eu não saberia dizer o que eles tem feito, do que trazer a desesperança, o adoecimento, a morte.

Essas mulheres muito me ensinaram a partir de suas experiências, mas uma delas me parece curiosa e intrigante, porque se aprendemos muito com as histórias que nos contaram, para refletirmos, ponderarmos, e até porque não, fazermos diferente, ou reproduzirmos, porque não continuar contando as histórias? Para que elas pululem vida, ou (re) signifiquem as nossas. As histórias delas se costuraram as minhas, teceram experiências, dores, afetos, mas também me “obrigaram” a pensar diferente, por mais de uma vez, e disso estamos precisando muito, sermos (des)estabilizados, a zona de conforto de fato nunca foi muito produtiva. Para contar é também preciso uma escuta sensível, uma escuta acolhedora, uma escuta sem juízos de valor, despreziosa, uma escuta que compreende e que reflete o que o outro disse. É resgatar o sentido da experiência proposta em toda a discussão desse estudo, porque:

[...] Já não há experiência porque vivemos nossa vida como se não fosse nossa, porque não podemos entender o que nos acontece, porque é tão impossível ter uma vida própria quanto ter uma morte própria (assim como nossa morte é anônima, insignificante, intercambiável, alheia, assim como temos sido despojados de nossa morte, nossas vidas também são anônimas, insignificantes, intercambiáveis, alheias, vazias de sentido, ou dotadas de um sentido falso, falsificado, algo que nos é vendido no mercado como qualquer outra mercadoria, pensem em todos os dispositivos sociais, religiosos, midiáticos, terapêuticos que funcionam para dar uma aparência de sentido, pensem em como constantemente compramos sentido, em como seguimos qualquer um que nos venda um pouco de sentido) porque a experiência daquilo que nos acontece é que não sabemos o que nos acontece, porque a experiência de nossa língua é que não temos língua, que estamos mudos, porque a experiência de quem somos é não sermos ninguém. (LARROSA, 2017, p. 54).

Abrir espaço para essa experiência, caminhos de vida, possibilidades de existência e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O fundamento do tempo é a memória”
(Gilles Deleuze)

Por mais que esqueçamos determinados eventos, e há sempre uma lógica nisso, haverá sempre um dia, que nem ao certo sabemos qual, de um lugar, de um momento, um encontro, uma saudade, um amor, uma dor, uma cura, uma cicatriz, uma lembrança, um pavor, uma vergonha, um segredo, um desejo, uma ausência; nesse dia, as imagens se formarão a partir da interação dos nossos pensamentos, ou de forma aleatória, e as memórias surgirão para nos lembrar que sempre haverá algo a dizer sobre nós, e que, infinitamente, sempre ficará algo a se dizer.

As telas são metáforas que representam as memórias; o que é dito, lembrado e até esquecido. Ainda nesse dia, tudo isso poderá se transformar num conto, num caso, num registro, numa fofoca, ou até numa escrita, mas nunca será de fato uma “verdade” acabada e completa sobre nós. Porque incessantemente, a memória será um átomo, uma partícula, ou alguma coisa de uma dimensão incalculável e indivisível. A lição disso é que esse processo de escrita que aqui se coloca como fim, será sempre algo igualmente inacabado e descontínuo assim como as memórias, mas que se transformaram num recorte e no que me foi permitido nesse exercício de pesquisa.

A trajetória escriturística não começa nas primeiras páginas desta dissertação, mas no momento em que fui espectadora das elaborações sobre o corpo, a velhice e a vida das mulheres do grupo “Experiência e Vida” do CRAS, lugar de onde partiu as inquietações de cunho pessoal, profissional, mas também teóricas, que logo em seguida, seriam problematizadas em outro espaço de caráter acadêmico.

O CRAS como espaço que me permitiu esse exercício de pesquisa, remete para essas mulheres também, significados como alegria, liberdade, é também um espaço de socialização, onde se dá a formação de redes de amizades, de afetos, de sociabilidades, de bons encontros, onde a fuga da rotina são elementos que constituem esse cenário, mas também é o espaço de retraimento, de experiências de estigmatização, de homogeneização, que foi uma das dificuldades que tive em perceber. A visão romantizada desse espaço, de só olhar para ele como o lugar onde bons encontros se efetivavam e ao mesmo tempo uma interpretação de uma velhice saudável a partir das atividades que ali eram desenvolvidas foram sendo desmontadas para mim, de forma que considero até tardia.

Mas, a rigor, foi a partir dessas experiências que a investigação aqui delineada foi se materializando, mediante a análise das narrativas memoriais dessas mulheres, tratei, nesta dissertação, de analisar como elas elaboraram significados sobre os seus corpos. E mais ainda, discuti as memórias das infâncias e representações corpóreas que emergiram das narrativas, abordando as significações dos corpos nas juventudes e discutindo as subjetivações e identidades a partir das representações do envelhecimento. Neste contexto, inclinei-me a refletir sobre o meu corpo, e as minhas memórias vasculharam igualmente a minha infância até o estágio atual da minha existência, o que foi um primeiro e grande dilema. Como ocultaria o turbilhão de coisas que me vinham e estavam lançadas e entrelaçadas às suas falas? E depois me permitindo esse exercício de escrita, de que forma as minhas emoções, significações, não comprometeriam a isenção da pesquisa? Passei a questionar o valor científico das minhas memórias, e, por muitos momentos, achei minha escrita infantilizada. Os últimos momentos foram por demais dolorosos, porque eu teria que aliar o fechamento desse ciclo com outras demandas de cunho pessoal que também se misturavam ao processo escriturístico.

Por diversos momentos eu me identificava com uma ausência que sempre me foi muito companheira, e agora a sensação de estar sozinha, voltava a me rondar, e isso, sem dúvidas, interferiu em como fiquei ansiosa para terminar, em como me senti triste e insegura com a minha escrita, o quanto odiei o meu texto, e do quanto não queria mais lê-lo ou pensar sobre ele. Mas a sugestão de minha orientadora de que agora era preciso finalizar, “pois o copo já estava cheio”, foi essencial. Quanta simplicidade e sensibilidade para captar e dizer aquilo que eu precisava no momento, talvez porque eu sempre precisei dessa afirmação que partisse de algum lugar, mas a sensação de fazer alguma coisa por e para mim mesma, talvez encontre alguma ressonância por aqui.

Outra inspiração se deu a partir da apropriação do conceito de “experiência”, onde pude produzir um texto que tratou também da minha experiência, uma escrita de si, por afirmar, reivindicar e dignificar as nossas experiências (minha e dessas mulheres), como sinônimo de subjetividades, incertezas, provisoriiedades, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...(LARROSA, 2017), como modos ou aberturas de pensamentos, narrativas que se abrem para as sensibilidades, ações e paixões, como possibilidade de dizer um não, como potência e também resistência, inícios e (des) continuidades.

Foi pensar nessa possibilidade de “experiência” o alento para outra grande dificuldade, o de sintetizar, e manter o foco, pois minha escrita faz viagens assim como meu pensamento, e muitas vezes me deu a sensação de ficar rodando sobre vários pontos e não fundamentar sobre o que de fato fosse necessário. E aí pensar sobre a confusão do que isso poderia gerar me fazia outra vez estremecer e me questionar sobre o caráter científico dessa investigação.

Na severidade desse caminho alguns lugares foram importantes para a minha percepção sobre o que predominou nas memórias por elas percorridas, uma delas, em suas memórias de infância, é que o trabalho foi um grande indicativo de relações sociais por todas elas engendradas, portanto, a dimensão do trabalho estava ligada as suas dinâmicas familiares, não teve o sentido negativo, e pelo trabalho, algumas delas abandonaram a escola. Na infância essas mulheres brincaram e construíram brinquedos não muito além do que existia por ali, do contexto em que estavam. Os brinquedos fugiam à lógica do consumo da contemporaneidade, e as brincadeiras funcionavam como práticas educativas para seus corpos, onde vivenciaram a sexualidade, a pedagogização de seus corpos, dos gestos, sentidos, mas também proporcionou a apropriação do espaço a partir dos movimentos, da apropriação dos espaços a partir de seus corpos. A nomeação do corpo na infância, não foi “corpo”, as narrativas me fizeram perceber esse corpo a partir de outras significações que foram sendo dadas para ele. Apenas a perspectiva de Juana, contraria as demais, pois esta, jamais percebeu seu corpo infante, e a partir disso projetou toda a sua experiência para uma desinfantilização. O que me fez apurar ainda mais os meus sentidos para perceber o que elas expressavam a partir de suas narrativas. O ouvir, como uma pedagogia de escuta, foi um sentido que foi completamente repensado, apurar esse sentido e refletir por outros prismas foi um grande aprendizado.

O contrário aconteceria na juventude, pois foram os eventos corporais, como a menstruação, que foram lembrados como uma marca da juventude. Fato curioso é que a menopausa foi completamente esquecida por suas falas, quando tratam dos corpos velhos. A nomeação dos corpos que marcaram essa etapa, os sentidos aqui estavam aguçados e olhar delas percebeu suas formas físicas, e puderam se aperceber a partir do olhar dos outros. Seus corpos foram amados e logo em seguida, problematizados a partir dos padrões que já se estabeleceram e atravessaram suas percepções, mas também chegaram de forma difusa, heterogênea, ainda assim, a juventude foi glorificada, exaltada. Portanto, urge destacar que aparece a beleza também associada à simpatia, a

bondade e a alegria, o que me permite pensar que as estratégias de poder sobre os nossos corpos sofreram “furos”, possibilidades de resistência e agência. De forma alguma, essas mulheres agiram passivamente aos discursos que as atravessaram, pois como aponta Deleuze (1993) o poder requer corpos tristes, e elas também mostraram que os corpos velhos, dissidentes e abjetos na contemporaneidade, podem forjar estratégias de resistência, então a alegria, se apresentou como potência de vida.

O “hospedeiro” da honra, conforme aponta Araújo (2016) se alojou em seus corpos na figura do masculino, o pai, e em seguida, seus maridos, a figura sutil do masculino também exercia o controle através de outras pessoas, como exemplo, as mães. As instituições e espaços como a igreja, também foram responsáveis para subjetivar os valores morais e modelos de conduta e comportamento.

As redes de afetos se estabeleceram na juventude, mas uma coisa intrigante foi pensar que na atualidade talvez essas redes fossem comprometidas pelos discursos misóginos, machistas e lesbofóbicos. Patrícia informa que andava de mãos dadas às suas amigas, algo que provavelmente não seria possível hoje. Pensar nisso me faz perceber, o quanto esse aparato de poder foi, no decorrer do tempo, também se estabelecendo como discursos de “verdade” para vivenciarmos, mais uma vez, uma moral conservadora que mostra sua face mais bárbara na atualidade.

As narrativas sobre a velhice e envelhecimento são atravessadas pelos preconceitos e estigmas sociais. A velhice é naturalizada, mas também os discursos e representações tradicionais da velhice são burladas por elas, quando negam, desafiam as limitações corpóreas. As rugas e cabelos brancos foram lembrados, apesar de não ser revelado em suas narrativas, a luta contra entre esses sinais, aqui não há o sentido proposto pela “política-vida”, de Miranda e Fialho (2017) quando coloca que há um movimento crescente de mulheres que resolvem adotar os cabelos brancos como sinônimo de liberdade aos padrões de beleza impostos, autoestima, liberdade de escolha, autoconhecimento, e até como ato político. Nesse estudo os autores apontam que as mulheres que participaram do estudo nunca haviam se questionado sobre a necessidade ou desejo de pintar os cabelos, era tudo no modo automático, como uma obrigação de tingir os fios brancos, e aí percebemos como as relações de poder e a linguagem/discursos que se imbricam não nos deixam perceber o quanto reproduzimos as coisas sem questionar ou pensar numa outra possibilidade. Os autores colocam que

essa liberdade de escolha passa pelo que eles compreendem por política-vida, sendo esta:

Uma política de decisões de vida, de estilos de vida. Uma política que se conecta com as escolhas individuais das pessoas. Uma liberdade de escolha que não se limita a padrões de comportamento e formas de vida tradicionais disseminados na esfera cultural. Ao contrário, a política-vida é um existir político pautado na liberdade individual, independente do *status quo*. (MIRANDA; FIALHO, 2017, p. 8).

Na minha investigação os cabelos brancos não foram reivindicados como sinônimo de liberdade, ou como uma reflexão crítica aos padrões impostos, até houve em suas narrativas o desconforto em relação aos cabelos brancos, assim como as rugas, no entanto, apesar de falar que os sinais de envelhecimento se apresentam pelos cabelos, as interlocutoras dessa pesquisa que tem os fios brancos, encaram isso como fator “natural”, e apenas três delas fazem uso de tintas para escondê-los, o que é uma minoria.

Também foi possível perceber que há uma demarcação entre ser velha e velhinha, e uma conformação à idade e as mudanças corporais, como expressa na fala de Alzira. São as limitações e doenças que são mais temidas do que a morte nessa fase em que se encontram, e isso demarca para elas os sentidos dados à velhice. Ao procurar o CRAS, elas podem estar assumindo uma identidade de idosas, ou velhas, como queiram, o que reforça que elas se percebem em algum momento nesse lugar, como também podem negar quando reforçam uma vida ativa, reprivatizando suas velhices, desempenhando atividades diversas, reinvidicando autonomia sobre suas ações, escolhas. Há também uma feminização da velhice, já que os homens do município, não reivindicam participação no grupo e mesmo convidados não demonstram interesse em participar.

Na velhice o controle sobre os corpos das mulheres é mais afrouxado, pois estas já não detêm mais a função procriativa, talvez seja por isso que um dos sentidos que elas deram para a atual fase de sua vida é de liberdade e mais independência, talvez por esse motivo elas se sentem mais livres nessa fase, o controle de seus corpos durante toda a vida, enfim podem ser agora liberados. Sair sem muitas cobranças pode ser vivenciado por elas nesse período. Na palestra *A invenção de uma bela velhice*, dada por Miriam Goldemberg pelo TEDxTalks, ela vai colocar dados da pesquisa que ela vem realizando no Brasil com mais de cinco mil pessoas. E é justamente sobre a liberdade que ela aponta que as mulheres com mais de cinquenta anos se sentem mais felizes,

porque se sentem mais livres, e aí informa os seis motivos de como essas mulheres conseguiram a felicidade tão desejada após os 50 anos.

Primeiro, para elas o *tempo* é o verdadeiro *capital*, pois essas mulheres declararam que não querem e não podem mais desperdiçar o próprio tempo (as mais jovens querem agradar todo mundo, cuidar de todos e acabam reclamando não ter tempo para elas) as mais velhas priorizam o tempo, para cuidar delas mesmas e para isso aprenderam a dizer “não”, porque dizer “não” é uma grande revolução para as mulheres. Segundo, fizeram uma *faxina espiritual*, tirando todas as pessoas de suas vidas que fazem mal, os chamados “vampiros emocionais”. Terceiro, aprenderam a ligar o botão do *foda-se* (não é que saíram por aí dizendo foda-se para todo mundo), mas o “foda-se” como uma atitude interna, de fazer o que querem se a preocupação da aprovação das pessoas, ela ressalta que o “foda-se” interno é libertador! Quarto, a importância dos amigos, de cultivar as amizades, de ter amigos, pois são excelentes companhias para conversar e partilhar a vida. E por último, e não menos importante aprenderam a rir e brincar muito mais, aprender a rir delas mesmas, também é uma atitude libertadora (GOLDEMBERG, 2018).

Diante de tudo isso, algumas delas, trouxeram a “liberdade”, como palavra que dá sentido ao momento atual, o que pode indicar uma velhice menos incômoda, apesar de que em nosso país, as mulheres, são as que mais fazem cirurgias plásticas, botox, preenchimento, no mundo, porque ser mulher e envelhecer em nosso país, causa um verdadeiro pânico, ainda segundo dados dessa pesquisa. Mas voltando aos indicativos acima e de como as mulheres podem ser mais livres e felizes, poder transformar o tempo e não o corpo em *capital*, cuidar de si mesmas, também tem outra armadilha, que é a responsabilização completa sobre a sua velhice e seus corpos, que Debert (2012) chama de *reprivatização da velhice*, posso afirmar que os dois motivos se imbricam na escolha e busca pelas atividades no CRAS, tanto por terem maior liberdade de cuidarem de si mesmas, como também os discursos que as atravessaram de que elas são as responsáveis pelo seu envelhecimento saudável.

O conceito de *reprivatização da velhice*, me foi muito caro para entender as novas formas de gestão desses corpos e da velhice, pois denota que o indivíduo se torna responsável pelo seu próprio envelhecimento, responsabilizando-o pela manutenção de uma vida ativa, consumação de determinados produtos e alimentação balanceada, entre outras ações que o implicam como protagonista do seu envelhecimento.

A socialização progressiva da gestão da velhice, tanto pelo aparelho do Estado como outras organizações privadas e não governamentais, campos de saberes específicos como a gerontologia, onde são criadas instituições e profissionais especialistas no envelhecimento, que se dão por ações a partir de um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes difusas e contraditórias, colaboram para uma verdadeira homogeneização das representações sobre a velhice, são responsáveis por ratificar a nova categoria cultural: os idosos (DEBERT, 2012). Essa categoria e termos muitas vezes usados podem servir para mascarar a velhice, inclusive estabelecendo uma não aceitação em ser velho. Programas como o CRAS, por exemplo, que abrem espaços de experiências coletivas, incentivam uma vida saudável, uma velhice feliz, estimulam a autoexpressão e a exploração de identidades, são responsáveis inclusive para disfarçar as imagens e significações sobre o envelhecimento.

No entanto, pode-se burlar o poder que atravessam os corpos. Na atividade da dança, há relatos em que elas se sentem liberadas de suas reclamações com as questões corpóreas e de saúde, e não há uma preocupação precípua com o corpo envelhecido. Uma de suas apresentações é inclusive a dança do ventre, onde o figurino é mais ousado, onde seus corpos ficam mais desnudos, o que não as impedem de se apresentarem sem muita preocupação com as formas físicas, nesses momentos seus corpos se liberam dos padrões impostos, dançam para a liberdade e para a vida.

Enfim, certamente essa investigação poderá ter várias limitações interpretativas e ausências discursivas, mas o intento aqui também foi o de possibilitar distintas abordagens e significações....

Por fim, não poderia deixar de pontuar a importância desse exercício investigativo, que cruza “sensibilidade” e “política”, como contribuição para o Serviço Social, que muitas vezes se acautela das questões das “sensibilidades”, com a preocupação de que o nosso olhar profissional, acadêmico, teórico e político se turve do que seja o “real concreto”. Essa pesquisa é uma pequena demonstração do alargamento que pode acontecer para questões que até então não seriam possíveis, se eu, por exemplo, enquanto profissional-pesquisadora não abrisse o olhar para esse lugar. O que muito expandiu minha perspectiva profissional de pesquisa e também como ator político que sou.

Que a presente dissertação tenha concorrido para o não apagamento das velhices, em tempos de reformas diversas, que agridem os mais velhos, no contexto de

ataque às minorias, extinção de órgãos de fiscalização da política do idoso, toda opressão e discriminação à dois marcadores historicamente e brutalmente atacados que são, “ser mulher” e “ser velha”, que possam ser enfrentados a partir das reflexões propostas nesse recorte investigativo. Contudo, tais conflitos precisam nos lembrar que ouvir as narrativas de mulheres que vivem à margem, possibilita repensar as estratégias e caminhos a serem percorridos, o que motiva para novos deslocamentos de pesquisa e que nos remete novamente ao que foi ressaltado no início dessas considerações, que sempre haverá algo a dizer sobre nós, e que estas sejam páginas de novas experiências, envelhecer com liberdade, alegria e esperança em outras velhices...

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. As dobras do dizer: Da (im)possibilidade da História Oral. In: **História a Arte de Inventar o Passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 229-234.

ALMEIDA, Thiago de. LOURENÇO, Maria Luiza. **Reflexões: Conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice**. RBCEH, Passo Fundo, v.6, n.2, p. 233-244, maio/ago. 2009.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora) 3ª ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2015.

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: **História das Crianças no Brasil**. Mary Del Priore, organizadora. 7ª. Ed, 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, Maria Clara Estanislau do. **Percepção e Significado da menstruação para as mulheres**. Campinas, SP: [sn], 2003. Dissertação (mestrado) Unicamp, Faculdade de Ciências Médicas.

ARAÚJO, Eronides Câmara de. **Homens traídos e práticas de masculinidade para suportar a dor**. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2016.

_____. **A poética do corpo e da água no semiárido nordestino**: uma escrita de si. In: O encolhimento das águas: o que se vê e o que se diz sobre crise hídrica e convivência com o semiárido (livro eletrônico) / Ana Paula Silva dos Santos, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Ricardo Augusto Pessoa Braga et. al. (orgs.) Campina Grande: Insa, 2018.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Linguagem e Realidade**: do Signo ao Discurso. Tese (doutorado) Programa de pós-graduação em Letras, UFPR, 2001.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. Carla B. Pinsky & Joana M. Pedro (orgs.). 1ª. Ed, 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.

BAQUIÃO, Rubens César. **Signo, significação e discurso**. Estudos Semióticos. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Editores responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 52-62. Acesso em: 02/07/2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENJAMIM, W. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 05 de abril de 1988.

Disponível em:

<www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 26/12/2018.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei Nº 10.741 de 01/10/2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: 23/07/2019.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Roberta. **A transmissão familiar como chave de leitura do processo de difusão de inovações**: uma investigação interpretativa e microssocial da adoção e do consumo de produtos de beleza. Tese de Doutorado, Coppead, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

CARMAGNANIS, Fernanda. “Jovens há mais tempo”. In: **Velho é lindo!**. Miriam Goldenberg. 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARADEC, Vicent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. Miriam Goldemberg (Org.) 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: **Velho é lindo!**. Miriam Goldenberg. 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASOTI, Letícia. CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. Miriam Goldemberg (Org.) 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CASTRO, Silvia Elaine Santos de. Marcadores Sociais da Diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil. 2016. Disponível em:

<<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/marcadores-sociais-da-diferenc3a7a-sobre-as-especificidades-da-mulher-negra-no-brasil-silvia-elaine-santos-de-castro1.pdf>>. Acesso em: 29/07/2019.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. SOARES, Fagno da Silva. **História Oral entre Reflexões e Memórias**: Revisitando o percurso de Antônio Torres Montenegro e suas

trilhas metodológicas do fazer historiográfico. Revista Observatório, Palmas, v.2, n. Especial 1, p. 426-446, maio de 2016.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Baianas e Velha Guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. Miriam Goldemberg (Org.) 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CAVALCANTI, Silêide Leila Oliveira. **Corpos tristes, velhices alegres**: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventando pelos saberes gerontogerátricos. Tese de doutorado. Pós-graduação em História/UFPE, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estudos Avançados. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. 1991. p. 173-191.

COLASANTI, Marina. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTO, M.C.P.P. **Resiliências no envelhecimento**: risco e proteção. In: FALCÃO, D.V.S. (org). Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006, p. 315-338.

COUTO, Mia. **A varanda de Frangipani**. In: <<https://vdocuments.site/couto-mia-a-varanda-do-frangipani.html>>. Acesso em: 30/11/2018.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: Socialização e processos de Reprivatização do Envelhecimento. 1ª ed., 2ª reimp., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2ª ed., tradução Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DOURADO, Ana. DABAT, Christine. ARAÚJO, Teresa Corrêa. Crianças e adolescentes nos canaviais de Pernambuco. In: **História das Crianças no Brasil**. Mary Del Priore, organizadora. 7ª. Ed, 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FALEI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: **História das Mulheres no Brasil**/Mary del Priore (org.). Carla Bassanezi (coord. de textos). 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: **História das Mulheres no Brasil**/Mary del Priore (org.). Carla Bassanezi (coord. de textos). 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FONTES, Virgínia. **Capitalismo em tempos de Uberização**: do emprego ao trabalho. Marx e Marxismo, v.5, n.8, jan/jul 2017.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no Collège de France (1977-78). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **COROAS: Corpo, Sexualidade e Envelhecimento na cultura brasileira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª ed, Petrópolis: Vozes, 1996. Disponível em:
<[https://moodle.ufsc.br/.../GUATTARI,%20Felix;%20ROLNIK,%20Suely.%20Cartografias%20do%20desejo%20\[livro%20completo\].pdf](https://moodle.ufsc.br/.../GUATTARI,%20Felix;%20ROLNIK,%20Suely.%20Cartografias%20do%20desejo%20[livro%20completo].pdf)>. Acesso em: 08/07/2019.

IENO, Gláucia Maria Luna. NASCIMENTO, Maria Madalena Quirino do. MEDEIROS, Nilma Maria Uchoa de. KULESZA, Teresa Mitsunaga. Trabalho infanto-juvenil, ambiente e saúde. In: **Crianças e Adolescentes que trabalham: cenas de uma realidade negada**. Organização de Maria de Fátima Pereira Alberto. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª ed; 3. reimp, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S.Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. (organizadora). Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo educado**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos da pesquisa na história oral contemporânea. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaína Amado. Marieta de Moraes Ferreira (coordenadoras) 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 15- 25.

MOREIRA, Emilia de Rodat F. TARGINO, Ivan. ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Trabalho precoce na atividade agrícola e riscos à saúde. In: **Crianças e Adolescentes que trabalham: cenas de uma realidade negada**. Organização de Maria de Fátima Pereira Alberto. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2003.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: **História do corpo**. 3. As mutações do olhar: O século XX; sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Volume dirigido por Jean –Jacques Courtine. 4ª. Ed, 4ª reimpressão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Entre a vida e a morte, o sexo**. Labrys [online], 2006.
NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**.
Jornal de Pediatria. Vol. 81, nº 5 (Supl), 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em:
06/07/2019.

NEVES, Diana Felgueiras das. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. In: **Velho é Lindo!** Miriam Goldemberg, 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. MACIEL, Diva Albuquerque. BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e Desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. Paidéia, 2006, 16(34), 169-179.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. Miriam Goldemberg (Org.) 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez, 2008, p. 263-274.

_____. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, Igualdade**. Heloísa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.) São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002. (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais) p. 116-149.

PORTELLI, Alessandro. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, Thelma Maria Grisi Vêloso (organizadoras) Campina Grande: EDUEP, 2005.

_____. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós- graduados de História. São Paulo (14) fev. 1997. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/articleqview/11233/8240>>. Acesso:
29/07/2019.

PRIORE, Mary Del. Corpo a Corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil. In: **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**/Marlene Neves Strey, Sônia T. Lisboa Cabeda (organizadoras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção Gênero e Contemporaneidade; 3).

_____. **História do Amor no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. Foucault, o onanismo e a criança. In: **Michel Foucault: o governo da infância**. Organização de Haroldo de Resende. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2015. (Coleção Estudos Foucaultianos).

_____. **A aventura de contar-se:** Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos estários.** João Pessoa, 2008. Tese (doutorado) – UFPB/CCHLA

RASPANTI, Márcia Pinna. Vestindo o corpo: brevehistória da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império. In: **História do Corpo no Brasil.** Mary Del Priore; Márcia Amantino (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RESENDE, Haroldo de. A infância sob o olhar da Pedagogia: traços da escolarização na Modernidade. In: **Michel Foucault:** o governo da infância. Organização de Haroldo de Resende. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2015. (Coleção Estudos Foucaultianos)

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: **História das Crianças no Brasil.** Mary Del Priore, organizadora. 7ª. Ed, 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

RODRIGUES, José Carlos. Imagens e significados da morte no Ocidente. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade.** Miriam Goldemberg (Org.) 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

RODRIGUES, Nuno Simões. **Por entre mitos e Märchen:** problemática e perspectiva. Diacrítica [online]. 2012, vol.26, n.2 [citado 2019-07-23], pp.386-403. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S080789672012000200022&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0807-8967. Acesso em: 23/07/2019.

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. A longevidade da juventude. In: **Velho é Lindo!** Miriam Goldemberg, 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: **História do Corpo no Brasil.** Mary Del Priore & Márcia Amantino (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. “Sempre Bela”. In: **Nova História das mulheres no Brasil.** Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro. (orgs.) 1ª. Ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: **Corpo e história.** Carmem Lúcia Soares (organizadora). 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

SARDENBERG, Cecilia M. B. **De sangrias, tabus e poderes:** a menstruação numa perspectiva sócio antropológica. Revista Estudos Feministas, Ano 2, 2º semestre de 1994. p. 314- 344.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: **Corpo, Envelhecimento e felicidade.** Organização de Mirian Goldenberg. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a boia-fria. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 7ª ed., São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Rosimeri Aquino da. SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Guacira Lopes Louro. Jane Felipe Neckel. Silvana Vilodre Goeliner (organizadoras). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX/sob a direção de Alain Corbin, Jean- Jacques Courtine e Georges Vigarello**; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEDESCO, Silvia. **As práticas do dizer e os processos de subjetivação**. Interação em psicologia, 2006, 10(2), p. 357-362.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaína Amado. Marieta de Moraes Ferreira (coordenadoras) 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 233- 245.

VEIGA-NETO, Alfredo. Por que governar a infância? In: **Michel Foucault: o governo da infância**. Organização de Haroldo de Resende. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2015. (Coleção Estudos Foucaultianos).

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**/Guacira Lopes Louro (organizadora); tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

[http://www.assistenciasocial.al.gov.br/Perguntas e respostas](http://www.assistenciasocial.al.gov.br/Perguntas_e_respostas): O Redesenho do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, 2014. Acesso em: 03/03/2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO CEP/UEPB

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“CORPO E ENVELHECIMENTO – um estudo a partir das memórias das mulheres do Centro de Referência de Assistência Social de Boa Vista – PB”**.

Declaro ser esclarecida e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“CORPO E ENVELHECIMENTO – um estudo a partir das memórias das mulheres do Centro de Referência de Assistência Social de Boa Vista – PB”**, terá como objetivo geral analisar como as mulheres do grupo Experiência e Vida (Boa Vista – PB) elaboram as representações sobre o corpo, no recorte temporal de março a agosto de 2018.

Ao voluntário só caberá à autorização para participar de uma entrevista, assumindo o caráter de história oral de vida, e não haverá nenhum risco ou desconforto para si.

A pesquisadora caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Ao voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (83) 98759.4417 com Jacykelly Renata França de Oliveira, ou ter suas dúvidas esclarecidas e liberdade de conversar com os pesquisadores a qualquer momento do

estudo. Se houver dúvidas em relação aos aspectos éticos ou denúncias o Sr(a) poderá consultar o CEP/UEPB no endereço: Rua das Baraúnas, 351- Complexo Administrativo da Reitoria, 2º andar, sala 229; Bairro do Bodocongó - Campina Grande-PB nos seguintes dias: Segunda, terça, Quinta e Sexta-feira das 07h00 às 13h00.

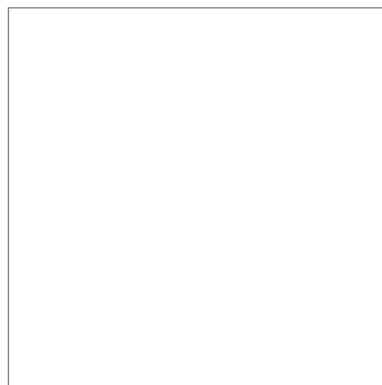
Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao seu conteúdo, podendo discutir os dados, com a pesquisadora, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja
possível a coleta da assinatura do participante da
pesquisa).



**ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS
E VÍDEOS)**

Eu, _____, **AUTORIZO** Jacykelly Renata França de Oliveira, coordenadora da pesquisa intitulada: **“CORPO E ENVELHECIMENTO – um estudo a partir das memórias das mulheres do Centro de Referência de Assistência Social de Boa Vista – PB”**, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotografia com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.

A pesquisadora responsável Jacykelly Renata França de Oliveira, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio impresso, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurei-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, ____/____/2018

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada **“CORPO E ENVELHECIMENTO – um estudo a partir das memórias das mulheres do Centro de Referência de Assistência Social de Boa Vista – PB”** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Jacykelly Renata França de Oliveira, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa (Jacykelly Renata França de Oliveira), e após esse período, serão destruídos e;
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, ____/____/2018.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo da pesquisadora responsável

ANEXO D - ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____

ORIENTAÇÃO SEXUAL: _____

IDENTIDADE DE GÊNERO: _____

RAÇA/ETNIA: _____

ESCOLARIDADE: _____

CIDADE DE ORIGEM: _____

QUESTÕES RELATIVAS AO CORPO E ENVELHECIMENTO:

OBS.: Nos relatos de vida através da história oral, a pesquisadora conduz um roteiro de pontos, de assuntos, e interage constantemente com o interlocutor, deixando que este retome suas vivências. Os temas giram em torno da proposta do estudo.

- 1. Impressões da infância - Como era no seu tempo de menina? Como brincava? Como percebia, se percebia seu corpo/imagem?**
- 2. Impressões da juventude - O que lhe chamava a atenção no corpo em sua juventude (seu e de outros/as?) Lembra de alguma referência na sua juventude, aquele que considerava o corpo ideal?**
- 3. Percepções sobre o corpo - Como percebe/sente seu corpo hoje? Na sua opinião, o que é que mudou? Quais os cuidados que tem com você/seu corpo?**
- 4. Impressões sobre o envelhecimento - O que considera envelhecimento? Como vê seu corpo, sente-se envelhecendo?**
- 5. Marcadores de gênero, classe, sexualidade e geração – Quais as tarefas e responsabilidades que você tinha como menina? Conte-me como percebeu seu corpo mudando, e como você percebeu sua idade avançando. Conte-me sua experiência de ser mulher na família/local em que vive/viveu.**